



Universidade Federal Fluminense

CENTRO DE ESTUDOS GERAIS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANA PAULA LEITE VIEIRA

**CECÍLIA MEIRELES E A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA PELO  
FOLCLORE**

Dissertação de Mestrado

NITERÓI  
2013

ANA PAULA LEITE VIEIRA

**CECÍLIA MEIRELES E A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA PELO  
FOLCLORE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em História da  
Universidade Federal Fluminense, como  
parte dos requisitos necessários à obtenção  
do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Martha Campos Abreu

Niterói  
2013

ANA PAULA LEITE VIEIRA

**CECÍLIA MEIRELES E A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA PELO  
FOLCLORE (1930-1964)**

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Martha Campos Abreu (orientadora)  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ângela Maria de Castro Gomes  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giselle Martins Venâncio (suplente)  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Niterói  
2013

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá**

V658 Vieira, Ana Paula Leite.  
Cecília Meireles e a educação da infância pelo folclore / Ana Paula Leite Vieira. – 2013.  
182 f. ; il.  
Orientador: Martha Campos Abreu.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013.  
Bibliografia: f. 169-182.

1. Meireles, Cecília, 1901-1964; crítica e interpretação.  
2. Educação. 3. Folclore. I. Abreu, Martha Campos. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia.  
III. Título.

CDD 809.933559

*À minha família,  
por todo apoio e dedicação.*

*Ao Vinicius,  
meu companheiro e melhor amigo.*

## *Agradecimentos*

Durante a produção deste trabalho, contei com a ajuda e o apoio de pessoas especiais e, por isso, não seria possível concluir uma etapa tão importante da minha formação sem agradecê-las e compartilhar com elas a minha satisfação.

Os primeiros agradecimentos vão para meus primeiros incentivadores: minha mãe, meu pai e meus avós. Agradeço todo o apoio e dedicação total que me concederam desde a minha infância, e principalmente por serem meus maiores exemplos.

Ao meu marido Vinicius, que acompanhou diariamente a produção deste material. Mesmo não sendo da mesma área de formação, se dispunha a escutar minhas ideias, angústias, incertezas e questionamentos. Obrigada por ser meu companheiro e melhor amigo, e principalmente por todo amor, carinho e compreensão.

Aos meus irmãos, Renata e Luis Eduardo, por verem em mim um exemplo e, assim, me fazerem agir como tal. Por todos os momentos de alegria e descontração que tornaram mais simples esta difícil jornada.

À minha orientadora, Martha Abreu, pelas palavras de incentivo, pelas conversas, pelas dicas e, principalmente, por acreditar no meu potencial. Agradeço sinceramente por ter me acompanhado desde o final da graduação e ter compartilhado comigo sua experiência, seus conhecimentos, e por ter sempre me tratado com tanto carinho.

Às professoras Ângela de Castro Gomes e Ana Maria Magaldi, que gentilmente se dispuseram a integrar a banca. Obrigada pelas sugestões e comentários tão valiosos feitos no exame de qualificação, que foram primordiais para a conclusão do trabalho.

Aos professores da UFF que contribuíram para o amadurecimento desta pesquisa e para minha formação como professora e pesquisadora, em especial à Cecília Azevedo e Laura Maciel. Também agradeço à professora Helena Bomeny pela disciplina ministrada no Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do CPDOC, que muito contribuiu para minhas reflexões.

À Lívia e Mariana, amigas que me acompanham desde a graduação e que, com certeza, me acompanharão pelo resto da vida. À Camila, amiga com quem divido o interesse pela História e pelas leituras desde a época da escola. À Monique e Roberta, que são as pessoas mais sensíveis que já conheci. Aos colegas com quem tive a

oportunidade de cursar disciplinas em diferentes momentos e que marcaram minha trajetória, em especial ao André e Amanda.

Por fim, agradeço à Cecília Meireles por sua incrível capacidade de encantar seus leitores através das palavras. Sempre que me sentia desanimada e o trabalho se tornava exaustivo, bastava recorrer a seus textos para que entusiasmo e as ideias voltassem a fluir.

## ***Resumo***

O objetivo desta pesquisa é analisar as contribuições de Cecília Benevides de Carvalho Meireles (1901-1964) para os temas da educação e do folclore brasileiros, mais precisamente na relação estabelecida por ela entre estas duas esferas. Cecília Meireles possui uma trajetória de atuação social riquíssima, figurando como poetisa, educadora, folclorista, cronista na grande imprensa, crítica literária e até mesmo tradutora de livros estrangeiros. Envolveu-se com o movimento de renovação educacional dos anos 1920 e 1930, sendo uma das signatárias do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932). Nos três primeiros anos da década de 1930, dirigiu a *Página de Educação* no jornal *Diário de Notícias*, através da qual expressava e difundia os ideais da Escola Nova para o público em geral. Também esteve envolvida, já no final da década de 1940, com o Movimento Folclórico brasileiro (1947-1967), participando ativamente de suas atividades nacionais e regionais. Sua atuação como educadora é mais conhecida e estudada, ao contrário de seu lado folclorista, que recebeu pouca atenção da bibliografia especializada. Será este o foco deste estudo, que procurará entender suas diferentes formas de atuação social como um projeto único de nação.

Palavras-chave: Cecília Meireles; folclore; educação; literatura infantil; nacionalismo; universalismo.

## ***Abstract***

The aim of this research is to analyze the contributions of Cecília Benevides de Carvalho Meireles (1901-1964) to Brazilian education and folklore discussions, specifically the relationship established by her between these two subjects. Cecilia Meireles has a rich background of social acting as a poet, educator, folklorist, chronicler in the mainstream newspapers, literary critic and even a translator of foreign books. She engaged in the educational reform movement in the 1920s and 1930s as one of the signatories of the *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932). In the first three years of the 1930s, she directed *Página de Educação* in the newspaper *Diário de Notícias*, in which she expressed and spread the ideals of the New School to the general public. By the late 1940s she was also engaged in the Brazilian Folkloric Movement (1947-1967), actively participating in their national and regional activities. Her performance as an educator is more known and studied, unlike her folklorist side, which received little attention from specialized literature. This will be the focus of this study, which will seek to understand different forms of social action as a single national project.

Keywords: Cecilia Meireles, folklore, education, children's literature, nationalism, universalism.

## *Lista de Imagens*

Imagem 1 – Foto de Cecília Meireles retirada da Revista Brasileira de Folclore de 1964, que realizou uma homenagem *post-mortem* à folclorista. (p. 9)

Imagem 2 – Desenho de Cecília Meireles feito por seu marido, Fernando Correia Dias. (Fonte: Revista Veja de 17 de junho de 1998) (p. 19)

Imagem 3 – “Baiana”. Desenho feito por Cecília Meireles em 1932. (p. 71)

Imagem 4 – “Baiana sambando”. Desenho feito por Cecília Meireles (s/d). (p. 71)

Imagem 5 – “Sambista com chocalho”. Desenho feito por Cecília Meireles em 1933. (p. 71)

Imagem 6 – “Nigra sum sed formosa...”. Desenho feito por Cecília Meireles em 1933. (p. 71)

Imagem 7 – Capa da 1ª edição do livro *Problemas da Literatura infantil*, publicado em 1951 pela Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais. (p. 109)

Imagem 8 – Capa da 1ª edição de *Ou isto ou aquilo* (1964). (p. 133)

Imagem 9 – Interior do livro *Ou isto ou aquilo* (1964), página do sumário. (p. 133)

Imagem 10 – Poema “Meninas” e sua ilustração. (p. 134)

Imagem 11 – Capa da primeira edição do livro *Rute e Alberto resolveram ser turistas* (1938). (p. 158)

Imagem 12 – Ilustração que abre o capítulo XV do livro *Rute e Alberto resolveram ser turistas* (1938). (p. 160)

Imagem 13 – Ilustração que abre o capítulo XI do livro *Rute e Alberto resolveram ser turistas* (1938). (p. 160)

## *Sumário*

<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>Capítulo 1 - Cecília Meireles: Uma trajetória engajada entre a educação, o folclore, a literatura e a política</b> .....	<b>9</b>
1.1 - Reflexões sobre a construção de uma trajetória.....	9
1.2 - Uma intelectual de muitas faces .....	14
<b>Capítulo 2 - Educação e folclore nas páginas dos jornais</b> .....	<b>39</b>
2.1 – A <i>Página de Educação</i> do Diário de Notícias (1930-1933) .....	45
2.2 – A coluna <i>Professores e estudantes</i> do jornal <i>A Manhã</i> (1941-1943) .....	65
2.2.1 - A série “Infância e folclore” e o folclore como ferramenta educativa .....	76
2.2.2 – Cecília Meireles e o Estado Novo .....	90
<b>Capítulo 3 – A educação da criança através do folclore</b> .....	<b>103</b>
3.1 – Literatura infanto-juvenil, educação e folclore .....	103
3.1.1 – A arte de escrever para crianças.....	107
3.1.2 – O folclore vira poesia .....	126
3.2 – O Movimento folclórico brasileiro (1947-1964): projeto e ação .....	138
3.2.1 – A inserção de Cecília Meireles no Movimento Folclórico brasileiro .....	138
3.2.2 – O estatuto do folclore como disciplina científica e as relações com a educação .....	143
3.3 – A conciliação entre nacionalismo e universalismo na perspectiva ceciliana.....	151
<b>Considerações finais</b> .....	<b>162</b>
<b>Fontes e bibliografia</b> .....	<b>169</b>
Fontes impressas .....	169
Referências bibliográficas .....	176

## ***Introdução***

O objetivo da pesquisa é analisar as contribuições de Cecília Benevides de Carvalho Meireles para os campos da educação e do folclore brasileiros, mais precisamente na relação estabelecida por ela entre estas duas esferas. O interesse por esta personagem e por esse recorte em particular surgiu a partir de um curso ministrado pela professora e minha orientadora Martha Abreu na graduação em História na Universidade Federal Fluminense, intitulado “História da Cultura Popular no Brasil Contemporâneo”, no qual um dos trabalhos consistiu em trabalhar alguns folcloristas brasileiros e suas visões do Brasil e do povo brasileiro. Foi através dessa experiência que conheci esta face de Cecília e pude perceber o quanto se encontrava ainda muito pouco explorada.

Cecília Meireles possui uma trajetória de atuação social riquíssima, figurando como poetisa, educadora, folclorista, cronista na grande imprensa, crítica literária e até mesmo tradutora de livros estrangeiros. Envolveu-se com o movimento de renovação educacional dos anos 1920 e 1930, sendo uma das signatárias do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932). Nos três primeiros anos da década de 1930, dirigiu a *Página de Educação* no jornal *Diário de Notícias*, através da qual expressava e difundia os ideais da Escola Nova para o público em geral. Também esteve envolvida, já no final da década de 1940, com o Movimento Folclórico brasileiro (1947-1967), participando ativamente de suas atividades nacionais e regionais.

O contato com a bibliografia e, principalmente, com as fontes revelou que os temas da educação e do folclore perpassam toda sua trajetória, não como dois caminhos distintos, mas que se entrelaçam a todo momento. Desta forma, a questão que motiva a pesquisa é a ligação que estes campos apresentam na documentação, considerando a lógica que Cecília concedia a esta relação e o papel que ela conferia a eles na transformação da sociedade brasileira. Foi possível perceber que a escola e a literatura infantil se apresentaram como lugares onde a união entre educação e folclore se deu de uma maneira vitoriosa, sendo nossa personagem uma das grandes colaboradoras desta obra que perdura até os nossos dias. Como veremos, a inclusão do folclore nas instituições de ensino básico regular era um dos grandes projetos do Movimento Folclórico brasileiro, com o qual Cecília Meireles se identificou e contribuiu para sua realização.

Foi por conta de sua obra como poetisa que a autora se perpetuou no panteão dos intelectuais brasileiros, sendo sua face mais conhecida, estudada e divulgada. Porém, basta adentrar em sua trajetória para perceber como ela militou pela construção de uma nação mais justa através da educação, seja atuando como professora, jornalista, cronista, diretora da primeira biblioteca infantil do país, autora de livros para crianças ou até mesmo ao dedicar-se ao estudo do folclore e da literatura infantil. O levantamento bibliográfico revelou a ausência de estudos que tivessem por objetivo conectar este universo de ações aparentemente esparsas a partir de um fio condutor – neste caso, a educação e o folclore –, bem como a tentativa de pensar sua trajetória numa duração mais abrangente, analisando estas variadas atuações numa mesma pesquisa.

Boa parte da bibliografia sobre Cecília Meireles aborda seu engajamento na área educacional. Dentre estes estudos, destacam-se os que tomam como fonte sua produção cronística na *Página de Educação* (1930-1933) e seu envolvimento com o grupo escolanovista. Podemos aqui destacar os trabalhos de Valéria Lamego (1996), que prioriza os debates políticos realizados através das crônicas; Luciana Vial Corrêa (2001), que enfatiza sua ação como educadora em seus escritos sobre a infância e a formação da criança leitora; Bernadete Strang (2003), cujo foco se encontra na inserção da Cecília Meireles educadora no grupo dos Pioneiros da Escola Nova e nos debates sobre educação; e Rosângela Ferreira (2007), que discute a infância e o processo de inserção da criança diversa na escola no pensamento ceciliano<sup>1</sup>.

No campo da literatura infantil, Cecília pouco aparece nos livros de síntese, que se dedicam a realizar uma história da formação desta especialidade no Brasil, como é o caso dos estudos publicados por Regina Zilberman (2005) e Marisa Lajolo (1984). Luciana Vial Corrêa (2001) e Jussara Pimenta (2001) se destacam na produção sobre este tema, embora esta última tenha estudado o envolvimento de Cecília Meireles como diretora da primeira biblioteca infantil do país, instalada em 1934 no Distrito Federal. Sua atuação como folclorista é a que permanece menos explorada e conhecida, possuindo apenas um estudo de destaque realizado por Maria Laura Cheola (2004) em sua pesquisa de mestrado, que discute as relações entre Cecília Meireles e o Estado Novo a partir das crônicas que ela publicou no jornal *A Manhã* entre 1941 e 1943.

---

<sup>1</sup> O trabalho de Ana Maria Magaldi (2001) também é uma referência importante, embora sua análise não se concentre somente em Cecília Meireles. Todos estes trabalhos encontram-se devidamente referenciados no fim da dissertação.

Este “esquecimento” da obra folclórica de Cecília Meireles talvez tenha ocorrido pelo fato de o folclore ter sido subjugado e desprezado a partir dos anos 1960 ao ser reconhecido como área de estudos não científica. Porém, ela possui uma obra de relevância, na qual o folclore, aliado à educação, apresentava-se como uma maneira de resolver os problemas da nação brasileira em termos culturais e sociais. A Abolição e a República, como mostram Martha Abreu e Carolina Dantas, suscitaram nos intelectuais um posicionamento em relação à população afrodescendente, “*pois era preciso pensar na incorporação dos ex-escravos e seus descendentes à vida nacional e à própria identidade da nação*”<sup>2</sup>. Mais ainda, a República precisava pensar na incorporação do povo na história do país, e o folclore irá emergir como uma das estratégias mais eficientes e duradouras de fazer esta inclusão, já que buscava investigar e valorizar as práticas culturais populares.

Vale ressaltar que ela não foi a única a trilhar este caminho; diversos outros intelectuais encontraram no folclore uma saída promissora para a questão da identidade nacional e da incorporação do povo brasileiro nesta identidade, dentre os quais podemos destacar Mello Moraes Filho, Alexina de Magalhães Pinto, Mário de Andrade, Sílvio Romero, entre tantos outros. O que os diferencia é a forma de trabalhar com o material folclórico, valorizando certos aspectos culturais em detrimento de outros, oferecendo soluções diferentes para as questões que se impunham. Como veremos ao longo da dissertação, nossa folclorista trabalhou, ao longo de sua trajetória, aliando o folclore à educação e pensando a questão nacional sob uma perspectiva universalista. O futuro da nação republicana dependia, a seu ver, da formação do homem de compreensão universal, que reconhecesse e valorizasse suas particularidades e suas semelhanças com outras culturas. O folclore teria o poder de criar o sentimento de pertencimento à nação e, ao mesmo tempo, a uma coletividade que extrapola as fronteiras nacionais. Para Cecília – que viveu as duas grandes guerras mundiais – a questão da fraternidade universal é tão relevante quanto a definição de uma identidade nacional brasileira.

O livro *Cecília Meireles: A Poética da Educação* organizado por Margarida de Souza Neves, Yolanda Lôbo e Ana Chrystina Mignot<sup>3</sup> foi minha primeira referência bibliográfica ao iniciar minha pesquisa sobre as outras faces da famosa poetisa

---

<sup>2</sup> ABREU, Martha & DANTAS, Carolina V. “Música popular, folclore e nação no Brasil, 1890-1920”. In: CARVALHO, José Murilo de (org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

<sup>3</sup> NEVES, Margarida de Souza & LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina V. (org.). *Cecília Meireles: a Poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2001.

brasileira. Foi através de seus diversos artigos que conheci a Cecília Meireles educadora, uma vez que este é o foco da publicação. Diversos autores se reuniram para apresentar, em cada capítulo,

*“(...) suas atividades vinculadas à educação: desempenhando funções de professora; diretora de escola pública; autora de livros escolares; intelectual que reflete sobre o alcance educativo do movimento folclórico; signatária do Manifesto dos Pioneiros da Educação Brasileira de 1932; organizadora e diretora da primeira Biblioteca Pública Infantil do país; jornalista e cronista que divulga temas relativos à escola e à educação na imprensa e no rádio; poeta também para as crianças; escritora de peças infantis para o teatro e uma das primeiras a aprofundar, no Brasil, os problemas relativos à literatura para a infância e à formação dos leitores.”<sup>4</sup>*

A questão o alcance educativo do Movimento Folclórico é discutida de maneira pouco profunda em apenas um dos artigos, escrito por Joana Cavalcanti de Abreu<sup>5</sup>. A autora defende que a poesia, a educação e o folclore são os três vértices do perfil intelectual de Cecília Meireles, mas as relações que ela estabelece entre essas esferas e como ela põe isto em prática não são trabalhados. Foi a partir daí que percebi que este era um caminho que ainda precisava ser trilhado, pensando em sua atuação como escritora, educadora e folclorista aliadas numa ação política consistente.

Participante ativa no Manifesto da Educação Nova, Cecília defendia um total remodelamento da metodologia de ensino no Brasil, colocando o folclore como o balizamento mais importante dessa reestruturação. Para ela, a tradição popular, esta herança tão importante, era o que havia de mais precioso e mais necessário nas relações humanas, principalmente numa época em que os avanços científicos e industriais reconfiguravam incessantemente este cenário, permeando os vínculos entre homens com um artificialismo inerente. Esse processo, para Cecília, sufocaria a sensibilidade, a inspiração e a sabedoria – todas essas derivações de uma espécie de “intuição natural” presente na cultura popular –, provocando um distanciamento crescente entre os homens. Uma nova estrutura de ensino se fazia necessária, assim como a importância e necessidade de manter a pureza presente nas crianças. Como bem mostra Luciana Corrêa, os adeptos da Escola Nova e, especialmente, Cecília Meireles, viam a criança como um ser desprovido da razão adulta e marcado pelos atributos da sensibilidade,

---

<sup>4</sup> Idem. p. 10.

<sup>5</sup> ABREU, Joana C. de. “Entre os símbolos e a vida: poesia, folclore e educação”. In: NEVES, Margarida de Souza & LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina V. (org.). *Cecília Meireles: a Poética da Educação*. Op. cit.

emoção e imaginação<sup>6</sup>. A função dos educadores seria, de acordo com eles, “*formar o homem novo, configurado pelo humanismo universal*”<sup>7</sup>.

Isso vai ao encontro do que nos aponta Luis Rodolfo Vilhena ao afirmar que a educação era um tópico chave do programa dos folcloristas, já que este girava em torno de três pontos fundamentais: a pesquisa, responsável pelo levantamento do material de estudo folclórico; a proteção do folclore, que evitaria o desaparecimento das práticas tradicionais do povo; e o emprego do folclore na educação, que ativaria “*na consciência da juventude o sentido de continuidade nacional*”<sup>8</sup> – e, eu acrescentaria, da fraternidade universal –, além de formar os futuros pesquisadores que se debruçariam sobre os estudos do folclore, completando o ciclo. A própria Cecília nos dá pistas da vinculação folclore/educação ao afirmar, em seu discurso na III Semana de Folclore (1950): “[*foi ao] folclore infantil que me dediquei em primeiro lugar, como derivação das minhas funções de professora...*”<sup>9</sup>. Sua atuação no momento da institucionalização do folclore no Brasil, especialmente quando da criação da Comissão Nacional do Folclore (CNFL), está intimamente vinculada ao trabalho pedagógico, principalmente no que diz respeito à educação infantil.

Utilizando-se das crônicas da *Página de Educação* como fonte, Marlos Rocha e Rosângela Ferreira identificaram a educação e a infância como os dois eixos principais de sua produção cronística<sup>10</sup>. Isso quer dizer que, em seu trabalho de divulgação do ideário da Escola Nova, Cecília conferia um lugar de destaque à problemática da educação das crianças e a reflexões sobre a infância. Ela depositava nas crianças sua esperança de transformação social, além de vê-las como seres puros, diferentes dos adultos: “*(...) a criança tem consigo uma parte de divindade diante da qual parecemos envelhecidos com o vício dos nossos preconceitos e fraqueza das nossas desesperanças*”<sup>11</sup>. Nos estudos que realizou no campo do folclore, identifiquei que a infância também foi o centro de suas atenções, já que, dentro da coluna *Professores e*

---

<sup>6</sup> CORRÊA, Luciana B. V. “Criança, Ciência e Arte”. In: NEVES, Margarida de Souza & LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina V. (org.). *Cecília Meireles: a Poética da Educação*. Op. cit. p. 124.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> VILHENA, Luis Rodolfo. *Projeto e missão: o Movimento Folclórico brasileiro 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getúlio Vargas, 1997. p. 174.

<sup>9</sup> SOARES, Lélia Gontijo. “Introdução”. In: MEIRELES, Cecília. *Batuque, samba e macumba: estudos de gesto e ritmo 1926-1934*. Rio de Janeiro: Funarte/INF, 1983.

<sup>10</sup> ROCHA, M. B. M. & FERREIRA, Rosângela Veiga Júlio. “A obra educacional de Cecília Meireles: Um compromisso com a infância”. *Acta Scientiarum Education*, v. 32, p. 93-103, 2011.

<sup>11</sup> MEIRELES, Cecília. “Teoria e prática”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 de julho de 1930.

*estudantes* do jornal *A Manhã* (1941-1943), Cecília passou a publicar uma série de estudos sobre o folclore infantil, intitulados “Infância e Folclore”.

Sendo a infância e a formação da criança os pontos principais de suas reflexões, Cecília se empenhou no estudo e discussão da literatura infantil, além de também ter produzido livros destinados ao público infantil. Em 1924, Cecília Meireles publica *Criança meu amor*, que posteriormente foi indicado como livro de leitura para as escolas públicas do Distrito Federal. Em 1931, dedica-se a realização de um Inquérito de Literaturas Infantis com crianças da rede pública de ensino do Distrito Federal, o qual foi publicado em 1934 com o título *Leituras Infantis*. Em parceria com Josué de Castro<sup>12</sup>, publicou em 1937 o livro *A festa das letras* para a série Alimentação da Globo. Pela mesma editora, publica, no ano seguinte, *Rute e Alberto resolveram ser turistas*. Já em 1951, é publicado *Problemas da Literatura Infantil*, resultado de três conferências proferidas por ela e reunidas em livro para integrar a “Coleção Pedagógica” da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. Cinco anos mais tarde, Cecília publica *Giroflê Giroflá*, livro de contos poéticos destinados ao público jovem. Em 1964, sai a primeira edição de *Ou isto ou aquilo*, o qual Ana Maria Lisboa de Mello vê como uma espécie de divisor de águas na produção poética para crianças no Brasil<sup>13</sup>. Além de todas estas publicações, a literatura infantil também foi assunto de muitas de suas crônicas publicadas na *Página de Educação*, assim como nas que publicou entre os anos 1941 e 1943 no jornal *A Manhã*, na coluna *Professores e estudantes*<sup>14</sup>. Como veremos ao longo da pesquisa, a literatura infantil, como a escola, se apresenta como um campo frutífero para a realização da aliança entre o folclore e a educação na formação das crianças.

O primeiro capítulo da dissertação irá tratar da trajetória de Cecília Meireles, abordando sua múltipla atuação social e política. Pretendemos mostrar ao leitor as diversas faces desta intelectual, que foi uma reconhecida poetisa, cronista na grande

---

<sup>12</sup> Josué Apolônio de Castro (1908-1973) nasceu em Recife e foi médico, nutrólogo, escritor e político destacado no combate à fome. Sua obra publicada em 1946, com o título *Geografia da Fome*, apresenta um dos mais profundos estudos brasileiros sobre a insegurança alimentar presente no Brasil, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste. O livro infantil que publicou com Cecília Meireles – *A festa das letras* (1937) – conjuga dois aspectos fundamentais da problemática brasileira: a nutrição e o hábito da leitura. Sendo assim, os autores apresentam às crianças elementos essenciais para uma alimentação completa e harmônica, estimulando-lhe a simpatia por certos alimentos de insubstituível valor nutricional.

<sup>13</sup> SOARES, Gabriella Pellegrino. *Semear Horizontes: Uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil -1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 447.

<sup>14</sup> Parte destas crônicas se encontram reunidas e publicadas em MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. 5 vols. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. (Apresentação e planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho).

imprensa, educadora, folclorista, escritora de livros infantis e diretora da primeira biblioteca infantil do país. Além disso, também pretendemos mostrar as redes de sociabilidade construídas por ela, tentando mapear suas afinidades e rivalidades. Para isto, nos apoiaremos em fontes diversificadas – como notícias de jornal, cartas trocadas com amigos, crônicas na imprensa, homenagens póstumas –, e, ainda, nas informações apontadas pela bibliografia já existente.

Feito isto, no segundo capítulo passaremos ao exame da atividade cronística de nossa personagem na imprensa sobre os temas da educação e do folclore. As fontes trabalhadas serão as crônicas da seção *Commentario da Página de Educação* do jornal carioca *Diário de Notícias* (1930-1933), bem como as que foram publicadas no jornal *A Manhã* (1941-1943), mais precisamente numa coluna intitulada *Professores e estudantes*. A intenção é perceber como Cecília Meireles constrói em seu pensamento um projeto de educação pelo folclore e o quão importante ele se faz na construção de um sentimento de pertencimento, tanto à nação brasileira quanto à humanidade em geral.

No terceiro capítulo, veremos como Cecília põe em prática seu projeto de formação da criança, seja através da literatura infantil ou da inserção do folclore nas instituições escolares. No caso da literatura infantil, tomaremos como fontes principais o livro *Problemas da Literatura Infantil* (1951), no qual Cecília faz um meticoloso estudo do campo literário que visa os jovens leitores, principalmente dedicado aos educadores; e dois livros que ela dedicou propriamente ao público infantil: *Giroflê, Giroflá* (1956) e *Ou isto ou aquilo* (1964). A partir do exame destas duas obras destinadas às crianças, será possível observar como folclorista/educadora incorporou à literatura o material folclórico recolhido em seus estudos publicados na coluna *Professores e estudantes* e a forma como trabalhou com o folclore nos livros infantis.

Para entender o processo de inclusão do folclore nas escolas, discutiremos a inserção de Cecília Meireles no Movimento Folclórico brasileiro, no qual seu trabalho no jornal *A Manhã* sobre folclore infantil foi bastante reconhecido, lhe abrindo um espaço privilegiado no hall dos estudiosos dos costumes populares. Veremos que nossa folclorista se destacou entre seus pares pelas contribuições na realização da aliança entre educação e folclore, um dos projetos fundamentais do movimento. Para tal, as fontes utilizadas serão a *Revista Brasileira de Folclore* (1961 e 1976<sup>15</sup>) e diversos recortes de

---

<sup>15</sup> Período de atividade da revista.

jornais sobre Cecília Meireles, educação e folclore que compõem um dossiê temático disponível para consulta no acervo digital da Biblioteca Amadeu Amaral<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Disponível no site do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) - [http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID\\_Secao=31](http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=31) Todos os volumes da *Revista Brasileira de Folclore* também estão disponíveis neste portal.

## *Capítulo I - Cecília Meireles: uma trajetória engajada entre a educação, o folclore, a literatura e a política*



Imagem 1: Foto de Cecília Meireles retirada da Revista Brasileira de Folclore de 1964, que realizou uma homenagem *post-mortem* à folclorista.

### **1.1 – Reflexões sobre a construção de uma trajetória**

A intenção deste capítulo é realizar um passeio através da trajetória de Cecília Meireles, com o objetivo de apresentar ao leitor sua múltipla atuação social e política. Depois de conhecermos melhor por quais caminhos ela se enveredou ao longo de sua vida, iremos, nos próximos capítulos, concentrar-nos nos aspectos que mais interessam aos propósitos desta pesquisa. É importante dizer que não se pretende aqui construir uma história de vida que siga um desenvolvimento linear e um itinerário coerente e

determinado teleologicamente. O intuito é “*construir uma narrativa que dê conta dos elementos contraditórios que constituem a identidade de um indivíduo*”<sup>17</sup>, bem como da relação do indivíduo com os grupos sociais que o cercam e sua inserção neles, que é sempre mais marcada por conflitos que por conformidades.

A proposta é apresentar Cecília Meireles como intelectual a partir das definições postuladas pelo historiador Jean-François Sirinelli, que aponta para duas acepções (complementares) do termo: uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os mediadores culturais – na qual se inserem jornalistas, escritores, professores e eruditos; outra mais estreita, baseada na noção de engajamento, considerando o intelectual que se põe a serviço da causa que defende<sup>18</sup>. Veremos que nossa personagem se encaixa em ambos os sentidos da categoria, de forma que, ao longo de sua trajetória, atuou como escritora, professora, poetisa, folclorista e jornalista engajada nas causas educacionais de sua época, tendo sido, inclusive, signatária do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932) e do *Manifesto dos Educadores: mais uma vez convocados* (1959).

Os manifestos, vistos como a união de um grupo de pessoas em torno de um propósito comum, permitem ao pesquisador entender as redes de sociabilidade constituídas no meio intelectual. Os laços se formam de várias maneiras e em diversos espaços, como na redação de uma revista ou jornal, num conselho editorial de uma editora, no ambiente de trabalho, nas agremiações políticas, apenas para citar alguns exemplos dos diversos círculos de sociabilidade. Como sugere Sirinelli, os elementos afetivos e ideológicos se interpenetram nestas redes, que nos revelam amizades, hostilidades, rivalidades, rupturas, pactos, dada a complexidade de estilos de vida e visões de mundo dos indivíduos que convivem em grupo.

Na tentativa de mapear as redes de sociabilidade construídas por Cecília Meireles ao longo de sua trajetória intelectual, começaremos considerando seus primeiros anos escolares e sua formação na Escola Normal do Distrito Federal. É possível identificar as influências político-ideológicas que obteve em sua juventude, principalmente através de seus ilustres professores – dentre eles Alexina de Magalhães Pinto e Manuel Bandeira. Depois, passaremos aos círculos literários e aos veículos da imprensa com os quais colaborou e através dos quais difundiu suas ideias e militou por

---

<sup>17</sup> LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos & abusos da História Oral*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 171.

<sup>18</sup> SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: Rémond, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: EdUFRJ/ Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

seus ideais de educação. Não podemos esquecer, claro, de sua atuação como folclorista, face que precisa ser mais explorada e conhecida.

A rede epistolar apresenta-se ao pesquisador como uma fonte privilegiada de acesso ao mundo mais particular e íntimo dos indivíduos, revelando aspectos de sua trajetória que seriam impossíveis de conhecer através de outras fontes como jornais, revistas, livros, documentos oficiais, etc. Nas palavras de Ângela de Castro Gomes, “*a correspondência é lugar de sociabilidade: é lugar de troca de ideias, de construção de projetos, de amores e de ódios e, por fim, mas não em último lugar, de pedir emprego*”<sup>19</sup>. É natural que uma intelectual como Cecília Meireles, que criou redes de relações em diversos países – dentre eles o Brasil, Portugal e até a Índia –, possua uma vasta correspondência, cujo exame extrapolaria os propósitos desta pesquisa de mestrado e seria irrealizável em apenas dois anos de trabalho. Sendo assim, iremos considerar aqui a correspondência de nossa personagem com Fernando de Azevedo<sup>20</sup> (1930-1938) e Mário de Andrade<sup>21</sup> (1935-1945).

Através de suas conversas com Fernando de Azevedo, temos acesso a seus comentários sobre o movimento educacional, os planejamentos que fazia para as publicações na *Página de Educação*, pedidos de colaboração para a página, manifestações de esperança e descontentamento com os acontecimentos políticos pós-1930. Na correspondência com Mário de Andrade, por sua vez, conseguimos perceber o sentimento de admiração mútua que estes intelectuais conservavam. Acessamos, ainda, os “bastidores” de sua atividade na revista *Travel in Brazil* (1941), da qual Mário foi um intenso colaborador.

Neste panorama de sociabilidades e afinidades, é preciso ter conta que Cecília era uma intelectual singular. Em entrevista ao jornal *A Gazeta*, em 1958, a poetisa disse que se pudesse dar um conselho aos jovens poetas, diria: “*Nunca se filiem a nenhuma escola. Por que uma escola é sempre uma prisão. Se o jovem tem algo para dizer ele*

---

<sup>19</sup> GOMES, Ângela de Castro. “Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 11, n.21, 1998, p.129-150.

<sup>20</sup> A correspondência entre Cecília Meireles e Fernando de Azevedo encontra-se no arquivo pessoal deste depositado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) na USP. Tive a oportunidade de ir ao arquivo e transcrever todas as cartas, vinte no total.

<sup>21</sup> A correspondência entre Cecília Meireles e Mário de Andrade encontra-se publicada no livro MEIRELES, Cecília. *Cecília e Mário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

Nesta série, conseguimos ter acesso às cartas escritas por ambos os correspondentes. Como o arquivo pessoal de Cecília Meireles não foi organizado nem disponibilizado, na correspondência com Fernando de Azevedo encontramos apenas as cartas enviadas por Cecília ao amigo.

*encontra expressão própria*”<sup>22</sup>. Ela não só era singular, como gostava de marcar suas peculiaridades. Um exemplo disto é que, ainda que tenha sido uma ferrenha militante no movimento escolanovista em fins dos anos 1920 e nos anos 1930, ela nunca se filiou à Associação Brasileira de Educação (ABE). Sua forma de contribuir para a transformação social era a sua escrita nas páginas diárias dedicadas ao tema, encarnando muito bem o que Nicolau Sevcenko denominou de *literatura como missão*<sup>23</sup>.

Para apontar outro caso, cito a pesquisadora Maria Laura Cheola, que demonstrou que Cecília Meireles nunca se sentiu totalmente identificada com os intelectuais atuantes na revista *Festa*, da qual ela fez parte junto com seu marido, Fernando Correia Dias: o “*espiritualismo deles tinha uma preponderante tendência católica, instituição à qual a poeta fazia severas e contundentes críticas por sua participação, de modo geral, retrógrada e castradora na história social brasileira*”<sup>24</sup>. Pensando por este lado, podemos também considerar que a presença de um grande número de católicos na ABE pode ter sido um dos fatores pelos quais a poetisa não tenha se filiado à associação.

Estes dois exemplos demonstram a complexidade das relações sociais que se estabelecem nos grupos que possuem afinidades intelectuais: o simples fato de fazer parte da redação de um jornal ou revista, ou até mesmo assinar um editorial ou um manifesto não quer dizer, de maneira automática, que todos os participantes compartilhem das mesmas ideias sobre todos os assuntos; sempre há espaço para divergências, de forma que nenhum grupo é homogêneo. A história da ABE, por exemplo, é marcada pelas divergências entre o grupo escolanovista e o grupo católico. Os próprios educadores vinculados à Escola Nova possuíam projetos diferenciados, à exemplo de Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira<sup>25</sup>.

Há de ter isso em mente o pesquisador que trabalha com trajetórias intelectuais, sobretudo quando se trata de uma escritora tão única quanto Cecília Meireles. Nenhuma outra mulher se destacou tanto quanto ela no cenário literário da primeira metade do

---

<sup>22</sup> “Cecília Meireles aos jovens: ‘Nunca se filiem a nenhuma escola literária: escola é uma prisão’” (Entrevista com Cecília Meireles). *A Gazeta*. São Paulo, 1 de novembro de 1958.

<sup>23</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

<sup>24</sup> CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. *Infância e folclore: as crônicas de Cecília Meireles sob o Estado Novo*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2004. p. 22.

<sup>25</sup> Para entender as diferenças destes intelectuais e as disputas na ABE, ver XAVIER, Maria do Carmo (org.). *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

século XX. Sua poesia não se encaixa em nenhuma escola literária, de forma que se singularizou com a síntese de múltiplas influências: “*Uma poética em que versos livres se mesclam a redondilhas, plasmada por referências de poetas árcades, simbolistas, modernistas, romancistas e cancionistas*”<sup>26</sup>. Cecília nunca se limitou e se caracteriza por seu declarado ecletismo: “*Andar, andar, que um poeta não necessita de casa*”<sup>27</sup>.

Sua condição de mulher em sua época não pode ser ignorada, de forma que o espaço público era, ainda, dominado por homens. Consideremos que somente em 1934 a camada feminina da população brasileira teve seus direitos políticos contemplados e, apenas em 1977, a Associação Brasileira de Letras (ABL) elegeu uma mulher como membro, a escritora Rachel de Queiroz. À despeito destas limitações, Cecília destacou-se em tudo o que se envolveu, seja na imprensa, seja como poetisa, educadora ou folclorista, como veremos. Ela conseguiu transpor as barreiras das questões de gênero e se impor em espaços majoritariamente masculinos, mesmo que tenha enfrentado dificuldades neste percurso. A polêmica gerada no concurso literário da ABL em 1938, no qual saiu vencedora com seu livro *Viagem*, demonstra, dentre outras coisas, os obstáculos enfrentados por mulheres que, como ela, se impuseram em seu tempo para ultrapassar as limitações que o ser mulher lhes implicava.

Sobre a relação de sua trajetória com o contexto histórico, é preciso mencionar que este estudo só possui sentido e relevância se Cecília Meireles for considerada como agente da história. Isso significa, nas palavras do historiador Giovanni Levi, não utilizar o contexto “*como pano de fundo imóvel para explicar a biografia*”<sup>28</sup>; as trajetórias individuais estão enraizadas em um contexto, mas agem sobre ele e o modificam. Tendo isto em mente, abordaremos as diferentes formas de atuação político-social desta importante intelectual, considerando suas intervenções, alianças e conflitos travados. A pesquisa pretende, assim, contribuir para o campo historiográfico que se dedica ao estudo dos intelectuais – tanto no que diz respeito às suas ideias quanto à ação política –, considerando as trajetórias individuais fontes privilegiadas de acesso à complexa dinâmica de processos sociais mais amplos.

É preciso deixar claro que estamos trabalhando com um conceito ampliado de política, que excede a esfera do político-institucional, admitindo que “*as relações de*

---

<sup>26</sup> SAMPAIO, Cláudia Dias. “Cecília e Mário: correspondências”. *Revista Garrafa*. Rio de Janeiro, n° 17, maio-agosto de 2008. Disponível em [http://www.ciencialit.lettras.ufrj.br/garrafa17/claudiasampaio\\_ceciliaemario.pdf](http://www.ciencialit.lettras.ufrj.br/garrafa17/claudiasampaio_ceciliaemario.pdf)

<sup>27</sup> Meireles, Cecília. “Canção de Alta Noite”. Apud: CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. Op. cit. p. 27.

<sup>28</sup> *Ibidem*. p. 176.

*poder são intrínsecas às relações sociais*”<sup>29</sup>. Desta forma, a atuação de Cecília Meireles nos campos da educação e do estudo do folclore está sendo aqui considerada como ação política, seja através da imprensa, da publicação de livros ou da participação no Movimento Folclórico brasileiro.

Feitas estas considerações iniciais, podemos agora começar a percorrer a estrada construída por nossa personagem, tendo consciência das lacunas que possam existir neste panorama aqui exposto. Além da possibilidade de existir fontes ainda desconhecidas que revelem outras atividades desenvolvidas pela personagem, não temos a pretensão de reconstruir sua trajetória integralmente, pois isto seria impossível.

## 1.2 – Uma intelectual de muitas faces

*“E o meu caminho começa  
nessa franja solitária no  
limite sem vestígio, na  
translúcida muralha que  
opõe o sonho vivido e  
a vida apenas sonhada.”*<sup>30</sup>

Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu na cidade do Rio de Janeiro no dia 7 de novembro de 1901, mais precisamente no bairro chamado Rio Comprido. Seu pai, Carlos Alberto de Carvalho Meireles, funcionário do Banco do Brasil, faleceu antes mesmo que ela viesse ao mundo, assim como dois de seus irmãos. Sua mãe, Mathilde Benevides Meireles, professora da rede pública do ensino primário do Distrito Federal, faleceu por volta dos seus três anos de idade. Por conta desses trágicos acontecimentos, foi criada por sua avó materna de ascendência açoriana, Jacintha Garcia Benevides, que havia ficado viúva e morava numa chácara *“localizada nas imediações das ruas Zamenhoff, Estrela e São Carlos”*<sup>31</sup>, no Estácio. Além da avó, também esteve em sua infância aos cuidados de sua babá negra Pedrina.

Cecília começou a se destacar ainda na época do ensino primário, cursado na Escola Pública Municipal Estácio de Sá. Na ocasião de conclusão do curso em 1910,

---

<sup>29</sup> GOMES, Ângela de Castro. “História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões”. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B. e GOUVÊA, Maria de Fátima da S. (org.). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2005. p. 31.

<sup>30</sup> MEIRELES, Cecília. *Cecília Meireles: poesia e antologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1982.

<sup>31</sup> LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores). p. 11.

recebeu das mãos do próprio Inspetor Escolar, Olavo Bilac<sup>32</sup>, a Medalha de Ouro Olavo Bilac, “como prêmio pelo esforço e bom desempenho”<sup>33</sup>. Continuou sua formação na Escola Normal do Distrito Federal, onde se licenciou professora em 1917. Foi aprovada com distinção e, “na cerimônia de colação de grau foi escolhida por consenso, e com o sufrágio de todos os seus colegas, intérprete do grupo que com ela se diplomou”<sup>34</sup>.

Em sua formação na Escola Normal, Cecília teve como professor Manoel Bomfim<sup>35</sup> que, juntamente com Olavo Bilac, escreveu um dos livros infantis que sem dúvida a inspirou: *Através do Brasil*, publicado pela primeira vez em 1910. Em 1915, Bomfim agiu em defesa dos estudantes no episódio em que a normalista Cecília Meireles foi flagrada declamando no pátio escolar um poema de Olavo Bilac e repreendida pelo diretor alemão Hans Heilborn, o qual passou a ser hostilizado pelos alunos<sup>36</sup>. Alguns outros nomes importantes também atuaram na formação de Cecília enquanto normalista, dentre eles Osório Duque Estrada<sup>37</sup>, Basílio de Magalhães<sup>38</sup>, Alexina de Magalhães Pinto<sup>39</sup>, João Ribeiro<sup>40</sup> e Alfredo Gomes<sup>41</sup>. É interessante

---

<sup>32</sup> Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918) foi um renomado poeta e jornalista brasileiro, natural do Rio de Janeiro, membro fundador da Academia Brasileira de Letras. É considerado um dos mais importantes poetas parnasianos de nosso país, tendo também importante atuação em defesa da República e do nacionalismo, sendo um dos autores do Hino à Bandeira. Também conferiu especial atenção à literatura infantil, tendo escrito um dos livros para criança mais importantes da Primeira República: *Através do Brasil* (1910), em co-autoria com Manoel Bomfim.

<sup>33</sup> LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p.12.

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> Manoel José do Bomfim (1868-1932) nasceu em Aracaju, capital de Sergipe, mudando-se para o Rio de Janeiro em 1888. Formado em Medicina, Manoel Bomfim ficou reconhecido por sua atuação como escritor e professor, principalmente na Escola Normal do Rio de Janeiro. Escreveu obras importantes no campo da Educação, dentre elas *Lições de pedagogia* (1915), *Noções de psicologia* (1916), *Pensar e dizer: estudo do symbolo no pensamento e na linguagem* (1923). Junto com Olavo Bilac, dedicou-se a produção de livros infantis. Exerceu, sem dúvida, grande influência na formação da normalista Cecília Meireles.

<sup>36</sup> BILAC, Olavo & BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil*. [Organização de Marisa Lajolo] São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 39.

<sup>37</sup> Joaquim Osório Duque-Estrada (1870-1927) foi poeta, crítico literário, professor e teatrólogo. Nasceu no estado do Rio de Janeiro, na cidade de Paty do Alferes. Publicou, ao todo, 27 livros – de poesias, didáticos, peças teatrais, conferências, traduções e libretos de operas – dentre os quais se destacam *Alvéolos* (1887), *Flora de Maio* (1902), *A Arte de Fazer Versos* (1912) e *A Abolição* (1918). Sua obra de maior reconhecimento é, sem dúvida, a letra do Hino Nacional brasileiro. Sucedeu Sílvio Romero na Academia Brasileira de Letras em 1915.

<sup>38</sup> Basílio de Magalhães (1874-1957) foi professor, historiador e folclorista. Natural de Minas Gerais, ocupou diversos cargos no Rio de Janeiro, dentre eles o de diretor interino do Arquivo Nacional. Sua obra é vasta e diversificada, embora o foco recaia para o ensino de história e sobre o folclore: destacam-se *História do Comércio, Indústria e Agricultura* (1934), *Folk-lore no Brasil* (1937) e *O Café na História, no Folclore e nas Belas Artes* (1937), *Expansão Geográfica do Brasil Colonial* (1944), *História do Brasil - 3ª série* (1945) e *História do Brasil para a segunda série dos cursos clássico e científico* (1955).

<sup>39</sup> Alexina de Magalhães Pinto (1870-1921) professora, folclorista e escritora que foi, sem dúvida, a maior influência que Cecília Meireles teve durante sua passagem pela Escola Normal. Este ponto será melhor abordado no segundo capítulo da dissertação.

<sup>40</sup> João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (1860-1934) nasceu no Rio de Janeiro e dedicou-se a diversas atividades ao longo de sua trajetória: foi professor, historiador, jornalista, tradutor e crítico

perceber como muitos destes professores dedicavam-se também ao estudo do folclore brasileiro, trajetória que Cecília Meireles seguiu após sua formação.

Em 1918, Cecília foi nomeada professora adjunta da rede municipal de ensino do Distrito Federal, lecionando para os alunos do curso primário da Escola Pública Deodoro, na Glória. Somente no ano seguinte publicaria sua primeira obra literária do gênero poético pela Editora Leite Ribeiro & Associados, intitulada *Espectros*<sup>42</sup>. É composto por dezessete sonetos de inspiração neosimbolista que “*marcam o passado literário em versos decassílabos e alexandrinos, sob a influência de seus professores – Osório Duque Estrada, Basílio de Magalhães e, principalmente, Alfredo Gomes*”<sup>43</sup>, tendo este último escrito a apresentação do livro. Outro antigo professor, João Ribeiro, escreveu uma crítica favorável à obra no jornal *O Imparcial* em 18 de novembro de 1919, “*onde vaticinava um futuro promissor para a jovem estreante*”<sup>44</sup>.

No dia 29 de março de 1920, Cecília Meireles retornou à Escola Normal do Distrito Federal, desta vez na condição de professora de desenho. A Cátedra do curso de Desenho da instituição pertencia ao professor Fernando Nereo de Sampaio<sup>45</sup>, de quem teria partido o convite para que Cecília fosse designada ao cargo pelo Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal.

---

literário. Além de suas colaborações na imprensa, publicou diversos livros, dentre eles *Dicionário gramatical* (1889), *História do Brasil* (1901), *Compêndio de história da literatura brasileira* (1909) e *A língua nacional* (1933). Sucedeu Luís Guimarães Júnior na Academia Brasileira de Letras em 1898.

<sup>41</sup> Alfredo Augusto Gomes (1859-1924) foi um dos fundadores da Escola Normal do Distrito Federal, da qual foi professor e diretor. Atuou também como jornalista, filólogo e poeta de inspiração simbolista, que exerceu grande influência em Cecília Meireles.

<sup>42</sup> Sua obra poética é composta pelos livros: *Espectros* (1919), *Nunca mais... e Poemas dos Poemas* (1923), *Baladas para El-Rei* (1925), *Cânticos* (1927), *Morena, Pena de Amor* (1939), *Viagem* (1939), *Vaga Música* (1942), *Mar Absoluto e Outros Poemas* (1945), *Retrato Natural* (1949), *Amor em Leonoreta* (1951), *Doze Noturnos da Holanda & O Aeronauta* (1952), *Romanceiro da Inconfidência* (1953), *Poemas Escritos na Índia* (1953), *Pequeno Oratório de Santa Clara* (1955), *Pistóia, Cemitério Militar Brasileiro* (1955), *Canções* (1956), *Poemas Italianos* (1953 – 1956), *Romance de Santa Cecília* (1957), *Oratório de Santa Maria Egípcíaca* (1957), *Metal Rosicler* (1960), *Solombra* (1963), *Sonhos* (1950 – 1963), *Poemas de Viagens* (1940 – 1964), *O Estudante Empírico* (1969 – 1964), *Crônica Trovada da Cidade de Sam Sebastiam* (1965) e *Dispersos* (1918 – 1964).

<sup>43</sup> LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 13.

<sup>44</sup> PIMENTA, Jussara. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008. p. 66.

<sup>45</sup> “*O arquiteto e engenheiro Fernando Nereo de Sampaio fez parte da equipe de Anísio Teixeira na Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal (1931-1935), na qualidade de Diretor das Divisões de Prédios e Aparelhamentos Escolares, junto com Assis Ribeiro. É de sua autoria e de Gabriel Fernandes o projeto arquitetônico da Escola Estados Unidos (1929), do Município do Rio de Janeiro, localizada no Rio Comprido.*” LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 14.

Dois anos mais tarde, no dia 24 de outubro, casou-se com o português Fernando Correia Dias<sup>46</sup> na Matriz de São João Batista em Botafogo. Correia Dias era pintor e também ilustrador de diversos livros e jornais cariocas. Quando chegou ao Brasil, já era bastante reconhecido no campo das artes plásticas. Foi com ele que Cecília teve suas três filhas, Maria Elvira, Maria Mathilde e Maria Fernanda. Yolanda Lôbo considera que

*“O casamento com Correia Dias, artista plástico de grande sensibilidade, foi significativo em sua carreira de poeta e escritora, não somente porque passou a entrar em contato com o moderno, mas, principalmente, pela parceria na ilustração de sua obra poética”<sup>47</sup>.*

Considero tenha sido mais que isso. Por ser reconhecido artista e ter participado do movimento modernista português, Correia Dias ampliou a rede de relações de sua esposa com sua terra natal. Cecília manteve estreitas relações profissionais e de amizade com importantes intelectuais portugueses ao longo de sua vida, dentre os quais podemos mencionar a poetisa Maria Valupi<sup>48</sup>, com quem se correspondeu intensamente<sup>49</sup>. Além disso, por ter contatos na imprensa do Rio de Janeiro, também inseriu sua companheira nestes círculos, no qual ela viria atuar no mesmo ano em que contraiu matrimônio, publicando poemas na revista *Árvore Nova*. O casal fez parte, ainda, do grupo

---

<sup>46</sup> Fernando Correia Dias (1892-1935) era um célebre pintor e artista plástico português, um dos ícones do modernismo em sua terra natal. Estudou pintura, gravura e desenho no Liceu de Coimbra. Colaborou com algumas publicações portuguesas, como a *Rajada Revista de Crítica, Artes e Letras* - da qual foi editor artístico em 1912 - e *A Águia*. Chegou ao Rio de Janeiro em 1914, para realizar uma exposição de seus trabalhos na Associação Brasileira de Imprensa. No Rio de Janeiro, colaborou com muitos periódicos, como *O Diário de Notícias*, *O País*, a revista *Fon-Fon!*, *Revista da Semana*, *Árvore Nova*, *Terra de Sol e Festa*. Também trabalhava como ilustrador de livros, tendo inclusive feito as ilustrações de alguns dos livros de sua esposa.

<sup>47</sup> LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 14.

<sup>48</sup> Maria Valupi (1905-1977), pseudônimo de Maria Dulce Lupi Cohen Osório de Castro, foi uma poetisa portuguesa, que publicou cinco coletâneas de poesia entre 1948 e 1967.

<sup>49</sup> Algumas de suas cartas estão publicadas em VALUPI, Maria. *Antologia Poética*. Portugal: Quase Edições, 2007. De acordo com o levantamento feito por Jussara Pimenta em diversas instituições brasileiras e portuguesas, “(...) foram encontradas 564 cartas, 11 cartões, 5 postais e 3 envelopes que foram enviados por Cecília para diferentes intelectuais entre 1931 e 1964, ano em que a poeta faleceu. Entretanto, essa é, provavelmente, uma pequena amostra do volume de cartas que devem existir nos arquivos da poeta e no de seus correspondentes, que estão guardados em arquivos familiares e não disponibilizados para os pesquisadores. Dentre os seus correspondentes deparamo-nos com personalidades como Adolfo Casais Monteiro, Afonso Duarte, Alberto de Serpa, Alfonso Reys, Armando Côrtes-Rodrigues, Carlos Queiroz, Diogo de Macedo, Fernanda de Castro, Fernando de Azevedo, Gabriela Mistral, Henriqueta Lisboa, Irene Lisboa, Isabel do Prado, Jaime Cortesão, João Afonso, João de Barros, José Osório de Oliveira e Raquel Bastos, José Régio, Maria Dulce Lupi Cohen Osório de Castro (Maria Valupi), Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szenes, Mário de Andrade, Natércia Freire, Manuel Mendes, Luis de Montalvor e Vitorino Nemésio.” PIMENTA, Jussara S. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)*. Op. cit. p. 144.

editorial das revistas *Terra de Sol* e *Festa*. A própria atuação de Cecília frente à *Página de Educação* do *Diário de Notícias* se deve à Nóbrega da Cunha<sup>50</sup>, um dos fundadores do jornal e amigo do casal, tendo sido inclusive padrinho de uma de suas filhas<sup>51</sup>.

Através de sua vinculação à revista *Festa* foi que Cecília Meireles conheceu a obra de uma personagem que muito a influenciou e inspirou: o escritor indiano e hinduísta Rabindranath Tagore<sup>52</sup>.

*“Porque era naturalmente inclinada ao misticismo e ao despego das coisas materiais, a descoberta do talento de Tagore, e dos elementos hinduístas que nele estavam inscritos, lhe causou grande admiração e respeito, passando mesmo a influenciar sua criação literária. No entanto, se para Tagore, criado em meio aos preceitos hindus, aqueles eram insubstituíveis, para Cecília, formada em outro ambiente cultural, os símbolos hinduístas vieram a se juntar com outros diferentes, advindos da mistura étnica que é a sociedade brasileira, amalgamando-se e acarretando uma forma de olhar o mundo muito peculiar.”*<sup>53</sup>

Cecília admirava tanto Tagore que escreveu um poema dedicado ao escritor, intitulado “Cançãozinha para Tagore”<sup>54</sup>.

Em 1923, saiu seu segundo livro de poesia – *Nunca mais...e Poemas dos poemas* –, pela mesma editora que publicou o primeiro. Dois anos mais tarde, publicou *Baladas para El-Rei* pela Editora Brasileira Lux do Rio de Janeiro. Ambas as obras possuíam ilustrações de seu marido, Fernando Correia Dias.

---

<sup>50</sup> Carlos Alberto Nóbrega da Cunha foi um importante educador e jornalista nascido no Rio de Janeiro. Como educador, destaca-se por sua inserção no grupo dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e por sua atuação no magistério. Como jornalista, dedicou-se à luta pela melhoria das condições de ensino no Distrito Federal e no país, sendo um dos fundadores do jornal *Diário de Notícias*, o primeiro a dedicar uma página inteira ao tema da educação.

<sup>51</sup> LÓBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 21.

<sup>52</sup> Rabindranath Tagore (1861-1941) nasceu em Bengali, na Índia, e foi poeta, romancista, músico e dramaturgo. Foi o primeiro não-europeu a ganhar, em 1913, o Prêmio Nobel de Literatura, sendo um dos mais importantes escritores de sua terra natal. Dentre suas obras encontramos *Gora* (1910), *Raja* (1910), *Dakghar* (1912) e *Balaka* (1916). Sua influência na cultura hindu é tão expressiva que só pode ser comparada à de Mahatma Gandhi.

<sup>53</sup> CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. Op. cit. pp. 22-23.

<sup>54</sup> “Àquele lado do tempo/onde abre a rosa da aurora,/chegaremos de mãos dadas,/cantando canções de roda/com palavras encantadas./Para além de hoje e de outrora,/veremos os Reis ocultos/senhores da vida toda,/em cuja etérea Cidade/fomos lágrima e saudade/por seus nomes e seus vultos./Àquele lado do tempo/onde abre a rosa da aurora/e onde mais do que a ventura/a dor é perfeita e pura,/chegaremos de mãos dadas./Chegaremos de mãos dadas./Tagore, ao divino mundo/em que o amor eterno mora/e onde a alma é o sonho profundo/da rosa dentro da aurora./Chegaremos de mãos dadas/cantando canções de roda./E então nossa vida toda/será das coisas amadas.” In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa: Cecília Meireles*. Volume 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. (Organização e apresentação: Antônio Carlos Secchin; Estudo introdutório: Miguel Sanches Neto; Biografia: Eliane Zagury; Bibliografia crítica e comentada: Ana Maria Domingues de Oliveira). pp. 1023-1024.



Imagem 2: Desenho de Cecília Meireles feito por seu marido, Fernando Correia Dias.  
(Fonte: Revista Veja de 17 de junho de 1998)

Sua primeira obra dedicada ao público infantil foi editada pela Anuário do Brasil em 1924, e também trazia ilustrações de Correia Dias. *Criança meu amor*, embora seja escrito em verso, traz um conjunto de pequenas histórias cheias de poesia e doçura que tentam comunicar-se com a criança de forma quase maternal. Traz lições de responsabilidade e mandamentos de boa conduta através de uma prosa cheia de ternura, mostrando como Cecília sempre esteve preocupada com a educação da sensibilidade infantil através da poesia. O livro foi adotado como cartilha escolar pela Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, além de ter sido aprovado pelo Conselho Superior de Ensino dos Estados de Minas Gerais e Pernambuco.

Em 1928, iniciou-se a Reforma Educativa do Distrito Federal conduzida por Fernando de Azevedo<sup>55</sup>, Diretor de Instrução Pública à época. Foi considerada uma das

---

<sup>55</sup> Fernando de Azevedo (1894-1974) foi um professor, educador, escritor e sociólogo mineiro. Sua atuação no campo educacional é notória, iniciando-se na Escola Normal de São Paulo ainda na década de 1910. Começou a destacar-se na década seguinte com a realização do Inquérito sobre educação pública para o jornal *Estado de São Paulo*, em 1926. Este inquérito, sem dúvida, auxiliou Azevedo em sua gestão como Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal (1926-1930), cuja maior contribuição foi a reformulação do sistema educacional empreendida por ele em 1928. Ocupou o mesmo cargo administrativo em São Paulo (1933), onde realizou importantes reformas no Código de Educação. Foi redator e signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), onde expôs suas ideias afinadas com os princípios escolanovistas. Como escritor e sociólogo, destacam-se as obras *Da educação física* (1920), *Novos caminhos e novos fins* (1934), *Sociologia educacional* (1940) e *A cultura brasileira* (1943). Foi eleito, em 1967, para a Academia Brasileira de Letras, sucedendo Antônio Carneiro

mais radicais reformas educativas que se efetivaram no Brasil até então, “*porque produziu uma ruptura no pensamento pedagógico dominante desde o Império, repercutindo sobre diversos estados da União*”<sup>56</sup>. No bojo desta reforma, foram criadas vagas para o cargo de professor catedrático da Escola Normal, que seriam preenchidas após a realização de um concurso. Cecília Meireles, que já atuava na escola como professora do curso de desenho, decidiu preparar-se para a realização da seleção para a cátedra de literatura vernácula.

A primeira etapa do concurso consistia na defesa de uma tese e foi realizada em 1930. A tese apresentada e defendida por ela intitulava-se *O espírito victorioso*, cuja síntese foi publicada em sua coluna *Commentario da Página de Educação*<sup>57</sup>.

*“Nessa tese Cecília destacou os princípios de liberdade, de inteligência, de estímulo à observação, à experimentação, introduzidos pela Escola Moderna. Para desenvolvê-la, formulou duas indagações. A primeira provoca e conduz a reflexão sobre o espírito victorioso: se não quisermos ser um estorvo, ‘que passado queremos ser nós para esses que, no presente, são apenas uma probabilidade futura’?. A segunda orienta sua escolha na arte de dirigir o espírito da investigação: ‘Tudo se encadeia nesta sucessão: instruir para educar, educar para viver e viver para quê?’”<sup>58</sup>.*

Encontramos nesta tese os fundamentos teóricos e filosóficos de suas crônicas e matérias na *Página de Educação* do jornal *Diário de Notícias*. Na tese, defende a modernização da educação brasileira pelos princípios da Escola Nova, abordando principalmente o tema da formação do novo tipo de professor necessário à nova educação. Num concurso para a Escola Normal, instituição que formava o magistério, nada melhor do que abordar esta questão crucial. Como estava concorrendo à cátedra de Literatura Vernácula, Cecília não deixou de abordar em seu texto a importância da literatura na formação do educador.

Como mostra Yolanda Lôbo, dos oito candidatos inscritos no concurso, três foram reprovados na etapa da defesa da tese. Dos cinco candidatos aprovados, três deles desistiram de realizar as duas etapas restantes: Homero Pires, Sylvio Júlio e Oswaldo

---

Leão. Para maiores esclarecimentos ver PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

<sup>56</sup> PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*. Op. cit. p. 42.

<sup>57</sup> Cecília publicou uma síntese de sua tese em sua página do jornal, em 2 de setembro de 1930, com o título “A significação da literatura na formação do professor: de ‘O Espírito Victorioso’, these (sic) apresentada ao concurso de Literatura da Escola Normal”.

<sup>58</sup> LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 16.

Orico<sup>59</sup>. Sendo assim, somente os candidatos Clovis do Rego Monteiro<sup>60</sup> e Cecília Meireles realizaram as provas escrita e prática. Na prova escrita, Cecília ficou meio ponto atrás de seu concorrente. O concurso atingiu grande repercussão pública, sendo acompanhado de perto pela imprensa local; o interesse era tanto que a notícia com o resultado do concurso saiu na primeira página do jornal. Há um trecho interessante no jornal *O Globo*, transcrito por Yolanda Lôbo, que mostra quem eram os integrantes da banca examinadora: “*Os examinadores, senhores Amoroso Lima<sup>61</sup> e Antenor Nascentes<sup>62</sup>, concederam um ponto a mais ao sr. Clovis Monteiro, sendo que os senhores Coelho Neto<sup>63</sup> e Nestor Victor<sup>64</sup> deram a ambos a mesma nota*”<sup>65</sup>.

O exame prático – última etapa do concurso – foi realizado no dia 26 de agosto de 1930. Os candidatos deveriam apresentar à banca uma aula sobre os assuntos sorteados no dia anterior<sup>66</sup> exatamente como a fariam para uma turma da Escola

---

<sup>59</sup> Oswaldo Orico (1900-1981) foi poeta, educador e jornalista. Foi professor da Escola Normal do Distrito Federal entre 1920 e 1932. Em 1938, entrou para Academia Brasileira de Letras. Entre seus livros, encontramos *Dança dos Pirilampos* (1923), *Coroa dos Humildes* (1924), *Grinalda* (1928), *Arte de Iludir* (1928). Na literatura infantil escreveu textos ligados ao folclore: *Contos da Mãe Preta* (s.d.), *Histórias de Pai João* (s.d.), *Viagem de Papá Noel* (1934), *Mãe da Lua* (1934).

<sup>60</sup> “Advogado, filólogo, poeta e escritor, Clóvis Monteiro exercia a docência no Colégio Pedro II e era, naquele momento, membro do Conselho Nacional de Ensino. No concurso, defendeu a tese ‘Traços do Romantismo na poesia brasileira’, publicada em 1929 pela Tipografia d’A Encadernadora, no Rio de Janeiro”. LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 17.

<sup>61</sup> Alceu Amoroso Lima (1893-1983), também conhecido pelo pseudônimo Tristão de Ataíde, foi professor, escritor, atuou na imprensa e era um importante líder católico à época. Escreveu *Política* (1932), *Elementos de ação católica* (1938), *Mitos de nosso tempo* (1943), entre outros livros. Foi eleito em 1935 para a Academia Brasileira de Letras, sucedendo Miguel Couto. Participou da fundação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 1945, onde atuou como docente até 1963. Foi representante brasileiro no Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965.

<sup>62</sup> Antenor Veras Nascentes (1886-1972) foi um professor, filólogo e lexicógrafo nascido no Rio de Janeiro, que possui uma vasta obra dedicada ao estudo da língua portuguesa. Foi catedrático no Colégio Pedro II e na Faculdade de Filosofia do Estado da Guanabara. Dentre suas obras de caráter didático, destacamos *Método prático de análise lógica* (1920), *Como evitar silabadas em latim* (1920), *Gramática da língua espanhola* (1920), *Método prático de análise gramatical* (1921) e *Noções de estilística e literatura* (1929). Ocupou uma das cadeiras de membro-fundador da Academia Brasileira de Filologia.

<sup>63</sup> Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934) nasceu no Maranhão e mudou-se ainda criança para o Rio de Janeiro. Foi um renomado romancista, professor, crítico e teatrólogo, que também se envolveu nas lutas políticas a favor da abolição da escravidão. Lecionou na Escola Nacional de Belas Artes e no Colégio Pedro II, do qual chegou a ser diretor. Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras, deixando como legado uma vasta obra: *A Conquista* (1899), *Turbilhão* (1906), *Contos da vida e da morte* (1927), dentre outros tantos livros.

<sup>64</sup> Nestor Victor dos Santos (1868-1932) foi professor, crítico e poeta simbolista, amigo e estudioso da obra de Cruz e Souza. No Rio de Janeiro, apoiou o grupo da revista *Festa*. Entre suas obras, destacam-se *Cruz e Souza* (1899), *A Hora* (1901), *Três romancistas do Norte* (1915), *Farias Brito* (1917), *A crítica de ontem* (1919), *Cartas à gente nova* (1924) e *Os de hoje* (1928).

<sup>65</sup> A notícia saiu no dia 23 de agosto de 1930. A notícia do dia anterior trouxe, inclusive, informações sobre o conteúdo da prova: “*Machado de Assis, como poeta; tendências modernas do romance em Portugal; Bernardo Guimarães em relação a nossa novelística; tendências fonéticas do português falado no Brasil; João Francisco Lisboa e a sua influência; e as cartas de Mariana Alcoforado*”. LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 17.

<sup>66</sup> Os pontos sorteados foram: “*Escritores do último quartel do século XVIII que merecem especial atenção: Souza Caldas, Jabotão Frei Gaspar de Madre de Deus, Pedro Jacques Paes Leme. Vista*

Normal. Clovis Monteiro foi aprovado com 93 pontos, enquanto Cecília obteve 89 pontos. Este e outros resultados do concurso causaram bastante polêmica e debate público nos jornais. Paschoal Lemme<sup>67</sup>, em suas *Memórias*, afirmou ter sido este um dos concursos mais disputados e de maior repercussão da época<sup>68</sup>. O educador declarou que, apesar de Cecília ter iniciado “*uma atividade brilhante como jornalista*” e ser “*uma defensora tenaz dos ideais da Reforma de Ensino*” conduzida por Fernando de Azevedo, Clovis Monteiro foi o escolhido por estar mais afinado com a banca<sup>69</sup>.

A própria Cecília Meireles se pronunciou sobre o assunto em uma de suas crônicas na *Página de Educação*, antes mesmo de sair o resultado final:

*“A nossa Escola Normal, para qual a boa vontade da presente administração conseguiu elevar uma tão suntuosa edificação, parece estar ameaçada de vir a abrigar no seu solene recinto todos os adversários da Escola Nova, instituída pela mesma reforma que a criou. (...) O que não admite dúvidas é que os catedráticos que estão sendo agora nomeados para a Escola Normal deviam já ser recebidos em concurso com particular atenção, prestando exame não só da especialidade a que se refira a cadeira como também demonstrando, praticamente, a sua capacidade moderna de a reger. O concurso de literatura ultimamente realizado deixou a Reforma Fernando de Azevedo em muito má situação, ameaçada de continuar a ficar sem professores, na Escola Normal, perfeitamente conhecedores da escola primária e da sua conveniente atuação como professores de futuros professores. (...) Depois da desorientação mal intencionada do concurso de literatura, em que os próprios examinadores, dos quais só um pertencia, aliás, à Escola Normal, deram as mais robustas provas da sua completa ignorância de pedagogia de qualquer espécie, o concurso de sociologia, cujo mecanismo interno já começa a aparecer, será outra oportunidade para se avaliar o destino que vai ter afinal a nossa magnífica Reforma de Ensino. Já começaram as discussões sobre a mesa organizada. E muito a propósito. Porque os representantes da Igreja, que dela fazem parte, não puderam jamais, pela própria dignidade do seu cargo, deixar a batina à porta, como já se disse. Está no seu interesse e na sua obrigação religiosa defender o seu credo. E na sua opinião, fazem, de certo, muitíssimo bem. Mas a opinião dos educadores é outra. E essa é que tem que ser respeitada, porque a Escola Normal é um instituto pedagógico e não um seminário.”*<sup>70</sup>

É interessante observar como este episódio do concurso para a Escola Normal do Distrito Federal já revela os embates entre os educadores da Escola Nova e os católicos.

---

*retrospectiva do movimento literário no Brasil, no século XVIII. Principais centros intelectuais.”* Ibidem. p. 17.

<sup>67</sup> Paschoal Lemme (1904-1997) renomado educador carioca, foi professor da Escola Normal do Distrito Federal e autor do livro *Memórias de um professor* (s.d). Dirigiu o projeto de educação de adultos criado por Anísio Teixeira em 1933, época de sua gestão como Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal.

<sup>68</sup> LEMME, Paschoal. *Memórias*. São Paulo: Cortez; Brasília: INEP, 1988. Apud: PIMENTA, Jussara S. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)*. Op. cit. p. 27.

<sup>69</sup> Idem.

<sup>70</sup> MEIRELES, Cecília. “A futura Escola Normal”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1930.

Esta tensão vai cada vez mais se acirrando, principalmente após a aliança do Governo Provisório com a Igreja<sup>71</sup>.

O trecho acima transcrito é apenas uma prévia das críticas que Cecília fazia em suas crônicas, nas quais exprimia suas reflexões sobre os mais variados temas ligados à educação. Ela assumiu, em junho de 1930, a direção de uma página diária no jornal *Diário de Notícias* que se dispunha a tratar de um assunto cada vez mais presente no debate político à época: a educação. No cenário de discussão pública acerca do tema, nossa personagem ocupava um lugar de destaque e, ao mesmo, tempo estratégico. A imprensa era vista como um importante meio de divulgação do ideário da Escola Nova, e Cecília assumiu a responsabilidade de militar pela causa educacional através de sua página na imprensa carioca. Vale aqui ressaltar que ela foi uma das signatárias do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, escrito por Fernando de Azevedo e assinado por 26 intelectuais<sup>72</sup> atuantes no movimento educacional<sup>73</sup>.

Seu envolvimento com a causa educacional vai além de sua atuação na *Página de Educação* e da assinatura do Manifesto dos Pioneiros. Em 1931, Cecília Meireles foi convidada por Anísio Teixeira<sup>74</sup>, na época Diretor-Geral de Instrução do Distrito Federal, para realizar um Inquérito de Literaturas Infantis com crianças de escolas públicas da capital do país. A realização deste inquérito tinha por objetivo conhecer as preferências de leituras das crianças em idade escolar e o estado das bibliotecas municipais. O Inquérito de Literaturas Infantis foi realizado entre novembro e dezembro de 1931 e o relatório foi publicado em 1934, com o título *Leituras Infantis*.

---

<sup>71</sup> Este ponto será mais bem abordado no segundo capítulo da dissertação.

<sup>72</sup> Os signatários do Manifesto: Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, A. de Sampaio Dória, Anísio Spínola Teixeira, M. Bergström Lourenço Filho, Roquette-Pinto, J.G. Frota Pessoa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mário Casasanta C. Delgado de Carvalho, A. Ferreira de Almeida Jr., J.P. Fontenelle Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes de Lima, Attílio Vivacqua, Francisco Venâncio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meireles, Edgar Sussekind de Mendonça, Armanda Álvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nóbrega da Cunha, Paschoal Lemme e Raul Gomes.

<sup>73</sup> Em 1959, novamente assinou o manifesto educacional escrito por Fernando de Azevedo, intitulado *Manifesto ao Povo e ao Governo – Mais uma vez convocados*. Desta vez, conseguiram 189 assinaturas.

<sup>74</sup> Anísio Spínola Teixeira (1900-1971) nasceu no interior da Bahia, na pequena cidade de Caetité. Embora tenha se formado em Direito, dedicou-se à educação desde muito cedo, quando foi nomeado Inspetor Geral do Ensino de Salvador em 1924. Em sua gestão, empreendeu uma reforma no ensino público da capital baiana, orientado pelos princípios da Escola Nova, influenciado, principalmente, por John Dewey. Foi um dos grandes entusiastas do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e agiu em defesa de seus ideais em sua gestão como Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal (1931-1935). Nesta empreitada, realizou a integração da rede municipal de educação e criou a Universidade do Distrito Federal (1935). Em fins dos anos 1950, Anísio Teixeira participou dos debates para a implantação da Lei Nacional de Diretrizes e Bases, sempre como árduo defensor da educação pública. Ao lado de Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira foi um dos fundadores da Universidade de Brasília, da qual tornou-se reitor em 1963. Para maiores esclarecimentos ver NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

Além disso, esteve à frente de um projeto pioneiro no país: a criação da Biblioteca Infantil do Distrito Federal, localizada no Pavilhão Mourisco, em Botafogo<sup>75</sup>. Esta iniciativa fazia parte da política de criação de bibliotecas implementada na gestão de Anísio Teixeira no Departamento de Educação do Distrito Federal (1931-1935). A composição do acervo da biblioteca teve como base o inquérito realizado por Cecília e mencionado no parágrafo anterior. A inauguração aconteceu no dia 14 de agosto de 1934 e funcionou até 19 de outubro de 1937, data em que o interventor do Distrito Federal decidiu fechá-la, alegando que “*a biblioteca teria em seu acervo um livro de conotações comunistas, cujas ideias eram perniciosas ao público infantil. Tratava-se de Tom Sawyer, de Mark Twain*”<sup>76</sup>.

Logo após a inauguração da Biblioteca Infantil do Distrito Federal, em setembro de 1934, Cecília e seu marido viajaram para Portugal, convidados por sua amiga e poeta Fernanda de Castro<sup>77</sup>, esposa do Ministro da Propaganda, António Ferro<sup>78</sup>.

*“O convite fora recebido em virtude da admiração que a sua obra literária produzira em Fernanda de Castro aliada ao profundo conhecimento das questões educacionais, da experiência pioneira que vinha sendo realizada no Distrito Federal e das boas relações que possuía em quase todos os países do continente. (...) Ao convite oficial, encontravam-se aliados objetivos ligados aos seus laços familiares e afetivos já mencionados: sua ascendência portuguesa e a do seu marido Correia Dias.”*<sup>79</sup>

Nesta viagem, Cecília realizou uma série de comunicações, nas quais tratou principalmente das reformas educacionais de Fernando de Azevedo e de Anísio

---

<sup>75</sup> O Pavilhão Mourisco ficava localizado no fim da Avenida Beira-Mar, em frente à Rua Voluntários da Pátria. Depois do fechamento da biblioteca, o prédio transformou-se num centro de coleta de impostos e depois ficou abandonado até finalmente ser demolido em 1952, durante a construção do Túnel do Pasmado. <http://rioantigofotos.blogspot.com.br/2010/02/o-pavilhao-mourisco-o-motivo-porque.html> Consulta em 24/01/13.

<sup>76</sup> PIMENTA, Jussara. “Leitura e encantamento: a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco”. In: NEVES, Margarida de Souza & LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina V. (org.). *Cecília Meireles: a Poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2001. pp. 113-114.

<sup>77</sup> Maria Fernanda Teles de Castro e Quadro Ferro (1900-1994), escritora nascida em Lisboa, dedicou-se à escrita de poesia, romances, contos e peças de teatro. Possui obras premiadas, como *Náufragos* (1920) e *Maria da Lua* (1945). Foi fundadora da Associação Nacional de Parques Infantis de Portugal. Em 1922, casou-se com Antonio Joaquim Tavares Ferro (1895-1956), também escritor e jornalista. Foi um político influente no Estado Novo português, atuando como diretor do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN).

<sup>78</sup> “O convite para as conferências partiu de Fernanda de Castro, porém os detalhes da viagem foram tratados por meio de cartas trocadas com o amigo José Osório de Oliveira que providenciou os trâmites legais da viagem e das conferências junto ao Diretor Técnico da Exposição Colonial do Porto e ao diretor do Secretariado da Propaganda Nacional, António Ferro.” PIMENTA, Jussara S. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)*. Op. cit. p. 140.

<sup>79</sup> PIMENTA, Jussara S. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)*. Op. cit. p. 76.

Teixeira, bem como da criação da biblioteca infantil<sup>80</sup>. Como bem mostra Jussara Pimenta, havia na época um investimento por parte de intelectuais brasileiros e portugueses em promover um intercâmbio de experiências, e nossa personagem estava incluída neste círculo de interlocução sobre educação, literatura, folclore, entre outros temas<sup>81</sup>.

A educadora foi à Portugal para divulgar o que vinha sendo realizado no Distrito Federal em termos educacionais, colocando o Brasil numa posição importante no debate internacional sobre o tema. Para além de simples divulgação, Cecília também tinha interesse em conhecer o sistema educacional português, “*especialmente os de orientação profissional, para o que contava visitar os diversos estabelecimentos de ensino*”<sup>82</sup>.

A educação não foi o único tema das conferências proferidas por ela em Portugal. Em uma de suas apresentações, Cecília falou sobre a literatura moderna do Brasil, aproveitando para apresentar aos ouvintes poetas brasileiros pouco conhecidos nas terras lusitanas, como era o caso de Manuel Bandeira<sup>83</sup>, Oswald de Andrade<sup>84</sup>,

---

<sup>80</sup> A viagem de Cecília Meireles a Portugal para a realização das conferências foi objeto de estudo da pesquisadora Jussara Santos Pimenta em sua tese de doutorado, defendida em 2008 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. PIMENTA, Jussara S. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)*. Op. cit. Pimenta conseguiu estudar a viagem de Cecília a Portugal principalmente através dos “(...) artigos jornalísticos colecionados por Cecília Meireles em um álbum intitulado ‘Diário de Bordo’ e gentilmente cedidos pela família da poeta. O álbum reúne as crônicas escritas por ocasião da primeira viagem a Portugal e publicadas no jornal *A Nação*, do Rio de Janeiro, entre outubro e dezembro de 1934 e até o momento não tinham sido objeto de análise dos pesquisadores. Nele também puderam ser encontradas dezenas de recortes de jornais portugueses como *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *Diário da Manhã*, *Diário de Coimbra* e de revistas como *Sempre Fixe*, *Portugal Feminino*; de jornais e revistas brasileiros como *A Tarde*, *Jornal do Comércio*, *A Vanguarda*, *Diário de Notícias*, *Diário Português* e *Festa*, respectivamente. Essa documentação revelou a cobertura que a imprensa portuguesa e brasileira concedeu às atividades desenvolvidas por Cecília durante a sua permanência em Portugal.” (p. 43). Além das matérias de jornais, Pimenta também trabalhou com cartas, entrevistas, crônicas de viagens e as crônicas de Cecília sobre educação aqui também trabalhadas nesta dissertação.

<sup>81</sup> *Ibidem*. p. 51.

<sup>82</sup> *Ibidem*. p. 218.

<sup>83</sup> Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho (1886-1966) foi um poeta, crítico literário e professor nascido em Recife, Pernambuco, um dos ícones do Modernismo. Lecionou no Colégio Pedro II entre 1938 e 1943. Conquistou, em 1940, o lugar antes pertencente a Luís Guimarães Filho na Academia Brasileira de Letras. Possui uma vasta obra literária, que abarca poesia, prosa e traduções, destacando-se *A Cinza das Horas* (1917), *Os Sapos* (1922) e *Libertinagem* (1930).

<sup>84</sup> José Oswald de Sousa Andrade (1890-1954) foi um dos mais importantes nomes do modernismo literário brasileiro. Sua obra contém poesia, romances e teatro, onde destacam-se os manifestos *Poesia Pau Brasil* (1925) e *Antropófago* (1928); além dos romances *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924) e *Serafim Ponte Grande* (1933). Em 1928, inscreveu-se no prêmio de Romance da Academia Brasileira de Letras com *A Estrela de Absinto*, conseguindo apenas uma menção honrosa. Mais tarde, em 1940, candidatou-se à vaga de Luís Guimarães Filho, para a qual foi eleito Manuel Bandeira. Sobre isto ver <http://www.academia.org.br/abl/media/REVISTA%20BRASILEIRA%2060-GUARDADOS.pdf> pp. 303-307.

Mário de Andrade<sup>85</sup>, Jorge de Lima<sup>86</sup> e Carlos Drummond de Andrade<sup>87</sup>. O folclore apareceu como assunto de uma de suas palestras, na qual expôs uma série de desenhos produzidos por ela entre os anos de 1926 e 1934, os quais ela mesma denominava como *estudos de gesto, ritmo e indumentária*<sup>88</sup>. A repercussão de suas apresentações foi tamanha que estas foram publicadas em 1935, juntamente com suas ilustrações, na revista *Mundo Português*.

A partir dessas gravuras feitas de aquarela, nanquim e crayon, Cecília Meireles revela a forma como vê as manifestações da cultura popular, especialmente relacionadas ao tema do folclore no Brasil. Como o próprio nome dado por ela à exposição já indica – *Batuque, samba e macumba: estudos de gesto e ritmo* –, Cecília aborda a figura do negro associada à manifestações ligadas a festa e a religião, tendo sua expressão um ar de positividade e afirmação, em vez de discriminação e desvalorização. As figuras eleitas pela pintora – as baianas e os bambas – são individualizadas em cada tela confeccionada, ganhando um grande destaque e revelando uma riqueza na indumentária. Um dos aspectos que demonstram o grande talento de Cecília como pintora é a forma como consegue imprimir em seus desenhos expressões corporais e movimentos ritmados, nesse caso ligados ao samba e ao batuque. Márcia Oliveira mostra como suas telas são preenchidas de extrema musicalidade e ritmo e como faz uso de cores muito vivas e diversificadas, já que sua intenção principal era dar destaque aos negros<sup>89</sup>.

---

<sup>85</sup> As referências a Mário de Andrade encontram-se no segundo capítulo da dissertação.

<sup>86</sup> Jorge Mateus de Lima (1893-1953) foi um médico alagoano que se destacou no ramo literário. Amigo de Murilo Mendes, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, Jorge de Lima escreveu mais de dez livros de poesia, dentre os quais destacamos o livro “*Novos poemas*”, onde se encontra sua obra mais conhecida, intitulada “*Essa negra fulô*”. Entre 1937 e 1945, teve sua candidatura à Academia Brasileira de Letras recusada por seis vezes.

<sup>87</sup> Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) é um dos mais célebres escritores brasileiros, com uma vasta obra poética e cronística. “Íntimo colaborador do político mineiro Gustavo Capanema, foi seu oficial-de-gabinete na Secretaria do Interior e Justiça de Minas Gerais (1930-1932), secretário particular quando Capanema exerceu a interventoria do estado em 1933, e chefe de gabinete de 1934 a 1945, durante sua gestão no Ministério da Educação e Saúde. De sua consagrada obra, merecem destaque, além dos trabalhos citados *Claro Enigma* (poemas, 1951), *Contos de aprendiz* (1951), *A mesa* (1951), *Passeios na ilha* (ensaios e crônicas, 1952), *Fazendeiro do ar & poesia até agora* (poemas, 1954), *Lição de coisas* (poemas, 1962), *Cadeira de balanço* (crônicas, 1966), *Boitempo & A falta que ama* (poemas, 1968), *O poder ultrajovem* (crônicas em prosa e verso, 1972), *O elefante* (primeiro livro infantil, 1983), *Corpo* (poema, 1984), *O observador no escritório* (memória, 1985). Como obras póstumas, destacam-se *Moça deitada na grama* (prosa, 1987), *O avesso das coisas* (aforismos, 1988), *Auto-retrato e outras crônicas* (1989)”. In: [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/carlos\\_drummond\\_de\\_andrade](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/carlos_drummond_de_andrade)

<sup>88</sup> Tais desenhos e escritos sobre eles foram reunidos e publicados pela Funarte em 1983. MEIRELES, Cecília. *Batuque, samba e macumba: estudos de gesto e ritmo 1926-1934*. Rio de Janeiro: Funarte/INF, 1983.

<sup>89</sup> OLIVEIRA, Márcia R. “Batuque, samba e macumba nas palavras e pincéis de Cecília Meireles”. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [online], Debates, 2006. URL: <http://nuevomundo.revues.org/index1555.html>. p. 5-6.

Citando o pesquisador Roberto Conduru, Jussara Pimenta alerta para o caráter inovador deste estudo sobre as manifestações culturais negras no Brasil realizado por Cecília:

*“(...) ainda que não tenha se constituído como uma pesquisadora específica da cultura afro-descendente no Brasil, seus desenhos e o texto a eles correspondente estão entre as realizações pioneiras nesse campo, como as de Modesto Brocos<sup>90</sup>, Nina Rodrigues e Arthur Ramos, que abriram caminho para outras tantas desde então.”<sup>91</sup>*

Em 1935, Cecília Meireles foi nomeada professora de Literatura Luso-Brasileira da Universidade do Distrito Federal, recém inaugurada por Anísio Teixeira. A UDF representava uma conquista importante no campo da educação, porque trazia uma proposta inovadora de uma Faculdade de Educação, onde o magistério teria a oportunidade de formar-se num curso superior especializado. No ano seguinte, Cecília passou a lecionar Técnica e Crítica Literária, função que exerceu até 1938. Também professou cursos livres de Literatura Comparada e Literatura Oriental. Esta foi uma inserção importante em termos de sociabilidade, pois passou a conviver com importantes intelectuais brasileiros e estrangeiros:

*“Brehier, Desfontaines, Wallon, Hauser, Jules Peret, Albertini, (...) Afrânio Peixoto, Gilberto Freire, Delgado de Carvalho, Hermes de Lima, Arthur Ramos, Heloisa Alberto Torres, Francisco Venâncio Filho, Edgar Süsskind de Mendonça, Gastão Cruls, Pedro Calmon, Costa Ribeiro, Carlos Werneck, Roberto Marinho de Azevedo, Carneiro Leão, Celso Kelly, José Faria Góes Sobrinho, Gustavo Lessa, Castro Rebelo, Isnard Dantas Barreto, José Oiticica e Cândido Portinari.”<sup>92</sup>*

Porém, viu as atividades tanto na universidade quanto na biblioteca infantil ameaçadas pela demissão de Anísio Teixeira do cargo de Diretor de Instrução Pública, e consequente nomeação de Francisco Campos para substituí-lo, em dezembro de 1935. Teixeira foi acusado de participar do levante armado promovido pela Aliança Nacional Libertadora (ANL) contra o governo federal pouco antes de sua demissão. A

---

<sup>90</sup> Modesto Brocos y Gómez (1852-1936) foi um pintor e desenhista espanhol, que instalou-se definitivamente no Brasil em 1890. Foi professor de modelo vivo da Escola Nacional de Belas Artes até 1896, além de ter registrado muitas cenas brasileiras em suas pinturas, como engenhos, senzalas, cidades e atividades comerciais, dentre outras.

<sup>91</sup> CONDURU, Roberto. “Sedução Gráfica”. *Jornal Eletrônico “Educação e Imagem”* (Seção “Arte e Imagem”), janeiro de 2008 (no prelo). Apud: PIMENTA, Jussara. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)*. Op. cit. p. 241.

<sup>92</sup> PIMENTA, Jussara. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)*. Op. cit. p. 73.

Universidade do Distrito Federal, uma das iniciativas mais importantes da gestão de Anísio, foi um dos principais alvos de ataque de Francisco Campos, até finalmente ser fechada em 1939 e incorporada à Universidade do Brasil. As mudanças políticas expressas por esta mudança na Secretaria de Educação do Distrito Federal trazem a Cecília insegurança quanto à continuidade da reforma educacional que Anísio vinha empreendendo na capital federal, o que confessa em carta à amiga Fernanda de Castro:

*“(...) estive (e talvez esteja) a ponto de perder o lugar na Universidade, em virtude de um movimento revolucionário que por aqui andou, e em consequência do qual o Anísio foi afastado da Secretaria de Educação (embora ele não tivesse senão camaradagem com pessoas envolvidas nos acontecimentos). O Osório tinha-me sugerido ir para Lisboa, para o cargo de professora de estudos brasileiros.”<sup>93</sup>*

Esta não foi a única decepção de nossa personagem no ano de 1935. Pouco antes da demissão de Anísio, sua vida familiar passou por uma reviravolta trágica com o suicídio de seu marido, que sofria de depressão. A poetisa passou a ser a única responsável pelo seu sustento e de suas três filhas. Teve que se mudar para um apartamento na Avenida Atlântica, *“segundo ela ‘muito pequenino, mas suficiente para mim e as crianças’”<sup>94</sup>*.

Apesar dos tristes acontecimentos, Cecília prosseguiu e dedicou-se ao trabalho nos anos seguintes, principalmente à literatura. Publicou novos livros, para crianças e adultos: *A Festa das Letras* (1937), em parceria com Josué de Castro, para a série Alimentação da Globo; *Rute e Alberto resolveram ser turistas* (1938), livro com o conteúdo do programa de Ciências Sociais da terceira série do ensino elementar; publicou em capítulos entre os anos 1938 e 1940 na revista portuguesa *Ocidente* o que viria a se tornar mais tarde o livro de memórias da infância, *Olhinhos de Gato* (1980); e, finalmente, *Viagem* (1938), livro pelo qual recebeu o prêmio Olavo Bilac de poesias da Academia Brasileira de Letras, no valor de 3.000\$. Em carta à amiga portuguesa Maria Valupi em novembro de 1937, Cecília manifesta a razão pela qual concorreu ao prêmio:

---

<sup>93</sup> LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 61.

<sup>94</sup> NEVES, Margarida de Souza. “Paisagens Secretas: memórias da infância”. In: NEVES, Margarida de Souza & LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina V. (org.). *Cecília Meireles: a Poética da Educação*. Op. cit. p. 26.

*“Vou tentar um prêmio de Academia com meus versos. Não pela glória, mas (perdôa-me!) para ver se posso pagar uma das minhas dívidas”*<sup>95</sup>.

Necessidades financeiras à parte, o fato é que o livro *Viagem* fez com que a poetisa entrasse para o hall dos escritores mais importantes do país, inaugurando *“um novo ciclo, maduro e rico”*<sup>96</sup> em sua produção poética. O autor do parecer que concedeu o prêmio da ABL à obra de Cecília Meireles, Cassiano Ricardo<sup>97</sup>, escreveu as seguintes palavras sobre *Viagem* e sua autora, que venceu o concurso com vinte e dois votos favoráveis e apenas dois contra:

*“Cecília Meireles não se limita a ser um poeta, mas um pensador também, não só um poeta, mas um artista compenetrado dos mais sutis valores que soube criar e que nem todos terão a agudeza de espírito e de sensibilidade para compreender. A novidade de forma, do ritmo, de ideia lhe dá o direito de dizer coisas que outros poetas não se lembraram de dizer ainda. Sua poesia tem força expressional. Ela mostra que pode ser moderna guardando o sentido de disciplina e do bom gosto. Cecília Meireles realiza dois passeios, um às fontes puras e tradicionais do sentimento no momento em que todos fazem no intelectualismo, e outro, ao clássico, na desordem do mundo atual. O resultado desses dois passeios é um brinde ao leitor.”*<sup>98</sup>

Assim como o concurso para a Escola Normal de que participou anos antes, a premiação de sua obra pela Academia também causou polêmica e discussões. De acordo com Yolanda Lôbo,

*“O julgamento do concurso expôs o conflito entre criatividade pessoal e tentativa de controle pela Instituição. A comissão julgadora designada pela Academia para analisar as trinta obras inscritas (com a desistência de uma das concorrentes, vinte e nove foram julgadas) era presidida por Cassiano Ricardo, autor do polêmico parecer que foi subscrito pelos demais membros da comissão: o poeta Guilherme de Almeida e o sócio-correspondente João Luso. O autor de ‘Martim Cererê’ propôs que se conferisse ao livro ‘Viagem’, da poetisa Cecília Meireles, o primeiro prêmio e, para torná-lo maior, que além de primeiro fosse o único prêmio.”*

---

<sup>95</sup> VALUPI, Maria. *Antologia Poética*. Portugal: Quase Edições, 2007. P. 140. Apud: SENA, Yara M.. *Uma leitura do relatório do Inquérito “Leituras Infantis” de Cecília Meireles*. Dissertação de Mestrado. Unicamp/Faculdade de Educação, 2010.

<sup>96</sup> LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 62.

<sup>97</sup> Cassiano Ricardo (1895-1974) nasceu em São José dos Campos (SP) e foi possui uma trajetória bastante diversificada, já que atuou como poeta, crítico, ensaísta, historiador, jornalista e advogado. Integrou o movimento modernista paulista, onde também se destacam Menotti del Picchia e Plínio Salgado. Na área da literatura, podemos destacar as obras *Borrões de Verde e Amarelo* (1926), *Martim Cererê* (1928) e *O Brasil no original* (1936). Foi eleito em 1937 para a Academia Brasileira de Letras. No campo político, ressaltamos seu envolvimento no Estado Novo (1937-1945), como diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda de São Paulo, da Rádio Nacional e do jornal *A Manhã*, para o qual convidou Cecília Meireles para integrar o quadro de funcionários permanentes em 1941.

<sup>98</sup> Ricardo, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna*. São Paulo: E.G. Revista dos Tribunais, 1939. p. 31. Apud: LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 63.

*O acadêmico e médico Fernando Magalhães pediu vistas do parecer, por tempo indeterminado, provocando intenso debate através da imprensa, retardando o julgamento. O embate envolveu personagens com as quais Cecília já se defrontara anteriormente, deixando transparecer resquícios de uma questão ideológica que remontava aos momentos da defesa de O espírito victorioso.*<sup>99</sup>

Segundo Cassiano Ricardo, a antipatia de Fernando Magalhães<sup>100</sup> para com Cecília Meireles vinha desde quando

*“(...) o Sr. Fernando Magalhães “cismou” que entendia de questões pedagógicas e foi por ela reduzido à expressão mais simples, em artigo que marcou época. Derrotado por Cecília Meireles, ficou ele à espera da primeira ocasião para vingar-se (como se fosse possível uma vingança de tal ordem) da sua corajosa opositora.”*<sup>101</sup>

Fernando Magalhães não era o único que possuía divergências antigas com a poetisa. Alceu Amoroso Lima, um dos examinadores do concurso catedrático para a Escola Normal que Cecília participou, também votou contra o parecer de Cassiano Ricardo.

Este episódio demonstra como a Academia Brasileira de Letras era um espaço onde questões políticas e divergências ideológicas influenciavam as premiações. Cecília não somente enfrentou hostilidades no momento em que *Viagem* foi escolhido para receber o prêmio Olavo Bilac de poesias, mas também quando foi escolhida por todos os vencedores daquele ano em diversas categorias para ser oradora na cerimônia de premiação. Devido às censuras feitas em seu discurso, principalmente por Oswaldo Orico, a poetisa decidiu não pronunciá-lo. Como Fernando Magalhães e Alceu Amoroso Lima, suas controvérsias também remontam ao concurso para a cátedra de Literatura Vernácula e, claro, aos debates educacionais do final dos anos 1920 e início dos anos 1930. Nas palavras de Yolanda Lôbo:

*“Vestígios da intransigência ocorrida no concurso do Instituto de Educação voltaram a jorrar nesse momento, através de outra personagem: o Sr. Oswaldo Orico, concorrente e derrotado por Cecília, que impôs cortes ao discurso que ela pronunciaria na Academia em nome dos premiados.*

<sup>99</sup> LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 63-64.

<sup>100</sup> Fernando Augusto Ribeiro Magalhães (1878-1944) foi um importante médico obstetra nascido no Rio de Janeiro. Iniciou sua atividade docente na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1900, instituição na qual concluiu seu doutoramento no ano anterior. Além de possuir uma vasta obra médica, foi fundador da Pró-Matre, entidade beneficente mantida e dirigida por Magalhães. Em 1926, sucedeu Domício da Gama na Academia Brasileira de Letras, da qual foi diretor nos anos de 1929, 1931 e 1932. Seu reconhecimento na área médica extrapola as fronteiras nacionais, chegando a receber o título de Doutor Honoris Causa das universidades de Coimbra e de Lisboa.

<sup>101</sup> Ricardo, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna*. São Paulo: E.G. Revista dos Tribunais, 1939. p. 96. Apud: LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 64.

*Previamente informada de tal censura pela Academia quanto aos aspectos de ataque à Pátria, à Família e à pessoa dos acadêmicos, Cecília considerou, ao escrevê-lo, aquelas recomendações. Entretanto, constatando a mutilação feita pelos censores e percebendo como tinham se excedido, decidiu não pronunciá-lo.*<sup>102</sup>

A própria Cecília mencionou suas razões no *Jornal do Commercio* no dia 16 de julho de 1939:

*“Quando, na Academia, me disseram que eu seria a oradora, estranhei muito. E quando me esclareceram que havia censura ‘acadêmica’, perdi a inspiração. Assim mesmo, escrevi o discurso. A primeira censura do professor Austregésilo pedia-me apenas para ponderar as passagens sublinhadas a vermelho. Não entendi bem por quê. Estava disposta a transigir, não obstante – para simplificar. Mas recebi um convite do Dr. Levi Carneiro, para passar pelo seu escritório. Conversamos, analisamos as passagens em questão, mas, com surpresa, vi que ele se interessava por outros cortes. E disse-me que esses cortes eram (não dele...) do Dr. O. O. [Oswaldo Orico].*

*Ora, este cavalheiro não pertencia à comissão de censura. Pareceu-me mais uma irregularidade sobre todas as outras anteriores. Mas o Dr. L. C. me declarou que as subscrevia... Que fazer? E disse-me que as passagens apontadas podiam ser tomadas como ‘alusão’ [...] Lamentei muito que tal pudesse suceder, mas não era culpa minha evidentemente... E cheguei à conclusão seguinte: havia um equívoco em tudo aquilo. A Academia parece que desejava que eu falasse em seu nome... Mas eu pretendia falar em nome dos premiados...*

*Disse isso ao Dr. L. C., mostrando-lhe que as coisas eram um pouco diferentes... E, portanto, não chegamos a nenhum acordo...*

*Depois o professor Austregésilo ainda tentou, gentilmente, conciliar as coisas. Mas era um pouco tarde e eu estava sem paciência...*

*Foi só.*<sup>103</sup>

A literatura não foi a única frente de atuação de Cecília na segunda metade da década de 1930. Depois da experiência da *Página de Educação* no *Diário de Notícias* (1930-1933), ela voltou a atuar na imprensa como colaboradora dos jornais *Correio Paulistano* e *A Manhã*. Também reassumiu suas atividades docentes na Escola Municipal Campos Sales, da rede pública de ensino do Distrito Federal, em 1939<sup>104</sup>.

A década seguinte começou trazendo novos ares. Logo em 1940, Cecília Meireles casou-se com o professor e engenheiro Heitor Vinicius da Silveira Grillo. Além de ter sido o responsável pela racionalização do abastecimento alimentar do

---

<sup>102</sup> LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 64-65.

<sup>103</sup> Cf. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 16 jul. 1939, p. 4. Apud: LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 65.

<sup>104</sup> Em 1949, foi nomeada para a direção da Escola Bahia, da rede pública municipal do Distrito Federal. Permaneceu no cargo até aposentar-se, em 1951.

Distrito Federal, transformou a Escola Nacional de Agronomia<sup>105</sup> num centro de pesquisa em sua gestão como diretor. Cecília compartilhava com o novo companheiro o trabalho em prol da educação, tendo inclusive participado de seu projeto de ampliação e modernização da Escola Nacional de Agronomia. De acordo com Lôbo,

*“Cecília participou desse projeto, com sugestões. Foi sua a ideia de convidar a artista plástica Maria Helena Vieira da Silva, em 1943, para fazer o painel em azulejos, em estilo marajoara, do refeitório dos estudantes. Heitor Grillo não somente acatou essa sugestão como também a de encomendar ao pintor Arpad Szenes, marido de Maria Helena, quatorze telas representativas dos cientistas responsáveis pelo desenvolvimento da Botânica, com a finalidade de decorar a sala de reuniões do Conselho da Escola.”<sup>106</sup>*

No mesmo ano em que contraiu núpcias, viajou para os Estados Unidos para ministrar aulas de Cultura e Literatura brasileira na Universidade do Texas. A partir de então, sucedem-se viagens em intervalos regulares: México, Uruguai, Argentina, Açores, França, Bélgica, Holanda, Índia, Porto Rico e Israel. Em várias ocasiões difunde nossa cultura, através de conferências e publicações locais. *“A educadora itinerante percorreu, nas décadas de 1940 e 1950, a América Latina, Europa e Ásia, principalmente a Índia, onde recebeu da Universidade de Nova Delhi o título de Doutor Honoris Causa”<sup>107</sup>*, que lhe foi entregue pelo próprio presidente do país em 1953.

Em 1941, passou a trabalhar como responsável pela revista *Travel in Brazil*, publicação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) escrita em inglês e voltada para o público internacional. De acordo com Tania Regina de Luca, a revista possuía *“capas coloridas e chamativas, grande quantidade de fotografias de excelente qualidade e um projeto gráfico muito bem cuidado”<sup>108</sup>*. Como colaboradores, podemos citar Mário de Andrade, José Lins do Rego<sup>109</sup>, Tasso da Silveira<sup>110</sup>, Sérgio Buarque de

---

<sup>105</sup> Atual Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

<sup>106</sup> LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 66.

<sup>107</sup> Idem.

<sup>108</sup> LUCA, Tania Regina de. “A produção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em acervos norte-americanos: um estudo de caso”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 31, nº 61, 2011. p. 290.

<sup>109</sup> José Lins do Rego Cavalcanti (1901-1957), escritor nascido na cidade de Pilar, na Paraíba, se destaca no campo literário através de seus romances regionalistas. Descendente de uma família de senhores de engenho, Lins do Rego conhecia bem o cotidiano destas propriedades, já que ele mesmo nasceu no Engenho Corredor. Seus romances *Menino de engenho* (1932), *Bangüê* (1934) e *Usina* (1936) abordam a temática da decadência dos engenhos de açúcar e os problemas sociais das áreas rurais nordestinas. Sua atuação não se limita a produção deste tipo de romance; o escritor paraibano também trabalhou como jornalista, colaborando com jornais como *O Globo* e *Diários Associados*. Foi eleito em 1955 para a Academia Brasileira de Letras, sucedendo Ataúlfo de Paiva.

Holanda<sup>111</sup>, Paulo Rónai<sup>112</sup> e Menotti Del Picchia<sup>113</sup>. Pelo que pôde averiguar em arquivos de universidades norte-americanas, Tania de Luca identificou que a revista circulou de setembro de 1941 até, pelo menos, fevereiro de 1942, sem interrupções<sup>114</sup>. A pesquisadora identifica uma provável interrupção no ano de 1943, e no ano seguinte a revista ressurgiu com o nome *This is Brazil*, da qual se conservou apenas o primeiro número.

Na correspondência trocada entre Cecília e Mário de Andrade, podemos identificar que o foco da revista eram as manifestações folclóricas e a música brasileira<sup>115</sup>. Após ter sido solicitado pela amiga a escrever um artigo para a revista, Mário escreve, em 21 de março de 1941:

*“Me lembro meio sim meio não que você me falara apenas em artigos sobre música e folclore, não era mesmo? Folclore com fotografias e sem o indispensável comparecimento dos nossos irmãos em S. Benedito, é quase impossível e provavelmente a Travel in Brazil obedece a essa lei diplomática que afirma não haver negros no Brasil com z. Si tiver algum tempinho me esclareça sobre os projetos arianizadores do DIP e o limite dos meus assuntos.”*<sup>116</sup>

Quatro dias depois, ela responde:

---

<sup>110</sup> Tasso Azevedo da Silveira (1895-1968) nasceu em Curitiba e era filho do poeta simbolista Silveira Neto. Colaborou com diversas revistas literárias no Rio de Janeiro e em São Paulo, sendo inclusive responsável pela fundação da *Fanal* (1911-1913) juntamente com Oscar Martins Gomes, Lacerda Pinto e José Guahiba. Relacionou-se diretamente com Cecília Meireles através da revista *A Festa*, da qual ele e Andrade Murici eram organizadores. Foi membro da Academia Paranaense de Letras.

<sup>111</sup> Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), jornalista, sociólogo e historiador, nasceu em São Paulo. Participante do movimento modernista, fundou a revista *Estética* junto com Prudente de Moraes Neto, em 1924. Como historiador, destaca-se pela publicação do clássico *Raízes do Brasil* (1936), no qual refletia sobre a cultura e a formação da sociedade brasileira. Foi professor da Universidade do Distrito Federal entre 1936 e 1939.

<sup>112</sup> Paulo Rónai (1907-1992) nasceu em Budapeste, na Hungria, e deixou a Europa rumo ao Rio de Janeiro durante a Segunda Guerra Mundial. Trabalhou como jornalista, tradutor e professor de francês e latim no Colégio Pedro II. Além das traduções, também possui obras próprias, dentre as quais destacam-se *Escola de tradutores* (1952), *Como aprendi o português e outras aventuras* (1956) e *Não perca o seu latim* (1980). Em seu círculo de amizades encontramos personalidades ilustres como Carlos Drummond de Andrade, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Guimarães Rosa e a própria Cecília Meireles.

<sup>113</sup> Paulo Menotti Del Picchia (1892-1988) foi um jornalista, escritor e político paulista, descendente direto de imigrantes italianos. Contribuiu com diversos veículos da imprensa paulista e carioca, como *A Gazeta*, *O Correio Paulistano* e *Diário da Noite*, tendo inclusive fundado o jornal *A Noite*. Participou da Semana de Arte Moderna de 1922 e do movimento Verdumarelo. Foi o primeiro diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado de São Paulo. Seu destaque como poeta lhe conferiu um lugar na Academia Brasileira de Letras em 1943, tendo publicado obras como *Juca Mulato* (1917), *Máscaras* (1919), *A angústia de D. João* (1922), *O amor de Dulcinéia* (1926), *República dos Estados Unidos do Brasil* (1928) e *Chuva de pedra* (1925). Aventurou-se também na escrita de livros infantis, como *No país das formigas* (s/d), *Viagens de Pé-de-Moleque* e *João Peralta* (s/d) e *Novas aventuras de Pé-de-Moleque* e *João Peralta* (s/d).

<sup>114</sup> LUCA, Tania Regina de. Op. cit. p. 290.

<sup>115</sup> MEIRELES, Cecília. *Cecília e Mário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

<sup>116</sup> *Ibidem*. p. 295.

*“Falei-lhe sobre folclore e música – mas V. não tem limites: mande-nos o que entender. Desde que seja sobre o Brasil e seja bonito, está bem. Quanto à turma de S. Benedito, foi um custo, mas consegui metê-la nas ilustrações de uma coisa minha sobre Carnaval p<sup>a</sup> o 2<sup>o</sup> n<sup>o</sup>. O chefe gosta mesmo é das senhoras sedosas que posam no Casino. Em todo caso, creio que admite a turma como ‘folclore’. Ai! ajude-me nesta África!”<sup>117</sup>*

Como podemos observar, havia uma censura por parte do DIP nos temas dos artigos e nas fotografias que seriam vistas pelo público internacional, principalmente no que diz respeito às manifestações culturais negras. Havia também uma negociação da editora Cecília Meireles, que por vezes conseguia fazer com que alguns dos assuntos e imagens “proibidos” ou mal vistos fossem incluídos de alguma forma. Na carta que escreveu a Mário no início de 1942, ela diz: “(...) a revista *Travel in Brazil* tem melhorado muito, e já se pode falar de assuntos de todas as ‘cores’ – preto, branco, marrom, etc.\*”<sup>118</sup>. E acrescenta na margem superior do papel: “\*e pagam 200\$”. Porém, em agosto do mesmo ano, houve um retrocesso nas orientações da revista: “Tenha cuidado com o material humano que apareça em alguma foto: voltamos ao regime exclusivamente ariano”<sup>119</sup>.

Vemos que Cecília Meireles passou, a partir de 1940, a dedicar-se de maneira mais incisiva ao estudo e divulgação do folclore brasileiro, sem perder de vista sua perspectiva de educadora devotada à causa da renovação educacional. A expressão disso se encontra em sua atuação no jornal *A Manhã*, entre 9 de agosto de 1941 e 28 de agosto de 1943, com seus escritos na coluna *Professores e Estudantes*. Nos primeiros meses de atividade, abordou diversos assuntos ligados ao tema da educação, sem o tom político que empregava em suas crônicas da *Página de Educação* (1930-1933). A partir de 31 de janeiro de 1942, inicia a publicação, na mesma coluna, de uma série de estudos do folclore infantil, intitulada *Infância e folclore*.

Mais tarde, em 1946, escreve para o teatro de marionetes a peça folclórica *A Nau Catarineta*<sup>120</sup>. No ano seguinte, vincula-se ao Movimento Folclórico brasileiro (1947-

---

<sup>117</sup> Idem.

<sup>118</sup> Ibidem. p. 296.

<sup>119</sup> Ibidem. p. 300.

<sup>120</sup> “Ainda para o teatro, produziu peças encenadas e publicadas, como: ‘O Menino Atrasado’, auto de Natal musicado por Luís Cosme, ‘O As de Ouro’, ‘Sombras’, ‘O Jardim’ e ‘Oratório de Santa Maria Egípcíaca’”. Além de produzir peças teatrais, Cecília também atuou na tradução de peças estrangeiras: “(...) de Maeterlinck, ‘Peléas et Melisande’, levada à cena no Teatro Municipal do Rio de Janeiro pelo grupo ‘Comediantes’; de Casona, ‘A Dama da Madrugada’, representada no Teatro Universitário do Rio de Janeiro; de J. Anouilh, ‘Antígone’; de Ibsen, ‘Peer Gynt’; de Pushkin, ‘D. Juan’, representada na

1964) a convite de Renato Almeida<sup>121</sup>, inaugurado com a criação da Comissão Nacional do Folclore, tendo inclusive secretariado o I Congresso Nacional do Folclore, no Rio Grande do Sul. A partir de então, tem início uma série de publicações e conferências de Cecília ligadas ao tema do folclore: em 1948, na I Semana Nacional do Folclore, pronunciou a conferência *Educação e Folclore*, em 1952, publica o ensaio *Artes Populares*<sup>122</sup>; em 1955, o ensaio *Panorama Folclórico de Açores, especialmente da Ilha de S. Miguel* sai na *Revista Insulana*; em 1957, pronuncia conferência *O folclore na literatura brasileira*, em Porto Alegre.

Além de estudiosa do folclore, Cecília Meireles era também colecionadora de arte popular. Seu acervo era tão grande e importante que chegou a ser notícia de jornal. O *Diário Carioca* fez, no dia 18 de novembro de 1958, uma reportagem sobre a coleção da poetisa, que afirmou ter a iniciado apenas com bonecas, “*bonequinhas de trapo, bruxas, feitas à mão de todas as partes do mundo*”<sup>123</sup>. Depois, seus amigos passaram a presenteá-la com lembranças diferentes, como objetos de cerâmica, de palha ou de madeira, apitos, lanternas, entre outros itens. Questionada sobre a importância desta atividade, Cecília declarou que essas coleções-museus são aulas vivas de sociologia e psicologia, na medida em que mostram a capacidade criadora e a técnica dos artistas populares.

Os anos 1940 e 1950 também contaram com uma importante atuação de nossa personagem no campo da literatura. Dentre os livros que compõem sua obra poética, podemos destacar: *Vaga Música* (1942), *Mar Absoluto e Outros Poemas* (1945), *Retrato Natural* (1949), *Amor em Leonoreta* (1951) e o *Romanceiro da Inconfidência* (1953). Em 1958, a poetisa seleciona suas obras e publica uma coleção intitulada *Obra Poética*, pela Editora José Aguilar. A coletânea contou com introdução escrita por

---

*Cultura Inglesa do Rio de Janeiro; de Charles Dickens, ‘Um Conto de Natal’; de Bernard Shaw, ‘Santa Joana’*”. LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 69.

<sup>121</sup> Renato Almeida (1895-1981) foi um musicólogo, folclorista e diplomata nascido na cidade de Santo Antônio de Jesus, na Bahia. Ingressou no Ministério das Relações Exteriores na década de 1920, onde chefiou o Serviço de Informações e, posteriormente, o Serviço de Documentação do Itamaraty. Em 1947, trabalhou arduamente na articulação da Comissão Nacional de Folclore, da qual foi Secretário-Geral. Mais tarde, em 1958, foi criada a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e o folclorista baiano assumiu o cargo de Diretor Executivo. Participou da organização de diversos eventos regionais, nacionais e internacionais sobre folclore, tema explorado em sua vasta obra, principalmente no que diz respeito à música popular: *História da Música Brasileira* (1926), *Compêndio de História da Música Brasileira* (1948), *O Folclore na Poesia e na Simbólica do Direito* (1960), *Manual de Coleta Folclórica* (1965) e *Música e Dança Folclórica* (1968). Foi membro-fundador efetivo do Conselho Superior de Música Popular Brasileira do Museu da Imagem e do Som (MIS), a partir de 1966.

<sup>122</sup> MEIRELES, Cecília. “Artes Populares”. In: *As artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Larragoiti, 1952.

<sup>123</sup> “Poetisa Cecília faz coleção de bonecas”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1958.

Darcy Damasceno<sup>124</sup>, epílogo de João Gaspar Simões<sup>125</sup> e, ainda, apreciações críticas de Mário de Andrade, Osmar Pimentel<sup>126</sup>, Cunha Leão<sup>127</sup>, José Paulo Moreira da Fonseca<sup>128</sup>, Menotti Del Picchia, Nuno de Sampaio, Paulo Rónai e Murilo Mendes<sup>129</sup>.

Em 1951, Cecília publicou seu livro mais importante sobre a literatura infantil, com o título *Problemas da Literatura Infantil*. O livro é uma formalização escrita de três conferências proferidas por ela em Belo Horizonte num curso de férias sobre Literatura Infantil promovido pela Secretaria de Educação de Minas Gerais, em janeiro de 1949. Nele ela expõe todas as suas reflexões sobre o campo, discutindo suas características próprias, seus problemas, bem como elegendo os melhores livros destinados ao público infantil. Para crianças, a poetisa escreveu *Giroflê, Giroflá* (1956) e *Ou isto ou aquilo* (1964). Encontramos ainda uma colaboração com a Editora Nacional como tradutora de clássicos da literatura infantil internacional, como os *Contos de Andersen*.

Após seu falecimento, às 15 h do dia 9 de novembro de 1964 no Rio de Janeiro – consequência de uma longa enfermidade que a manteve internada por três meses<sup>130</sup> –, a Academia Brasileira de Letras lhe conferiu o prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra, em 1965. E esta não foi a única homenagem *post-mortem* que esta brilhante intelectual recebeu. Carlos Drummond de Andrade, grande admirador de Cecília

---

<sup>124</sup> Darcy Damasceno (1922-1988) foi poeta, crítico literário e tradutor, tendo trabalhado entre 1951 e 1982 na Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Possui diversos artigos nos quais aborda a produção de importantes poetas brasileiros, dentre os quais se destacam os que destinou ao estudo da obra de Cecília Meireles, por quem nutria profunda admiração.

<sup>125</sup> João Gaspar Simões (1903-1987) nasceu em Portugal e foi escritor, crítico literário, editor, tradutor e um dos fundadores da revista *Presença* (1927), que viria a ter grande influência nos círculos literários de seu país. Foi Presidente da Associação Acadêmica de Coimbra em 1930 e 1931 e, a partir de 1935, bibliotecário da Biblioteca da Imprensa Nacional portuguesa. Em 1945, publicou uma premiada biografia de Eça de Queirós.

<sup>126</sup> Osmar Pimentel foi um destacado crítico literário, membro da Academia Paulista de Letras.

<sup>127</sup> Francisco da Cunha Leão (1907-1974) foi um professor, filósofo, poeta e crítico literário português. Suas obras mais conhecidas são os poemas *Naufrágio de Goa* e *O Anjo e o Homem*. Para mais informações, ver <http://valedosousa.blogs.sapo.pt/202805.html>

<sup>128</sup> José Paulo Moreira da Fonseca (1922-2004) foi um escritor, poeta, pintor e crítico de arte e literatura nascido no Rio de Janeiro. É considerado um dos maiores poetas da geração de 1940, tendo recebido em 1974 o famoso Prêmio Jabuti de poesia da Câmara Brasileira do Livro pela obra *Luz sombra*. Possui outros livros premiados, como *Raízes* (1957), *Três livros* (1958) e *A noite o mar o sol* (1975).

<sup>129</sup> Murilo Monteiro Mendes (1901-1975), poeta surrealista mineiro, iniciou-se na literatura escrevendo nas revistas modernistas *Terra Roxa*, *Outras Terras* e *Antropofagia*. Seu primeiro livro – *Poemas* – foi publicado em 1930, que lhe rendeu o Prêmio Graça Aranha. Este livro, juntamente com *Bumba-meu-poeta* (1930) e *História do Brasil* (1932), marcam a fase modernista do autor. *Poesia em Pânico* (1938), *O Visionário* (1941), *As Metamorfoses* (1944) e *Mundo Enigma* (1945), por sua vez, já demonstram uma mudança de tônica, devido às influências cubistas. Entre 1953 e 1955 cumpriu missão cultural na Europa, onde proferiu diversas conferências e, já em 1957, mudou-se para a Itália e passou a lecionar Literatura Brasileira na Universidade de Roma.

<sup>130</sup> “Faleceu a poetisa Cecília Meireles”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1964.

Meireles e sua obra, publicou a crônica *Imagens para sempre* no jornal *Correio da Manhã* dois dias após sua morte. Vale aqui reproduzi-la, pela beleza de suas palavras.

*“Às 15 horas de segunda feira, nove de novembro de 1964, os poemas de Cecília Meireles alcançaram a perfeição absoluta. Não há mais um toque de sutileza a acrescentar-lhes, nem sequer um acento circunflexo a suprimir-lhes – aquele acento que ela, certa vez, em um poema retirou de outro poema com a leveza de mãos de quem opera uma borboleta. Não virão outros versos fazer-lhes sombra ou solombra. O que foi escrito adquiriu segunda consistência, essa infrangibilidade que marca o definitivo, alheio e superior à pessoa que o elaborou. Vendo-os desligar-se de sua matriz humana, é como se eu os visse pela primeira vez e à luz material, sem o enleio que me despertava um pouco o ser encantado ou encantador, chamado Cecília Meireles. Falo em encantamento no sentido original da palavra, “de que há muitos exemplos nos livros de cavalaria e poetas”. Não me parecia uma criatura inquestionavelmente real; por mais que aferisse os traços positivos de sua presença entre nós, marcada por gesto de cortêsias e sociabilidade, restava-me a impressão de que ela não estava onde nós a víamos, estava sem estar, para criar uma ilusão fascinante, que nos compensasse de saber incapturável a sua natureza. Distância, exílio e viagem transpareciam no sorriso benevolente com que aceitava participar do jogo de boas maneiras da convivência, e era um sorriso de tamanha beleza, iluminado por um verde tão exemplar de olhos e uma voz de tão pura melodia, que mais confirmava, pela eficácia do sortilégio, a irrealidade do indivíduo.*

*Por onde erraria a verdadeira Cecília, que, respondendo à indagação de um curioso, admitiu ser seu principal defeito ‘uma certa ausência do mundo’? Do mundo como teatro em que cada espectador se sente impelido a tomar parte frenética no espetáculo, sim; não, porém, do mundo de essências, em que a vida é mais intensa porque se desenvolve em estado puro, sem atritos, liberta das contradições da existência. Um estado em que a sabedoria e beleza se integram e se dissolvem na perfeição de paz.*

*Para chegar até ele, Cecília caminhou entre formas selecionadas, que ia interpretando mais do que descrevendo; suas anotações de natureza são esboços de quadros metafísicos, com objetos servindo de signos de uma organização espiritual onde se consuma a unidade do ser com o universo. Cristais, pedras rosiclères, flores, insetos, nuvens, peixes, tapeçarias, paisagens, um escultural cavalo morto, “um trevo solitário pesando a prata do orvalho”, todas essas coisas percebidas pelo sentido são carregadas para a região profunda onde se decantam e sublimam. Nesta viagem incessante, para além da Índia, para além do mistério das religiões e dos sonhos, Cecília Meireles consumiu sua vida. Não é de estranhar que a achássemos diferente do retrato comum dos poetas e das mulheres.*

*Revisitando agora a imaculada galeria de seus livros, desde ‘Viagem’ até os livros infantis de ‘Ou Isto ou Aquilo’, passando pelas estações clássicas de ‘Vaga Música’, ‘Mar Absoluto’ e ‘Retrato Natural’, penetrando no túnel lampejante de ‘Solombra’, é que esta poesia sem vocabular e fluidez de atmosfera nos aparece como a razão maior de haver existido um dia Cecília Meireles. A mulher extraordinária foi apenas ocasião, um instrumento, afinadíssimo, a revelar-nos a mais evanescente e precisa das músicas. E esta música hoje não depende de executante. Circula no ar, para sempre.”<sup>131</sup>*

O governador do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda, em 1965, nomeou a nova sala de concertos de Sala Cecília Meireles, nome que perdura até os dias atuais na região da

---

<sup>131</sup> Drummond de Andrade, Carlos. *Imagens para Sempre*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 nov. 1964, p. 4. Apud: LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 72-74.

Lapa. O nome da poetisa também se encontra na Biblioteca do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. As homenagens extrapolam as fronteiras nacionais: “*nos Açores, o nome Cecília Meireles foi dado à escola básica da Freguesia de Fajã de Cima, Conselho de Ponta Delgada, e uma de suas avenidas chama-se Avenida Cecília Meireles*”<sup>132</sup>.

Todo reconhecimento que Cecília recebeu não foi gratuito. Podemos inclusive dizer que talvez ela não tenha recebido o devido reconhecimento em todas as áreas em que atuou, de maneira que sua produção sobre a educação e o folclore ficou por tanto tempo esquecida. Ao longo de sua vida, produziu grandes obras literárias, atuou na defesa e divulgação do folclore brasileiro e militou de maneira incansável pela causa educacional, já que, em suas próprias palavras: “*a educação é a única das coisas deste mundo em que acredito de maneira inabalável*”<sup>133</sup>.

No capítulo que se segue, concentraremos nossa análise no trabalho da Cecília Meireles folclorista e das junções que ela estabeleceu entre os campos da educação e do folclore através de suas crônicas publicadas na imprensa carioca nos jornais *Diário de Notícias* (1930-1933) e *A Manhã* (1941-1943).

---

<sup>132</sup> LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 74.

<sup>133</sup> MEIRELES, Cecília. *Obra em prosa*. vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. (Apresentação e planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho) p. 46.

## ***Capítulo 2 - Educação e folclore nas páginas dos jornais***

No capítulo anterior ficou claro que Cecília Meireles se dedicou a diversas atividades que a tornaram conhecida, já que se destacou em praticamente tudo o que fez: poesia, literatura infantil, estudos sobre o folclore, direção e organização da primeira biblioteca infantil do país, publicação de textos em diversos veículos da imprensa nacional e estrangeira, entre outras tantas atuações aqui já abordadas.

O propósito desta pesquisa é discutir as relações entre o folclore e a educação no pensamento ceciliano e, para tal, optamos por trabalhar, neste capítulo, com sua produção cronística sobre estes temas na imprensa: as crônicas da seção *Commentario da Página de Educação* do jornal carioca *Diário de Notícias* (1930-1933), bem como as que foram publicadas no jornal *A Manhã* entre 9 de agosto de 1941 e 28 de agosto de 1943, mais precisamente numa coluna intitulada *Professores e estudantes*<sup>134</sup>. A intenção é perceber como Cecília Meireles constrói em seu pensamento a união entre o folclore e a educação, discutindo a importância educativa do folclore<sup>135</sup> e o quão importante ele se faz na construção de um sentimento de pertencimento, tanto à nação brasileira quanto à humanidade em geral. Isto posto, passaremos a discussão da relação que a educadora estabeleceu com o regime político, lançando uma contribuição diferente da bibliografia já existente. As relações Cecília Meireles/Estado Novo, principalmente, não foram examinadas de maneira a considerar as ambiguidades próprias desta relação do intelectual com a política, caindo, na maioria das vezes, na ideia do intelectual cooptado.

Cecília atuou como jornalista em dois momentos muito diversos da chamada Era Vargas. Antes de se comprometer com a coluna *Professores e estudantes* em 1941, em pleno Estado Novo, ocupou uma posição de destaque na imprensa e no campo educacional através da *Página de Educação* dirigida por ela entre 1930 e 1933 no jornal *Diário de Notícias*. Este foi um importante veículo de debate e defesa dos ideais da Escola Nova e se apresenta como a mais expressiva atuação de Cecília na imprensa,

---

<sup>134</sup> Vale ressaltar que o foco da pesquisa se encontra nas crônicas publicadas no jornal *A Manhã* (1941-1943), já que este conjunto documental não foi tão abordado pela bibliografia; desta forma, exige um exame mais sistemático e profundo. As crônicas da *Página de Educação* (1930-1933) foram incluídas porque minha intenção é lançar uma abordagem diferente dos estudos já realizados, proporcionado pelo exame de um período mais extenso da trajetória de Cecília Meireles.

<sup>135</sup> Veremos ao longo do texto que Cecília possui uma concepção bastante limitada do termo folclore, na medida em que os elementos que o compõem são selecionados pela folclorista de acordo com seus ideais de educadora.

tanto na opinião dos pesquisadores que vem se dedicando ao estudo do tema, quanto pela própria autora. A educadora declarou em entrevista:

*“A minha atividade na imprensa é muito antiga e em vários setores. Reputo a mais importante que exerci entre os anos 1930 e 34, no ‘Diário de Notícias’ e depois em ‘A Nação’<sup>136</sup>, porque aí tive a ocasião de servir às ideias de melhoramento do homem brasileiro pela compreensão mais séria da educação, atendendo a todos os problemas que o afligem, com as soluções que um plano geral de educação, devidamente orientado, comporta. Naquele tempo, chegou-se a pensar com entusiasmo nessas coisas. Acreditei tanto numa possibilidade generosa e sincera de educar para a vida, para o trabalho, para uma felicidade humana maior que me dediquei completamente a propagar o que pensavam e desejavam (e até certo ponto tentaram fazer) os que, por essa ocasião se ocupava, do assunto. Apesar de muitas desilusões continuo a acreditar nisso.”<sup>137</sup>*

Vemos que a educação era um dos temas de maior preocupação da poetisa carioca e que ela mesmo alude à sua atividade da imprensa a que se dedicou a discutir este tema como a mais importante de sua carreira jornalística. Ainda que não mencione a coluna *Professores e estudantes* – talvez por conta da entrevista ser anterior a 1941, não sabemos – o fato é que este foi outro espaço importante de discussão de um tema que ela e muitos outros intelectuais consideravam tão urgente em nosso país.

Logo após a experiência da *Página de Educação*, Cecília Meireles ficou por um tempo afastada do trabalho jornalístico<sup>138</sup>. Através de sua correspondência com Fernando de Azevedo (1931-1938) conseguimos ter uma ideia do porquê deste distanciamento, que muito tem a ver com o tom político combativo de suas crônicas, suas críticas direcionadas a diversas personalidades – como Francisco Campos, por exemplo –, que a fizeram colecionar uma lista de adversários.

*“Apesar das minhas resoluções de ser árvore e do meu confessado horror pelo jornalismo, veja o que me aconteceu: acabam de convidar-me para fazer semanalmente a 1ª página do suplemento da Nação, que deve aparecer com outro feitio de domingo que vem a oito dias. Ainda não aceitei nem recusei. Mas talvez acabe aceitando, pois trata-se de escrever impressões rápidas sobre os acontecimentos semanais – menos política<sup>139</sup>, disseram-me*

<sup>136</sup> Não foi possível incluir o exame desta documentação neste trabalho de mestrado. Como não encontrei estudos que tratassem da atividade de Cecília Meireles no jornal *A Nação*, acredito que este é um caminho que ainda está por ser explorado na obra da autora.

<sup>137</sup> Trecho de uma entrevista encontrada por Jussara Pimenta num artigo sem referências da Coleção Plínio Doyle do acervo da Casa de Rui Barbosa. PIMENTA, Jussara. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)*. Op. cit. p. 25.

<sup>138</sup> Não foi possível encontrar na documentação os motivos pelos quais Cecília Meireles deixou de dirigir a *Página da Educação* (1930-1933) e de seu afastamento temporário das páginas dos jornais. As explicações que se seguem são inferências que fiz a partir de sua correspondência com Fernando de Azevedo (1931-1938).

<sup>139</sup> O grifo é da própria Cecília Meireles.

– e pode ser uma forma de continuar a brincar com a vida, que é todo o meu programa atual.

O que eu acho difícil é deixar de falar em política, estando reunida a Constituinte, e depois das eleições de Hitler, das angústias da França, da aliança russo-americana, etc.

(...)

Creio que, de um dia para o outro, receberá o anúncio de outra maluquice minha tão grande (ou muito maior) como esta de voltar ao jornalismo.

Mas este jornalismo é tudo que pode haver de mais suave. O único perigo que corro é o de algum protesto de Machado de Assis, contra essas notas semanais, que podem parecer plágio de assunto seu. Há, porém, uma cantiga popular que diz que os ‘mortos não reagem’. Vamos ver.”<sup>140</sup>

Como podemos perceber no trecho citado, Cecília não deveria tocar em temas políticos caso resolvesse voltar às páginas dos jornais. O jornal *A Nação* a convidara para fazer uma espécie de jornalismo “mais suave”, sem o tom militante de suas crônicas diárias no jornal *Diário de Notícias* (1930-1933).

Desde que encerrou suas atividades neste periódico, o tom de Cecília nas cartas destinadas a Fernando de Azevedo sugere certa melancolia, uma tristeza que não deixou de ser percebida pelo amigo. Não temos acesso à carta enviada por Fernando, mas encontramos a resposta de Cecília à preocupação de seu correspondente:

“Sua carta deu-me a impressão que alguns amigos me dão: de crer que eu escondo alguma tristeza, para não sensibilizar o ambiente em que me movo. Para apagar-lhe qualquer dúvida dessas, devo confessar-lhe que não é bem assim. Considerando as coisas segundo a mentalidade normal, eu sou mesmo o tipo da criatura feliz. Deve-se, pois, procurar ver-me sempre de acordo com essa mentalidade. Infelizmente, eu não consigo fazer amizade com gente normal; e, por muito que me esforce, não tenho esperanças de chegar a ser normal nesta encarnação.”<sup>141</sup>

Embora tenha afirmado não estar escondendo nenhuma tristeza, percebemos que o tom acalorado e esperançoso das cartas anteriores a sua despedida da *Página de Educação* (1930-1933) desapareceu nas cartas que se seguiram a este episódio. Os rumos que o movimento educacional tomou e os problemas que parecem ter surgido por causa do conteúdo de suas crônicas fizeram com que Cecília passasse por um período difícil, de certa descrença. Isso se vê no seu afastamento das causas pelas quais há muito pouco tempo havia militado com tanta veemência, como ela mesma afirma, em 10 de outubro de 1933: “Estive conversando muito tempo com o Frota, sobre estas coisas de educação, que sempre me seduzem, embora eu já me considere definitivamente

---

<sup>140</sup> Trecho da carta de 15 de novembro de 1933. Esta carta encontra-se transcrita e publicada em LAMEGO, Valéria. Op. cit. pp. 234-238.

<sup>141</sup> Trecho da carta de 15 de novembro de 1933. Esta carta encontra-se transcrita e publicada em LAMEGO, Valéria. Op. cit. pp. 234-238.

*desligada delas no seu aspecto oficial*<sup>142</sup>. As cartas sugerem que Cecília passou por uma fase de questionamento de suas convicções no que diz respeito à sua crença no movimento em prol da educação. Na mesma carta da citação anterior, Cecília se interroga:

*“É preciso salvar o Brasil, mas sorrindo. (E será mesmo preciso salvá-lo? Ou nós estamos gastando a nossa vida por precipitação, sonhando uma coisa que virá a seu tempo, independente de nosso esforço, como alguém que tentasse fazer o dia à meia-noite, por impaciência, por loucura, por uma paixão irrefreável de mais luz?)”*<sup>143</sup>.

Um mês depois, Cecília afirma: “*Creio, porém, cada vez mais, que um verso de um grande poeta consola mais que toda esta luta educacional que a fraude humana faz cada vez mais imprecisa em seus resultados*”<sup>144</sup>.

Todo este desconforto gerado após afastamento da *Página de Educação* e a exigência de que nossa personagem não tocasse em temas políticos para voltar a atuar na imprensa talvez ajudem a compreender a diferença de abordagem das crônicas que publicou na coluna *Professores e Estudantes* a partir de 1941. O tom político combativo, militante, de denúncia dos problemas educacionais e dos atos arbitrários dos governantes praticamente desapareceu de seus textos. O contexto político também havia mudado bastante, já que em 1937 fora instituída a ditadura do Estado Novo. A própria Cecília Meireles já havia sentido na pele o recrudescimento do regime na ocasião do fechamento da Biblioteca Infantil da qual era diretora, em 1937<sup>145</sup>. A censura não abria espaço para questionamentos e críticas diretas ao governo de Getúlio Vargas; o próprio jornal *A Manhã*, do qual Cecília fazia parte do grupo de funcionários permanentes, havia sido fundado com a função explícita de divulgar os ideais do Estado Novo. Sendo assim, a tônica de suas crônicas difere muito das que publicou anos antes do *Diário de Notícias* carioca no início dos anos 1930.

Após examinar os dois conjuntos documentais – as crônicas da *Página de Educação* (1930-1933) e as crônicas da coluna *Professores e Estudantes* (1941-1943) – pude constatar esta mudança de tônica no que se refere aos temas políticos, fato que já

---

<sup>142</sup> Trecho da carta de 10 de outubro de 1933. Esta carta encontra-se transcrita e publicada em LAMEGO, Valéria. Op. cit. pp. 230-234.

<sup>143</sup> Idem.

<sup>144</sup> Trecho da carta de 15 de novembro de 1933. Esta carta encontra-se transcrita e publicada em LAMEGO, Valéria. Op. cit. pp. 234-238.

<sup>145</sup> A biblioteca foi fechada no dia 19 de outubro de 1937 pelo interventor do Distrito Federal, que alegou que seu acervo possuía livros perniciosos à infância e de conotação comunista. O livro a que se referia era *Tom Sawyer*, de Mark Twain.

havia sido mencionado pela pesquisadora Valéria Lamego<sup>146</sup>. Porém, meu exame das fontes me permitiu constatar outra mudança significativa, particularmente cara a este trabalho: o foco de Cecília Meireles recaiu para a educação da infância através do que ela denomina como folclore.

Para esclarecer o ponto que aqui defendo, é preciso que façamos uma breve incursão no universo da *Página de Educação* que Cecília Meireles dirigiu entre 1930 e 1933. A atividade cronística da educadora no jornal *Diário de Notícias* foi tema e objeto de estudo de uma quantidade expressiva de pesquisadores – sobretudo a partir da década de 1990 –, sendo a face mais conhecida e explorada da trajetória de Cecília Meireles na imprensa e no campo educacional. Dentre estes estudos, podemos destacar os trabalhos de Valéria Lamego (1996); Luciana Vial Corrêa (2001) e Rosângela Ferreira (2007)<sup>147</sup>.

O livro da jornalista Valéria Lamego, publicado em 1996 com o título *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*, é resultado de sua pesquisa de mestrado em Comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, concluído em 1995. A pesquisadora utiliza-se das crônicas publicadas na seção *Commentário* da *Página de Educação* para pensar a atuação política de Cecília Meireles na Revolução de 1930<sup>148</sup>. A intenção de Lamego era mostrar o lado militante um tanto esquecido da tão aclamada poetisa brasileira. Neste resgate, ela centra sua análise nos embates políticos que Cecília travou em sua página diária, principalmente contra o decreto do ensino religioso facultativo nas escolas, instituído em 30 de abril de 1931 pelo Ministro da Educação e Saúde Francisco Campos e pelo Presidente Getúlio Vargas. Utilizando-se das mesmas fontes com uma abordagem distinta, Rosângela Ferreira (2007) prioriza a vertente educadora de Cecília Meireles. Sua pesquisa de mestrado teve como objetivo, então, discutir a infância e o processo de inserção da criança diversa na escola.

O trabalho de Luciana Vial Corrêa (2001) é o que mais se aproxima das intenções desta dissertação. Em sua pesquisa de mestrado, intitulada *Infância, Escola e Literatura infantil em Cecília Meireles*, a autora utiliza as crônicas do *Diário de Notícias* (1930-1933) e o livro *Problemas da Literatura Infantil* (1951) para discutir as

---

<sup>146</sup> Apesar de concordar com esta interpretação de Lamego, não compartilho de suas explicações referentes aos motivos desta mudança no tom político das crônicas de Cecília Meireles sobre educação. Este ponto será melhor esclarecido no tópico final deste capítulo, no qual tratarei das relações entre Cecília e o Estado Novo.

<sup>147</sup> Todos estes trabalhos encontram-se devidamente referenciados no fim da dissertação.

<sup>148</sup> Utilizo aqui o conceito “Revolução de 1930” por ser o conceito utilizado pela pesquisadora e pela própria Cecília Meireles em suas crônicas.

concepções que a educadora tinha acerca da infância e da formação da criança na escola e através de livros de literatura. As questões relacionadas à ligação educação/folclore e do aproveitamento do folclore na literatura, porém, não foram trabalhadas em sua pesquisa, já que Corrêa optou por concentrar sua análise na perspectiva educacional.

Minha proposta aqui não é fazer um estudo denso e meticuloso desta atuação de nossa educadora, já que este não é o foco do trabalho e, como vimos, existem pesquisas que já se dedicaram a este tema e tomaram estas fontes como objeto principal de seus estudos. O que pretendo fazer é abordar os pontos cruciais defendidos por Cecília nestas crônicas, mostrando sua inserção no grupo do Pioneiros da Educação Nova e o destaque que esta atividade jornalística lhe conferiu no campo educacional. Isto feito, poderemos situar melhor as crônicas publicadas já na década de 1940, inserindo-as na trajetória intelectual da autora, para termos condições de observar sua mudança de postura, que muito tem a ver com os rumos que o próprio movimento educacional tomou nos na década de 1930, sobretudo a partir de 1932<sup>149</sup>. O propósito é lançar um novo olhar sobre o relacionamento que Cecília Meireles estabeleceu com o governo de Getúlio Vargas em dois momentos cruciais: no momento posterior ao golpe, quando se instalou o Governo Provisório (1930-1934) e as bases da nova política estavam em intensa negociação, da qual a educadora participava ativamente através de sua *Página de Educação* e de sua inserção no grupo dos Pioneiros da Escola Nova; e durante o Estado Novo (1937-1945), depois de ter passado pelo processo de recrudescimento do regime e de centralização do poder, período em que Cecília esteve afastada dos debates políticos e acabou por integrar, em 1940, o quadro de intelectuais à serviço do governo<sup>150</sup>.

Esta incursão também se faz importante na medida em que foi nos primeiros anos da década de 1930 que Cecília formulou e expôs publicamente suas ideias sobre educação, ainda que sua maneira de atuar neste campo tenha se transformado de maneira expressiva. Sua especialização como educadora e de seu ideário sobre o tema

---

<sup>149</sup> Em dezembro de 1931 aconteceu a IV Conferência Nacional de Educação, que revelou uma clara divisão dentro a Associação Brasileira de Educação: de um lado estavam os educadores afinados com o projeto da Escola Nova e, de outro, os educadores católicos. Clarice Nunes mostra que os educadores que defendiam os princípios postulados pelo Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) ficaram isolados dentro e fora do governo na luta travada contra os católicos – apoiados pelos integralistas – na definição do plano educacional a ser aprovado na Constituinte. A vitória foi dos católicos e os escolanovistas foram cada vez mais afastados da ação política, como foi o caso da demissão de Anísio Teixeira da Direção de Instrução Pública do Distrito Federal em 1935. Sobre isto ver NUNES, Clarice. “O Estado Novo e o debate educacional nos anos trinta”. In: FREITAS, Marcos C. de. (org.). *Memória intelectual da educação brasileira*. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco/EDUSF, 1999.

<sup>150</sup> Refiro-me aqui à sua atuação na revista do Departamento de Imprensa e Propaganda, *Travel in Brazil*, e na coluna *Professores e estudantes* do jornal governista *A Manhã*, entre 1941 e 1943.

se deram durante estes primeiros anos da década de 1930 e, por isso, o entendimento desta fase é de fundamental importância e possibilita um olhar diferenciado de suas atividades a partir dos anos 1940 e de sua trajetória intelectual como um todo.

## 2.1 – A *Página de Educação* do *Diário de Notícias* (1930-1933)

*“Aqueles que se habituaram a falar, de uma coluna de jornal, sobre os assuntos de seu profundo interesse e chegaram a saber que alguém os ouvia, e participava da inquietude do seu pensamento – criaram um mundo especial, de incalculáveis repercussões, cuja sorte condicionaram à sua, pela responsabilidade a que ficam sujeitos os autores de toda criação.”<sup>151</sup>*

A estréia de Cecília Meireles como jornalista se deu num cenário político e social bastante peculiar. Em outubro de 1930 assistimos à eclosão do movimento político liderado por Getúlio Vargas, e o jornal *Diário de Notícias* teve um importante papel nesse contexto. De acordo com Nelson Werneck Sodré, o jornal foi fundado em 12 de junho do ano em questão no Rio de Janeiro pelos jornalistas Orlando Dantas<sup>152</sup>, Nóbrega da Cunha e Alberto Figueiredo Pimentel, fortalecendo o grupo da imprensa favorável à Aliança Liberal<sup>153</sup>. Seu posicionamento fica claro já em suas primeiras publicações, nas quais se coloca como *“porta-voz de um ‘espírito’ revolucionário que visava a transformação da sociedade”<sup>154</sup>*, espírito este de caráter reformador da ordem política vigente, não tendo uma conotação de mudanças sociais profundas.

Em sua declaração de princípios, o periódico sustenta os principais ideais da coligação oposicionista, dentre os quais encontravam-se

*“a representação popular através do voto secreto, a justiça eleitoral, a independência do Judiciário, a reforma administrativa, a reforma do ensino, a liberdade de pensamento e de imprensa, a moralização do Poder Legislativo, a anistia para os revolucionários de 1922, 1924 e 1925-1927, e a adoção de*

---

<sup>151</sup> MEIRELES, Cecília. “Despedida”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1933.

<sup>152</sup> Orlando Ribeiro Dantas (1900-1982) nasceu na cidade de Ceará-Mirim (RN) e, em 1922, transferiu-se para o Rio de Janeiro, passando a exercer o cargo de diretor da *Revista Comercial e Industrial*. Fundou, em Recife, o *Diretório Comercial Brasileiro* e, em São Paulo, juntamente com Francisco de Assis Chateaubriand e Rubens do Amaral, o *Diário de São Paulo* (1928). Em 1930, devido a divergências com um dos sócios, foi para o Rio de Janeiro e fundou o *Diário de Notícias*. Já no Estado Novo (1937-1945), Dantas foi preso por conta da censura imposta à imprensa, já que se recusou a publicar em seu jornal editoriais sobre as realizações do governo.

<sup>153</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 371-2.

<sup>154</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. “Diário de Notícias” (Verbetes). *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

*medidas econômicas protecionistas para produtos de exportação além do café*”<sup>155</sup>.

A Aliança Liberal também preconizava pontos ligados à proteção dos trabalhadores, dentre eles a aplicação da Lei de Férias e a regulamentação do trabalho feminino e infantil.

O *Diário de Notícias* tanto se destacava na defesa da coligação e de suas teses que ficou conhecido como “O jornal da revolução”. No contexto em que eclodem rumores sobre a realização de um movimento nacional – a Revolução de 1930<sup>156</sup> – Orlando Dantas chegou a ser chamado a depor na polícia. Tal fato, porém, não alterou a linha em que o jornal apoiava e este continuou a informar sobre os acontecimentos pré-revolucionários<sup>157</sup>.

Logo após a queda de Washington Luís e posterior posse de Getúlio Vargas como chefe do Governo Provisório, o jornal matutino publicou um programa composto por dezenove pontos, defendendo que este fosse posto em prática pela nova administração federal. Os itens do projeto propunham “*uma reforma administrativa, educacional e jurídica que estabelecesse de fato princípios democráticos e liberais no país*”<sup>158</sup>.

Consoante com esse ideário, O *Diário de Notícias* se propôs, diferentemente de outros jornais circulantes, a publicar diariamente uma página dedicada à educação, tema que neste momento despertava o interesse tanto da classe média em ascensão quanto da classe política, tendo sido um importante ponto no programa da Aliança Liberal<sup>159</sup>. O país vivia um clima de aposta num movimento político que transformasse um Brasil atrasado e ainda dominado pelas velhas oligarquias rurais num Brasil moderno, e a educação se apresentava como um ponto fundamental nesse processo.

Coube à Cecília Meireles a direção da página diária dedicada ao tema da educação, com início em 12 de junho de 1930. Classificando a atuação de Cecília na *Página de Educação* como a mais política de toda sua carreira jornalística, Valéria Lamego afirma que “*embora vital para a página que editava, a educação muitas vezes*

---

<sup>155</sup> ABREU, Alzira Alves de. “A Aliança Liberal” (Verbetes). In: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

<sup>156</sup> Utilizo aqui o termo “Revolução de 1930” por ser a forma como o jornal se referia ao movimento. Cecília Meireles também se referia ao mesmo desta forma em suas crônicas, e, por isso, utilizo esta nomenclatura em alguns momentos.

<sup>157</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. “Diário de Notícias” (Verbetes). Op. cit.

<sup>158</sup> Idem.

<sup>159</sup> LAMEGO, Valéria. Op. cit. p. 28.

*funcionou como uma estratégia para levar a poetisa à crítica social e política*”<sup>160</sup>. Podemos dizer que, muito mais que um pretexto, a educação era – e sempre será – um campo de discussão política por excelência, constantemente permeado por disputas. A maneira que Cecília encontrara para se inserir neste campo de disputas foi atuar no espaço jornalístico defendendo e difundindo o ideário da Escola Nova.

Suas críticas contundentes direcionadas aos mais variados temas – e pessoas – e reivindicações expostas em suas crônicas, publicadas na seção *Commentario*, propunham uma nova política educacional que conferisse uma nova finalidade pedagógica e social à escola, transformando este espaço num lugar dinâmico, criativo e capaz de atuar no meio social no qual se insere, produzindo mudanças<sup>161</sup>. Esse processo de transformação, segundo ela, iniciou-se com a Reforma do Ensino do Distrito Federal liderada por Fernando de Azevedo, na qual Cecília depositava publicamente suas esperanças e, ao mesmo tempo, se fazia participante ativa do movimento renovador.

Além das crônicas diárias assinadas pela própria Cecília Meireles – que vinham em posição de destaque ao lado esquerdo da folha –, a *Página* contava com

*“notas editoriais, reportagens ilustradas, propagandas, resenhas bibliográficas, notícias do movimento educacional do país e do estrangeiro e, diariamente, ‘um ou mais artigos de colaboração elaborados por especialistas de reconhecido valor, entre os quais figuravam notabilidades europeias e americanas’”*<sup>162</sup>.

Dentre tais especialistas que cooperavam esporadicamente com a página, encontramos Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Frota Pessoa<sup>163</sup>, o chileno Gerardo Seguel<sup>164</sup>, entre outros intelectuais de renome no campo educacional. Além disso, Cecília possuía uma coluna dedicada a apresentar educadores, romancistas, filósofos, a qual intitulava “Uma página da educação de ...”, sempre acompanhada do nome do pensador a quem a

---

<sup>160</sup> Idem. p. 18.

<sup>161</sup> LÔBO, Yolanda L. “O Ofício de Ensinar”. In: NEVES, Margarida de Souza & LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina V. (org.). *Cecília Meireles: a Poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2001. p. 69.

<sup>162</sup> LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 22.

<sup>163</sup> José Getúlio da Frota Pessoa (1875-1951), jornalista, educador e poeta cearense, participou ativamente do movimento de renovação educacional dos anos 1920-1930, sendo um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Destacou-se na imprensa com sua coluna “Educação e Ensino” (1933-1948) no *Jornal do Brasil*, em atividade por um longo período. Para maiores informações, ver VIEIRA, Sofia Lerche. *Frota Pessoa*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

<sup>164</sup> Gerardo Seguel (1902-1950) era um poeta e educador chileno, professor de desenho na Escola Normal José Abelardo Nuñez no Chile. Era amigo de Pablo Neruda e de Cecília Meireles, e viveu por um tempo no Brasil durante a década de 1930, época em que colaborou com a página diária da amiga na imprensa carioca. Publicou um estudo sobre desenho infantil, intitulado *Fisonomia Del Mundo Infantil* (s/d).

seção era dedicada<sup>165</sup>. São inúmeros os personagens que aparecem na *Página*, todos eles apresentados como grandes inspiradores: Maria Montessori<sup>166</sup>, Angelo Patri<sup>167</sup>, Fernanda de Castro, Édouard Claparède<sup>168</sup>, Anatole France<sup>169</sup>, John Dewey<sup>170</sup>, Gabriela Mistral<sup>171</sup>, entre tantos outros.

A *Página de Educação* apresenta-se como um importante espaço de sociabilidade para com outros intelectuais brasileiros e estrangeiros, já que Cecília não

---

<sup>165</sup> De acordo com Yolanda Lôbo, Cecília utilizou-se deste recurso nos primeiros seis meses de atividade da página. LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 27.

<sup>166</sup> Maria Montessori (1870-1952), um dos grandes ícones da Escola Nova, foi a primeira mulher italiana a concluir medicina, com um estudo sobre neuropatologia, em 1896. Trabalhou durante dois anos como assistente na clínica psiquiátrica da Universidade de Roma, onde era encarregada de estudar o comportamento de um grupo de jovens com retardos mentais. Esta experiência lhe permitiu constatar que suas necessidades e seu desejo de brincar permaneciam intactos, o que a leva a buscar meios para educá-los. O conceito fundamental que sustenta a obra pedagógica de Montessori é que as crianças necessitam de um ambiente apropriado onde possam viver e aprender. Sendo assim, depois de estudar pedagogia, ela fundou a Casa dei Bambini, onde as crianças podiam aprender a conhecer o mundo, e a desenvolver sua aptidão para organizar a própria existência. Para mais informações, ver RÖHRS, Hermann. *Maria Montessori*. (Organização e tradução: Danilo Di Manno de Almeida e Maria Leila Alves). Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

<sup>167</sup> O educador Angelo Patri (1876-1965) nasceu na Itália, mas mudou-se para os Estados Unidos aos cinco anos de idade. Em sua formação na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, foi bastante influenciado pelos escritos de John Dewey. Foi professor da rede pública no Bronx (NY), o que lhe concedeu experiência para escrever livros como *The School That Everybody Wants* (1922) e *The Questioning Child* (1928).

<sup>168</sup> Édouard Claparède (1873-1940), psicólogo e pedagogo nascido em Genebra, iniciou sua militância no movimento escolanovista em 1905 com a publicação de seu primeiro livro, intitulado *Psychologie de l'enfant et pédagogie expérimentale*. Além do combate aos princípios da escola tradicional, Claparède destaca-se pela elaboração do conceito de “criança ativa”, lançado em 1923 e retomado em 1931 na obra *L'Éducation fonctionnelle*. Para mais informações, ver HAMELINE, Daniel. *Édouard Claparède*. (Organização e tradução: Elaine Terezinha Dal Mas Dias e Izabel Petraglia). Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

<sup>169</sup> Jacques Anatole François Thibault (1844-1924), mais conhecido como Anatole France, foi um escritor francês vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, em 1921, pelo conjunto de sua obra. Seu primeiro livro premiado foi *O Crime de Silvestre Bonnard*, e depois se seguiram outras obras importantes, como *Thais*, *O Lírio Vermelho*, *O poço de Santa Clara* e *A rebelião dos anjos*.

<sup>170</sup> John Dewey (1859-1952) foi o filósofo norte-americano mais importante da primeira metade do século XX. Ao longo de sua carreira, Dewey desenvolveu uma filosofia que advogava a unidade entre teoria e prática, unidade de que dava exemplo em sua própria ação como intelectual e militante político. O pensamento dele baseava-se na convicção moral de que “democracia é liberdade” –, ao que dedicou toda sua vida, elaborando uma argumentação filosófica para fundamentar esta convicção e militando para levá-la à prática. O compromisso de Dewey com a democracia e com a integração entre teoria e prática foi, sobretudo, evidente em sua carreira de reformador da educação. Para maiores informações, ver TEIXEIRA, Anísio & WESTBROOK, Robert B. *John Dewey*. (Organização e tradução: José Eustáquio Romão e Verone Lane Rodrigues). Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

<sup>171</sup> Lucila María Del Perpetuo Socorro y el Godoy Alcayaga (1889-1957) foi uma poetisa, educadora e diplomata chilena, conhecida pelo pseudônimo Gabriela Mistral. Trabalhou por quase duas décadas no sistema de ensino público chileno e participou das reformas educacionais e campanhas para a fundação de bibliotecas populares no México nos anos 1920. Nos anos 1930, iniciou a carreira diplomática e, como cônsul do Chile, viajou por diversos países da Europa, pelos Estados Unidos e, mais tarde, para o Brasil. Compartilhava com a amiga Cecília Meireles a paixão pela infância e a preocupação com a literatura destinada a este público. O folclore, para ela, deveria ocupar lugar de destaque na literatura infantil, na medida em que esta é um alimento intelectual, estético e espiritual. Como veremos, Meireles possui visão semelhante, de forma que manteve um contato estreito com a educadora chilena.

fazia parte de nenhuma associação, nem mesmo da Associação Brasileira de Educação (ABE). Na tentativa de manter colaboradores com afinidade de pensamento e trocar experiências com outros estados ou países, ela abria espaço para a colaboração de diversos intelectuais com a *Página*. A educadora manteve um diálogo importante com outros pensadores atuantes na área educacional, dentre os quais podemos destacar Fernando de Azevedo, Gabriela Mistral e Gerardo Seguel.

Tanto Cecília como os outros intelectuais atuantes no movimento educacional tinham consciência do importante papel que a imprensa ocupava na sociedade moderna. Como mostram Marlos Rocha e Rosângela Ferreira,

*“Nóbrega da Cunha foi responsável pela inserção de Cecília Meireles em o Diário de Notícias. Nóbrega tinha um alinhamento ideológico antigo com o grupo, que seria conhecido no futuro como os Pioneiros da Educação Nova. Esse grupo considerava altamente estratégico que se abrissem quantas trincheiras – como disse Fernando de Azevedo – fossem possíveis para se debater as reformas propostas e pleiteadas por eles. Tal caminho poderia levar o discurso educacional a atingir o governo, seus próprios pares e, ainda, um número significativo de pessoas. A estratégia poderia se consubstanciar através da atuação de intelectuais em espaços jornalísticos de grande visibilidade.”<sup>172</sup>*

Dessa maneira, podemos dizer que Cecília ocupava uma posição de destaque no cenário político a partir de sua atuação frente à *Página*, com o objetivo não só de informar, mas de formar opiniões favoráveis à causa educacional tal qual concebiam os escolanovistas. Embora almejasse atingir ao público em geral, Cecília preocupava-se principalmente em fornecer

*“(...) ao magistério todas as informações e conhecimentos que representem a visão atual da vida, favorecendo, assim, o movimento educacional que se vem operando no Brasil, para honra nossa, que nos coloca entre os povos mais esclarecidos do mundo: os que compreenderam que todas as garantias de liberdade e desenvolvimento de uma Pátria repousam, principalmente, na educação dos elementos que a constituem.”<sup>173</sup>*

Em sua opinião, os homens modernos se encontravam inseridos num contexto em que o jornal se destaca mais e ganha maior projeção que os livros. Sendo assim, a responsabilidade educativa da imprensa também foi assunto de suas crônicas.

*“Na vida moderna, o jornal tende, cada vez mais, a ser, para o povo, a forma mais rápida e imediata de cultura e, como tal, a determinar-lhe uma orientação e*

---

<sup>172</sup> ROCHA, Marlos Bessa M. & FERREIRA, Rosângela Veiga Júlio. Op. cit. p. 94.

<sup>173</sup> Idem. p. 95.

*modelar-lhe um caráter. (...) O jornal substituiu a biblioteca. Até na escola se verifica a vantagem de fazer a criança ler o que de mais interessante vai acontecendo pela terra, dia a dia, pondo-a desde logo em comunicação com os fatos vivos, em vez de lhe transmitir a ciência dos livros muitas vezes já em atraso.*<sup>174</sup>

Ela discorda da maneira como os jornais trazem as notícias, do sensacionalismo que fazem em torno de crimes, escândalos, vícios, calamidades privadas ou públicas; principalmente porque não são só os adultos que lêem o jornal. Muitas vezes as crianças, por saberem ler melhor que outras pessoas da família, o lêem em voz alta. Através de suas crônicas, Cecília cobrava da imprensa um posicionamento de responsabilidade na defesa dos interesses coletivos, que estivesse sempre vigilante em publicar o que estivesse de fato importância para a formação do povo a que serve, já que possui um dever de “*humanidade e educação*”<sup>175</sup>. Por isso, é categórica ao afirmar:

*“No dia em que a imprensa chamar a si, com sinceridade verdadeira, uma parte da função educativa que lhe compete, o Brasil começará a realizar com facilidade a formação que até agora lhe vem sendo tão custosa pelas múltiplas desorientações que reinam em quase todos os órgãos de sua atividade.”*<sup>176</sup>

Ciente de sua função na formação dos homens, a *Página de Educação* circulou por quase três anos diariamente – com exceção das segundas-feiras –, até o dia 12 de janeiro de 1933, sem interrupções<sup>177</sup>. Durante este tempo, Cecília Meireles acumulou uma produção vasta e diversificada. Só na seção *Commentario*, publicou um total de 827 crônicas que tratavam dos mais variados temas<sup>178</sup>, ainda que todos fossem entrada para um tema maior e mais abrangente: a renovação educacional da qual necessitava o país.

O diagnóstico que via a educação como o maior e mais urgente problema da nação brasileira não era uma novidade deste momento. Diversos intelectuais já haviam

---

<sup>174</sup> MEIRELES, Cecília. “A responsabilidade da imprensa”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1930.

<sup>175</sup> MEIRELES, Cecília. “Jornalismo e educação”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1930.

<sup>176</sup> MEIRELES, Cecília. “A função educativa da imprensa”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 de março de 1932.

<sup>177</sup> Marlos Rocha e Rosângela Ferreira apontam para uma ausência de suas crônicas da coluna *Commentario* apenas em maio de 1932. Ainda assim, a *Página* circulou normalmente. ROCHA, Marlos Bessa M. & FERREIRA, Rosângela Veiga Júlio. Op. cit. p. 95.

<sup>178</sup> Cecília escreveu, dentre outros assuntos, sobre política; educação; escola e cotidiano escolar; infância; formação docente; literatura infantil e folclore; civismo na formação das crianças, dos adolescentes e dos adultos; intercâmbio escolar e fraternidade universal; guerras e pacifismo; ensino religioso; sobre a própria atividade e responsabilidade da imprensa.

apontado para isto desde a época em que se instaurou a República no Brasil. O novo regime político trouxe consigo preocupações diretamente relacionadas à construção de uma nova nação. Como transformar os indivíduos em verdadeiros cidadãos? Como transformar ex-escravos em mão-de-obra efetivamente livre e retirar a mácula do trabalho manual resultante de um longo período de regime escravista? Como qualificar a mão-de-obra, tanto para o trabalho industrial e urbano como para o trabalho rural? Como construir, face a um imenso território com comunicação precária, um sentimento de identificação nacional? Estes e outros questionamentos trazem à tona a educação e a saúde como investimentos decisivos para que o Brasil conseguisse sair do estágio “atrasado” em que se encontrava e pudesse seguir em direção ao progresso semelhante às nações que lhe serviam de inspiração.

O Estado foi cada vez mais chamado a se responsabilizar por esta evolução social que dependia da educação. Podemos perceber isso através da atuação de Cecília Meireles frente à *Página de Educação*, onde chamava a atenção das pessoas de responsabilidade social - maneira como ela se referia às autoridades governamentais – para os problemas educacionais do país. A intervenção estatal é vista como crucial na reforma educacional, como fica explícito na passagem a seguir:

*“Nós, brasileiros, nos prezamos de uma formação espiritual. (...) Mas há, principalmente agora, um movimento intenso de educação. Há um governo que se interessa por isso.”*<sup>179</sup>

O trecho citado foi retirado de uma crônica publicada em junho de 1930, ou seja, num momento anterior ao movimento político de outubro que levou Getúlio Vargas ao poder. Nos meses anteriores a este acontecimento, percebi que o principal tema abordado por Cecília Meireles foi a reforma educacional empreendida pelo educador Fernando de Azevedo no Distrito Federal em 1928, no exercício de seu mandato como Diretor-Geral de Instrução Pública. A educadora jornalista estava certa em afirmar que havia, naquele momento, uma mobilização importante em prol da educação, não só no Distrito Federal, mas por todo o país. A década de 1920 é marcada por uma série de reformas educacionais que foram, aos poucos, conferindo uma nova orientação às políticas direcionadas à educação<sup>180</sup>. Dentre elas, podemos destacar as reformas

---

<sup>179</sup> MEIRELES, Cecília. “Coisas que se devem combater”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 de junho de 1930.

<sup>180</sup> Sobre isto ver BOMENY, Helena. “Reformas Educacionais na Primeira República” (Verbetes). In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Primeira República*. (No Prelo)

empreendidas por Anísio Teixeira na Bahia, em 1925, e Francisco Campos<sup>181</sup> em Minas Gerais, em 1927; e a própria reforma do Distrito Federal em 1928.

A renovação do ensino liderada por Fernando de Azevedo representa, para o pesquisador Marlos Bessa<sup>182</sup>, o início do movimento renovador que culminaria em 1932 na publicação do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. A Associação Brasileira de Educação (ABE) foi um local importante para a socialização dos intelectuais que integraram o grupo dos renovadores, bem como um espaço de discussões e elaboração de propostas. Embora nunca tenha feito parte da ABE, Cecília Meireles esteve profundamente ligada ao movimento educacional escolanovista, dedicando um período de sua vida a atuar na imprensa em defesa desses ideais, além de ter sido signatária do próprio Manifesto dos Pioneiros. Além disso, mantinha relações estreitas com outros intelectuais que militavam pela mesma causa, como Anísio Teixeira, Nóbrega da Cunha e, principalmente, Fernando de Azevedo, com o qual encontramos uma série de correspondência<sup>183</sup>. Podemos, portanto, afirmar que ela fazia parte desse grupo de renovadores, com a importante função de divulgar os princípios da Escola Nova através de sua *Página de Educação*.

Após constatarmos a enorme variedade de temas abordados nas crônicas, percebemos que ela possuía uma concepção ampla do termo educação, que vai muito além da escola e das relações entre alunos e professores. Como a própria Cecília afirma,

*“A Nova Educação tem, principalmente, essa vantagem: de não se dirigir apenas à escola, à criança e ao professor. Ela atua sobre a família, a sociedade, o povo, a administração. Ela está onde está a vida humana, defendendo-a, justamente, dos agravos que sobre ela deixam cair os homens que se converteram em fantoches, movidos por interesses inferiores,*

---

<sup>181</sup> Francisco Luís da Silva Campos (1891-1968), advogado, jurista, professor e político, nasceu na cidade de Dolores do Indaia (MG). Iniciou sua carreira política em 1919, ao eleger-se deputado estadual em Minas Gerais pelo Partido Republicano Mineiro (PRM). A partir de 1921, cumpriu dois mandatos na Câmara Federal. Em 1926, assumiu a Secretaria de Interior de seu estado natal e, em sua gestão, levou a cabo a mais importante reforma educacional de Minas Gerais, que priorizou a formação e qualificação dos professores e a reestruturação do Curso Normal. Participou, em 1930, do movimento político que pôs fim à Primeira República e, no governo de Getúlio Vargas, foi nomeado Ministro da Educação e Saúde. No período em que esteve à frente do recém-criado ministério (1930-1932), recebeu duras críticas de Cecília Meireles e de boa parte dos intelectuais vinculados ao movimento da Escola Nova. Para maiores informações, ver [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/biografias/francisco\\_campos](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/biografias/francisco_campos)

<sup>182</sup> ROCHA, Marlos Bessa M. “Os pioneiros da educação e a nova matriz de modernidade”. In: \_\_\_\_\_. *Matrizes da modernidade republicana. Cultura política e pensamento educacional no Brasil*. Brasília: Editora Plano; Campinas: Autores Associados, 2004.

<sup>183</sup> Me refiro aqui às 20 cartas de Cecília Meireles encontradas no arquivo de Fernando de Azevedo, depositado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo.

*esquecidos das altas qualidades e dos nobres desígnios que definem a humanidade, na sua expressão total.*”<sup>184</sup>

Justamente por este compromisso que a Escola Nova assume com a vida, a educadora permanece atenta aos mais diversos assuntos e registra suas impressões e críticas em sua página diária na imprensa. Nos primeiros meses de atividade – mais precisamente de junho a dezembro de 1930 – Cecília Meireles se utilizou da *Página de Educação* para divulgar o ideário da nova educação, na tentativa de atrair cada vez mais opiniões favoráveis às novas atividades educacionais que o grupo dos pioneiros almejava implantar. Yolanda Lôbo observou que a página trazia dois blocos complementares: a coluna *Commentario*, na qual “traduzia, por meio de uma linguagem coloquial, clara, despresumida (...), conceitos fundamentais de teorias de educação”<sup>185</sup>; e uma coluna central intitulada “Uma página de...”, na qual “apresentava personagens que materializavam esses conceitos na obra de educação no Brasil e no mundo”<sup>186</sup>. Podemos dizer que dirigir uma página diária sobre o tema foi a maneira que ela encontrou de contribuir com a Reforma do Ensino de Fernando de Azevedo através de seus escritos, informando os leitores e captando adeptos.

Educar, de acordo com a Nova Educação, não significa aprender somente os conteúdos programáticos das disciplinas escolares. A escola nova propõe uma educação para a vida, em toda a sua amplitude. Cecília lamentava que o povo e as próprias pessoas de responsabilidade social não entendiam plenamente o sentido da palavra educar e, conseqüentemente, as funções da escola. A escola é vista como o local onde se aprende a ler, escrever e contar, nada mais. Sua perplexidade fica expressa quando lemos uma passagem da própria autora:

*“Esse conceito errôneo vulgarizou-se entre as pessoas do povo e, lamentavelmente, também, entre as pessoas de responsabilidade social que consideram a função da escola nesses limites, e que a massa do povo deve contentar-se com essas três importantíssimas coisas. ‘O principal da educação é alfabetizar’.*

*Mas o professor de verdade ficará pensando: é preciso educar, para o povo saber o que quer. Para saber querer. Para saber pensar. Não segundo este ou aquele modelo, conduzido por esta ou aquela corrente, mas como as suas experiências lhe sugerirem ser melhor e mais digno, avaliando-o não pela sua*

---

<sup>184</sup> MEIRELES, Cecília. “A responsabilidade da imprensa”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1930.

<sup>185</sup> LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Op. cit. p. 32.

<sup>186</sup> Idem.

*medida pessoal, mas por medidas humanas, gerais, universais. Para ser livre. E, então, o poder ser.*<sup>187</sup>

Para ela e para todos os intelectuais comprometidos com os ideais escolanovistas, a educação desempenhava um papel indispensável na construção da pátria e na formação dos futuros cidadãos. Não basta saber e repetir todos os dias que a escola é responsável por formá-los, “*Faz-se mister senti-lo profundamente, e, integrando esse sentir na própria personalidade, agir todos os dias no sentido de dar uma realidade positiva a essas convicções subjetivas*”<sup>188</sup>.

A infância possuía lugar de destaque em suas discussões. Uma de suas principais preocupações estava na forma que o adulto – tanto na educação familiar quanto na escola – deveria lidar com a criança a partir de uma compreensão diferenciada da infância e da pedagogia. Sua fala é embasada na filosofia e na psicologia, o que conferia legitimidade científica às suas afirmações. Na perspectiva que defende, a criança deve ser ouvida, suas opiniões devem ser valorizadas, o que fica explícito em diversas de suas crônicas, conforme exemplifico a seguir:

*“(...) só há uma criatura que saiba distinguir os bons dos maus, os que educam, realmente, dos que não educam: essa criatura é a criança.”*<sup>189</sup>

*“(...) é necessário possuir-se uma enorme força de desprendimento para se conseguir calar a inquietação dos próprios interesses a fim de atender aos da criança, diversos, opostos, inconciliáveis com aqueles.”*<sup>190</sup>

O tema da paz, do desarmamento e da não-violência permeou grande parte das crônicas publicadas pela educadora em sua página diária no jornal *Diário de Notícias*. Após ter vivido o clima de um mundo dividido na Primeira Grande Guerra, quando era ainda uma jovem estudante da Escola Normal, ela se preocupava com os rumos que a história ia tomando, temendo que este assombroso episódio de uma guerra mundial viesse a se repetir. Ela acreditava que a educação poderia desenvolver na criança um sentimento de fraternidade capaz de, aos poucos, promover a convivência pacífica entre os diferentes povos. Mas para que isso acontecesse, era preciso que os educadores estivessem comprometidos com este ideal.

---

<sup>187</sup> Fragmento de crônica da seção *Commentario*, de 10/07/1930. Apud: LÔBO, Yolanda. “O Ofício de Ensinar”. Op. Cit. p. 73.

<sup>188</sup> MEIRELES, Cecília. “Educação nacional”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1930.

<sup>189</sup> MEIRELES, Cecília. “Ser professor”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1930.

<sup>190</sup> MEIRELES, Cecília. “Sacrifícios do educador”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1930.

Através das crônicas dedicadas à discussão destes temas, Cecília Meireles revela seu lado universalista, acreditando e defendendo em sua *Página de Educação* a formação humanística voltada para a fraternidade universal. A escola teria, ao mesmo tempo, papel crucial na formação da pátria e na promoção do entendimento e identificação dos homens de todas as nacionalidades. Defendia, em suas próprias palavras, uma

*“Educação nacional, não no sentido restrito, de formar pátrias que se oponham em conflitos de concorrências, mas na grande acepção de promover núcleos humanos de formação integral que, perfeitamente equilibrados nas condições ambientes, e em harmonia comum, estejam permitindo a realização do seu próprio destino, sem contrariedades e sem violências.”*<sup>191</sup>

Sendo assim, ela alerta seus leitores de que o maior compromisso dos educadores é com a paz, com *“essa aspiração grandiosa de chegar a ser um entendimento geral da humanidade.”*<sup>192</sup>.

Sendo assim, a formação do professor também foi um dos temas abordados em suas primeiras crônicas. Para que o ideal de uma nova escola se concretizasse, era necessário que se formasse um novo tipo de educador adequado às exigências da sociedade moderna. *“Trata-se de um novo tipo de professor para uma nova escola”*<sup>193</sup>, e ele é, para Cecília, a figura de que a concretização da escola moderna mais depende. Muito mais do que apenas ensinar, o professor tem de ser um exemplo moral para seus alunos:

*“A primeira coisa que empolga o aluno, quando posto em contato com o professor, é o prestígio moral que deste irradia. Esse prestígio determina imediata e definitivamente a sua autoridade, isto é, a sua possibilidade de conduzir com doçura e entusiasmo as vidas que lhe são entregues.*

*(...)*

*Professor que não aparece diante de seus alunos com uma auréola de pureza e respeito permanentemente luminosa não deve ter a esperança de influir beneficentemente no seu destino.”*<sup>194</sup>

---

<sup>191</sup> MEIRELES, Cecília. “Educação nacional”. Op.cit.

<sup>192</sup> MEIRELES, Cecília. “Os educadores e a paz”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1932.

<sup>193</sup> LÔBO, Yolanda. “O Ofício de Ensinar”. Op. cit. p. 72.

<sup>194</sup> MEIRELES, Cecília. “Formação do professor”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1930.

O comportamento exemplar dos educadores é essencial, aos olhos de Cecília, para que a formação do aluno se dê em toda a sua amplitude – formação cultural, formação técnica e, acima de tudo, formação de personalidade, constituição do caráter.

Ela chama atenção para o descaso das autoridades educacionais para com a formação dos educadores, pois a Escola Normal continuava a orientá-los com princípios não condizentes com a reforma empreendida no Distrito Federal por Fernando de Azevedo, principalmente por não haver na instituição mestres afinados com os preceitos da nova educação. Como vimos, no concurso que nossa educadora realizou para professora catedrática da instituição, foi preterida pela banca. Na crônica em que comentou o tema, ela alertou para o fato de a banca ser composta majoritariamente por pessoas de fora da Escola Normal. Já na crônica “O professor moderno e a educação”, publicada em 26 de junho de 1930, a educadora afirma que a Escola Normal não está “*preparando seus alunos para o futuro que vai ser o seu presente*”<sup>195</sup>. Isso quer dizer que as normalistas chegam a sua formatura sem estar a par da situação pedagógica, “*sem a visão do problema que as espera, sem compreensão, nem intuição, nem paixão pela psicologia infantil, para a qual, no entanto, terão constantemente de apelar*”<sup>196</sup>.

Para ela, foi através da reforma Fernando de Azevedo que foi introduzida no Distrito Federal uma nova política educacional que tinha como referência os princípios escolanovistas, os quais prevêm que a escola assuma uma nova finalidade pedagógica e social, “*imprimindo-lhe uma atuação dinâmica, criativa, na medida em que contribuiria para mudanças no meio social de que fazia parte*”<sup>197</sup>. Esta concepção da escola se deve à forma como Fernando de Azevedo concebia a relação entre a educação e a transformação social. Para ele, a renovação educacional traria influências modificadoras na própria sociedade, e a escola seria uma das instituições responsáveis por atuar beneficentemente no meio no qual se insere<sup>198</sup>.

Para que esta importante instituição conseguisse de fato operar mudanças significativas na sociedade, era preciso democratizar o acesso à educação. Esta era, talvez, a principal defesa dos educadores partidários do ideário escolanovista, principalmente de Anísio Teixeira. Por isso a ampliação da rede de escolas foi uma das ações da reforma implantada por Azevedo no Distrito Federal, já que, de acordo com ele

---

<sup>195</sup> MEIRELES, Cecília. “O professor moderno e a educação”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1930.

<sup>196</sup> Idem.

<sup>197</sup> LÔBO, Yolanda. “O Ofício de Ensinar”. Op. cit. p. 69.

<sup>198</sup> PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*. Op. cit. p. 20.

*“(...) qualquer projeto de reconstrução nacional necessita de uma força de trabalho suficiente, técnicos e universidades onde se desenvolvam, no campo das diversas ciências, pesquisas teóricas e práticas. Está-se, no Brasil, quase na estaca zero. Educação elitista, percentual imenso de analfabetos. É preciso, antes de mais nada, que se estabeleça ‘o novo sistema de fins sobreposto ao sistema de meios’, apropriado aos novos fins necessários para realizá-los.”<sup>199</sup>*

A partir das crônicas, identifico que a continuidade da reforma Fernando de Azevedo é um dos principais pontos de conflito entre Cecília Meireles e o Governo Provisório de Getúlio Vargas, sendo o maior deles o decreto do ensino religioso. Este ponto foi também explicitado por Valéria Lamego em sua pesquisa, já que esta punha em debate as relações estabelecidas entre a educadora e a denominada Revolução de 1930. Para a pesquisadora, Cecília Meireles até chegou a acreditar que a Revolução pudesse trazer para o país as transformações que ela e tantos outros cidadãos aspiravam, mas *“nunca se mostrou confiante no espírito coletivo dos revolucionários”<sup>200</sup>*. Além disso, Lamego defende que a educadora, em seus escritos, se coloca à parte dos acontecimentos e *“se exime de qualquer responsabilidade pelo movimento”<sup>201</sup>*, já que sempre se refere aos que fizeram a Revolução na terceira pessoa e não na primeira<sup>202</sup>.

A análise da documentação me leva a uma interpretação um pouco diferente da defendida por Valéria Lamego em sua pesquisa. A meu ver, o relacionamento de Cecília com a Revolução de Outubro<sup>203</sup> foi marcado por ambiguidades durante toda a existência da *Página de Educação* (1930-1933). No meses de novembro e dezembro de 1930, a educadora depositou publicamente suas esperanças de que a Revolução de 30 – forma como ela se referia ao acontecimento – traria em seu bojo as mudanças pelas quais o sistema educacional do país deveria passar. Ela não só se faz participante do movimento, como convida todo o magistério a se comprometer com os seus ideais. Percebemos isto nas palavras que escreveu em sua crônica “Educação e Revolução”, escrita no calor dos fatos:

*“A Revolução, que neste momento acaba de transformar o Brasil numa formidável esperança para o mundo inteiro, traz, no programa dos grandes*

---

<sup>199</sup> Ibidem. p. 30.

<sup>200</sup> LAMEGO, Valéria. Op. cit. p. 73.

<sup>201</sup> Idem.

<sup>202</sup> A autora utiliza-se de algumas frases pontuais para justificar a sua interpretação, como, por exemplo, *“Fizeram-no, pois, pelos outros e para os outros (...)”*. LAMEGO, Valéria. Op. cit. p. 73.

<sup>203</sup> Forma como Cecília Meireles se referia, por vezes, ao movimento político de outubro de 1930.

*nomes que a encarnam, todas as características de um movimento significativamente educativo.*

*Nela encontramos todas as qualidades de coragem superior, iniciativa, justiça, pureza, desinteresse e fraternidade que são os pontos essenciais de qualquer grande plano educacional.*

*Pode-se dizer que a pequena tentativa da formação brasileira que tivemos na reforma do ensino ampliou-se através de uma lente gigantesca, projetando-se em todas as atividades brasileiras, adquirindo, ao mesmo tempo, detalhes novos e mais perfeitos.*

*Certamente, o nosso magistério já sentiu tudo isso. É preciso agora que se integre nessa obra redentora, e nela integre a criança brasileira, que deverá receber consolidado e inato o Brasil Novo que ela Revolução fez nascer.”<sup>204</sup>*

Em termos educacionais, a poetisa avalia que a Revolução constituía uma ampliação da reforma do Distrito Federal implantada por Fernando de Azevedo em 1928. Em crônicas anteriores, Cecília já demonstrava acreditar com todas as forças nesta reforma e utilizava-se de seu espaço na imprensa para defendê-la. Ao associar os dois acontecimentos, vemos que ela deposita suas expectativas no novo governo que acabara que se instaurar. Fica claro que ela acreditava na mudança que a Revolução estava trazendo para o país, chegando a referir-se ao movimento como “obra redentora”.

Quando se refere à Revolução na terceira pessoa, ela não está se ausentando de responsabilidades e colocando-se fora do grupo que a realizou. Quando analisamos suas frases em terceira pessoa em seu contexto original, vemos que o sentido que Cecília Meireles confere a este recurso linguístico é diferente do sugerido por Valéria Lamego:

*“A Revolução de outubro é apenas um pórtico para uma idade nova. Os que o puderam erigir – com a força do seu ideal, feito tanto da forma abstrata dos pensamentos como da pobre forma concreta dos corpos despedaçados – não o fizeram para si mesmos. Eles sabem que não há proporção entre o tamanho de uma Revolução e o de uma vida...*

*Fizeram-no, pois, pelos outros, e para os outros, para os que vêm depois, para os que se sucedem, para os que nunca terminam, - para a própria vida que, dentro de um limite geográfico, costuma ter o nome de Pátria.*

*(...)*

*Essa inicial deve prolongar-se no nome todo do futuro, para uma outra gente, diversa desta que a engendrou.”<sup>205</sup>*

O uso da terceira pessoa expressa o desejo de Cecília de despersonalizar a Revolução, “pois as alterações políticas não são fenômenos limitados a certos personagens, e certos cargos: representam, pelo contrário, a síntese das possibilidades coletivas”<sup>206</sup>.

---

<sup>204</sup> MEIRELES, Cecília. “Educação e Revolução”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1930.

<sup>205</sup> MEIRELES, Cecília. “Sinal dos tempos”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1930.

<sup>206</sup> Idem.

Ela não só se coloca como inclui toda a nação na elaboração desta obra, na medida que o movimento revolucionário não representa os desejos de um pequeno grupo que nele atuou de maneira mais incisiva, e sim de toda coletividade. Como um ideal coletivo, a Revolução não pode ser creditada a nenhum político, pois ela está acima de qualquer individualidade. A Revolução é projetada para o futuro, na medida em que a geração que a fez o fez pensando na construção de um Brasil melhor para as gerações seguintes, sem colocar como prioridade seus interesses mais imediatos.

Esta ideia da Revolução como ideal coletivo e como um projeto de futuro é a chave para entender as crônicas posteriores, nas quais Cecília Meireles vai acompanhando os acontecimentos políticos que se seguiram ao movimento no qual ela depositou suas expectativas. Digo isto porque pretendo mostrar que, apesar das críticas ferrenhas a diversos aspectos do governo que se estabeleceu, a educadora não deixou de acreditar nas ideias que motivaram o movimento de outubro de 1930. E isto só é possível porque há uma separação entre a Revolução e os homens da Revolução, entre o ideal coletivo que a Revolução representa e o governo que se estabeleceu em seu nome. Vejamos como isso aparece na documentação.

Menos de três meses depois da Revolução, não encontramos mais nas crônicas o mesmo entusiasmo das que foram escritas no calor dos acontecimentos. Passado o momento turbulento do mês de outubro, Cecília observa a forma como o governo vai se acomodando e não se mostra satisfeita. Em primeiro lugar, a nomeação de Francisco Campos para ocupar o cargo de Ministro da Educação a desagradou, porque defendia que os assuntos ligados à educação não deveriam ser conduzidos por políticos e sim por educadores. Sabemos que Campos foi escolhido para tal posto por ter conduzido uma importante reforma do ensino em Minas Gerais<sup>207</sup>, em 1926, mas Cecília não o considerava suficientemente qualificado para um cargo de tamanha importância, chegando a afirmar publicamente que quem deveria liderar o ministério era o educador Fernando de Azevedo.

Cecília acreditava que a única obra inteiramente aproveitável no Brasil realizada antes do advento da Revolução era, sem dúvida, a Reforma de Ensino do Distrito Federal, dirigida por ele. A Revolução nasceu do desejo de realizar um Brasil novo, completamente diferente do regime anterior, mas se tornaria “*contraditória e*

---

<sup>207</sup> É claro que este não é o único motivo que levou à nomeação de Francisco Campos para o cargo de direção do Ministério da Educação e Saúde. Sua inserção estratégica no movimento político de outubro de 1930 também deve ser levada em consideração.

*imperdoavelmente injusta*”<sup>208</sup> se não considerasse o valor da obra que, “*num regime de erros e fraquezas, nasceu com um destino diferente, e uma ansiedade melhor de futuro e de humanidade*”<sup>209</sup>. A nomeação de Francisco Campos foi avaliada como risco à continuidade da reforma idealizada por Azevedo no Distrito Federal, mas que deveria se estender a todo país.

No dia 16 de janeiro de 1931, ela cobra dos governantes uma reforma urgente da Escola Normal do Distrito Federal, porque de que adiantava ter se investido na reforma do ensino primário na gestão de Azevedo se os professores não tinham uma formação que os preparasse para lidar com um novo modelo de escola? E é por isso que foi categórica ao afirmar que suas previsões se confirmaram: “*A obra do sr. Fernando de Azevedo, com a Revolução, ficou bruscamente truncada*”<sup>210</sup>. E aproveita para reiterar sua proposta de que seja nomeado um administrador que entenda dos assuntos de educação e “*seja capaz de continuar a obra magnífica iniciada pelo sr. Fernando de Azevedo, no regime findo*”<sup>211</sup>.

Sua maior decepção se deu no dia 30 de abril de 1930, data em que o presidente Getúlio Vargas assinou o decreto que instituiu o ensino religioso facultativo nas escolas. Foi a partir desse momento que se iniciou a maior batalha travada por Cecília Meireles em sua *Página*: o combate público ao que ela considerava um decreto “*antipedagógico e anti-social*”<sup>212</sup>, bem como à pessoa que para ela era a grande responsável por este terrível erro, o Ministro da Educação e Saúde Francisco Campos. Ela já não andava satisfeita com as reformas que vinham sendo implantadas pelo ministério, a seu ver incoerentes com o espírito da nova educação. Mas o decreto do ensino religioso foi o que desencadeou sua principal discordância. A educadora não poupou o ministro e sobre ele atirou as farpas de sua lira<sup>213</sup>:

“(…) o sr. Francisco Campos parece que resolveu dar cada dia uma prova mais convincente de que não entende mesmo nada, absolutamente, de pedagogia. Que a sua pedagogia é uma pedagogia de ministro, isto é, politicagem...  
(...)”

---

<sup>208</sup> MEIRELES, Cecília. “Espírito de justiça”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1930.

<sup>209</sup> Idem.

<sup>210</sup> MEIRELES, Cecília. “A formação do professor”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1931.

<sup>211</sup> Idem.

<sup>212</sup> MEIRELES, Cecília. “Como se originam as guerras religiosas”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 de maio de 1931.

<sup>213</sup> Me remeto aqui ao título do trabalho da pesquisadora Valéria Lamego. LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira. Cecília Meireles na Revolução de 30*. Op. cit.

*Seu ministério, que já tinha decaído de educação em instrução, por obra das reformas, acaba de ser extinto. Extinto pelo próprio ministro. Porque qualquer professorinha sabe que religião é uma coisa e educação é outra. Educação é um problema de liberdade: preparo do homem para se orientar por si. Religião é catequese: subordinação do homem ao interesse de uma seita, ou de um indivíduo. Nem sequer de Deus. Que pensará de semelhante coisa o sr. Getúlio Vargas, que quis ter os destinos do Brasil na sua mão, prometendo-lhe um futuro, se não melhor, pelo menos mais democrático, mais livre?”<sup>214</sup>*

Este decreto que instituiu o ensino religioso nas escolas feria diretamente os princípios fundamentais da Escola Nova: “*uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita*”<sup>215</sup>. John Dewey, uma das grandes referências dos escolanovistas, defendia “*as liberdades individuais acima de qualquer doutrina de Estado*”<sup>216</sup>. Cecília relacionava esta medida governamental com o início de uma onda de intolerância que poderia culminar em guerras religiosas. O compromisso da escola moderna, na opinião da educadora, era com a fraternidade universal e, por isso, ela deveria ser laica e, portanto, isenta de preocupações religiosas. Cecília extrapola as fronteiras nacionais quando avalia os estragos que este decreto poderia acarretar:

*“Por isso é que digo que este ensino religioso nas escolas, que um ministro irresponsável decretou, e um presidente desatento (ou hábil...) sancionou, é um crime contra a coletividade, contra a Nação e contra o mundo, contra os brasileiros e contra a humanidade, porque não se vive, apenas, nos limites geográficos de um país: nossas responsabilidades atravessam as fronteiras, e vão repercutir na fraternidade geral.”<sup>217</sup>*

Tão sério era o assunto que continuou sendo o tema principal de muitos *Commentarios* que se seguiram a este. O grande vilão era apontado por ela como o ministro Francisco Campos, a quem era dado todo o crédito pelas decisões equivocadas tomadas no campo educacional.

*“(...) um governo que se mostrou tão interessado com a causa da educação, que até criou um ministério especial. É verdade que o ministro extinguiu o ministério. Mas, naturalmente... não extinguiu o governo... Ora, se o governo tinha aquelas louváveis intenções, no começo, precisa perseverar nelas, - porque eram realmente boas.”<sup>218</sup>*

---

<sup>214</sup> MEIRELES, Cecília. “Pedagogia de ministro...”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de abril de 1931.

<sup>215</sup> BOMENY, Helena. *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/ManifestoPioneiros>. Consulta em 30/07/2012.

<sup>216</sup> LAMEGO, Valéria. Op. Cit.

<sup>217</sup> MEIRELES, Cecília. “As crianças e a religião”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 de maio de 1931.

<sup>218</sup> MEIRELES, Cecília. “Perguntas para o ar”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 de maio de 1931.

Vemos, no trecho, que o decreto do ensino religioso e outros problemas são vistos por Cecília Meireles como atos equívocos de um homem despreparado para lidar com os assuntos de educação, e chama o governo a retomar as rédeas e continuar a dar corpo às ideias que se manifestaram em outubro de 1930. Dessa forma, o governo de Vargas não é responsabilizado pelas atitudes do Ministro da Educação e Saúde; pelo contrário, Cecília demonstra acreditar que o governo tem condições de desfazer os problemas causados por Francisco Campos e retomar seu plano educacional defendido na Revolução. Isso porque ela sabia que *“Fazer revolução deve ser, com certeza, muito mais fácil do que assegurar revoluções...”*<sup>219</sup> e, sendo assim, tinha consciência de que as dificuldades apareceriam e que seria preciso lidar com elas.

Este diagnóstico dos fatos mudou em três meses, quando Cecília Meireles publicou a crônica “A crise educacional”, no dia 9 de agosto de 1931. A educadora modifica sua leitura dos fatos e avalia que os dez meses do governo que se instaurou no pós-Revolução se mostraram ser *“uma porção de tempo perdido”*, caracterizando o regime como uma ditadura<sup>220</sup>. Ela já não mais acredita ser possível que as decisões fossem tomadas sem o conhecimento e atenção do presidente Getúlio Vargas, responsabilizando-o diretamente pelos erros cometidos em seu governo. Porém, isto não a impediu de entusiasmar-se novamente quando Francisco Campos renunciou ao cargo de Ministro da Educação e Saúde e, logo depois, Anísio Teixeira foi escolhido para ser o novo Diretor-Geral de Instrução do Distrito Federal. Chegou até mesmo a afirmar, no dia 24 de setembro de 1931: *“Estamos como se a Revolução tivesse começado agora. Sensação de novo. Sensação de início.”*<sup>221</sup>

Para justificar seus argumentos de que Cecília Meireles não se sentia parte da Revolução e foi uma crítica ferrenha do Governo Provisório, a pesquisadora Valéria Lamego utiliza, dentre outros trechos, a frase de abertura da crônica intitulada “Revolução e educação”, publicada em 8 de junho de 1932: *“Há, decerto, muita gente cansada de esperar pelos resultados da Revolução”*. Ao lermos esta frase isolada, temos a impressão de que a educadora estava avaliando o momento de maneira negativa, considerando que o governo não havia conseguido realizar nenhuma das promessas feitas em outubro de 1930. Esta interpretação muda radicalmente quando

---

<sup>219</sup> MEIRELES, Cecília. “A responsabilidade da Revolução”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1930.

<sup>220</sup> MEIRELES, Cecília. “A crise educacional”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1931.

<sup>221</sup> MEIRELES, Cecília. “Um momento único”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1931.

introduzimos a frase em seu contexto de origem. A qualidade do texto e sua importância para validar minha tese justificam a longa citação:

*“Há, decerto, muita gente cansada de esperar pelos resultados da Revolução. Porque existe uma mentalidade para a qual os fatos devem aparecer sem preparativos, mentalidade extraordinária dos que ainda acreditam em varinhas de condão, oposta àquela que prova o gosto da vida em fontes de dificuldades, e que se interessa talvez não tanto pelos fatos como pelo que eles contêm de significado humano, em esforço e ideal.*

*Mas talvez seja verdade que o momento que atravessamos, sendo o mais perigoso, é, também, o melhor do Brasil.*

*Com lutas abertas em todas as direções do espírito, agora, sim, é que estamos, efetivamente, preparando uma definição de nacionalidade. Enquanto essas lutas durarem, saberemos que há um sonho de formação brasileira. Um sonho e uma esperança. Quer dizer, o preparo de uma realidade.*

*Não importa que se estejam tendo inúmeros interesses equívocos correndo secretamente e traiçoeiramente por debaixo deste mar. Se não houvesse resistências, qualquer deles poderia dominar, e a passividade se estabeleceria, perdidas todas as inquietudes, no abandono das coisas inutilizadas.*

*Mas há resistências. E daí vem lutas. E seja qual for o aspecto da vitória mais próxima, o futuro guarda em si uma certeza admirável da vitória mais justa.*

*A vitória mais justa tem de ser a que ofereça ao homem a mais superior liberdade. A que o liberte dos outros homens, e a que o liberte de si.*

*E, assim, esta Revolução terá sido, finalmente, uma propaganda veloz da obra de educação, mostrando aos brasileiros a sua realidade, e, por essa realidade, a urgência com que é necessário fazer uma vida nova, uma vida coerente com a Vida, menos automática e mais humana.*

*Pela lição que ofereceu ao Brasil todo, esta Revolução ficaria perdoada de todos os seus erros.*

*(...)*

*Quando a Revolução explodiu, de onde vinha ela? De toda a profunda aspiração brasileira. De uma aspiração tão admirável que se manifestou mesmo em criaturas cujos atos podiam parecer contradizê-la.*

*E já agora a obra revolucionária já não pode parar. Não parará enquanto não vir criada alguma coisa que sinta nascida de si, que seja a sua glória e a sua verdade.*

*(...)*

*Por isso, o ponto mais importante do seu programa está sendo, e tem de ser, o que trata da educação, de acordo com os interesses atuais do mundo, - porque a Revolução seria a sua própria contra-Revolução, se quisesse refazer um passado cujos erros determinaram a sua origem, para que os corrigisse, salvando o homem que tão dolorosamente viveu sob a sua opressão.”<sup>222</sup>*

Esta crônica, publicada nove meses após a nomeação de Anísio Teixeira para a diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal, representa uma avaliação dos quase dois anos da Revolução de 1930. E, nesta avaliação, Cecília mostra compreender que as mudanças não acontecem sem lutas, sem discordâncias, sem incoerências. Acreditar nisso seria, a seu ver, acreditar em mágica. Por isso, considera o movimento de outubro de 1930

<sup>222</sup> MEIRELES, Cecília. “Revolução e educação”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 de junho de 1932.

como uma virada na história do país que, apesar de todos os problemas que ainda persistiam, não era e não seria mais o mesmo. E, a despeito de qualquer transformação ou realização concreta, a Revolução valia como inspiração, apenas pela “*lição que ofereceu ao Brasil todo*”.

Em suma, Cecília manteve uma relação ambígua com o governo de Getúlio Vargas, ora apoiando suas resoluções e depositando suas esperanças, ora criticando os rumos e decisões políticas tomadas. A Revolução, porém, permaneceu como um ideal a ser buscado, a um projeto de futuro que dependia da vontade dos homens para ser concretizado e construído. Esta separação entre governo e Revolução fica clara num trecho da crônica publicada no dia 10 de maio de 1931, na qual falava sobre o ensino religioso nas escolas:

*“O mal, porém, está cometido, e só resta a esperança de que possa vir a ser reparado com um governo mais coerente com a Revolução, e realmente interessado pelo bem-estar do povo, quer dentro dos limites nacionais, quer na sua projeção fraternal no mundo.”*<sup>223</sup>

Esta separação entre o governo e a Revolução se faz possível na medida em que as agitações de outubro de 1930 não representavam as ideias do pequeno grupo que se envolveu diretamente com o movimento, mas de toda a coletividade que ansiava por mudanças radicais na ordem vigente. De acordo com Cecília Meireles, a educação aparecia como um tópico de fundamental importância, pois ela seria o principal agente modificador dos costumes da sociedade; por isso, ela lamentava que muitas vezes esta área fosse não tratada como prioridade e com a devida atenção.

Foi em prol da educação do povo e, principalmente, das crianças que Cecília se dedicou à *Página de Educação*, na esperança de realizar uma importante função na construção de um Brasil melhor, através da renovação educacional de que o país tanto necessitava. Nas palavras da própria educadora, “*Esta ‘Página’ foi, durante três anos, um sonho obstinado, intransigente, inflexível, da construção de um mundo melhor, pela formação mais adequada da humanidade que o habita*”<sup>224</sup>. Mesmo que tenha se afastado da atividade jornalística após ter encerrado suas atividades no *Diário de Notícias* em janeiro de 1933, ela não deixou de permanecer engajada na defesa de seus ideais, tanto que assumiu, no ano seguinte, a responsabilidade de dirigir a primeira

---

<sup>223</sup> MEIRELES, Cecília. “O ensino religioso nas escolas”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 de maio de 1931.

<sup>224</sup> MEIRELES, Cecília. “Despedida”. Op. cit.

biblioteca infantil do país. Sendo assim, voltou à imprensa para discutir os assuntos de educação em 1941, em pleno Estado Novo. Esta atuação será objeto de análise do tópico a seguir.

## 2.2 – A coluna *Professores e estudantes* do jornal *A Manhã* (1941-1943)

*“Nem todos terão aberto livros na sua infância.  
Mas quem não terá ouvido uma lenda, uma fábula,  
um provérbio, uma adivinhação?  
Quem não terá brincado com uma canção  
que um dia lhe aparecerá noutra idioma?  
Quem não terá pensado e agido em função  
de exemplos que são os mesmos de outros povos,  
de outras eras, provenientes de um esforço análogo do homem  
para adaptar-se à sua condição na terra?”<sup>225</sup>*

Quase dez anos depois da experiência na *Página da Educação* do *Diário de Notícias*, Cecília Meireles volta a escrever periodicamente sobre os assuntos ligados à educação no jornal *A Manhã*, numa coluna intitulada *Professores e estudantes*. O início de suas atividades foi em 9 de agosto de 1941, mesmo mês de fundação do jornal. O *A Manhã* foi criado para ser porta-voz do Estado Novo e era dirigido por Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia. De acordo com Marieta de Moraes Ferreira,

*“Desejando contar com um órgão divulgador das principais ideias do regime que inaugurara em 1937, Getúlio Vargas encarregou o coronel Luís Carlos da Costa Neto (superintendente das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União) e André Carrazzoni (diretor do jornal A Noite, pertencente às Incorporadas) de elaborar uma lista de nomes de possíveis diretores para um jornal abertamente governista.  
O nome de Cassiano Ricardo preencheu todas as condições requeridas. Em 1937, esse autor havia publicado o livro O Brasil no original, em que defendia ‘a ideia de uma democracia social como terceira solução, sem comunismo nem fascismo’ — um tipo de visão que ia ao encontro das expectativas de Vargas. Além disso, o próprio Cassiano Ricardo afirmava que seu pensamento político tinha muitos pontos de contato com o Estado Novo”<sup>226</sup>.*

Cassiano Ricardo teve a liberdade de escolher o corpo que comporia a redação do matutino. Cecília Meireles fazia parte do grupo de funcionários estáveis, juntamente com Jorge Lacerda<sup>227</sup>, Leopoldo Aires, Barros Vidal, Múcio Leão<sup>228</sup>, Ribeiro Couto<sup>229</sup> e

---

<sup>225</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 79.

<sup>226</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. “Manhã, A (1941)” (Verbetes). In: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

<sup>227</sup> Jorge Lacerda (1914-1958) foi um médico, advogado, jornalista e político paranaense. Ingressou em 1932 no Partido Integralista e, posteriormente, continuou vinculado a este núcleo político, a partir de

Menotti del Picchia, entre outros. Além do corpo permanente, o jornal contava com colaboradores de renome, como Gustavo Barroso<sup>230</sup>, José Lins do Rego, Gilberto Freyre<sup>231</sup>, Oliveira Vianna<sup>232</sup>, Vinicius de Moraes<sup>233</sup>, Manuel Bandeira e Renato Almeida.

---

1945 sob a nomenclatura de Partido de Representação Popular (PRP). No jornal *A Manhã*, era assessor do diretor Cassiano Ricardo. Sua carreira política teve seu auge a partir de 1950, quando elegeu-se deputado federal por dois mandatos seguidos. Entre 1956 e 1958, foi governador do estado de Santa Catarina.

<sup>228</sup> Múcio Carneiro Leão (1898-1969) foi um escritor e jornalista nascido em Recife, no estado de Pernambuco. Após se diplomar na Faculdade de Direito, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde começou a trabalhar no jornal *Correio da Manhã*. Em 1923, transferiu-se para o *Jornal do Brasil* e, em 1941, passou a trabalhar no *A Manhã* como responsável pelo caderno literário. Foi eleito em 1935 para a Academia Brasileira de Letras.

<sup>229</sup> Rui Esteves Ribeiro de Almeida Couto (1898-1963) nasceu em Santos, no estado de São Paulo, e foi um reconhecido escritor e jornalista, eleito em 1934 para a Academia Brasileira de Letras. Na imprensa, foi colaborador do *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *A Província* (jornal pernambucano), escrevendo principalmente sobre literatura. Possui uma vasta obra dividida em prosa e poesia, onde é possível observar influências simbolistas, principalmente em seu primeiro livro, *O jardim das confidências* (1921).

<sup>230</sup> Gustavo Dodt Barroso (1888-1959), advogado, professor, folclorista, escritor e político, foi um dos líderes nacionais da Ação Integralista Brasileira e um de seus mais destacados ideólogos. Foi redator do *Jornal do Ceará* (1908-1909) e do *Jornal do Commercio* (1911-1913); professor da Escola de Menores, da Polícia do Distrito Federal (1910-1912); secretário da Superintendência da Defesa da Borracha, no Rio de Janeiro (1913); secretário do Interior e da Justiça do Ceará (1914); diretor da revista *Fon-Fon* (a partir de 1916); deputado federal pelo Ceará (1915 a 1918); secretário da Delegação Brasileira à Conferência da Paz de Venezuela (1918-1919); inspetor escolar do Distrito Federal (1919 a 1922); diretor do Museu Histórico Nacional (a partir de 1922). A vasta obra de Gustavo Barroso, de cento e vinte e oito livros, abrange história, folclore, ficção, biografias, memórias, política, arqueologia, museologia, economia, crítica e ensaio, além de dicionário e poesia. Em 1923, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, da qual foi presidente em 1932, 1933, 1949 e 1950. Para maiores informações, ver [http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-83091994000100024&lng=pt&nrm=iso](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83091994000100024&lng=pt&nrm=iso)

<sup>231</sup> Gilberto de Mello Freyre (1900-1987), um dos ícones do pensamento social brasileiro no século XX, atuou também como jornalista, pintor e professor. Foi aluno de Franz Boas na Universidade de Columbia nos Estados Unidos, na qual obteve o título de mestre em 1922. O contato com a antropologia americana e com a orientação relativista de Boas proporcionou um olhar diferenciado da vida social brasileira, permitindo separar a noção de raça da de cultura. Sendo assim, seu primeiro livro e grande clássico, *Casa Grande & Senzala* (1933), oferece uma interpretação diferenciada da sociedade brasileira a partir da mestiçagem, aprofundando as ideias de intelectuais como Manuel Quirino, Lima Barreto e Manoel Bomfim. Sobre isto, ver ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. “Cuva de Verão. ‘Antagonismos em equilíbrio’ em Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre”. In: BOTELHO, André & SCHWARCZ, Lília M. (orgs.). Op. cit. pp. 198-211. Escreveu, também, outras obras importantes, como *Sobrados e Mucambos* (1936), *Ordem e Progresso* (1957) e *Brasis, Brasil e Brasília* (1968). Na imprensa, foi colaborador de uma ampla gama de jornais e revistas, como *La Nación* (Buenos Aires), dos *Diários Associados*, do *Correio da Manhã*, do *A Manhã* e *O Cruzeiro*.

<sup>232</sup> Francisco José de Oliveira Vianna (1883-1951), intelectual e político nascido em Saquarema (RJ), foi também professor da Faculdade de Direito Teixeira de Freitas, em Niterói. Seu primeiro livro, *Populações meridionais do Brasil*, foi publicado em 1920 e foi bem recebido no meio intelectual, de forma que, em 1926, tornou-se sócio do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Em 1930, assumiu o cargo de consultor jurídico do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC) e, dez anos mais tarde, passou a ser ministro do Tribunal de Contas da União (TCU). A experiência adquirida nestes postos governamentais influenciaram as obras que escreveu no período, dentre elas *Problemas de política objetiva* (1930), *Problemas de direito corporativo* (1938), *Problemas de direito sindical* (1943) e *Direito do trabalho e democracia liberal* (1951). Em 1940, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Para mais informações, ver GOMES, Ângela de Castro. “Oliveira Vianna: um *statemaker* na alameda São Boaventura”. In: BOTELHO, André & SCHWARCZ, Lília M. (orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. pp. 144-159.

O jornal saía diariamente, com exceção das segundas-feiras<sup>234</sup>. A coluna *Professores e estudantes* usualmente aparecia na página 6 ou 9, juntamente com outras colunas dos mais variados temas. Quando surgiam notícias que desorganizavam a formatação habitual do jornal – como quando da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e cobertura frequente dos acontecimentos – a coluna poderia vir em outra página. Também não havia uma periodicidade regular em sua publicação: havia semanas em que a coluna saía diariamente; em outras, aparecia em três ou quatro dias quaisquer.

Em sua crônica de estréia, Cecília expôs suas as intenções de discussão e convidou os leitores em geral, mas principalmente os professores e estudantes, a refletirem sobre o tema da educação nos tempos difíceis que o mundo estava atravessando – a Segunda Guerra Mundial. Até 31 de janeiro de 1942, publicou crônicas sobre diversos temas, dentre eles, educação, turismo, intercâmbio, literatura infantil, poesia e infância. A partir de então, iniciou a publicação de uma série de estudos comparativos sobre o folclore infantil brasileiro e de outros lugares do mundo, sob o título “Infância e Folclore”. A série trazia cantigas de roda, contos populares, adivinhas, parlendas<sup>235</sup>, brinquedos trava-língua, todos recolhidos em estudos de outros folcloristas ou pela própria Cecília Meireles no Rio de Janeiro ou em outros lugares do Brasil. Muitas das cantigas que transcreve em suas crônicas são recolhidas em sua própria memória da infância, etapa da vida em que teve seus primeiros contatos com a cultura popular através de sua avó materna e de sua babá negra Pedrina. Maria Laura Cheola<sup>236</sup> sugere que a vivência de Cecília no bairro do Estácio também facilitou seu envolvimento com o folclore, já que o local é reconhecido por sua efervescência cultural e por ter dado espaço ao nascimento da primeira escola de samba do Rio de Janeiro.

---

<sup>233</sup> Vinicius de Moraes (1913-1980) veio de uma destacada família de intelectuais, já que era sobrinho do poeta, cronista e folclorista Mello Moraes Filho e neto do historiador Alexandre José de Mello Moraes. Foi poeta, compositor, diplomata e jornalista, e cumpriu, a partir de 1941, a função de crítico de cinema no jornal *A Manhã*. Foi aprovado no concurso para o Ministério das Relações Exteriores em 1943, e, três anos mais tarde, assumiu o cargo de vice-cônsul do Brasil em Los Angeles (EUA). Além da diplomacia, Vinicius de Moraes destaca-se por sua produção poética, teatral e, principalmente, musical. Juntamente com Tom Jobim e Toquinho, escreveu composições consagradas na Música Popular Brasileira (MPB), como *A Felicidade*, *Chega de Saudade*, *Eu sei que vou te amar*, *Garota de Ipanema*, *Insensatez* e outras belas canções. Para maiores informações, ver <http://www.viniciusdemoraes.com.br/site/>

<sup>234</sup> Observei a ausência do jornal às segundas-feiras em pesquisa nos microfilmes na Biblioteca Nacional.

<sup>235</sup> “*Parlendas são versos de cinco a seis sílabas, recitados para: i) entreter, acalmar, divertir as crianças; ii) escolher quem deve iniciar o jogo ou aqueles que devem tomar parte na brincadeira*”. CASCUDO, L. da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. pp. 673-674.

<sup>236</sup> CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. *Infância e folclore: as crônicas de Cecília Meireles sob o Estado Novo*. Op. cit. p. 20.

Escrever sobre folclore – na verdade, sobre uma seleção muito específica de elementos da cultura popular – numa coluna destinada principalmente a professores e estudantes por si só já revela que o tema possuía relevância pedagógica, sobretudo num contexto de guerra. Já vimos que desde a *Página de Educação* (1930-1933) nossa autora acreditava que a educação tinha a importante função de promover a fraternidade universal, o tão sonhado entendimento entre os povos. Podemos observar nas crônicas do jornal *A Manhã* que o folclore aparece como um aliado fundamental da educação nesta empreitada. E isto fica claro ao lermos com atenção a crônica inaugural da coluna, na qual são expressas todas as suas intenções e propósitos:

*“Aparece este jornal num momento grave do mundo. E, sendo um jornal de ideias, não pode deixar de ter, numa das suas páginas, um canto permanente destinado aos assuntos de educação.*

*Entende-se por educação tudo quanto se refere ao adestramento, ao aperfeiçoamento físico, intelectual e moral do homem, de modo a adaptá-lo às condições de meio em que vive, tornando-o útil – e se possível também agradável a si mesmo e aos seus semelhantes.*

*Esta espécie de definição, que tão poucas linhas ocupa, encerra, no entanto, o segredo da vida humana, com suas lutas, derrotas e vitórias. É por isso, a educação, uma disciplina complexa, envolvendo muitas outras, e com muitas outras se limitando.*

*(...)*

*A mais primitiva forma de sociedade humana não prescinde de experiência educacional. Cada grupo – como mais tarde cada povo – busca o aproveitamento de cada unidade social, sua integração adequada ao ambiente coletivo, mediante certas práticas que constituem uma verdadeira metodologia.*

*Naturalmente, os povos que se consideram altamente civilizados tem ideais mais sutis, e outros recursos para a sua concretização.*

*Um país novo, mas de intensa capacidade evolutiva, como o Brasil, não pode deixar de se instruir com as experiências já verificadas em outros pontos da terra – para aproveitar com os bons exemplos de umas, e acautelar-se dos desastres de outras.*

*Ora, este momento do mundo é grave por ser aquele em que vários ideais se chocam de maneira impressionantemente espetacular.*

*Como os ideais são as forças inspiradoras da educação, resulta que o mundo se encontra em pleno caos, nessa matéria.*

*Este jornal convida os seus leitores a certa meditação sobre o assunto. Principalmente os professores e estudantes devem ter dúvidas ou certezas, perguntas e ou respostas que permitam pelo menos encaminhar tão importante questão.”<sup>237</sup>*

Ainda que sua forma de escrever tenha se modificado e seu tom combativo tenha se abrandado, Cecília Meireles conserva desde os anos 1930 a crença na educação como o principal agente modificador da sociedade. E, por isso, a educação se relaciona a todas as esferas da vida humana, não estando restrita aos muros da escola e aos atores nela

---

<sup>237</sup> MEIRELES, Cecília. “Professores e estudantes”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 9 de agosto de 1941.

inseridos. Na visão de nossa educadora, “*o campo da educação é sem limites, pois ilimitadas são as oportunidades de se tentar o melhoramento humano*”<sup>238</sup>. É por conta desta ampla concepção de educação que encontramos crônicas de temas que o leitor, a princípio, estranhe e não identifique de início sua função pedagógica, como acontece nos textos sobre samba, café e turismo, apenas para citar alguns exemplos.

Cecília deixa claro este ponto de vista na crônica de estréia, na qual identifica a educação com tudo que se relacione com o adestramento do homem para a vida em sociedade. Em suas próprias palavras, “*(...) educação se entende por um processo de permitir ao indivíduo um perfeito equilíbrio com o mundo e consigo mesmo*”<sup>239</sup>. Ela estava escrevendo num momento em que este equilíbrio entre dos homens com o mundo estava seriamente comprometido com o advento da Segunda Grande Guerra, e por isto era tão importante tratar destes assuntos nas páginas do jornal.

A crônica “Samba e educação”, publicada em 18 de janeiro de 1942, é uma fonte privilegiada para compreendermos melhor o sentido amplo de educação de nossa autora. Sabendo que o leitor poderia estranhar a associação, Cecília direciona-se a ele logo de início, dizendo:

*“Estou vendo o leitor encrespar a testa com o título. Tenha paciência: à primeira vista, parece, talvez, estranho afirmar-se que o samba possa concorrer para a educação, a não ser no sentido oposto. Se levamos em conta, porém, que todas as danças populares não são mais que restos bem ou mal conservados de cerimônias ou festividades tradicionais que, por sua vez, representaram, para a sociedade que as originou, oportunidades e pretextos de caráter educativo, - então, já podemos entrever no samba uma função que não contradiz o título.”*<sup>240</sup>

Diante de todo preconceito existente com as manifestações culturais identificadas como uma herança cultural africana, era mesmo de se esperar que o leitor “encrespasse a testa” ao pensar numa possível função pedagógica do samba. Além desta associação com a população negra, o samba também remete a um conceito de vida desregrada, boêmia, principalmente caracterizada na figura do bamba; e, ainda, à sensualidade maliciosa eternizada na figura da mulata. Cecília devia conhecer bem as possíveis reações negativas do público a temas como este, já que realizou exposições de seus desenhos sobre música, religiosidade e indumentária negras em 1934 no Brasil e em Portugal.

---

<sup>238</sup>MEIRELES, Cecília. “Educação e turismo”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 25 de setembro de 1941.

<sup>239</sup>MEIRELES, Cecília. “Educação dos artistas”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 8 de outubro de 1941.

<sup>240</sup>MEIRELES, Cecília. “Samba e educação”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 18 de janeiro de 1942.

O sentido pedagógico do samba exposto na crônica muito tem a ver com os desenhos que a folclorista havia feito anos antes. As personagens dos lindos desenhos coloridos feitos de nanquim e crayon são justamente as baianas e os bambas, representados com ar de positividade e afirmação em manifestações festivas e religiosas. A baiana de carnaval é uma das figuras mais retratadas por Cecília, e aparece exibindo sua exuberante indumentária, composta pelas saias volumosas, pela trunfa<sup>241</sup>, pelos fios e miçangas coloridas, colares de várias voltas e pela figa. Ao mesmo tempo, os desenhos mostram intensa musicalidade, e as baianas são ilustradas dançando ou sambando, parecendo que a qualquer momento podem sair do papel e moverem-se na frente do espectador. Os bambas e sambistas também são retratados, aparecendo na maior parte das vezes tocando um instrumento e cantando<sup>242</sup>. O samba também aparece nos desenhos que expõem um bloco de carnaval e um casal de sambistas dançando juntos. Para Cecília, o samba seria a sobrevivência do ritual do casamento, dado o ar contidamente erótico que conserva. E vemos sua intenção de destacar a importância e a beleza das manifestações negras quando ela diz que

*“Dentro do carnaval carioca, inegavelmente licencioso e grosseiro, como em toda parte, na expansão das pessoas habitualmente civilizadas - o carnaval dos negros guarda um aspecto único de respeito, elegância e, digamos mesmo, distinção artística espantosa.”*<sup>243</sup>

---

<sup>241</sup> O pano na cabeça, que pode vir dobrado em triângulo e amarrado na nuca, ou enrolado como um turbante. MEIRELES, Cecília. *Batuque, samba e macumba: estudos de gesto e ritmo 1926-1934*. Op. cit. p. 42.

<sup>242</sup> Os desenhos dos bambas e sambistas trazem umas inscrições ao lado da cabeça que indicam o que eles estão cantando.

<sup>243</sup> MEIRELES, Cecília. *Batuque, samba e macumba: estudos de gesto e ritmo 1926-1934*. Op. cit. p. 60.



Imagem 3: “Baiana” (1932)<sup>244</sup>

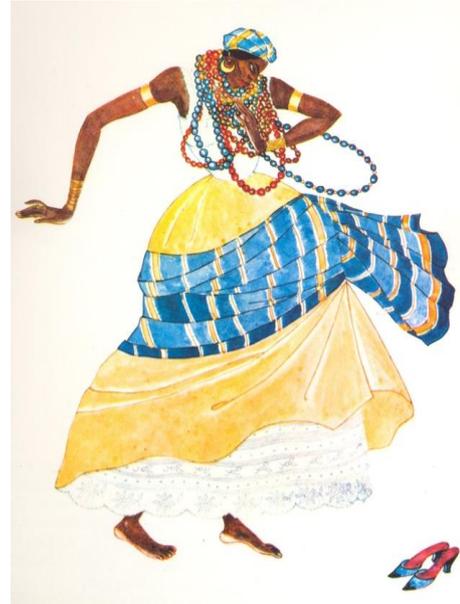


Imagem 4: “Baiana sambando” (s/d)



Imagem 5: “Sambista com chocalho” (1933)

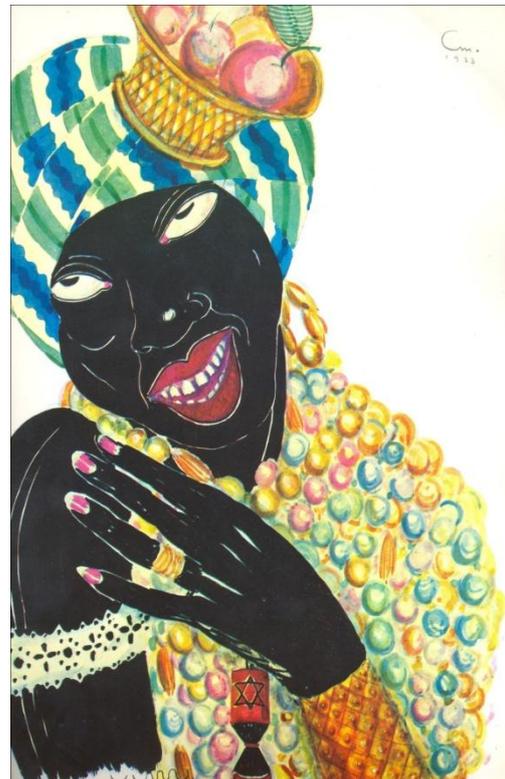


Imagem 6 : “Nigra sum sed formosa...” (1933)

É com este ar de positividade que Cecília escreve sobre a função pedagógica do samba. E esta função estaria principalmente ligada ao corpo, assim como nos desenhos a musicalidade está muito ligada aos gestos corporais. O samba seria, então,

<sup>244</sup> Todos os desenhos de Cecília Meireles aqui reproduzidos foram retirados do livro MEIRELES, Cecília. *Batuque, samba e macumba: estudos de gesto e ritmo 1926-1934*. Op. cit.

*“(...) um jogo (no sentido pedagógico), com as qualidades que os jogos têm em educação: possibilidades individuais de adestramento, exercício de sentidos e faculdades, submissão à disciplina do ritmo, domínio do corpo e seus movimentos, aguçamento da sensibilidade pela obediência à coreografia. E tudo isso, fora da dança, se reflete no comportamento geral, traduzido em agilidade e capacidade de controle, úteis, sem dúvida, no domínio da vida prática.”<sup>245</sup>*

Mais do que disciplinar o corpo, o samba também tem, aos olhos da folclorista, uma importante função social:

*Socialmente, o samba estabelece, como jogo de conjunto, relações de camaradagem, com resultados que costumam valorizar os trabalhos e jogos de equipe: comunicação dos indivíduos, melhor entendimento, entre si, sentimentos de crítica, de admiração, de amizade – o que também se traduz em conseqüências fora da roda de samba.*

*(...)*

*Parece que mesmo os presidentes das escolas de samba estão, sem saberem bem como nem por quê, sentindo que fazem educação, como Mr. Jourdain fazia versos. Já ouvi um deles discursar com a maior seriedade e emoção, declarando que a função da sua escola de samba era ‘suavizar o trabalho dos poderes públicos, no melhoramento do povo’. Mas a escola de samba não ensina a ler, nem a escrever, nem a contar – dirão os partidários de uma instrução mínima. Claro que não. Formalmente não. Mas ler, escrever e contar não significam sempre educar. De modo que, por esse lado, está encerrada a discussão.*

*(...)*

*A escola de samba é o orgulho do morro, que todo se limpa e enfeita nos dias de função. Ela exige de seus freqüentadores certos cuidados de vestuário, que constituem, para a esfera de atuação, um melhoramento considerável, não apenas de higiene, mas também de elegância. O salão da escola de samba é um museu ilustrativo para o estudioso dos nossos costumes: vultos notáveis da história, poetas e artistas famosos ali reverenciados em efígie, ao lado de poéticas imagens de santos católicos. A escola de samba tem sócios de todas as idades. Velhos e crianças brincam lado a lado com rapazes e gente madura. É mesmo da tradição que, antes de nascer, as criancinhas já estão aprendendo. É o que pode se chamar, sem dúvida alguma, educação pré-natal...”<sup>246</sup>*

De maneira muito clara, Cecília Meireles tenta convencer o leitor das funções educativas do samba e das escolas, que pode fornecer para as pessoas noções importantes de sociabilidade que extrapolam a noção da instrução mínima do “ler, escrever e contar”. Até porque, já ficou claro que educar no pensamento ceciliano não se resume a instruir. Educar significa preparar para a vida, para conviver em harmonia social, e nesse sentido as escolas de samba realizam um importante papel. A mensagem que fica para o leitor da crônica, principalmente para os professores e estudantes das

---

<sup>245</sup> MEIRELES, Cecília. “Samba e educação”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 18 de janeiro de 1942.

<sup>246</sup> MEIRELES, Cecília. “Samba e educação”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 18 de janeiro de 1942.

escolas formais, é que eles se preocupassem mais com este tipo de educação que é valorizada no texto, ao invés de concentrar seus esforços apenas na instrução. Isso, aliás, é encorajado e defendido por Cecília desde suas crônicas da *Página de Educação* (1930-1933).

Vemos que nossa folclorista se diferencia de grande parte dos intelectuais que escreveram sobre o samba até então. Segundo Marcos Napolitano, durante as décadas de 1920 e 1930 se deu a consolidação do gênero como a “música tipicamente brasileira”, ao mesmo tempo em que diversos intelectuais preocupavam-se em encontrar uma identidade musical e nacional para o Brasil<sup>247</sup>. Nem todos apontavam o samba como o estilo ideal para representar a coletividade, como é o caso de Mário de Andrade, por exemplo. Para ele, a arte popular é a alma da nacionalidade; mas, a música urbana não era a melhor forma de expressão da nacionalidade brasileira na medida em que estava suscetível a diversas influências internacionais e estava canalizada para o consumo na cada vez mais poderosa indústria fonográfica. Sendo assim, Mário direcionou sua busca pela identidade brasileira para o interior rural, onde estaria a verdadeira essência da brasilidade, com sua pureza característica, sem interferências estrangeiras<sup>248</sup>.

Outros intelectuais, porém, tentaram legitimar o samba como gênero nacional através da busca por suas origens, como é o caso de Almirante. Talvez como uma resposta às afirmações de Mário de Andrade, sua forma de autenticar o gênero foi estabelecendo uma ligação entre as origens do samba urbano e o elemento rural, dizendo que “o samba não havia nascido no morro, derivou de uma peça de costumes sertanejos denominada *O Marroeiro*”<sup>249</sup>. Ainda assim, Napolitano mostra como foi que esse “samba do morro” ficou conhecido como o autêntico, ou como o samba de raiz. As Escolas de Samba aparecem como um reduto desta tradição, se opondo ao samba tocado nas rádios, símbolo do consumismo moderno<sup>250</sup>.

Cecília Meireles se diferencia por não pensar o samba por um viés que o definiu como expressão cultural da nacionalidade, utilizando-se dele para pensar questões educacionais. O que parece é que esta visão do samba como a expressão da identidade

---

<sup>247</sup> NAPOLITANO, Marcos. *História e Música: História cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

<sup>248</sup> Sobre isto ver NAPOLITANO, Marcos. *História e Música: História cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005 e NAPOLITANO, Marcos & WASSERMAN, Maria Clara. “Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.20, n° 39, 2000. pp. 167-189.

<sup>249</sup> NAPOLITANO, Marcos & WASSERMAN, Maria Clara. Op. cit. p. 173.

<sup>250</sup> NAPOLITANO, Marcos. *História e Música: História cultural da música popular*. Op. cit. p. 51.

brasileira – e as escolas como lugar que guardam a verdadeira tradição – já estava consolidada no momento em que a folclorista escreveu sua crônica, de maneira que o lugar onde se cumprem as funções pedagógicas deste gênero musical é a Escola de Samba. É nestas agremiações que se exercita o espírito de socialização e solidariedade, onde se aprendem os costumes, onde várias gerações trocam experiências e aprendem uns com os outros. Não é a música por si só que contém atributos pedagógicos e, por isso, não basta escutá-la no rádio; a grande contribuição educativa do samba encontra-se na vivência coletiva e comunitária que as agremiações oferecem. A contribuição de Cecília para a valorização do samba vai além da definição deste enquanto gênero musical nacional; o samba, sob sua ótica, cumpre um importante trabalho social ligado à educação, principalmente nas comunidades onde estão inseridas as escolas.

Quando lemos a crônica “Democracia, liberdade e cooperação”, publicada no dia 10 de agosto de 1941, é possível perceber o porquê as escolas de samba são tão valorizadas por nossa folclorista: elas possibilitam o desenvolvimento do espírito de cooperação. Neste texto, Cecília admira o cooperativismo dos norte-americanos, afirmando que este sentimento é mais forte na união dos homens de uma nação do que “*os laços de uma definida e sustentada tradição comum*”<sup>251</sup>. É na escola que se inicia a prática dessa virtude, e dela vai se prolongando pelos diversos graus de ensino até a universidade, e depois pelo resto da vida. Esta rede de cooperação se estende por todos os Estados Unidos e mantém seu povo forte e unido em perfeito equilíbrio.

A escola de samba complementar, portanto, o trabalho das instituições de ensino na construção deste espírito cooperativo. Fica explícito que Cecília Meireles não considera suficiente a criação de uma identidade brasileira baseada somente numa tradição compartilhada – onde o folclore entra como ator fundamental –; o cooperativismo aparece como um sentimento fundamental para a ligação entre os homens numa sociedade. A simples partilha de costumes, língua e religião não impede que os indivíduos se hostilizem e, por isso, a construção da fraternidade sempre foi uma das principais preocupações de nossa folclorista, desde os tempos da *Página de Educação* (1930-1933)<sup>252</sup>.

---

<sup>251</sup> MEIRELES, Cecília. “Democracia, liberdade e cooperação”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 10 de agosto de 1941.

<sup>252</sup> Na visão de Cecília Meireles, como já vimos, este sentimento de fraternidade deveria extrapolar as fronteiras nacionais e estender-se a um nível universal. Este aspecto será ainda abordado no tópico seguinte e no terceiro capítulo da dissertação.

Seguindo sua ampla concepção do termo educação, Cecília Meireles também valoriza o trabalho como um importante educador do corpo e “do espírito” dos homens. Na crônica “Vida e trabalho”, publicada no dia 28 de agosto de 1941, a educadora fala sobre o valor que a sociedade norte-americana confere ao trabalho, onde é uma atividade considerada nobre, “tanto pelos benefícios que traz para o indivíduo como pelos que determina na vida social”<sup>253</sup>. Segundo ela, o trabalho no Brasil estaria engendrado num sistema hierárquico que o colocava em posição inferior e, por isso, depreciado. Não é que não exista, nos Estados Unidos, uma hierarquia de funções; a questão chave está na forma como eles conseguem encadeá-las, tornando possível que se suba de uma a outra a partir do aprimoramento dos conhecimentos ou habilidades. É isso que, na opinião de Cecília, cria o espírito democrático que torna qualquer realização possível:

*“(...) o que inspira ao povo dos Estados Unidos uma tal confiança em si mesmo é saber, cada cidadão, que pode vir a ser ainda presidente da República. Não sei que realidade tenha a observação; vale, porém, como símbolo: é, sem dúvida, poderosamente estimulante a ideia de que se pode contar com um futuro cada vez melhor. Pode o cidadão americano não chegar a presidente; mas não é uma justa alegria que esteja sempre a caminho de exercer a mais difícil função governativa? Não há nisso uma sustentação constante de interesse pelo progresso próprio?”<sup>254</sup>*

Este progresso, aos olhos da educadora, é possível através da educação e do trabalho. Afirma que o jovem norte-americano desafortunado consegue melhorar de vida trabalhando para estudar. A crônica tem a intenção declarada de fazer com que os jovens estudantes pensassem a respeito do assunto de maneira diferente, a fim de “despir de preconceitos anacrônicos os brasileiros que ainda por vezes se envergonham de aceitar uma profissão humilde, ou, em último caso, aceitando-a, transportam-na como quem leva uma cruz ao ombro”<sup>255</sup>. Este preconceito se deve à ideia herdada dos tempos de cativo de que “trabalho é função de escravo”<sup>256</sup>. Na crônica “Ruralização”, vemos como, dentre todas as formas de trabalho, o rural é o mais valorizado pela educadora:

*“Aproximar o homem da terra não é apenas sábia medida econômica e experiência poética maravilhosa – mas integração do homem naquelas*

---

<sup>253</sup> MEIRELES, Cecília. “Vida e trabalho”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 28 de agosto de 1942.

<sup>254</sup> Idem.

<sup>255</sup> Ibidem.

<sup>256</sup> Ibidem.

*virtudes que o dignificam e o deveriam caracterizar, se os exageros da cidade não lhe causarem tão sério dano.*

*O trabalho da terra seleciona a criatura, física e moralmente. Obriga-o a disciplina do corpo e do espírito. Ensina-lhe sobriedade e retidão. Acostuma-a à esperança, à paciência, e dá-lhe essa capacidade de a tudo resistir corajosamente, que já se vai tornando raro dom, na vertigem e na frivolidade do mundo.*

*(...)*

*Nenhum trabalho, mais do que o da terra, é dignificador e educativo para o homem. Nenhum trabalho também, ao conferir tantas virtudes, exige tantas possibilidades. E, quando o homem se sente vitorioso, afinal, dessas rudes provas, entre eles e a terra se estabelece um entendimento tão poderosamente sentimental que ambos se unificam num destino claro e tranquilo, num intercâmbio feliz, que sustenta a vida e tira o medo da morte, com o esquecimento de todas as limitações e a libertação de todas as facilidades.”<sup>257</sup>*

Esta valorização do trabalho e a referência aos Estados Unidos como um modelo inspirador são temas novos nas crônicas escritas por Cecília Meireles na coluna Professores e estudantes, se compararmos com as publicadas na *Página de Educação* (1931-1931). Não encontrei referências a estes assuntos nas crônicas da década de 1930, o que mostra uma significativa mudança de foco de nossa educadora na discussão dos temas educacionais. Se antes sua preocupação maior era com a infância e com a aplicação das ideias da Escola Nova, na década de 1940 sua visão se amplia e ela aborda o melhoramento da sociedade através da educação, considerando temas que até então não tinha trabalhado, como trabalho, ensino de adultos, educação doméstica, educação do pedestre, entre outros. Está claro que esta mudança tem a ver com o contexto no qual se enquadram as duas produções: a *Página de Educação* foi um espaço de lutas pelo movimento escolanovista e a aplicação do projeto educacional deste grupo nas políticas governamentais; a coluna *Professores e estudantes* aparece num momento bastante distinto, em que o Estado Novo já havia definido as diretrizes de sua política educacional, com a qual Cecília parecia, pelo conteúdo de suas crônicas, ter se identificado de alguma maneira, ainda que não tenha sido de forma absoluta.

A infância, porém, continuou sendo no cerne de suas preocupações. Cecília Meireles utilizou-se de sua coluna no jornal *A Manhã* para publicar um estudo sobre o folclore infantil, numa série chamada “Infância e folclore”. Este será o assunto da seção a seguir.

### **2.2.1 – A série “Infância e folclore” e o folclore como ferramenta educativa**

---

<sup>257</sup> MEIRELES, Cecília. “Ruralização”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 17 de janeiro de 1942.

Conforme já mencionado, uma diferença importante das crônicas publicadas por Cecília Meireles na *Página de Educação* na década de 1930 e na coluna *Professores e Estudantes* no início da década de 1940 é a dedicação a um estudo mais sistemático do folclore e uma reflexão mais aguçada das relações deste com a educação. Já vimos no tópico anterior que ela continuava a ser uma defensora ferrenha da educação do povo e continuava a dar sua contribuição para o melhoramento destas questões nas páginas dos jornais. Vamos agora nos debruçar sobre a faceta folclorista de nossa educadora, tentando sempre perceber as conexões estabelecidas por ela entre essas duas esferas.

O folclore não conseguiu se impor como uma disciplina acadêmica nos dias atuais, pois seus estudiosos foram duramente criticados por não possuir um método de investigação que atendessem aos requisitos científicos, principalmente nas décadas de 1950 e 1960<sup>258</sup>. Os intelectuais que se dedicavam à pesquisa do material folclórico não passavam por uma formação específica que os qualificasse para tal tarefa. Estes intelectuais, aliás, costumavam acumular diversas facetas e ramos de atuação no campo cultural e político, como é o caso de Sílvio Romero, Mário de Andrade e da própria Cecília Meireles.

Sílvio Romero (1851-1914), considerado o precursor dos estudos do folclore no Brasil, formou-se na faculdade de Direito do Recife em 1873. Apesar de ter sido promotor, deputado federal e até juiz municipal na província de Parati, no Rio de Janeiro, não foi por estas atuações que este homem ficou reconhecido no meio intelectual. Sua atividade como crítico literário e seus estudos sobre a sociedade brasileira foi o que levou Romero a integrar o hall dos maiores escritores de nosso país, tendo inclusive participado do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) e da Academia Brasileira de Letras como membro fundador. Apesar de todas as honras recebidas, no campo do folclore os estudos de Romero não conseguiram acompanhar suas intenções de formular uma metodologia mais consistente de estudo, que atendessem aos preceitos de cientificidade. O pesquisador Antonio Dimas identifica uma abundância informativa<sup>259</sup> nos textos do intelectual sergipano, uma característica

---

<sup>258</sup> O antropólogo Luís Rodolfo Vilhena realizou um importante estudo sobre os estudos do folclore no Brasil, principalmente da mobilização em torno do tema ocorrida entre 1947 e 1964. VILHENA, Luis Rodolfo. *Projeto e missão: o Movimento Folclórico brasileiro 1947-1964*. Op. cit. O Movimento Folclórico e a inserção de Cecília Meireles neste contexto serão abordados no próximo capítulo da dissertação.

<sup>259</sup> DIMAS, Antonio. "O turbulento e fecundo Sílvio Romero". In: BOTELHO, André & SCHWARCZ, Lilia M. (orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 79.

bastante corrente nos escritos dos folcloristas, trazendo uma ampla variedade de compilações, exemplos e comparações do material folclórico.

Mário de Andrade (1893-1945), outro grande ícone do pensamento social brasileiro, sequer chegou a cursar uma faculdade. Foi um intelectual autodidata e polivalente, desdobrando-se em várias frentes de trabalho: “*poeta, ensaísta, jornalista, cronista, crítico e historiador de música e artes plásticas, contista, folclorista (...) administrador e consultor de política cultural*”<sup>260</sup>, além de ser um dos grandes nomes do Modernismo brasileiro.

Havia, porém, uma diferença primordial entre estes dois autores na forma de lidar com o material folclórico. Sílvio Romero se enquadra na categoria “intelectual de gabinete”, que teoriza sobre costumes e manifestações populares sem muitas vezes ter tido contato com tais fenômenos culturais. Suas fontes de pesquisa encontram-se compiladas nos livros que consulta em seu escritório, tendo sido recolhidas por outros pesquisadores. Mário de Andrade, por sua vez, fez da etnografia uma parte primordial de sua pesquisa.

A forma de trabalhar com o folclore na coluna *Professores e Estudantes* de Cecília Meireles se assemelha mais à de Sílvio Romero, autor muitas vezes citado por ela. A folclorista carioca não recolheu as canções, parlendas e brinquedos que expunha em suas crônicas; o material folclórico apresentado e confrontado era consultado em coletâneas e escritos de outros estudiosos do folclore nacional, os quais ela sempre cita: Alexina de Magalhães, Mário de Andrade, Pereira da Costa<sup>261</sup>, Afonso Arino de Freitas<sup>262</sup>, Carlos Góis<sup>263</sup>, Frei Sinzig<sup>264</sup>, entre outros. Como não tratou somente do

---

<sup>260</sup> MICELI, Sergio. “Mário de Andrade: a invenção do moderno intelectual brasileiro”. In: BOTELHO, André & SCHWARCZ, Lilia M. (orgs.). Op. cit. p. 162.

<sup>261</sup> Francisco Augusto Pereira da Costa (1851-1923) folclorista e jornalista nascido em Recife, foi sócio benemérito do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano e fundador da Academia Pernambucana de Letras. De sua vasta obra, podemos destacar *Anais Pernambucanos* (pesquisa em 10 volumes), *Confederação do Equador* (1876), *Enciclopédia Brasileira* (1889), *Folclore Pernambucano* (1909) e *Vocabulário Pernambucano* (publicação em 1936). No Dicionário do Folclore Brasileiro, Câmara Cascudo também realça o tomo LXX da Revista do Instituto Histórico Brasileiro (1908), no qual o folclorista “*registrou, com comentários, superstições, poesia popular, romanceiro, cancionero, pastoris, parlendas, brinquedos, miscelânea, quadrinhas*”. Ver CASCUDO, L. da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Op. cit. p. 708.

<sup>262</sup> Afonso Arinos de Melo Franco (1868-1916) foi jornalista, advogado, professor da Faculdade de Direito de Ouro Preto (MG) e estudioso do folclore brasileiro. Segundo Câmara Cascudo, “*foi um dos mais poderosos tradicionalistas, evocando o passado com a precisão, o colorido e o movimento que sua inteligência e cultura fundamentavam*”. Destacam-se as obras *Pelo Sertão* (1898), *Lendas e tradições brasileiras* (1917) e *Histórias e Paisagem* (publicado em 1921). Ver CASCUDO, L. da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Op. cit. pp. 38-39.

<sup>263</sup> Carlos Góis (1881-1934) foi um professor, escritor, poeta e filólogo nascido no Rio de Janeiro. Tornou-se professor catedrático de Português no Ginásio Oficial de Minas Gerais com a defesa da tese

folclore brasileiro, Cecília cita também folcloristas estrangeiros: os portugueses Pires de Lima<sup>265</sup> e Manuel Afonso do Paço<sup>266</sup>; os chilenos H. Diaz Casanueva<sup>267</sup> e José Galvez; as espanholas Maria Rodrigo<sup>268</sup> e Elena Fortún<sup>269</sup>. Além do material consultado nos estudos desses intelectuais, a folclorista também recorria à memória e remetia a canções aprendidas durante a sua infância, principalmente com sua babá negra Pedrina e sua avó materna, de origem açoriana.

As referências a Alexina de Magalhães Pinto aparecem em grande parte dos textos que Cecília Meireles publicou na coluna *Professores e estudantes*. Podemos supor que a folclorista mineira tenha sido uma grande influência na formação de Cecília na Escola Normal, onde foi uma de suas ilustres professoras. A pesquisadora Jussara Pimenta afirma que ela “foi, provavelmente, quem despertou o seu interesse pela

---

*Da Linguagem*, que lhe proporcionou o primeiro lugar no concurso. Após a publicação de diversos livros, como *Cítara* (s/d) e *Espelhos* (s/d), passou a fazer parte da Academia Mineira de Letras. Em 1931, mudou-se para Petrópolis (RJ) e ingressou também na Academia Petropolitana de Letras.

<sup>264</sup> Frei Pedro Sinzig (1876-1952), músico austríaco, mudou-se para o Brasil em 1893, mais precisamente para a cidade de Salvador, onde permaneceu até naturalizar-se brasileiro em 1898 e ordenar-se sacerdote. Em 1908 foi transferido para Petrópolis e, depois, para o Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. A maioria de sua obra é religiosa, mas também escreveu sobre música popular: *Os Segredos da Harmonia* (1918), *O Brasil Canta* (1938), *Cancioneiro de modinhas populares* (s/d), *Modinhas brasileiras* (s/d), entre outros livros.

<sup>265</sup> Fernando de Castro Pires de Lima (1908-1973) foi médico, professor de Higiene no Conservatório de Música do Porto (sua cidade natal) e etnógrafo dedicado ao estudo da cultura popular do norte de Portugal. As obras que podem ter sido consultadas por Cecília Meireles em seus estudos são *Cancioneiro de São Novais* (textos publicados na Revista Guimarães entre 1922 e 1929) e *Cancioneiro de Celorico de Basto* (divulgado na revista *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, em 1935).

<sup>266</sup> Manuel Afonso do Paço (1895-1968), nascido na freguesia de Viana do Castelo, em Portugal, foi uma reconhecida figura do Exército Português, que também se dedicou à arqueologia e à etnografia. Priorizou o estudo de sua região de nascimento, mais precisamente à questão do traje característico à área do Alto-Minho, sobre o que publicou *Contribuição para o estudo do traje popular dito «à lavradeira» no concelho de Viana do Castelo* (1925) e *O traje “à lavradeira” (de Outeiro a Perre em especial e das outras aldeias em geral)* (1930). Também recolheu material folclórico do cancionário português e publicou as obras *Cancioneiro de Viana do Castelo* (1928), *Lisboa no Cancioneiro Ribatejano* (1948) e em *Cancioneiro popular ribatejano: Contribuição de Vila Nova de S. Pedro* (1952).

<sup>267</sup> Humberto Díaz Casanueva (1906-1992), poeta, diplomata e educador chileno, era amigo de Vicente Huidobro, Gabriela Mistral e Pablo Neruda. Publicou seu primeiro livro em 1926, *El Aventurero de Saba*, época em que militava no movimento de renovação educacional do Chile. Esta atividade engajada o levou ao exílio, em 1928, durante a ditadura de Carlos Ibáñez Del Campo. De sua obra poética, destacamos *Réquiem* (1945), *La hija vertiginosa* (1954) e *El hierro y el hilo* (1980). Díaz Casanueva também dedicou-se, através de seus escritos, à denúncia de violação dos Direitos Humanos e da segregação racial. Foi membro da Academia Chilena de Letras e, em 1971, ganhou o Prêmio Nacional de Literatura do Chile.

<sup>268</sup> Maria Rodrigo (1888-1967) foi uma pianista e compositora espanhola. Estudou música no conservatório de Madri e, em 1911, compôs sua primeira obra importante: *Sonata en mi bemol*. Durante a Guerra Civil Espanhola, mudou-se para Suíça. Em 1939, transferiu-se para Bogotá, na Colômbia, e, em 1950, para Porto Rico, onde foi responsável pela fundação do Conservatório de Música.

<sup>269</sup> Encarnación Aragoneses de Urquijo (1886-1952), mais conhecida pelo pseudônimo Elena Fortún, foi uma famosa escritora espanhola, principalmente de literatura infantil-juvenil. Se destacam os livros *Celia, lo que dice* (1929); *Celia, en el colegio* (1932); *Celia, novelista* (1934); *Celia en el mundo* e *Celia y sus amigos* (1935); série que foi adaptada para a televisão espanhola.

*organização de bibliotecas e pelo folclore brasileiro*”<sup>270</sup>. Alexina de Magalhães Pinto dedicou-se à promoção da leitura infantil e utilizava-se do material folclórico de suas pesquisas na produção de seus livros dedicados às crianças, mostrando abertamente que acreditava no potencial educativo da cultura popular<sup>271</sup>. É incontestável a influência desta professora na vida de Cecília Meireles, e as crônicas publicadas nesta série “Infância e folclore” marcam sua reaproximação do estudo da cultura popular e das influências de sua professora da Escola Normal.

A opção por trabalhar com o folclore infantil é perfeitamente entendida após termos conhecido sua atuação na *Página de Educação* no *Diário de Notícias* no início dos anos 1930. A infância e a educação da criança eram os principais objetos de discussão e preocupação de Cecília Meireles, temas com os quais nunca deixou de trabalhar após sua saída do jornal carioca. Nossa personagem continuou se dedicando à literatura infantil e chegou até a ser diretora da primeira biblioteca infantil do país, trabalho que desenvolvia paralelamente às suas funções de professora primária. Quando teve oportunidade de retornar às páginas da imprensa para discutir assuntos de educação, a educadora continuou a demonstrar seu interesse e dedicação ao universo infantil, principalmente através desta série de estudos do folclore.

Nas palavras de Cecília,

*“(...) o folclore, disciplina que reúne as tradições, superstições, usos e costumes dos povos, merece ser colocado em elevado nível de apreço, principalmente porque ele é um resumo vivo da alma coletiva, sua mais ingênua forma de revelação e contato.”*<sup>272</sup>

Fica claro no trecho citado que sua concepção de folclore está relacionada com o conceito de cultura popular. Além de remeter a um passado comum que deve ser preservado, “*as coisas populares*” são vistas como o que “*caracterizam, identificam um país; as que lhe dão personalidade*”<sup>273</sup>. No processo de constituição de uma identidade nacional, reviver o passado<sup>274</sup> no presente é uma necessidade constante, na medida em que é esta identificação de uma história em comum que mantém a estabilidade e a coesão de um grupo. A memória, que monumentaliza o passado, garante

---

<sup>270</sup> PIMENTA, Jussara. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)*. Op. cit. p. 63.

<sup>271</sup> Alexina publicou *As Nossas Histórias* (1907), *Os Nossos Brinquedos* (1909), *Cantigas de Criança e do Povo e Danças Populares* (1916).

<sup>272</sup> MEIRELES, Cecília. “Walt Disney no Brasil”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 29 de agosto de 1941.

<sup>273</sup> Idem.

<sup>274</sup> Refiro-me aqui ao passado enquanto tradição, que conserva um conjunto de costumes partilhados.

que ele se mantenha presente no cotidiano das pessoas que partilham de uma mesma tradição. Nesse sentido, o folclore se apresenta como um campo frutífero de realização desta coesão, de modo em que possibilita a vivência do passado e ligação sentimental do grupo com sua herança cultural.

A visão do folclore como sobrevivência, como uma “*prolongação de um passado no presente*”<sup>275</sup> é corrente entre grupo de intelectuais folcloristas, no qual Cecília Meireles se insere. Abordar o folclore infantil na imprensa cumpria uma função que os folcloristas consideravam fundamental: impedir que estas manifestações culturais se perdessem – já que ela observou que as crianças não mais cantavam as cantigas –, fazendo com que os leitores conhecessem suas tradições passadas e entendessem a importância de conservá-las. Não somente as crônicas desempenhariam tal tarefa, como também os livros e peças infantis que escreveu a partir da década de 1940<sup>276</sup>, nos quais incorporou o material folclórico que foi assunto de seus textos na coluna *Professores e estudantes*. Em suas palavras,

*“(...) a fixação do nosso folclore infantil representaria medida de real valor tanto no campo dos estudos etnológicos, como, fora do terreno de estudos sistemáticos, no enriquecimento da tradição nacional – o que vem a ser, em nossa opinião, mais ou menos o mesmo que o conhecimento do homem em todos os tempos e lugares do mundo. Se é certo que essas coisas do folclore infantil se vão perdendo, e que não é possível paralisar a vida, dando atualidade a coisas que já não se manifestam espontaneamente, - por outro lado, cumpre-nos conservar como recordação sentimental, e ponto de referência, aquilo que foi elemento de nosso enlevo passado, e de nossa formação.”*<sup>277</sup>

Observamos nesta citação que Cecília Meireles compartilha da visão do folclore como sobrevivência de costumes populares que caminham na tendência do desaparecimento. Dessa forma, suas crônicas cumpriam um importante papel de resgatá-las de um passado muitas vezes já esquecido para que se conserve, ao menos, “como recordação sentimental” – sentimento, este, responsável pela união do povo. No caso do folclore infantil, a relevância deste resgate é ainda maior: as tradições introduzidas nesta etapa da vida são estratégicas para a formação da “alma coletiva” e da tradição nacional - integrando a constituição de sua identidade –, e, ao mesmo tempo, cumprindo a função de manter vivos os costumes, para que não se perdessem.

---

<sup>275</sup> COUTINHO, Eduardo G. “Tradição e tradicionalismo”. In: *Velhas histórias, memórias futuras: o sentido da tradição na obra de Paulinho da Viola*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 15.

<sup>276</sup> Refiro-me aqui a peça folclórica *A Nau Catarineta* (1946) e aos livros infantis *Giroflê, Giroflá* (1956) e *Ou isto ou aquilo* (1964).

<sup>277</sup> MEIRELES, Cecília. “Atividades culturais”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 4 de outubro de 1941.

As cantigas, parlendas, canções de ninar, jogos e brinquedos que compõem o folclore infantil são vistos por Cecília Meireles como uma importante ferramenta educativa e, por isso, são o objeto de estudo de nossa folclorista em sua coluna. Para ela, eles “*constituem os primeiros ensinamentos de instrução e de educação recebidos antes da idade escolar*”<sup>278</sup>. Através de suas crônicas, os leitores tomam conhecimento do cancionário brasileiro e de sua função pedagógica, podendo assim introduzi-lo no universo das crianças com quem convivem, no caso dos leitores adultos; ou até mesmo adotá-las, caso o leitor seja uma criança em idade escolar. Na crônica publicada no dia 1 de fevereiro de 1942, Cecília mostra que muitos dos ensinamentos escolares são antecipados pelas parlendas, tais como: números e aritmética; noções de história natural, principalmente no que diz respeito ao corpo; o conhecimento do tempo, ou seja, das horas, dias, semanas, meses e etc<sup>279</sup>. Algumas trazem, inclusive, temas religiosos, como é o caso de uma canção reproduzida por Cecília:

*“Pelo sinal  
do bico real  
comi toucinho  
não me fez mal  
se mais houvesse  
mais comia  
Adeus, seu padre,  
até outro dia’*

*Nada disso afeta a devoção; ao contrário, a parlenda se entrelaça ao sentimento religioso, e talvez o reforça*<sup>280</sup>.

As crônicas que compuseram a série “Infância e Folclore” eram estudos comparativos, nos quais Cecília Meireles confrontava versões recolhidas por folcloristas brasileiros em diversas regiões do Brasil, com o objetivo de perceber suas semelhanças e suas variações. Essas comparações extrapolavam as fronteiras nacionais na medida em que a autora também utilizava fontes estrangeiras, tentando ressaltar mais as continuidades e aproximações do que as rupturas. Desta forma, a folclorista consegue mesclar nacionalismo e universalismo, não como perspectivas excludentes, mas sim complementares.

Um exemplo característico é a crônica “A viuvinha”, publicada em 10 de fevereiro de 1942, na qual Cecília compara a canção que aprendeu em sua época de

---

<sup>278</sup> MEIRELES, Cecília. “Infância e folclore”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 31 de janeiro de 1942.

<sup>279</sup> MEIRELES, Cecília. “Infância e folclore”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 1 de fevereiro de 1942.

<sup>280</sup> Idem.

criança com a que era cantada naquele momento pelas crianças cariocas, percebendo as modificações, tanto na letra da canção quanto na maneira de brincar. Em seguida, analisa a versão paulista do brinquedo, segundo o autor Afonso. A. de Freitas, e a versão pernambucana, conforme compilada por Pereira da Costa. Depois de apresentar e comparar versões nacionais da cantiga, a folclorista afirma que “*A cantiga é das mais divulgadas no mundo infantil, não apenas no Brasil, mas pela América do Sul e na península ibérica*”<sup>281</sup>. A partir desta afirmação, apresenta quatro versões chilenas da cantiga, recolhidas por H. Diaz Casanueva, e três versões espanholas, citando os autores Maria Rodrigo, Elena Fortun e Fernando Llorca. Após toda essa exposição, Cecília Meireles apresenta sua conclusão:

*“De todas essas comparações, verifica-se que há dois textos principais da ‘Viuvinha’, no cancioneiro infantil brasileiro, ainda reconhecíveis, aliás, pela diferença de música e medida do verso. Talvez um decorra da viuvinha do conde de Cabra, (Yo no quiero AL conde de Cabra – conde de Cabra, triste de mi!), e outro da variante n° 2 do Chile (‘Soy viudita – ló manda la ley’), de que as crianças brasileiras fizeram: ‘Viuvinha das bandas de além’ e as argentinas: ‘Yo soy La viudita Del barrio Del rey’...”*<sup>282</sup>

As cantigas brasileiras são vistas por ela como adaptações das estrangeiras, o que mostra sua intenção de provar que existe um substrato comum entre os povos de diferentes nacionalidades, traço fundamental de sua perspectiva universalista.

Vejamos outro exemplo. “Vamos maninha, vamos...” é apresentada na crônica do dia 19 de fevereiro de 1942.

*“Esta é uma das canções de mais poesia, tanto pelo que diz quando pelo que sugere. No Rio, hoje, as crianças a cantam assim:*

*Vamos maninha, vamos,  
na praia passear  
vamos ver a barca nova,  
que do céu caiu no mar!*

*Nossa Senhora vai dentro,  
os anjinhos a remar:  
rema, rema, remador,  
não deixe a barca virar!*

*Estes dois penúltimos versos podem, também, ser cantados assim:*

*‘Rema, rema, remadores,*

---

<sup>281</sup> MEIRELES, Cecília. “Infância e folclore: ‘A viuvinha’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 10 de fevereiro de 1942.

<sup>282</sup> Idem.

*que estas águas são de flores!’’<sup>283</sup>*

Depois de apresentar esta cantiga, na forma como ela mesma encontrou as crianças cariocas cantando, mostra como a versão que Mário de Andrade recolheu no Rio já se encontra modificada. A versão mineira de Carlos Góis e a pernambucana de Pereira da Costa também são comparadas. Por último, passa para o cancionero português, citando a variante coligida por Jaime Cortesão, donde conclui:

*“Como dizíamos no princípio, a cantiga é bonita, pelo que diz e pelo que sugere. E o que me sugere são os velhos cantares ‘de amigo’ onde jaz a mais velha poesia portuguesa:*

*(...)*

*Por esses e outros motivos é que não cansamos de adorar estas coisas que as crianças cantam, mesmo quando já vão tão deformadas que nem as próprias crianças as entendem...’’<sup>284</sup>*

Podemos fazer alguns apontamentos importantes a partir desta crônica. Primeiro, Cecília mais uma vez mostra como as cantigas do folclore infantil brasileiro compartilham traços comuns com outras estrangeiras, neste caso com o folclore português. Outro ponto a se ressaltar é a forma como ela se refere às canções, reconhecendo sua beleza. Por último, vale dizer que nossa folclorista não vê o folclore como algo estático, imutável, sem possibilidades de transformação ao longo do tempo. Ela reconhece a mudança, ainda que a veja como deformação.

Muito mais do que tributária da perspectiva universalista de Cecília Meireles, o reconhecimento das muitas influências culturais na sociedade brasileira tem a ver, segundo Néstor García Canclini, com *“uma identificação profunda com o mundo indígena e mestiço, o esforço para lhe dar um lugar dentro da cultura nacional”<sup>285</sup>*. Pelo menos desde Sílvio Romero o mestiço aparece como um personagem primordial na *“arquitetura da cultura brasileira”<sup>286</sup>*, principalmente fazendo referência às influências das três “raças” que a compõem: o branco, o negro e o índio. Na crônica “Cantigas de ninar”, Cecília se refere claramente ao mito das três raças:

---

<sup>283</sup> MEIRELES, Cecília. “Infância e folclore: ‘Vamos maninha, vamos...’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 19 de fevereiro de 1942.

<sup>284</sup> Idem.

<sup>285</sup> CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. p. 210.

<sup>286</sup> DIMAS, Antonio. “O turbulento e fecundo Sílvio Romero”. Op. cit. p. 81.

*“As cantigas de ninar usadas no Brasil, se caracterizam pela tríplice influência – índia, negra e branca. Para o habitante do litoral, as primeiras são as mais difíceis de obter. Os que viajam para o interior ou não as terão encontrado ou nem se lembraram disso.*

*(...)*

*Das cantigas de origem europeia, muitas se conservam até hoje, fiéis ao seu passado: outras sofreram diversas alterações, por aclimação, desagregação de elementos ou interpolação.*

*Muitas delas são de procedência religiosa, como transformação de vilânicos cantados ao Menino Jesus, e depois aplicados aos meninos humanos. Outras apenas se comprazem em alusões a personagens, lugares ou cenas sagradas. Em todo caso, são de inspiração cristã.”<sup>287</sup>*

As interferências dos elementos africanos e/ou indígenas nas cantigas europeias, ou das influências brancas nas cantigas de negros ou índios é o que marca a originalidade brasileira na comparação com o cancionário de outros países. Ao mesmo tempo, as semelhanças continuam a existir e são enfatizadas, pois a intenção da folclorista é também mostrar um substrato universal.

Há outras numerosas referências a essa mestiçagem cultural nas crônicas escritas pela poetisa, das quais podemos destacar a que se dedica ao estudo da cantiga “Sambalelê”, publicada em 27 de fevereiro de 1942. Cecília diz não tê-la aprendido na infância, mas a encontrou muito divulgada no Rio de Janeiro desde os fins da década de 1920. Após comparar as versões carioca e paulista da canção, ela afirma: *“Esta é, pois, uma das cantigas de roda de mais evidente hibridismo luso-africano, desenvolvida na parte europeia por uma malícia muito carioca”<sup>288</sup>.*

É interessante perceber que, para ela, a “malícia carioca” é proveniente da influência africana, e não da europeia. Embora Cecília valorize as contribuições africanas, ela não consegue fugir de alguns estereótipos associados à figura do negro na sociedade brasileira. A sensualidade e a malícia encontradas em algumas das cantigas são quase sempre atribuídas à interferência do negro, não só por Cecília Meireles, mas por grande parte dos folcloristas do século XIX e da primeira metade do século XX. Verificamos isso numa citação na crônica “Sapo jururu”, publicada em 15 de fevereiro de 1942, na qual Cecília confronta variações recolhidas por Mário de Andrade, Frei Sinzig e Alexina de Magalhães. Sobre a compilação desta última, Cecília diz que ela

*“Acrescentou em nota: ‘Dos lábios de meninas brancas foi essa versão coligida: uma versão sergipana do mesmo tema, e encontrada nos Cantos*

---

<sup>287</sup> MEIRELES, Cecília. “Infância e folclore: ‘Cantigas de ninar’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 19 de janeiro de 1943.

<sup>288</sup> MEIRELES, Cecília. “Infância e folclore: ‘Sambalelê’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 27 de fevereiro de 1942.

*populares do sr. Sílvia Romero: sem música, o que é uma pena; uma outra versão, e essa negra, que me foi dada como cantiga de ninar, tive de suprimi-la, receosa da malícia adulta que, essa não escapa nunca à sagacidade infantil.’  
Infelizmente não sabemos a que versão se refere a folclorista mineira.”<sup>289</sup>*

Como percebemos na citação, Alexina de Magalhães optou por não registrar a versão negra da canção por perceber nela uma “malícia adulta” que seria inadequada ao público infantil. Em outra crônica, Cecília demonstra que as contribuições dos negros teriam características primitivas, analisando as canções sob a ótica evolucionista:

*“Além do murundu e do tutu, alude a cantiga ao angu, e apresenta uma coleção de bichos – peru, urubu, jacarés – que lhe dão todo o caráter e a graça ornamental dos povos primitivos. Por isso tem a cantiga um jeito de coisa inventada por mãe-preta.”<sup>290</sup>*

Mesmo caindo em alguns momentos nas armadilhas das visões estereotipadas e carregadas de um resquício evolucionista, o fato é que ela age de maneira a valorizar as contribuições dos diversos povos na formação da identidade nacional brasileira, chegando até mesmo a reconhecer a beleza poética do cancionário popular. Em diversos trechos de seus textos, alguns já citados nesta pesquisa, a folclorista afirma que a canção é bonita, seja pela forma ou pelo conteúdo. Na nota intitulada “Ilustração de Juiz de Fora”, a folclorista fala sobre os cartões postais com poesia vendidos na cidade em questão. Sobre isto, dá o seguinte testemunho:

*“Eu estava mais séria do que nunca. Eu estava diante da poesia do povo. (...) de coisa tão linda, tão verdadeira, que, por mais séculos de cultura que nos caíam nos ombros, nem esmorece, nem se acaba, nem se torna ininteligível.”<sup>291</sup>*

Outro exemplo encontra-se na crônica “Olelé pumba voou”:

*“Essa curiosa cantiga de roda foi-nos transmitida por uma menina de Mato Grosso, residente nesta capital. Canta-se na cidade de Campo Grande, daquele estado, com o seguinte texto:*

*‘Olelé, ‘pumba’ voou;  
você vai, eu também vou;  
você vai lavar a roupa,*

<sup>289</sup> MEIRELES, Cecília. “Infância e folclore: ‘Sapo jururu’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 15 de fevereiro de 1942.

<sup>290</sup> Cito este trecho a partir da dissertação de Maria Laura Cheola. A autora não indicou o título da crônica, apenas a data: 10 de abril de 1943. CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. *Infância e folclore: as crônicas de Cecília Meireles sob o Estado Novo*. Op. cit. p. 78.

<sup>291</sup> CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. Op. cit. p. 85.

*eu vou ser seu corador*

*O que moça tão bonita  
que não sabe fazer nada  
Quando for mãe de família  
deixa a casa abandonada'*

*A cantiga tem música própria. O que a torna mais engraçada de ouvir é dizer-se 'pumba' por 'pompa' – recordando a famosa expressão nortista 'canua cheia de cucos de prua a pupa'. Isso lhe dá um caráter delicioso, uma poesia particular, e empresta à ave um jeito misterioso, meio mal-assombrado – coisa de encantação.*"<sup>292</sup>

No caso desta cantiga em particular, nem mesmo a pronúncia incorreta da palavra “pompa” por conta dos sotaques regionalistas é capaz de retirar a beleza poética da canção. Ao contrário, é justamente isso que é valorizado pela folclorista, por ser o elemento que dá graça à cantiga.

Sobre este reconhecimento poético do cancionero popular, a pesquisadora Maria Laura Cheola<sup>293</sup> afirma que, para Cecília Meireles,

*“(…)a complexidade da literatura impressa não anula, nem diminui o valor estético da literatura oral. Imagens e metáforas na oralidade, mesmo não exaustivamente trabalhadas, mantêm sua força semântica, sua capacidade de provocar seu público, de mexer profundamente com emoções e certezas existenciais.*”<sup>294</sup>

Esta observação é muito importante, principalmente porque toca num ponto primordial: o folclore é essencialmente sentimental e tem a função de tocar na alma do povo e, nesse caso, o traço poético é um elemento importante. Cheola defende, ainda, que este reconhecimento estético da poesia popular seria mais uma das peculiaridades de Cecília Meireles folclorista, visto que

*“(…) os grandes nomes da história dos estudos de folclore no Brasil, que apesar de em alguns momentos terem constatado o brilho da poesia do povo, destacavam predominantemente nos textos populares características sociais, históricas, lingüísticas e etnográficas em detrimento de suas características estéticas. Nesse rol, além de Mário de Andrade, estão também, entre outros, Sílvio Romero e Câmara Cascudo. Mesmo entre aqueles pesquisadores que*

---

<sup>292</sup> MEIRELES, Cecília. “Infância e folclore: ‘Olelê pumba voou’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 30 de setembro de 1942.

<sup>293</sup> Maria Laura Cheola tomou as crônicas da série “Infância e folclore” como fonte para realizar seu trabalho de mestrado. Convém dizer que minha abordagem da documentação difere da autora em questão, na medida em que a relação entre folclore e educação não foi uma de suas preocupações no estudo. Seu foco recai sobre a relação entre Cecília Meireles e o Estado Novo, avaliada somente através do conteúdo das crônicas sobre folclore. Sobre este ponto em particular, cheguei a conclusões diferentes das apresentadas pela autora em seu estudo, ponto que será abordado no próximo tópico.

<sup>294</sup> CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. Op. cit. p. 81-82.

*aceitam a poesia oral como produção literária, encontra-se um grande número que a considera inferior em termos estéticos, reservando-lhe um espaço exíguo e subalterno.*”<sup>295</sup>

O ponto central da argumentação da autora gira em torno do fato de que, para ela, Cecília teria encorajado, ainda que de forma tímida e indireta, a realização de análises estéticas de textos populares e cantigas, tendo realizado ela própria interpretações deste caráter em suas crônicas. No último parágrafo da crônica “Olelê pumba voou”, já citada, vemos um exemplo desta operação analítica, conforme examinado por Maria Laura Cheola:

*“Mostra que a transformação do fonema /o/ da palavra ‘pomba’ em /u/, por causa de seu timbre mais fechado, concede à ave uma feição obscura, sobrenatural. Esse sentido, emprestado à pomba, como é inesperado e completamente distante do significado corriqueiro do assunto tratado nas cantigas – a competência de uma moça para os trabalhos domésticos –, infunde graça ao texto como um todo.*”<sup>296</sup>

Após termos contato com seus escritos na coluna *Professores e estudantes* fica claro que, de fato, Cecília Meireles realizou, ainda que superficialmente, análises estéticas do material folclórico recolhido na bibliografia. É um pouco arriscado generalizar que este seria um traço que a distingue dentre todos os folcloristas que a antecederam e seus contemporâneos, na medida em que não tenho conhecimento profundo das obras destes outros tantos intelectuais, muitos deles com uma produção vastíssima e cujo exame extrapolaria as intenções desta pesquisa. Mas, de fato, esta parece ser a tendência dominante na produção intelectual destes estudiosos, já que muitos deles consideraram a poesia popular inferior em termos estéticos, ou sequer a reconheceram como poesia. O pesquisador Marcos Napolitano também aponta para esta tendência em seus estudos sobre a música popular, sobretudo urbana. Esta, na crítica dos eruditos e folcloristas, era vista como expressão de uma decadência musical na medida em que

*“(…) por um lado, ela não honrava as conquistas musicais da grande música ocidental e suas formas sofisticadas, musicalmente complexas, devidamente chanceladas pelo gosto burguês (...). Por outro lado, ela corrompia a herança popular ‘autêntica’ e ‘espontânea’ com seu comercialismo fácil e sua mistura sem critérios de várias tradições e gêneros.*”<sup>297</sup>

---

<sup>295</sup> Idem. p. 82.

<sup>296</sup> Ibidem. p. 86.

<sup>297</sup> NAPOLITANO, Marcos. *História e Música: História cultural da música popular*. Op. cit. p. 15.

Até mesmo estudiosos que classificaram a música “camponesa” como autêntica e pura, como Mário de Andrade, o fizeram buscando afirmar um gênero tipicamente brasileiro, na tentativa de forjar uma identidade musical para o país. Em termos estéticos, Mário se interessava mais pelo ritmo do que pelas letras das canções, pois as considerava pobres.

O trabalho de Cecília Meireles como folclorista publicado na coluna *Professores e estudantes* revela uma importante característica da maioria dos estudos sobre o folclore do período: há um interesse pelos bens culturais e, de acordo com Canclini, um “descaso pelos processos e agentes sociais que os geram, pelos usos que os modificam”<sup>298</sup>, o que leva “a valorizar nos objetos mais sua repetição que sua transformação”<sup>299</sup>. Vejamos o exemplo a seguir:

“Pisei na pedra  
a pedra balanceou;  
o mundo ‘tava’ torto,  
Rainha ‘endireitou’”.

*Poucas pessoas compreenderão o que, para uma criança sensível, significa essa quadrinha. Em primeiro lugar, é a noção de perigo expressa na pedra móvel; depois o perigo se generaliza na noção de ‘mundo torto’, de um mundo errado, e que a intuição da infância adivinha ser bem este mundo que todos estamos vendo; a isto se vem juntar um suspiro imenso de esperança, porque a ‘Rainha’ (com todo prestígio que a palavra tem para a imaginação infantil) consegue pôr ordem na confusão e transformar o caos em cosmos, como no princípio de todas as teogonias. Quando a criança que ouve a quadrinha é, além de imaginativa, uma menina – a tudo isto se acrescenta a ideia maravilhosa sobre o poder feminino; ideia, aliás, muito justa, mas difícil de se afirmar na alucinação que envolve quase todas as coisas.”<sup>300</sup>*

Na cantiga citada na crônica acima há uma clara alusão a ação da Princesa Isabel como redentora na abolição da escravidão no Brasil, em 1888. Porém, em sua análise, Cecília sequer menciona este fato ou se refere a qualquer origem negra ou escrava da canção. Ao relatar suas memórias da infância no livro *Olhinhos de gato*, Cecília diz que a quadra da rainha mencionada acima era uma das poesias folclóricas que aprendeu com sua babá negra Pedrina. Ainda assim, a folclorista opta por uma análise estritamente poética, principalmente ressaltando os aspectos que tocariam na alma infantil, mencionando também que a quadrinha conteria uma mensagem de cunho feminista. É claro que, possivelmente, para crianças brancas não familiarizadas com o processo de

---

<sup>298</sup> CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. Op. cit. p. 211.

<sup>299</sup> Idem.

<sup>300</sup> MEIRELES, Cecília. “Infância e folclore: ‘Eu passei na ponte...’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 7 de julho de 1942.

libertação dos escravos esta interpretação é completamente plausível. O problema da análise é justamente não considerar os usos dos produtos culturais pelos diferentes agentes, pensando nos significados sociais da cantiga.

Cecília Meireles descontextualiza as cantigas apresentadas na série “Infância e folclore” e as insere no contexto pedagógico. O que interessa, de fato, é pensar os usos educativos do folclore infantil. Isto fica evidente quando ela alerta os educadores de que não é qualquer aspecto do folclore que pode/deve ser aproveitado, já que há de se “*corrigir certas ignorâncias, por motivos principalmente de higiene física e moral*”<sup>301</sup>. Há aspectos dos costumes populares que não acompanharam as inovações da ciência e que, por isso, podem ser “*absurdas e prejudiciais*”. A solução, em suas palavras, seria

*“(...) recolher, como informação, o que existe na alma quase sempre complicadíssima da gente chamada simples. Desse material, remover o que se considerar nocivo ao bem estar dessas criaturas, esclarecendo-as, educando-as: trabalho para várias gerações. O material removido conserva-se para o estudo de especialistas e dos curiosos.”*<sup>302</sup>

Podemos afirmar, à luz desta citação, que o material folclórico apresentado na série “Infância e folclore” passou pelo crivo educador de Cecília Meireles, que selecionou no material os aspectos que ela considerava adequados para serem aplicados na educação infantil. O que Cecília denomina como folclore nada mais é que uma seleção muito específica de elementos da cultura popular, que seguem seu projeto político bem delimitado de educação infantil. Os sentidos das cantigas escolhidas foram modificados a seu gosto, considerando a mensagem pedagógica que ela deseja passar, como no caso da quadra da rainha há pouco citada. A canção foi totalmente descontextualizada, afastada de sua conotação original. A interpretação que figura é a da própria pesquisadora, e os sentidos atribuídos são determinados por sua visão educacional.

### **2.2.2 - Cecília Meireles e o Estado Novo**

Valorizar os símbolos nacionais não é uma inovação do Estado Novo, já que desde a Primeira República isso já vinha sendo realizado. O próprio Governo Provisório é marcado por numerosas medidas nacionalistas e nacionalizantes. Um exemplo importante foi a declaração da obrigatoriedade do uso do Hino Nacional do Brasil em

---

<sup>301</sup> MEIRELES, Cecília. “Walt Disney no Brasil”. Op. cit.

<sup>302</sup> Idem.

todo o território brasileiro na Constituição de 1934, medida que foi estendida às escolas públicas ou privadas no dia 1 de outubro de 1936, com a Lei nº 259:

*“Art. 1º. Fica obrigatório, em todo o país, nos estabelecimentos de Ensino, mantidos ou não pelos poderes públicos, e nas associações de fins educativos e outros, constantes desta lei, o canto do Hino Nacional (...)*

*Parágrafo único. A obrigatoriedade, estabelecida neste artigo, refere-se aos estabelecimentos de ensino primário, normal secundário e técnico-profissional e às associações desportivas, de radio-difusão e outras de finalidade educativas.*

*(...)*

*Art. 3º. A instituição que, previamente intimada, deixar de cumprir as determinações desta lei, terá proibido o seu funcionamento pela autoridade competente.”<sup>303</sup>*

Ainda que medidas como estas tenham sido tomadas antes do golpe de 1937, observa-se que o Estado Novo veio intensificar esta proposta, já que a partir de então se adotou um modelo de Estado autoritário e centralizador, *“cujas margens de intervencionismo sobre a sociedade se ampliaram de forma até então inusitada no país”<sup>304</sup>*.

O regime ditatorial implantado por Getúlio Vargas possuía um plano nacional-estadista em que a valorização dos elementos folclóricos brasileiros ocupava lugar de destaque. O projeto de criação de uma identidade nacional dependia de uma política cultural eficiente e bem formulada, na qual as particularidades regionais seriam substituídas pela unidade. Nesta empreitada, a educação possuía um papel fundamental, principalmente no que diz respeito ao ensino de história e geografia, especialmente marcado pela exaltação de personagens de nossa história política e dos costumes populares presentes em todo o país<sup>305</sup>.

No campo educacional, o Estado Novo foi decisivo na implementação de um sistema de educação nacional, que padronizasse o ensino em todo território nacional e centralizasse as atividades em busca da tão sonhada unidade. Esta unidade se traduziria tanto na aplicação de programas e conteúdos escolares quanto no sentimento de

---

<sup>303</sup> FRAGA, André Barbosa. *Os heróis da pátria: política cultural e história do Brasil no governo Vargas*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, 2012. p. 11.

<sup>304</sup> GOMES, Angela de Castro. “Cultura Política e Cultura histórica no Estado Novo”. In: ABREU, M., SOIHET, R. e GONTIJO, R. (org.). *Cultura Política e Leituras do Passado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Faperj, 2007. p. 45.

<sup>305</sup> Sobre isto ver: GOMES, Angela de Castro. “República, educação e história pátria no Brasil e em Portugal”. In: \_\_\_\_\_. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009. pp. 85-120 e FRAGA, André Barbosa. *Os heróis da pátria: política cultural e história do Brasil no governo Vargas*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, 2012.

pertencimento dos cidadãos a uma coletividade, na afirmação da identidade nacional brasileira – empreitada em que a educação tem papel fundamental.

*“Em sentido especial a educação talvez seja uma das traduções mais fiéis daquilo que o Estado Novo pretendeu no Brasil. Formar um ‘homem novo’, para um Estado Novo, conformar mentalidades e criar o sentimento de brasilidade, fortalecer a identidade do trabalhador, ou por outra, forjar uma identidade positiva do trabalhador brasileiro, tudo isso fazia parte de um grande empreendimento cultural e político para o sucesso do qual contava-se estrategicamente com a educação por sua capacidade universalmente reconhecida de socializar os indivíduos nos valores que as sociedades, através de seus segmentos organizados, querem ver internalizados.”<sup>306</sup>*

Este ideal, na perspectiva estadonovista, só se concretizaria na medida em que se superassem os regionalismos e se eliminasse o “perigo” que os núcleos estrangeiros representavam, já que o projeto de unidade ficava seriamente ameaçado pela convivência com grupos culturais estrangeiros estruturados, falando sua língua mãe em território brasileiro, cultivando seus costumes, mantendo escolas e veículos de imprensa próprios.

O Brasil recebeu, em fins do século XIX e início do século XX, levas de imigrantes vindos de diversas regiões da Europa, dentre eles italianos, portugueses, espanhóis, suíços, dentre outras nacionalidades. Porém, o grupo que ofereceu mais preocupação ao regime estadonovista foi o alemão, pois era “reconhecido como o núcleo estrangeiro mais fechado em torno de sua própria cultura, de sua própria língua e de sua própria nacionalidade”<sup>307</sup>. Inúmeros intelectuais já haviam alertado em seus escritos para o risco de se criarem nacionalidades dentro do Brasil antes do Estado Novo, como foi o caso de Sílvio Romero, Alberto Torres<sup>308</sup> e Manoel Bomfim. Sílvio Romero, em seus Dez Mandamentos encontrados em *História da Literatura Brasileira*, declarou:

---

<sup>306</sup> BOMENY, Helena. “Três decretos e um ministério: a propósito da educação brasileira no Estado Novo”. In: PANDOLFI, Dulce. (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1999.

<sup>307</sup> BOMENY, Helena. “Três decretos e um ministério: a propósito da educação brasileira no Estado Novo”. Op. cit.

<sup>308</sup> Alberto de Seixas Martins Torres (1865-1917) foi um político, jornalista e escritor nascido em Itaboraí (RJ), cujas preocupações intelectuais giravam em torno dos temas da organização social e da unidade nacional brasileira. Ocupou diversos cargos políticos na recém-proclamada República, como o de Ministro da Justiça e Negócios Interiores (1895) e Presidente do Estado do Rio de Janeiro (1897-1900). Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tendo escrito obras importantes como: *O problema nacional brasileiro* (1912), *A organização nacional* (1914) e *As fontes da vida no Brasil* (1915).

*“(...) 8. O meio de trazer o equilíbrio seria distribuir a colonização regularmente e cuidadosamente por todas as zonas do país, facilitando às nossas populações a assimilação desses novos elementos;  
9. Se o não fizerem, as três províncias do extremo sul terão, em futuro não muito remoto, um tão grande excedente de população germânica, válida e poderosa, que a sua independência será inevitável.”<sup>309</sup>*

A novidade deste regime foi elaborar e concretizar uma política de nacionalização que não previa a convivência com estes grupos estrangeiros e, no que diz respeito ao caso alemão, a questão da nacionalização tornou-se também de segurança nacional a partir da ameaça de uma possível infiltração nazista no Brasil<sup>310</sup>.

Encarando a imigração como um tópico chave da segurança nacional, surgiram decretos que definiriam os assuntos ligados aos povos estrangeiros que viviam no território brasileiro, dentre os quais a pesquisadora Helena Bomeny destacou os que ela considera os quatro mais importantes:

*“O decreto-lei 383, de 18 de abril que vedava aos estrangeiros o exercício de atividades políticas no Brasil; o decreto-lei 406, de 4 de maio do mesmo ano, regulamentando o ingresso e a permanência de estrangeiros, determinando providências para a assimilação dos mesmos e criando o Conselho de Imigração e Colonização como órgão executivo das suas disposições; o decreto 868, de 18 de novembro de 1938, criando a Comissão Nacional de Ensino Primário, estabelecendo entre as suas atribuições a de nacionalização do ensino nos núcleos estrangeiros e finalmente, o de número 948, de 13 dezembro de 38 que, sob a consideração de serem complexas as medidas capazes de promover a assimilação dos colonos de origem estrangeira e completa nacionalização dos filhos de estrangeiros, determinava que as medidas com esse fim ‘fossem dirigidas e centralizadas pelo Conselho de Imigração e Colonização’.”<sup>311</sup>*

Dentre estas, destacamos o decreto que interfere diretamente nos assuntos de educação, prevendo a nacionalização das escolas estrangeiras. Dentre todas as violências aplicadas contra os imigrantes neste momento, – como prisões arbitrárias, interceptação de correspondência particular, perseguição de pessoas que falavam a língua de sua pátria de origem – a ação repressiva de fechamento das instituições escolares traduz muito da orientação política nacionalizadora do Estado Novo. De acordo com os dados abordados por Bomeny, cerca de 770 escolas foram fechadas em diversos Estados da federação, ao

---

<sup>309</sup> ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 7ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. (5 volumes). Apud: DIMAS, Antonio. “O turbulento e fecundo Sílvio Romero”. Op. cit. p. 82.

<sup>310</sup> Sobre isto ver BOMENY, Helena. “Três decretos e um ministério: a propósito da educação brasileira no Estado Novo”. Op. cit.

<sup>311</sup> BOMENY, Helena. “Três decretos e um ministério: a propósito da educação brasileira no Estado Novo”. Op. cit.

mesmo tempo em que eram substituídas por instituições brasileiras, que seguiam o plano nacional de educação do ministério Capanema.

Desde o movimento político de 1930, como vimos, a educação tem sido um tópico chave nas discussões políticas. No Estado Novo, além de estar associada à formação e consolidação da identidade nacional, a educação também esteve associada à segurança nacional, sendo enaltecida como mecanismo eficaz de controle. De acordo com Helena Bomeny, a intervenção do exército nos assuntos educacionais é característica de regimes autoritários como o que aqui estamos tratando<sup>312</sup>. O general Eurico Gaspar Dutra, ministro da guerra do governo Vargas, chegou a declarar que “o problema da educação, apreciado em toda sua amplitude, não pode deixar de constituir uma das mais graves preocupações das autoridades militares”<sup>313</sup>. A pesquisadora afirma que esta vinculação entre educação e segurança nacional visa atender a um plano estratégico de mobilização controlada e de militarização da sociedade civil, uma espécie de retomada do projeto de defesa nacional do poeta Olavo Bilac<sup>314</sup>. O sistema educacional poderia, ainda, atuar na “construção de barreiras eficazes à propagação de doutrinas consideradas perigosas à defesa da nacionalidade”<sup>315</sup>. Maria Laura Cheola mostra como a pedagogia repressora do Exército passa a ter influência direta no ensino escolar primário e secundário, porque a defesa da nação dependia de que cada cidadão possuísse o espírito militar. Esta militarização se põe contra o ensino liberal defendido pelos escolanovistas, na medida em que este criaria cidadãos dispersos, individualistas, que não se reconheceriam parte da coletividade e não atuariam em prol do progresso da nação brasileira<sup>316</sup>.

Fica claro, então, que educação aparece como campo estratégico na formação e manutenção de uma unidade nacional moldada por uma identidade que seria forjada a partir da valorização do que se consideravam nossos costumes e práticas culturais. Sendo assim, não é de se estranhar que temas folclóricos sejam discutidos numa coluna chamada *Professores e estudantes* (1941-1943) e que seu estudo tenha cada vez mais se introduzido no processo educativo formal. Ao aliar educação e sua seleção dos elementos folclóricos em suas crônicas na imprensa, Cecília Meireles estava atendendo

---

<sup>312</sup> BOMENY, Helena. “Três decretos e um ministério: a propósito da educação brasileira no Estado Novo”. Op. cit.

<sup>313</sup> Idem.

<sup>314</sup> Sobre isto ver BOMENY, Helena. “Três decretos e um ministério: a propósito da educação brasileira no Estado Novo”. Op. cit.

<sup>315</sup> Idem.

<sup>316</sup> CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. Op. cit. p. 43-44.

a uma demanda pela valorização dos costumes brasileiros e pela sua preservação. Em diversos momentos fica clara a preocupação da autora em discutir temas ligados à formação da identidade brasileira, do papel da educação como agente modificador da sociedade, dentre outras questões que se encontravam na ordem do dia.

Neste momento, então, nossa folclorista passa a fazer parte do grupo de intelectuais colaboradores do Estado Novo, fazendo parte do núcleo do jornal *A Manhã* e como editora da revista do DIP, *Travel in Brazil*. Sobre isto, vale aqui apresentar duas perspectivas contrárias de autoras com as quais dialogo diretamente nesta pesquisa. Embora tenha se dedicado ao estudo das crônicas publicadas na *Página de Educação* entre 1930 e 1933 e não das crônicas da coluna *Professores e Estudantes*, Valéria Lamego<sup>317</sup> avaliou a mudança de postura de Cecília Meireles diante do governo de Getúlio Vargas. Em sua opinião, Cecília deixou para trás a faceta de jornalista engajada “que, entre 1930 e 1933, assinou sua página diária sobre educação – na qual chegou a acusar o então ministro de educação, Francisco Campos, de medalhão e o então presidente, Getúlio Vargas, de Sr. Ditador”<sup>318</sup>. Lamego conclui sua avaliação dizendo que

*“A luta de Cecília foi breve. Depois desse período, em carta ao educador Fernando de Azevedo, a poeta desabafou: tinha horror à política, mas num momento em que as forças autoritárias cresciam no mundo era impossível ficar distante. Mas ficou. Atropelada pelas tragédias da vida pessoal, Cecília se afasta da imprensa, dedicando-se à educação. A década de 1930 passou e no início da década de 1940, mais precisamente no ano de 1940, Cecília casa-se com Heitor Grillo.*

*Suas posições diante do governo Vargas também mudaram. Agora ela é editora da revista *Travel in Brazil*, publicação do autoritário Estado Novo (1937-1945), isto é, do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda).”<sup>319</sup>*

Após lermos a citação acima, fica claro que Valéria Lamego avalia como atuação política apenas o período em que Cecília se dedicou à *Página de Educação* (1930-1933), o que demonstra uma concepção restrita da ação política. De acordo com a visão da autora, a posição da educadora com relação ao regime político mudou drasticamente, já que passou inclusive a trabalhar para o DIP. Parece que a pesquisadora em questão cai na máxima do intelectual cooptado pelo Estado, que abandona suas antigas concepções e adota sem questionamentos o projeto do governo.

---

<sup>317</sup> LAMEGO, Valéria. “Crônica de uma vida”. In: Cecília Meireles – 100 anos. Cult: revista brasileira de literatura. Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2011/11/cecilia-meireles-110-anos/>. Acesso em 15/10/2012, às 23:00h.

<sup>318</sup> Idem.

<sup>319</sup> Ibidem.

Em perspectiva assumidamente contrária à de Valéria Lamego, Maria Laura Cheola defende que Cecília Meireles mantinha ativa nos anos 1940 “*sua faceta de ‘guerreira política’*”<sup>320</sup>. As crônicas publicadas na coluna *Professores e Estudantes* entre 1941 e 1943 foram objeto de sua pesquisa de mestrado e é a partir destas fontes que ela questiona a visão defendida por Lamego. Cheola argumenta que não houve mudança nas posições políticas de Cecília; o que de fato ocorreu foi uma mudança de tática:

*“Se antes sua luta se dava por meio de discursos ostensivos, claramente infensos às ideias da cúpula governamental, nesse momento sua resistência ao despotismo estabelecido acontecia de maneira indireta. Cecília Meireles, acostumada aos jogos políticos e tendo sido vítima da repressão do governo em 1934”<sup>321</sup>, deve ter imediatamente percebido que, com a ditadura instituída será ingênua e inábil a opção por ataques frontais.*

(...)

*Assim como silenciar estava fora de cogitação, bradar também estava. Necessário tornava-se encontrar um meio termo para que se continuasse a veicular ideias opostas àquelas que o Estado Novo impunha. Foi isso que Cecília fez.”<sup>322</sup>*

Mesmo se colocando contra a ideia do intelectual cooptado, Maria Laura Cheola não consegue fugir de outra máxima simplista: a de que Cecília Meireles tinha como intenção principal, utilizando-se dos próprios meios de comunicação estatais, driblar os conceitos defendidos e propagados pelo Estado Novo. De acordo com a autora, Meireles se opunha ao princípio nacionalista homogeneizador do regime ao defender uma perspectiva universalista em suas crônicas sobre o folclore infantil, principalmente quando compara o folclore brasileiro com o folclore estrangeiro em busca de semelhanças. Há crônicas em que a folclorista reproduz cantigas e brinquedos populares de outros países em seu idioma original e, por isso, desculpa-se com o leitor:

*“Que o leitor nos desculpe esta incursão por outros idiomas, quando apenas queremos nos ocupar das cantigas infantis brasileiras. A isso nos levou a universalidade de um brinquedo cujos últimos ecos representam ainda um motivo de interesse para as crianças da nossa terra.”<sup>323</sup>*

---

<sup>320</sup> CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. *Infância e folclore: as crônicas de Cecília Meireles sob o Estado Novo*. Op. cit. p. 54.

<sup>321</sup> Em nota, a autora diz estar se referindo ao episódio do fechamento da Biblioteca Infantil do Distrito Federal, da qual Cecília Meireles era diretora. Porém, há um equívoco na data, já que a biblioteca foi fechada em 1937, conforme já foi mencionado no primeiro capítulo da dissertação.

<sup>322</sup> CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. *Infância e folclore: as crônicas de Cecília Meireles sob o Estado Novo*. Op. cit. p. 54-55.

<sup>323</sup> *Ibidem*. p. 56.

Mais do que uma retratação destinada ao público, Maria Laura Cheola afirma que nossa personagem estava dando uma satisfação ao governo por estar indo contra as orientações do mesmo. A pesquisadora diz, ainda, que Cecília teria feito isso “*de forma muito inteligente: justifica suas observações sobre o folclore de outros países com o argumento de que era uma forma de valorizar o nosso próprio*”<sup>324</sup>. Outra forma de resistir também seria a diferença de sua concepção de folclore, argumentando que a folclorista questionava a visão do folclore como algo estático tal qual utilizada pelo Estado Novo. Na avaliação de Cheola, reconhecer publicamente a mobilidade do material folclórico significa contestar de maneira indireta os princípios estadonovistas<sup>325</sup>.

Não questiono a interpretação de que Cecília Meireles conseguiu, em alguns momentos, driblar e negociar com o projeto cultural do Estado Novo. A intenção é chamar a atenção para a necessidade de se considerar, como alerta Angela de Castro Gomes<sup>326</sup>, que o Estado Novo tem a ambiguidade como uma marca fundamental. Analisar a perspectiva universalista de Cecília Meireles apenas como uma forma velada de resistência ao projeto nacional-estadista da ditadura varguista desconsidera as ambiguidades presentes no regime e no pensamento de nossa personagem como intelectual atuante neste contexto, até porque ela possui esta característica em seu pensamento muito antes do golpe de 1937. Defender que Cecília teria se rendido aos ditames do Estado Novo e que traiu suas convicções anteriores também não é uma solução satisfatória. As análises maniqueístas não conseguem dar conta da complexa relação estabelecida entre os intelectuais e um projeto político mais amplo, na qual há sempre uma “*variada gama de aproximações, distanciamentos e negociações*”<sup>327</sup>. Nesse sentido, sigo as orientações de Gomes em seu trabalho sobre a Cultura Política e a Cultura Histórica no Estado Novo, quando a pesquisadora afirma que:

*“Ficam afastadas, por premissa teórica, as ideias de ‘manipulação’ pelo Estado e de ‘alienação e traição’ dos intelectuais em função de ligações estabelecidas com as políticas governamentais. Assim, não se está aqui trabalhando com a chave simplista que interpreta a participação dos intelectuais em políticas públicas como sinal de automática adesão às diretrizes ideológicas de um regime político, ou como prova de ‘cooptação’, entendendo-se por cooptação algo próximo a uma transação mercantil de*

---

<sup>324</sup> Ibidem. pp. 56-57.

<sup>325</sup> Essas questões serão melhor exploradas quando forem expostas minhas conclusões sobre as relações entre Cecília Meireles e o Estado Novo a partir das crônicas.

<sup>326</sup> GOMES, Angela de Castro. “Cultura Política e Cultura histórica no Estado Novo”. Op. cit. p. 45.

<sup>327</sup> Ibidem. p. 47.

*caráter utilitário. A questão do envolvimento de intelectuais com regimes políticos – sobretudo autoritários, como no caso do Estado Novo – é algo bem mais complexo e instigante. Para se compreender essa dinâmica e o sentido da categoria cooptação, é relevante reconhecer o interesse e até a necessidade de um regime de estabelecer contatos com o meio intelectual. Do mesmo modo, é interessante e necessário, para os intelectuais, participar de um novo espaço político que a eles se abre, oferecendo tanto oportunidades de tipo financeiro como de prestígio sociocultural.”<sup>328</sup>*

Seguindo este raciocínio, proponho aqui uma análise que tente dar conta da complexidade das relações estabelecidas entre a intelectual Cecília Meireles e o Estado Novo, principalmente através das crônicas que publicou no jornal governista *A Manhã*. Os temas educação e folclore possuíam importância estratégica num regime político que, como vimos, pretendia homogeneizar o povo e uni-lo num só sentimento de fraternidade e pertencimento. O projeto educacional estadonovista pretendia, de acordo com Lourenço Filho – então diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais –,

*“(…) homogeneizar a população, dando a cada nova geração o instrumento do idioma, os rudimentos da geografia e da história pátria, os elementos de arte popular e do folclore, as bases da formação cívica e moral, a feição dos sentimentos e ideias coletivos, em que afinal o senso de unidade e de comunhão nacional repousam.”<sup>329</sup>*

Sem dúvida estes eram temas importantes no repertório cronístico de nossa folclorista, como vimos. Fica claro nesta citação o elo estabelecido entre o folclore e a educação na construção da identidade: o folclore (o espírito nacional do povo), aliado aos conhecimentos da história da nação, formam o sentimento de pertencimento a uma coletividade unificada. Esta é a chave para compreender a política cultural do Estado Novo que, de acordo com Ângela de Castro Gomes, reservou ao passado e à construção de uma determinada memória sobre este passado um lugar primordial na representação da nacionalidade<sup>330</sup>. Os intelectuais se destacam, então, como atores sociais especializados na construção e divulgação desta política cultural e, por isso, o governo buscou a cooperação deste grupo e ampliou suas formas de vinculação ao aparelho burocrático do Estado. Interessa-nos aqui pensar de que maneira Cecília Meireles atuou neste universo simbólico, negociando com o projeto cultural do governo estadonovista, muitas vezes dialogando com ele e, por outras, propondo novas soluções, pautas e debates.

---

<sup>328</sup> Ibidem. pp. 46-47.

<sup>329</sup> SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena; COSTA, Vanda Maria Ribeiro (orgs.). *Tempos de Capanema*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas e Editora Paz e Terra, 2000. p. 93.

<sup>330</sup> GOMES, Ângela de Castro. “Cultura Política e Cultura histórica no Estado Novo”. Op. cit. p. 46.

A ideia de que Cecília desafia o Estado Novo ao reconhecer a mobilidade do material folclórico não se sustenta na medida em que tanto ela quanto outros intelectuais da época reconheciam que as tradições populares se modificavam. Mesmo que vejam o folclore como uma sobrevivência cristalizada do passado, são capazes de identificar mudanças e sua tendência ao desaparecimento. É justamente por isso que os folcloristas realizam o trabalho da coleta, do registro: era preciso documentar e guardar<sup>331</sup> os costumes antes que se perdessem, cada vez mais rechaçados pelo advento da modernidade. Isso fica claro ao lermos um trecho escrito por Mário de Andrade:

*“O que a gente carece é distinguir tradição e tradição. Tem tradições e tradições imóveis. Aquelas que são úteis, tem importância enorme, a gente as deve conservar talqualmente são porque elas se transformam pelo simples fato da mobilidade que tem.”<sup>332</sup>*

Mário, além de ressaltar o caráter mutável das tradições, ainda trata da função do intelectual na conservação dos costumes. A crítica que estes estudiosos sofreram diz respeito ao seu método pouco científico e, principalmente, por não submeterem as tradições e costumes ao uso dos agentes que os consumiam, na tentativa de compreender a dinâmica cultural e, assim, o porquê das transformações. Talvez isto se explique pelo descaso dos folcloristas pela mudança, na medida em que esta era vista como deturpadora dos costumes, que deveriam ser conservados tal qual surgiram, pois aí se encontra sua essência. Estes intelectuais estavam mais preocupados em evitar as transformações, muito mais do que conhecer as razões pelas quais elas aconteciam.

As crônicas examinadas no tópico anterior são um exemplo característico desta forma de lidar com o material folclórico, na qual *“o povo é resgatado, mas não conhecido”<sup>333</sup>*. As mudanças são percebidas por Cecília Meireles, quando ela mostra as variações das cantigas no tempo, as variações regionais, as variações extra-nacionais. O que ela não faz é submeter o material a uma crítica mais profunda, que tente dar conta de questões fundamentais, tais como: Quem são as crianças que cantam tal cantiga? Quais são seus significados? As crianças mais abastadas cantam a canção da mesma forma que as crianças da periferia? Por que razão tal parlenda não é mais cantada da

---

<sup>331</sup> Não podemos esquecer que o folclorista seleciona o material folclórico, escolhendo o que deve ou não ser guardado. Isto é feito, como vimos no caso de Cecília, a partir de suas concepções políticas.

<sup>332</sup> CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. *Infância e folclore: as crônicas de Cecília Meireles sob o Estado Novo*. Op. cit. p. 66.

<sup>333</sup> CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. Op. cit. p. 210.

mesma forma que no passado? Essa forma de trabalhar com o folclore não difere da forma como o Estado Novo tratava tais questões. Ao invés de particularizar os grupos que praticam certos tipos de costumes, as tradições populares são mostradas como comuns a todos os habitantes do Brasil, mesmo que haja pequenas variações regionais na forma de cantar tal ou qual cantiga. A maneira como Cecília confronta as versões das parlendas demonstra a existência de particularidades, mas estas são insignificantes se comparadas às numerosas semelhanças que as variantes possuem. A intenção é ressaltar a unidade, na medida em que a folclorista “*apontava diferenças superficiais e semelhanças fundamentais*”<sup>334</sup>.

Nesta forma de interpretação, nossa folclorista se assemelha a seu amigo e correspondente Fernando de Azevedo, principalmente nas ideias expostas em seu livro *A Cultura Brasileira* (1942)<sup>335</sup>. De acordo com Libânia Xavier, o educador mineiro busca, ao longo da obra, uma síntese totalizante para construir a sua versão da cultura brasileira, expressão sempre utilizada no singular. Esta síntese, nas palavras do próprio autor, procura captar

“(...) a alma ou mentalidade coletiva (...), exprimir o que há de comum entre regiões extremamente diferenciadas, mas próximas uma das outras, pela unidade fundamental da formação de um povo, impregnado pelo catolicismo (...) e pela influência portuguesa, preponderante na interpenetração dos elementos indígena e africano.”<sup>336</sup>

Através do estudo do que selecionou do folclore infantil, Cecília também parece perseguir uma síntese da cultura brasileira, na medida em que as diferenças são apontadas como pontuais em meio a tantas similaridades. Podemos inclusive dizer que a diversidade aparece como um problema a ser superado na construção da unidade nacional. Tal ponto fica evidente quando ela afirma que “*há muita coisa interessante pelo Brasil adentro (...), mas o que possuímos é difícilimo de obter, e fica, assim, confinado à região produtora, sem influir no resto da população, regionalizando-se, em vez de nacionalizar-se*”<sup>337</sup>.

---

<sup>334</sup> CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. *Infância e folclore: as crônicas de Cecília Meireles sob o Estado Novo*. Op. cit. p. 78.

<sup>335</sup> O livro *A Cultura Brasileira* (1942) foi encomendado pelo governo estadonovista para ser a Introdução do Recenseamento Geral de 1940. Sobre isto ver: XAVIER, Libânia Nacif. “Retrato de corpo inteiro do Brasil: a cultura brasileira por Fernando de Azevedo. In: *Revista da Faculdade de Educação, USP*, São Paulo. v. 24, n. 1 jan./jun. 1998. p. 76

<sup>336</sup> XAVIER, Libânia Nacif. “Retrato de corpo inteiro do Brasil: a cultura brasileira por Fernando de Azevedo. Op. cit. p. 76.

<sup>337</sup> MEIRELES, Cecília. “Walt Disney no Brasil”. Op. cit.

No que diz respeito à identificação de proximidades entre o folclore nacional e o internacional, Maria Laura Cheola argumenta que esta seria mais uma forma de questionar o projeto cultural estadonovista, já que este pretendia afastar toda e qualquer influência estrangeira na construção do sentimento de nacionalidade em nosso povo<sup>338</sup>. Em primeiro lugar, é preciso ter em mente que o universalismo é uma característica da forma ceciliana de interpretar o mundo e as relações entre os homens desde, pelo menos, a década de 1920, quando se envolveu com a produção de revistas como a *Festa* e a *Árvore Nova*. Ou seja, esta perspectiva transnacional não foi uma estratégia utilizada por ela neste momento apenas para fazer frente ao Estado Novo de maneira disfarçada. É indiscutível que de fato há divergências entre o pensamento de Cecília Meireles enquanto intelectual independente com relação ao projeto de governo, assim como havia discordâncias entre os próprios intelectuais a serviço do regime de maneira mais ativa que nossa personagem, como é o caso de Gustavo Capanema. Como já discutimos, sempre há espaço para negociações, mesmo em regimes ditatoriais. O ponto que defendo é que essas diferenças de pensamento expressam mais a complexidade das relações intelectual/Estado do que propriamente uma resistência por parte de Cecília Meireles ao Estado Novo.

Em segundo lugar, vale ressaltar que a afirmação de que o projeto nacionalista estadonovista tinha o objetivo de afastar toda e qualquer influência estrangeira é um pouco categórica. De fato houve um investimento na supressão das particularidades para a construção de uma unidade nacional, principalmente no que diz respeito aos núcleos estrangeiros que existiam no país. Mas isso não quer dizer que todo o tipo de influência estrangeira fosse rechaçada. Um exemplo disso é a crescente aproximação diplomática e cultural com os Estados Unidos, sobretudo a partir de 1941, quando da entrada deste na Segunda Guerra Mundial.

Cecília Meireles acompanhou este processo de aproximação com os norte-americanos, de forma que passou a abordar em suas crônicas aspectos da cultura ianque e, como vimos, discutir o que poderíamos aprender com eles. Mesmo antes de 1941, vemos exemplos de intelectuais que viajaram em missões diplomáticas e culturais por diversos países, dentre eles a própria Cecília, que já havia ido a Portugal e, em 1940, viajou aos Estados Unidos e ministrou aulas na Universidade do Texas.

---

<sup>338</sup> XAVIER, Libânia Nacif. Op. cit. p. 72.

O fato é que, mesmo que tenha sido uma forte questionadora da administração de Getúlio Vargas a partir de 1931, Cecília Meireles optou por juntar seu trabalho nos ramos literário, folclórico e educacional ao governo estadonovista a partir, sobretudo, de 1941. Isso não quer dizer que ela tenha sido cooptada pelo regime ou que compactuava com todas as decisões e atitudes tomadas, seja no campo político ou cultural. O que é possível propor é que Cecília pode ter visto no Estado Novo uma oportunidade de fazer valer alguns de seus ideais, mesmo que o preço fosse aceitar algumas imposições do regime ditatorial com as quais não concordava, como, por exemplo, a censura da imprensa e dos meios de comunicação<sup>339</sup>. Sua experiência na *Página de Educação* (1930-1933) pode ter modificado sua forma de enxergar a política, já que o saldo de sua militância aberta, direta e combativa foi uma lista de inimigos e um certo distanciamento da esfera oficial das discussões educacionais.

O Estado Novo continha muitos pontos que Cecília Meireles havia criticado no início da década de 1930 e considerava abomináveis; mas, ao mesmo tempo, investiu na educação e na cultura de uma forma inédita até então. Havia espaço para a discussão dos temas que a educadora Cecília Meireles sempre trabalhou e, dessa forma, ela decidiu aproveitar seu espaço na imprensa para divulgar e debater as urgências educacionais, e o folclore apareceu como um potencial aliado na construção de uma sociedade mais justa, mais tolerante, mais consciente de seu papel não só na nação a que pertence, mas na humanidade como um todo.

Foi por conta desta nova orientação que Cecília se destacou no campo de estudos do folclore, fazendo com que ela viesse a integrar, em 1947, o Movimento Folclórico Brasileiro. Além disso, incorporou o material de seus estudos em seus livros infantis, concretizando seu projeto de educação pelo folclore. Estes serão os temas do próximo capítulo.

---

<sup>339</sup> As conversas com Mário de Andrade nas cartas citadas no primeiro capítulo mostram como ela precisava “burlar” a censura para publicar imagens ou textos sobre as manifestações afro-descendentes.

## Capítulo 3 – A educação da criança através do folclore

### 3.1 – Literatura infanto-juvenil, educação e folclore

*“Ah! tu, livro desprezioso, que na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e, sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda... tu, sim, és um livro infantil, e o teu prestígio será, na verdade, imortal.*

*Pois não basta um pouco de atenção dada a uma leitura para revelar uma preferência ou uma aprovação. É preciso que a criança viva a sua influência, fique carregando para sempre, através da vida, essa paisagem, essa música, esse descobrimento, essa comunicação...”<sup>340</sup>*

Os primeiros livros infantis propriamente brasileiros datam do final do século XIX; portanto, trata-se de um campo com mais de cem anos de história. Grandes nomes da intelectualidade brasileira se aventuraram por estes caminhos, alguns deles consagrados e bastante conhecidos por suas contribuições para a literatura infantil, como é o caso de Manuel Bandeira, Olavo Bilac, Viriato Correia<sup>341</sup>, Érico Veríssimo<sup>342</sup> e, o maior de todos – assumido como o pai fundador –, Monteiro Lobato. Cecília Meireles, apesar de não possuir o mesmo destaque que estes escritores nos livros de síntese, é uma participante ativa desta história, seja por suas reflexões sobre o campo ou produzindo livros para crianças.

O projeto cultural da recém-proclamada República exigia uma mudança no padrão de leituras, tanto do público adulto como do infantil, na medida em que o mercado era dominado por livros estrangeiros traduzidos para o português. A construção de uma cultura cívica republicana carecia, sobretudo, de um investimento no aprendizado da língua, da história e da geografia pátrias, gerando uma demanda por

---

<sup>340</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Op. cit. p. 15.

<sup>341</sup> Manuel Viriato Correia Baima do Mago Filho (1884-1967) foi um jornalista, escritor, dramaturgo e político nascido em Pirapemas, no Maranhão. Na imprensa, colaborou com diversos jornais e revistas, entre eles o *Correio da Manhã*, o *Jornal do Brasil* e a *Folha do Dia*, além de ter sido o fundador do *Fafazinho* e de *A Rua*. Viriato Correia possui uma vasta obra dedicada ao público infantil, composta por literatura e teatro, através da qual procurava levar às crianças lições de história do Brasil. Podemos aqui destacar os livros *Contos da história do Brasil* (1921), *História do Brasil para crianças* (1934) e *Cazuza* (1938); e as peças *Jutiti* (1919), *Nossa gente* (1924) e *A Marquesa de Santos* (1938).

<sup>342</sup> Érico Lopes Veríssimo (1905-1975) foi um dos grandes escritores brasileiros do século XX, que publicou grandes clássicos, como a trilogia *O tempo e o vento* - *O Continente* (1949), *O Retrato* (1951) e *O Arquipélago* (1962). Também dedicou-se à literatura infantil, publicando livros como *Os três porquinhos pobres* (1936), *As aventuras de Tibicuera* (1937) e *Aventuras no mundo da higiene* (1939).

livros escritos por autores nacionais e que contemplassem temáticas nacionais<sup>343</sup>. Isto não quer dizer que os textos estrangeiros tenham deixado de circular no mercado livresco brasileiro; a diferença é que, no século XX, eles passaram a concorrer com obras produzidas por escritores locais, o que aqueceu e diversificou o comércio editorial.

Porém, no que diz respeito à literatura infantil, as pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman afirmam que esta foi uma especialidade construída, principalmente, a partir da década de 1920, na medida em que os primeiros livros dedicados às crianças brasileiras foram, em sua maioria, adaptações de obras estrangeiras produzidas originalmente para o público adulto<sup>344</sup>. Os exemplos mais expressivos são *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe; *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift; e *D. Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes; traduzidos no Brasil pela primeira vez pelo professor e jornalista alemão Carl Jansen<sup>345</sup>, que decidiu dar sua contribuição disponibilizando histórias apropriadas para as crianças em idade escolar. As iniciativas de Alberto Figueiredo Pimentel<sup>346</sup> também são reconhecidas, pela publicação de *Contos da Carochinha* (1894), *Histórias da avozinha* (1896) e *Histórias da baratinha* (1896).

Neste mar de traduções e adaptações de livros estrangeiros, também havia espaço para as primeiras tentativas de produzir obras infantis originais e baseadas em temáticas tipicamente brasileiras. A exemplo do que ocorreu na Europa, os autores brasileiros perceberam no material folclórico uma rica fonte de narrativas que poderiam ser registradas e adaptadas para o público infantil. O próprio Figueiredo Pimentel, apoiando-se em *Contos Populares do Brasil* (1885) de Sílvio Romero, incorporou elementos da tradição oral nacional nas publicações anteriormente citadas. A folclorista Alexina de Magalhães Pinto, professora e grande influência intelectual de Cecília Meireles, promoveu o acesso das crianças leitoras a cantigas, histórias, provérbios e

---

<sup>343</sup> GOMES, Ângela de Castro. “As aventuras de Tibicuera: literatura infantil, História do Brasil e política cultural na Era Vargas”. In: *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009. p. 124.

<sup>344</sup> LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

<sup>345</sup> Carl Jacob Anton Christian Jansen (1829-1889) foi um educador, escritor, jornalista e militar nascido na Alemanha, que chegou ao Brasil em 1951, recrutado para lutar na Guerra do Prata. Colaborou com jornais gaúchos, como o *Correio do Sul* e *O Guaíba*. Traduziu e adaptou para o público infantil grandes clássicos da literatura europeia.

<sup>346</sup> Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) foi um jornalista carioca, considerado um dos pioneiros da literatura infantil brasileira. Preocupava-se em popularizar o livro e a leitura, investindo na publicação mais acessível de autores clássicos, como Charles Perrault e os irmãos Grimm.

brinquedos populares recolhidos e publicados em *As nossas histórias* (1907), *Os nossos brinquedos* (1909) e *Cantigas das crianças e do povo e Danças populares* (1916).

O incentivo à leitura e a promoção do acesso ao livro ocupavam lugar de destaque na formação infantil tal qual concebida pelos preceitos escolanovistas. Considerando as experiências de instalação da Sección Infantil de La Biblioteca Nacional de Maestros em Buenos Aires em 1916 e da Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo em 1935, Gabriela Pellegrino Soares mostra que

*“O universo bibliotecário foi uma importante instância formuladora de discursos e definidora de práticas relativas às leituras infantis no período que este trabalho abrange. Assumiu o desafio de promover o hábito da leitura para além das atividades propriamente escolares, oferecendo ao público jovem, além de materiais de estudo, obras de ficção capazes de despertar o interesse e o gosto dos potenciais leitores.”<sup>347</sup>*

Apesar de todo este desenvolvimento, permanecia na década de 1930 o diagnóstico de que a literatura infantil brasileira era “pobre”, tanto no que diz respeito à quantidade de livros à disposição no mercado quanto à sua qualidade e adequação pedagógica. Numa crônica publicada no dia 4 de novembro de 1931, na *Página de Educação*, Cecília Meireles discutia a dificuldade de se organizar uma biblioteca infantil por conta da carência de livros para crianças. Em suas palavras,

*“Por mais de uma vez temos aludido à nossa penúria em matéria de livros infantis. O que possuímos é pouco e, além de pouco, de inferior qualidade. As traduções nem sempre são boas, porque em geral se desdenha da criança, e admite-se criminosamente que qualquer coisa que a entretém é já leitura interessante. Isso é um erro grosseiro, aliás, dos que se querem ver livres dos filhos ou alunos, e, à conveniência de os verem entretidos, sacrificam a incerteza de os verem educados.”<sup>348</sup>*

A educadora carioca, como vimos, era uma das ferrenhas defensoras do princípio da Escola Nova, e avaliava que os poucos livros que existiam com a finalidade de atender à infância não conseguiam realizar tal objetivo por não estarem afinados com suas necessidades e sua psicologia. Para Cecília, não basta fazer qualquer coisa, sob alegação de que o leitor infantil é pouco exigente; nem tampouco exagerar nas narrativas fantásticas, criando coisas absurdas e sem significação. Em matéria de literatura infantil, não se pode confundir simplicidade com banalidade.

---

<sup>347</sup> SOARES, Gabriella Pellegrino. *Semear Horizontes: Uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil -1915-1954*. Op. cit. p. 280.

<sup>348</sup> MEIRELES, Cecília. “Livros para crianças”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1931.

Na tentativa de reverter este quadro, Anísio Teixeira convidou nossa personagem para realizar um estudo sobre as preferências de leitura das crianças em idade escolar no Distrito Federal, denominado Inquérito de Literaturas Infantis. Teixeira assumiu o cargo de Diretor-Geral de Instrução do Distrito Federal em outubro de 1931, com promessas de dar continuidade ao processo iniciado com as reformas de Fernando de Azevedo no final dos anos 1920. Após sua posse, realizou um inquérito para avaliar a frequência, a retenção e o abandono escolar. Entregou à professora Cecília Meireles a tarefa de mapear as preferências de leituras das crianças das escolas públicas e o estado das bibliotecas municipais. O Inquérito de Literaturas Infantis foi realizado entre novembro e dezembro de 1931 e publicado em 1934<sup>349</sup>, com “933 meninas e 454 meninos do 3º, 4º e 5º anos primários, de idades entre 7 e 14 anos, de 24 escolas, representando 19 distritos escolares”<sup>350</sup>.

Esta preocupação com o incentivo à leitura permaneceu na gestão do ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema, através de uma série de iniciativas, como, por exemplo, a criação da Comissão Nacional de Literatura Infantil (CNLI) em 1936, que seria responsável por

*“(...) realizar levantamentos sobre a situação desse tipo de produção literária; selecionar livros para serem traduzidos; classificar, por idades, as obras existentes e censurar as que fossem perniciosas; organizar um projeto de bibliotecas infantis e, com destaque, promover o desenvolvimento de uma boa literatura para crianças e jovens.”*<sup>351</sup>

---

<sup>349</sup> O inquérito foi publicado sob o título *Leituras infantis* pelo Instituto de Pesquisas Educacionais, que tinha como diretor outro professor militante no movimento escolanovista: Carlos Delgado de Carvalho. Segundo Kazumi Munakata, Carlos Delgado Carvalho foi “professor do Colégio Pedro II e diretor da Associação Brasileira de Educação desde a primeira diretoria, sendo signatário do célebre Manifesto dos pioneiros da Educação Nova, de 1932. Estudou Direito e Ciências Políticas na França e Sociologia na London School of Economics, na Inglaterra; exerceu o cargo de vice-diretor do externato do Colégio Pedro II; foi o primeiro diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE), fundado em 1933 por Anísio Teixeira, quando este dirigia a Instrução Pública do Distrito Federal; e professor de Economia e Direito da Universidade do Distrito Federal, de Sociologia Educacional da Escola de Professores e de Sociologia da Escola Secundária do Instituto de Educação. Escreveu livros didáticos de Sociologia, Geografia, História e Educação. Pertencia ao círculo de Teixeira e seus colaboradores”. MUNAKATA, Kazumi. “Dois manuais de história para professores: histórias de sua produção”. *Educação e Pesquisa*. vol.30, n.3, 2004. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022004000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000300010&lng=en&nrm=iso); Acesso em 27 de junho de 2012, às 16:30h.

<sup>350</sup> PIMENTA, Jussara. “Leitura e encantamento: a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco”. Op. cit. p. 109.

<sup>351</sup> GOMES, Ângela de Castro. “As aventuras de Tibicuera: literatura infantil, História do Brasil e política cultural na Era Vargas”. Op. cit. p. 121.

Além da CNLI, foi fundado o Instituto Nacional do Livro (INL) em 1937 e, no ano seguinte, a Comissão Nacional do Livro Didático. Cecília Meireles chegou a fazer parte da CNLI em seu início, mas logo encerrou suas atividades<sup>352</sup>.

Neste breve panorama, percebemos que a constituição da literatura infantil como um campo especializado no Brasil foi um processo complexo, marcado por amplas discussões e disputas. Pudemos perceber que, em fins do século XIX e na primeira metade do século XX, foram os escritores de literatura adulta – muitos deles já consagrados – que se comprometeram com a produção de livros para as crianças, transmitindo também através deles suas preocupações político-culturais que permeavam o conjunto de sua atuação pública. Compartilho aqui da tese defendida por Ângela de Castro Gomes, de que estes intelectuais das primeiras gerações da República apostaram numa ação educativa ampla, que elegeu a formação do leitor infantil como uma de suas preocupações principais. Nas palavras da pesquisadora, esta aposta se vincula à

*“(...) construção de uma cultura cívica republicana, torna-se parte constitutiva da identidade desses intelectuais, e pôde ser vivida como ‘missão’, útil e prazerosa, quer porque se dirigia às crianças – sempre os futuros cidadãos –, quer porque acenava com a possibilidade de ganhos materiais e simbólicos em um estreito mercado editorial.”<sup>353</sup>*

Foi através desta aposta numa ação educativa ampla que Cecília Meireles se envolveu em tantas frentes de atuação, que se conjugam na linha interpretativa aqui proposta.

### **3.1.1 – A arte de escrever para crianças**

Nas palavras da pesquisadora Regina Zilberman, *“um bom livro é aquele que agrada”<sup>354</sup>*. Livros que agradam as crianças permanecem em suas memórias na adolescência e na fase adulta, com boas recordações da infância e como referências literárias que marcaram sua formação. Um dos livros infantis de Cecília Meireles, *Rute e Alberto resolveram ser turistas* (1938), está entre os livros que marcaram a infância do

---

<sup>352</sup> Não foi possível apurar as razões para a saída de Cecília Meireles da CNLI.

<sup>353</sup> GOMES, Ângela de Castro. “As aventuras de Tibicuera: literatura infantil, História do Brasil e política cultural na Era Vargas”. Op. cit. p. 129.

<sup>354</sup> ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Op. cit. p. 9.

escritor Moacyr Scliar<sup>355</sup>, que tentou na vida adulta reconstituir a coleção que leu quando criança:

*“Aos poucos, num sebo e em outro, fui refazendo parte de minha biblioteca de então: Rute e Alberto, de Cecília Meireles; Os Nenês D’Água, de Charles Kingsley; Alice no País das Maravilhas; As Aventuras de Tibicuera, de Erico Veríssimo; Histórias de um Quebra-nozes, de Alexandre Dumas; Robin Hood, Tarzan, livros sobre piratas... Apanho um volume: é a trigésima edição de Cazuzá, de Viriato Correa, obra concluída pelo autor justamente no ano em que nasci – 1937. Folheio-a com a mesma sensação que tive pela primeira vez, a de descobrir um Brasil que não conhecia, o Brasil do Maranhão, o Brasil do Pata Choca, do Padre Zacarias, de Luiz Gama. O Brasil do professor João Cândio dizendo – numa época em que o ufanismo era a tônica: ‘Somos um país pobre, um povo pobre... Mas justamente porque a terra não é mais doce, nem a mais generosa, nem a mais rica é que é maior o valor de nossa gente.’ Humildes livros, bravos livros.”<sup>356</sup>*

Agradar à criança e marcar sua infância era, sem dúvida, uma das maiores preocupações de Cecília Meireles ao escrever um livro para este público. Tal ponto fica claro quando entramos em contato com o livro *Problemas da Literatura Infantil* (1951), que é a formalização escrita de três conferências proferidas em Belo Horizonte num curso de férias sobre Literatura Infantil promovido pela Secretaria de Educação de Minas Gerais, em janeiro de 1949. Num pequeno prefácio, o qual ela denomina “Explicação prévia”, Cecília Meireles explica que aproveitou a oportunidade para desenvolver melhor alguns pontos que apenas havia aflorado na exposição oral e multiplicar alguns exemplos, procurando promover um melhor entendimento do assunto tratado nas conferências. Explicando também o título do livro, a autora faz um alerta: *“Não se pretendeu aqui dar solução aos inúmeros problemas da Literatura Infantil. Pretendeu-se apenas insistir sobre a sua importância e alguns dos seus variados aspectos”<sup>357</sup>.*

---

<sup>355</sup> Moacyr Scliar (1937-2011) foi um consagrado escritor brasileiro. Nasceu em Porto Alegre (RS) e sua formação foi em medicina em 1962, ano em que publicou seu primeiro livro, *Histórias de um médico em formação* (1962). Seus mais de 67 livros foram publicados também fora do Brasil, em países como Inglaterra, Rússia, República Tcheca, Eslováquia, Suécia, Noruega, França, Alemanha, Israel, Estados Unidos, Holanda e Espanha e Portugal. Além de romances, crônicas e contos, o autor também dedicou cerca de 21 publicações ao gênero infanto-juvenil, dentre elas *O Rio Grande farroupilha* (1995), *O mistério da Casa Verde* (2000) e *O sertão vai virar mar* (2002). Para mais informações, ver SCLIAR, Moacyr. *Memórias de um aprendiz de escritor*. Rio de Janeiro: Agir, 1984.

<sup>356</sup> ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. pp. 9-10.

<sup>357</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Op. cit. p. 15. A primeira edição do livro foi publicada em 1951, pela Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais.

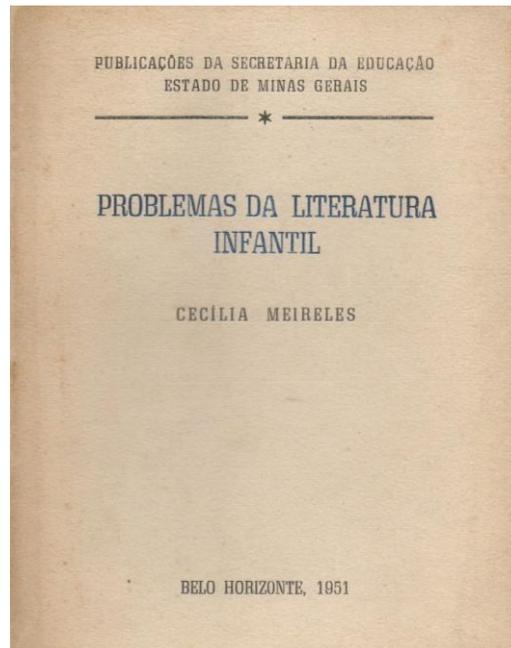


Imagem 7: Capa da 1ª edição do livro *Problemas da Literatura infantil*, publicado em 1951 pela Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais.

De maneira clara e bastante didática, Cecília percorre criticamente o território da literatura infantil ao longo da obra<sup>358</sup>. É possível, através da análise do texto, perceber suas concepções sobre o papel da literatura na formação das crianças e identificar sua opinião sobre os livros que ela considerava adequados para o público infantil.

Ao escrever este livro, já no início da década de 1950, a autora já havia há tempos realizado uma experiência bastante interessante: a realização de um inquérito com crianças das escolas públicas do Rio de Janeiro. Isto revela que ela já atuava e refletia no campo literário infantil muito antes de ser convidada para ministrar as palestras no curso de férias promovido pela Secretaria de Educação de Minas Gerais. O próprio fato de ter sido ela a escolhida para ministrar as conferências demonstra como se destacava no campo da literatura infantil, sendo considerada autoridade no assunto.

Como vimos até aqui, seu reconhecimento extrapola o campo literário. Cecília Meireles era também considerada autoridade nos assuntos de educação, sendo a literatura infantil apenas uma frente de atuação dentro do campo educacional. Sua

---

<sup>358</sup> Os títulos que a autora dá aos diversos capítulos em que o livro é dividido dão a dimensão da quantidade de assuntos que ela discute e sua exposição didática: Literatura geral e Infantil; O livro infantil; O livro que a criança prefere; Panorama da literatura infantil; Da literatura oral à escrita; Antes do livro infantil; O exemplo moral; Algumas experiências; Permanência da literatura oral; Aspectos da literatura infantil; O livro não-infantil e infantil; Alice no País das Maravilhas; Outros livros; Como fazer um bom livro infantil; Influência das primeiras leituras; Mas os tempos mudam; Onde está o herói?; Bibliotecas Infantis; Crise da literatura infantil.

atuação como diretora da *Página de Educação* (1930-1933) divulgando os ideais de todo um grupo de importantes intelectuais escolanovistas, como já vimos, expressa sua posição de destaque.

Além de ter escrito alguns livros infantis antes de 1949<sup>359</sup>, Cecília também escreveu sobre literatura infantil em suas crônicas publicadas na *Página da Educação* no *Diário de Notícias* (1930-1933) e na coluna *Professores e estudantes* do jornal *A Manhã* (1941-1943). Desde pelo menos 1930, nossa personagem já refletia criticamente sobre o terreno da literatura infantil e, após tomar contato com todas estas fontes, podemos afirmar que *Problemas da Literatura Infantil* seria uma formalização mais didática e completa de tudo o que ela vinha escrevendo sobre o tema desde os anos 1930.

Na crônica publicada no dia 9 de novembro de 1930 na *Página da Educação*, com o título “Livros para crianças”, Cecília Meireles deixa muito claro o que pensa sobre a arte e a ciência de escrever para crianças. Como não conseguiria expressar-me tão bem como ela, vale a longa citação:

*“Escrever para crianças tem de ser uma ciência e uma arte, ao mesmo tempo. Mas, desgraçadamente, entre nós, vem sendo, desde muito, uma indústria. Para o comprovar, é bastante percorrer com olhos de educador esses horríveis livros cartonados que por aí existem, muitos dos quais, embora eliminados na última seleção feita pela administração, ou adotados com restrições, continuam, inexplicavelmente, a atormentar com o seu peso inútil a pasta dos alunos das nossas escolas.*

*Escrever para crianças tem de ser uma ciência, porque é necessário conhecer as íntimas condições dessas pequenas vidas, o seu funcionamento, as suas características, as suas possibilidades – e todo o infinito que essas palavras comportam – para escolher, distribuir, graduar, apresentar o assunto.*

*Tem de ser uma arte porque, ainda quando atendendo a tudo isso, se não estivermos diante de alguém que tenha o dom de fazer de uma pequena e delicada coisa uma completa obra de arte, não possuiremos o livro adequado ao leitor a que se destina.*

*Esta segunda condição – que pressupõe o artista – é ainda mais indispensável que a primeira – que requer o técnico. (...)*

*Muita gente se aventura a essa literatura por julgá-la fácil... (...)*

*Mas há também quem suponha que, com as boas intenções de pregar moral, será capaz de resolver o problema do livro infantil. (...)*

*Como tudo é possível, talvez me esteja lendo alguém. E pode acontecer ser algum autor ou aficionado desses livrinhos sentenciosos, que ensinam que ‘quem faz o bem é recompensado’, que ‘mais vale um pássaro na mão que dois voando’, que ‘um dia é da caça, outro do caçador’, e assim por diante. E essa pessoa, se existir, vai ficar escandalizada quando eu escrever agora que a moral é suscetível de variação – essa moral, está claro, que anda à tona nos provérbios e que é, afinal de contas, a de uso generalizado...*

---

<sup>359</sup> Até 1949, ano em que foram realizadas as conferências que deram origem ao livro *Problemas da Literatura Infantil*, Cecília publicou *Criança meu amor* (1924); *A festa das letras* (1927) e *Rute e Alberto resolveram ser turistas* (1938).

*Pois eu digo isso. E, como é meu costume, vou logo provando por que o faço: porque quem faz o bem para ser recompensado é egoísta; quem prefere um pássaro na mão a dois, ou mesmo a um, voando é interesseiro, e quem pensa que 'um dia é da caça e outro é do caçador' tem, pelo menos, tendências à vingança...*  
*Há muitas coisas bonitas para dizer à criança, sem entrar nesse dogmatismo decrépito e ridículo.*  
*E pode-se fazer moral positiva, sem esse contraste de uso retórico.*<sup>360</sup>

Após lermos este trecho, vemos que Cecília Meireles leva muito a sério a difícil tarefa de escrever para crianças. “Pregar a moral” não deve ser a principal ou única motivação de quem se aventura a fazer literatura infantil, na medida em que se corre o risco de cair no dogmatismo. O autor, além de precisar ser conhecedor da psicologia infantil, deve ter dons poéticos e preocupar-se com a beleza da obra.

Em *Problemas da Literatura Infantil* (1951), a educadora aborda de maneira mais profunda os tópicos lançados na crônica citada, norteadas por seus ideais pedagógicos. A palavra “problemas” no título da obra por si já sugere que a autora avalia que há dificuldades a serem discutidas e superadas no âmbito da literatura infantil, e é justamente para este debate que o livro pretende contribuir. De acordo com ela, este é um campo que se encontra em crise; porém, seu diagnóstico em 1951 é um tanto diferente daquele feito em suas crônicas publicadas no *Diário de Notícias* nos três primeiros anos da década de 1930: anteriormente, a crise da literatura infantil era tributada à carência de livros. No momento em publicou a obra em questão, a crise é de abundância: “*De tudo o que temos, e, no entanto, a criança cada vez parece menos interessada pela leitura*”<sup>361</sup>. Para que este problema seja contornado, é preciso conhecer o universo infantil e se comunicar com a criança, de forma a conhecer seus interesses e seu gosto.

Ao invés de qualificar como literatura infantil o adulto direciona para a criança e o que para ela se escreve, Cecília considera como tal o que as crianças “*leem com utilidade e prazer*”<sup>362</sup>. Desta forma, não existe “*uma literatura infantil a priori, mas a posteriori*”<sup>363</sup>. Neste ponto, percebemos que a autora possui uma concepção bastante peculiar da literatura infantil, direcionando o foco para a preferência do leitor a que esta se destina: a criança. Em suas palavras,

---

<sup>360</sup> MEIRELES, Cecília. “Livros para crianças”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1930.

<sup>361</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Op. cit. p. 152.

<sup>362</sup> Idem.

<sup>363</sup> Ibidem.

*“(...) em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – não estou dizendo à crítica – da criança, que afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ela a satisfaz ou não”<sup>364</sup>.*

Fica claro que Cecília diferencia a “verdadeira” literatura infantil – o que as crianças escolhem – dos simples livros feitos para elas. De acordo com ela, a confusão que se cria com relação a esta diferenciação se deve ao fato de já se ter estabelecido uma especialização literária visando os pequenos leitores, embora alguns destes não sejam adequados para o público a que se destina e não possuam sequer atributos literários.

Podemos afirmar que, para além de conhecer a preferência dos leitores infantis, Cecília também estava interessada em mapear o mercado de livros à disposição destes leitores. Isto fica claro em uma das cartas que envia ao amigo Fernando de Azevedo no período em que estava trabalhando na realização da pesquisa:

*“Estou trabalhando numa comissão técnica, estudando o que lêem e como lêem as crianças cariocas. Isto me absorve cerca de quatro horas mais, por dia. Faço-o intensamente, quer como ação quer como intenção. Pode ser que se chegue a uma visão sugestiva do que temos e do que precisamos.”<sup>365</sup>*

Conhecendo as preferências das crianças e as obras que circulavam no mercado editorial, Cecília Meireles conseguiria aliar estes fatores para produzir livros infantis que atendessem tanto ao gosto infantil quanto as tendências do mercado livresco. Em sua correspondência com o educador mineiro, conseguimos identificar que este lhe encomendou um livro infantil, que parece nunca ter sido concluído e publicado. Em passagens de algumas das cartas, Cecília fala sobre a realização do inquérito e como ele estaria servindo de referência para a escrita do livro encomendado pelo amigo.

Fernando de Azevedo foi o idealizador e – na época da realização do Inquérito de Literaturas Infantis (1931) – diretor da Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPB) da Companhia Editora Nacional. A BPB, de acordo com Maria Ângela Miorim, foi um projeto editorial que visava atingir a um público amplo e diversificado e, justamente por isso, estava estruturada em cinco séries: Literatura Infantil, Livros Didáticos, Atualidades Pedagógicas, Iniciação Científica e Brasileira<sup>366</sup>. As três primeiras coleções eram dedicadas ao público escolar, “*respectivamente, às crianças, aos ‘estudantes de*

---

<sup>364</sup> Ibidem. p. 30.

<sup>365</sup> Esta carta encontra-se transcrita e publicada em LAMEGO, Valéria. Op. cit. pp. 217-219.

<sup>366</sup> MIORIM, Maria A. “A Biblioteca Pedagógica Brasileira da Companhia Editora Nacional e o ensino de matemática: livros, autores e estratégias editoriais”. *Horizontes*, v. 24, n. 1, p. 9-21, jan./jun. 2006.

*todas as escolas primárias, profissionais, secundárias' e superiores e 'aos professores de todos os graus de ensino' ”*<sup>367</sup>. A série “Iniciação Científica” só foi iniciada em 1937 sob a direção de Arthur Ramos<sup>368</sup>, e se dirigia tanto ao público escolar quanto à “população extra e post-escolar”<sup>369</sup>. A Brasileira, por sua vez, foi idealizada para se tornar “a mais vasta e completa coleção e sistematização de estudos brasileiros”<sup>370</sup>.

Embora isto não seja dito explicitamente, os comentários de Cecília sobre a natureza do livro encomendado sugerem que este viria a compor a série “Literatura Infantil” da BPB. Na carta que enviou a Fernando de Azevedo em 12 de abril de 1932, diz que ainda não terminou o livro, certamente por conta de suas tarefas na realização e sistematização do inquérito:

*“Aquele inquérito de que lhe falei, sobre literatura infantil, só agora está chegando ao fim. Creio que até o dia 15 estará terminado, com o respectivo relatório, etc. Foi ele que me impossibilitou de me dedicar completamente ao seu livro. Mas creio que também agora nos vai ser bastante útil, pois, com cerca de 1500 questionários, com 12 respostas cada um, já se pode avaliar do interesse e das disposições literárias da nossa infância e encaminhar melhor um livro que se lhe queira oferecer. Até o fim deste mês, portanto, o Sr. Receberá os originais do livro. E aproveitarei para lhe mandar as conclusões do inquérito que talvez saiam em separata da Diretoria de Instrução, visto parecerem-lhe extremamente longas para publicação no Boletim.”*<sup>371</sup>

Ainda que tenha prometido o livro para o final de abril, em novembro de 1932 o livro ainda não havia sido concluído. A carta que escreveu a Fernando para se justificar mostra como ela vinha considerando os resultados do inquérito na produção da obra, definindo inclusive seu público-alvo:

*“E quanto ao livro, tenho a comunicar-lhe o seguinte. Já estavam 6 contos escritos quando a Revolução se encarregou de me perturbar a tranquilidade necessária para qualquer intenção artística. Os 6 que tenho parecem-me belos mas longos. Como o inquérito realizado sobre leitura infantil demonstrou um interesse maior em crianças de 12 a 14 anos, procurei fazer o livro para esses leitores e, assim, tive que escolher o tema e a linguagem que já são bastante poéticos: uma transição da infância para a adolescência. No entanto, pelo meu*

<sup>367</sup> Idem. p. 9.

<sup>368</sup> Arthur Ramos de Araújo Pereira (1903-1949) foi um médico, psicólogo, etnólogo e folclorista alagoano, nascido na cidade de Pilar. Embora tenha sofrido uma morte prematura, deixou uma vasta obra (mais de seiscentas) entre livros e artigos; principalmente sobre psiquiatria e folclore brasileiro. Destacamos *Os horizontes místicos do negro da Bahia* (1932); *O Negro Brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise* (1934); *Educação e psicanálise* (1934); e *O Folk-lore Negro do Brasil: demopsicologia e psicanálise* (1935).

<sup>369</sup> MIORIM, Maria A. “A Biblioteca Pedagógica Brasileira da Companhia Editora Nacional e o ensino de matemática: livros, autores e estratégias editoriais”. Op. cit. p. 9.

<sup>370</sup> Idem.

<sup>371</sup> Esta carta encontra-se transcrita e publicada em LAMEGO, Valéria. Op. cit. pp. 219-223.

*feito imaginativo e o meu estilo, sinto que este livro subiu muito do nível comum (não digo como valor, mas como dificuldade, a meu ver). Pensei, então, em fazer passar estes contos por uma classe de quarto ou quinto ano que, desconhecendo autora, finalidade, etc., opinasse com toda a isenção sobre o assunto. Numa rápida conversa que tive ontem, por telefone, com o Dr. Anísio, falei-lhe nisso, e ele se prontificou a me deixar fazer a experiência. Creio que será interessante fazê-la e, assim, terei mais certeza ao escrever os contos que faltam.*<sup>372</sup>

Não há dúvidas, após a leitura deste trecho, de que Cecília de fato valoriza a opinião dos leitores infantis. Além de utilizar-se do inquérito para definir a maneira como conceberia o livro, ela pede autorização a Anísio Teixeira para que mostre seus contos a alguns alunos do quarto ou do quinto ano para ter certeza de que caminhava na direção correta. Monteiro Lobato também se utilizava recorrentemente a este recurso de ir às escolas e conversar com as crianças, entendendo seus gostos, suas preferências e seus anseios. E esta não era a única maneira que o escritor paulista tinha de se comunicar com seu leitor mirim: a intensa troca de correspondência com as crianças mostra sua preocupação de estar em sintonia com seu público.

Dessa forma, vemos que a construção e definição da boa literatura infantil se dá a todo o tempo na interação do adulto com a criança e vice versa, de forma que a autonomia infantil na escolha dos livros que lhe convém não é levada às últimas consequências. Isso que dizer que o que a autora propõe é que se submeta o livro ao uso da criança, não à crítica. O leitor pode ter papel importante em apontar se a leitura que a ele se destina lhe satisfaz ou não, mas o livro infantil é

*“(...) de intenção e invenção do adulto. Transmite os pontos de vista que este considera mais úteis à formação de seus leitores. E transmite-os na linguagem e no estilo que o adulto igualmente crê adequados à compreensão e ao gosto do seu público.”*<sup>373</sup>

Em uma das crônicas publicadas na *Página de Educação* (1930-1933) que trata do tema da literatura infantil, Cecília relata o caso de uma menina de 11 anos que retirou um livro na biblioteca escolar para ler em casa. Ainda que contrafeita, como ela mesma diz, resolve transcrever um trecho do livro para que pais, professores e educadores de maneira geral atentassem para o problema dos livros que se punham a disposição das crianças. O trecho é o seguinte:

---

<sup>372</sup> Esta carta encontra-se transcrita em LAMEGO, Valéria. Op. cit. pp. 227-229.

<sup>373</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Op.cit. p. 29.

*“E curvou-se sobre a mão sem luva que, marfinada, perfumada, esguia, brincava com as pregas de cetim da capa. Seus lábios cobriam-na de doces beijos que, insensivelmente, subiam para o braço, quase todo nu, em obediência à moda.*

(...)

*Nem por um só momento admitia que a jovem viúva, nascida para o amor, se confinasse na solidão da viuvez. De certo que, mais dia menos dia, - se é que isso não havia acontecido já - arranjaría um amante ou encontraria um marido, tanto mais que ela não se deveria ter enamorado junto primeiro...*

(...)

*... a elegante graça do seu corpo, a harmonia dos movimentos, o tom aveludado das carnações, cujo contato deveria ser adoravelmente doce. E, brutal, assaltou-o a tentação de fazer sua aquela mulher que não parecia ser de ninguém... Teve, no entanto, a intuição de que ela nunca se entregaria sem amor... Mas estava já preparado contra a resistência que temia por instinto...*

(...)

*...viu entreabrir-se a boca deliciosamente fresca que apetecia colada à sua, e um clarão...*

(...)

*Nele, que um surdo desejo constrangia, passou em torrente a visão dela, despida, aninhada nos seus braços, ao passo que a sua boca beijava as pálpebras cerradas...”<sup>374</sup>*

Após a citação, Cecília complementa:

*“Constituir uma biblioteca escolar não é coisa fácil. Corre-se o risco de ser deficiente com critério ou abundante sem ele. Tudo só porque, como dissemos antes, não temos livros para crianças. Mas os poucos que lhe pareçam servir, convém sejam lidos pelos responsáveis, antes de irem parar às suas mãos. Parece que, entre deficiente com critério e abundante sem ele, melhor será continuar deficiente”<sup>375</sup>.*

Vemos que ela alerta que os livros, antes de chegar às mãos da criança, devem passar pelo crivo dos adultos responsáveis, sejam eles os pais ou os professores, para que não aconteçam casos semelhantes ao apresentado por ela na crônica.

Em suma, a opinião da criança vale na medida em que ela é a consumidora daquele produto e manifesta suas preferências. Porém, a autonomia da criança na escolha dos livros está sempre dirigida pelo adulto, pois é este quem define o que é mais adequado e mais útil à formação dos leitores infantis. A realização de um inquérito como o que foi realizado por Cecília permite que adulto conheça as preferências da criança e, a partir de então, produza livros que consigam atender a essas necessidades, sem perder os atributos que os adultos considerem importantes para a formação da infância, sempre baseados nos estudos na psicologia infantil. Nas palavras da educadora, *“uma das complicações iniciais é saber-se o que há, de criança, no adulto,*

---

<sup>374</sup> MEIRELES, Cecília. “Livros para crianças”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1931. Cecília não dá nenhuma referência do livro do qual o trecho foi retirado.

<sup>375</sup> Idem.

*para poder comunicar-se com a infância, e o que há de adulto, na criança, para poder aceitar o que os adultos lhe oferecem*”<sup>376</sup>.

Não sabemos ao certo se o livro encomendado por Fernando de Azevedo chegou a ser concluído, pois não há mais comentários neste sentido nas cartas posteriores. O fato é que, até 1940, não consta nenhuma obra de autoria de Cecília Meireles na lista dos títulos da série “Literatura Infantil” da Biblioteca Pedagógica Brasileira. Porém, sua conversa através da correspondência nos permitiu visualizar o uso prático do Inquérito de Literaturas Infantis, estudo que ajudou Cecília Meireles a definir melhor seus critérios de avaliação dos livros destinados ao público infanto-juvenil.

A realização do Inquérito e a pesquisa feita para a produção do relatório final também lhe proporcionaram um conhecimento importante acerca da literatura infantil brasileira e de seu desenvolvimento. No livro *Problemas da Literatura Infantil*, é possível observar que a educadora estudou a constituição do campo desde o século XIX, bem como percebeu, através de análises de bibliotecas familiares e escolares, as preferências dos leitores desta época. Já as preferências de seus contemporâneos, ela pode avaliar pelo próprio inquérito, assim como pela análise do mercado editorial.

Ao mapear o campo da literatura infantil, Cecília Meireles identificou quatro tipos de produção que o leitor mirim tinha à sua disposição: 1) a redação escrita das tradições orais, como os registros dos irmãos Grimm, de Perrault, Mme. d'Aulnoy e La Fontaine; 2) livros escritos para uma criança específica, mas que posteriormente passaram ao uso geral, como as *Fábulas* de La Fontaine e *As Aventuras de Telêmaco* de Fénelon, dentre outros; 3) livros não escritos para a criança, mas que vieram a cair em suas mãos, e dos quais se fizeram depois adaptações, reduções, visando torná-los mais compreensíveis ou adequados ao pequeno público, como as *Aventuras de Robinson Crusóe* de Daniel Deföe, as *Viagens de Gulliver* de Swift e os livros de Alexandre Dumas; 4) o caso dos livros especialmente escritos para o público infantil.

No primeiro caso destacado, a poetisa compara a redação dos livros infantis ao registro folclórico, através do qual se escreve a “Literatura oral”, forma como ela se refere ao conjunto de cânticos, lendas, provérbios, adivinhações e histórias que compõem a herança tradicional dos diferentes povos. Vemos que, na concepção de nossa personagem, a literatura precede o advento da escrita, de forma que os povos iletrados possuem a sua literatura, “*transmitida dos tempos mais remotos, de memória*

---

<sup>376</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Op.cit. p. 30.

*em memória em memória e de boca em boca*”<sup>377</sup>. A escrita, por sua vez, não inutilizou a tarefa do narrador; ele continua presente nas manifestações incansáveis da literatura tradicional: “*na canção de berço que as mães, avós, criadas, aos pequenos ouvintes transmitem; nas falas de jogos, nas parlendas, nas cantigas e adivinhas com que as próprias crianças se entretém umas com as outras, muito antes da aprendizagem da leitura*”<sup>378</sup>. Mas, como vimos através da análise de seu estudo do folclore infantil no capítulo anterior, ela percebeu que esta atividade de narrador estava cada vez mais escassa. Com sua ótica de folclorista, Cecília considera que autores como Perrault e La Fontaine realizaram um importante trabalho ao registrar os contos tradicionais e publicá-los em forma de livro, impedindo que esta importante herança literária se perdesse nos caminhos da modernidade<sup>379</sup>, “*como quem salva um tesouro para todas as crianças do mundo*”<sup>380</sup>.

As *Fábulas* de La Fontaine e *As Aventuras de Telêmaco* de Fénelon, por exemplo, integram a segunda categoria de livros infantis no panorama proposto por Cecília: aqueles que foram escritos para leitores específicos, mas que depois se divulgaram. No caso dos livros citados, ambos foram dedicados ao herdeiro do trono francês – intitulado Delfim de França –, em dois momentos diferentes: La Fontaine dedicou as velhas fábulas ao filho de Luís XIV, Luís de Bourbon, em 1668; Fénelon, por sua vez, compôs sua narrativa para o neto de Luís XIV, Luís, o Duque de Borgonha. Em 1689, este escritor foi contratado pelo “Rei Sol” para ser o preceptor de seu neto e futuro rei. *As Aventuras de Telêmaco* dava prosseguimento à clássica obra de Homero, *Odisséia*. Telêmaco é filho de Ulisses e, durante a narrativa, deixa Ítaca à procura do pai. Ao longo da viagem, ele passa por várias regiões, encontra os principais povos da Antiguidade e conhece diversas formas de governo e de exercício da autoridade. Através desta história, Fénelon pretendia fornecer ao herdeiro do trono francês ensinamentos sobre moral, justiça e outros conhecimentos importantes para uma boa governança. O fato é que o livro foi publicado e se popularizou, transformando-se num clássico de literatura infantil lida no mundo todo, e, na opinião de Cecília Meireles, fornece ensinamentos valiosos às crianças de qualquer tempo e lugar.

---

<sup>377</sup> Idem. p. 20.

<sup>378</sup> Ibidem.

<sup>379</sup> As questões do livro ser comparado ao registro folclórico e do uso do folclore na literatura infantil serão melhor abordadas no próximo tópico deste capítulo, já quer um exame mais detalhado por ser o foco principal desta pesquisa.

<sup>380</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Op.cit. p. 38.

No que diz respeito à terceira classe de livros infantis indicada, Cecília afirma que no passado era comum verem-se livros usados indistintamente pelos adultos e pelas crianças. Ela mesma havia descoberto, na infância, o gosto para a leitura através de um livro que originalmente foi feito para adultos:

*“Meu primeiro gosto pelos livros me veio do prazer das fábulas de ‘Metamorfose’ de Ovídio: pois, mais ou menos entre sete e oito anos, renunciava a todos os outros prazeres para lê-las; principalmente porque sua língua era minha língua materna e porque era o livro mais fácil que eu conhecia e o mais conveniente à fragilidade de minha idade por causa do assunto.”<sup>381</sup>*

Este mesmo livro também teria feito parte das preferências Johann Goethe (1749-1832)<sup>382</sup> e Michel de Montaigne (1533-1592)<sup>383</sup> quando crianças. Pouco mais de dois séculos afastam Montaigne e Goethe e cerca de cento e sessenta anos separam este do período em que Cecília Meireles era ainda uma menina, o que nos demonstra como esta obra permaneceu no repertório das leituras infantis por um longo período.

Neste grupo, a poetisa também destaca *Robinson Crusóe*, de Daniel Daföe, que quis caracterizar o herói solitário, “*com irresistível atração pela aventura, e capaz de suportá-la, em todas as suas surpresas, por uma disciplina moral superior, aliada a uma grande habilidade física e à coragem e capacidade de trabalho*”<sup>384</sup>. Robinson é, aos olhos de Cecília, o homem vencendo a natureza e suas adversidades pela inteligência e pela vontade; e, para o jovem leitor, este é um exemplo empolgante e convincente de heroísmo prático. Até Jean-Jacques Rousseau, que Cecília considera muito severo com os livros infantis, reconheceu este volume de Daföe como um “*livro maravilhoso*”. Em sua famosa obra educacional *Emílio* (1792), o filósofo suíço diz que este é o livro que fornece “*o tratado mais feliz de educação natural*”<sup>385</sup> e que, por isso, seria o primeiro que Emílio leria.

Nem Daföe, nem Jonathan Swift e Alexandre Dumas tinham noção de que estavam produzindo boas obras de literatura infantil. O interessante é que, nas palavras

---

<sup>381</sup> Idem. p. 42.

<sup>382</sup> Johann Wolfgang von Goethe foi um dos mais importantes escritores da literatura alemã e o Romantismo europeu em fins do século XVIII e início do XIX. De sua vasta produção fazem parte romances, peças de teatro, poemas, escritos autobiográficos, reflexões teóricas nas áreas de arte, literatura e ciências naturais. Foi através do romance *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774) que Goethe ficou conhecido em toda Europa.

<sup>383</sup> Michel Elyquem de Montaigne, político e escritor francês, foi eternizado pela publicação de *Ensaíos*, publicada em 3 volumes em 1580, 1588 e 1595. Nesta obra, Montaigne analisa as instituições e os costumes de sua época a partir de uma perspectiva cética e humanista.

<sup>384</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Op.cit. p. 89.

<sup>385</sup> Idem. p. 91.

de Cecília, os livros passam a ter vida própria após a publicação, de forma que os leitores tecem sua própria história a seu gosto e sensibilidade durante a leitura, entendendo-as como pode ou como bem quiser. A leitura é uma experiência dinâmica, na qual nem sempre a intenção do autor permanecerá intacta. Diante de livros como estes, que perduraram no repertório das leituras infantis por séculos, a educadora/folclorista concluiu que

*“Os livros que mais tem durado não dispunham de tamanhos recursos de atração. Neles, era a história, realmente, que seduzia – sem publicidade, sem cartonagens vistosas, sem os mil recursos tipográficos que hoje solicitam adultos e crianças fascinando-os antes de se declararem, como um amor à primeira vista...”*<sup>386</sup>

Diante desta afirmação, é evidente sua preocupação com o conteúdo e a mensagem que os livros infantis carregam, muito mais do que os recursos externos, que servem apenas como propaganda num mercado editorial cada vez mais competitivo. Embelezar o livro por fora é claramente uma estratégia de venda, mas Meireles, como primorosa poetisa que era, preocupava-se mais com a beleza da história.

As imagens, porém, não são dispensáveis no caso dos leitores pequeninos, para os quais *“a boa lei parece ser a de grandes ilustrações e pequenos textos. Grandes e boas ilustrações – pois à criança só se deve dar o ótimo”*<sup>387</sup>. Nas leituras mais adiantadas, a imagem deve restringir-se às passagens mais expressivas ou mais difíceis de entender sem o auxílio da ilustração – *“como quando se trata de um país estrangeiro, com flora e fauna desconhecidas, costumes e tipos exóticos”*<sup>388</sup>.

Sobre os livros escritos especialmente para as crianças, Cecília afirma que este é o caso em que melhor se podem observar os três aspectos da Literatura Infantil: o moral, o instrutivo e o recreativo. Para exemplificar exemplos bem sucedidos desta quarta classe, ela cita alguns autores que admira por seus trabalhos bem realizados: Cônego Schmidt, que escreveu contos morais e *Histórias Bíblicas* (s/d), extraindo as mais belas narrativas dos livros sagrados; Júlio Verne, escritor de *Viagem ao Centro da Terra* (1864), *Vinte Mil Léguas Submarinas* (1870) e *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias* (1873), livros que possuem a qualidade de dar aos mais áridos conteúdos científicos uma exposição atraente; Mme. de Ségur, que construiu seus livros como as avós ou as amas que contam histórias e, assim, abordou as experiências cotidianas deste mundo em

---

<sup>386</sup> Ibidem. p. 36.

<sup>387</sup> Ibidem. p. 146.

<sup>388</sup> Ibidem. p. 147.

*Os desastres de Sofia* (1858) e *Os dois patetas* (1863). Segundo ela, Mme. de Ségur e Júlio Verne disputavam a predileção das crianças em fins dos oitocentos. Ambos “vinham de longe, contavam coisas deliciosas: salões diferentes, nomes desconhecidos, festas inesquecíveis, viagens, ah! viagens verdadeiramente fabulosas”<sup>389</sup>. Ainda que reconheça a excelência deste tipo de produção, Cecília afirma que é muito difícil executar tal tarefa de escrever livros especialmente destinados para o público infantil, pois o autor deve ser conhecedor de suas preferências, ter conhecimentos de sua psicologia e estar afinado com os ditames da nova educação.

Se enquadrando nesta última categoria, o autor mais admirado por Cecília Meireles no terreno na literatura infantil é Lewis Carroll, por conta de seus livros singulares: *Alice no país das maravilhas* (1865) e *Alice no país do espelho* (1871), que ganharam um capítulo especial dedicado a sua apresentação. A leitura destes livros é considerada por Cecília encantadora e excepcional, pois “*construído com elementos de realidade, são muito mais ricos de maravilhoso que qualquer história de fadas*”<sup>390</sup>. Nos contos de fadas, diz ela, o maravilhoso consiste em tornar possíveis as coisas desejadas e que por este ou aquele motivo são inacessíveis ou difíceis. Nos livros de Carroll, “*descobre-se o que existe, realmente, de maravilhoso nas coisas cotidianas e em nós*”<sup>391</sup>.

A educadora afirma que tudo quanto possuímos de poético e também de absurdo se apresenta nesses livros. A poesia está presente em toda a história, que em grandes passagens é surrealista, como o aparecimento e o desaparecimento do Gato. Em outras, envolve problemas de lógica, como na conversa de Alice com o Chapeleiro e March Hare. Os trocadilhos e jogos de palavras, as interpretações folclóricas como a da Rainha de Copas e a Tweedledum e Tweedledee, segundo Cecília, dão ao livro de Lewis Carroll acentuado caráter nacional. Conclui sua apreciação dizendo:

*“Talvez o leitor estrangeiro não seja suscetível a essas comparações; mas os ingleses devem sentir em Alice no país das maravilhas e no país do espelho a continuação do sonho de Gulliver a tantos lugares fantásticos, a tantas experiências poético-filosóficas, profundas e eternas, sob essa aparência frívola de uma narrativa sorridente.”*<sup>392</sup>

---

<sup>389</sup> Ibidem. pp. 36-37.

<sup>390</sup> Ibidem. p. 105.

<sup>391</sup> Ibidem. p. 106.

<sup>392</sup> Ibidem. p. 109.

As histórias, antes de serem escritas, foram contadas às três irmãs Liddel, entre as quais Alice, que tanto gostou da história, que pediu a Charles L. Dogson<sup>393</sup> que fosse escrita para não ser esquecida. É neste detalhe que Cecília considera encontrar-se o segredo de tão extraordinário resultado: além de ter sido elaborada com colaboração das crianças, como usualmente acontece nos casos de histórias contadas, também foi submetida a seu julgamento prévio.

Depois de apresentar este panorama, Meireles o conclui afirmando que século XIX foi um século de fé e esperança, principalmente por conta do desenvolvimento da ciência moderna e da medicina, valorizando a literatura infantil que havia sido produzida até este momento. Todo seu questionamento gira em torno da questão de como produzir bons livros e mudanças sociais no século XX, que respondeu a esta esperança do século anterior com “(...) a voz das maiores guerras da História; e todos os instrumentos que a humanidade parecia ter à sua disposição para tornar-se próspera e feliz foram utilizados exatamente para causar-lhe as mais atrozes desgraças”<sup>394</sup>. As crianças não são poupadas destes trágicos acontecimentos, pois os veem nas fotografias dos jornais e revistas ou nas telas de cinema, e ouvem-nos através do rádio ou das conversas dos adultos. Diante deste triste quadro, Cecília Meireles se pergunta: “Que leituras daremos às crianças deste século?”<sup>395</sup>; “Os valores do presente não são os do passado. Poderão ser os do futuro?”<sup>396</sup>

A questão dos valores morais se mostra crucial no campo literário infantil tal qual apresentado por nossa educadora. Neste ponto, a obra de Monteiro Lobato foi criticada por possuir personagens “malcriados”, muito afastados do ideal de infância da autora: crianças dóceis, obedientes e submetidas à direção do adulto<sup>397</sup>. Em uma de suas cartas enviadas a Fernando de Azevedo, em novembro de 1932, Cecília confessa:

*“Recebi os livros do Lobato. (...) Ele é muito engraçado, escrevendo. Mas aqueles seus personagens são tudo o que há de mais malcriado e detestável no território da infância. De modo que eu penso que os seus livros podem divertir (tenho reparado que divertem mais os adultos que as crianças) mas acho que deseducam muito”*<sup>398</sup>.

---

<sup>393</sup> Charles Lutwidge Dogson (1832-1898) contou uma história às três irmãs Lorina Charlotte, Edith Mary e Alice Pleasance Liddell, com o objetivo de entretê-las durante um passeio de barco pelo rio Tâmis. À pedido de Alice, escreveu e publicou a história com o pseudônimo Lewis Carroll.

<sup>394</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Op.cit. p. 134.

<sup>395</sup> Idem. p. 135.

<sup>396</sup> Ibidem. p. 133.

<sup>397</sup> Ibidem. p. 129.

<sup>398</sup> Esta carta encontra-se publicada em LAMEGO, Valéria. Op.cit. p. 229.

Em *Problemas da Literatura Infantil*, diz que deveria ser proibido que as crianças lessem obras insignificantes, para não perderem tempo e comprometerem seu gosto. Menciona, ainda, que a oportunidade de atingir de maneira positiva a criança nessa etapa da vida não deve ser desperdiçada, já que a infância talvez seja o melhor tempo disponível da vida, e que talvez nunca mais consigam ter a liberdade de uma leitura desinteressada. Sua preocupação com o “caráter” dos personagens se deve ao fato de ela considerar que o leitor “*veste a pele do herói e vive sua vida*”<sup>399</sup>. Sua preocupação com o exemplo moral fica clara ao lermos suas próprias palavras na passagem que se segue:

*“(...) ainda mais importante que a figura do herói talvez seja o objetivo de suas ações. Nos contos religiosos, o herói tem por finalidade essencial a santidade. Mesmo nos contos simplesmente morais é a santidade que se tem em vista: a bondade, a paciência, a compaixão, a humildade, todas as virtudes tendem à santificação, como se observa em muitas lendas. E ainda, quando a história é de caráter profano, como nos contos de fadas, por detrás dos prodígios e malgrado a intervenção de entidades fantásticas, é o aperfeiçoamento espiritual que vem facilitar todos os impossíveis, e coroar de eterna glória os vencedores”*<sup>400</sup>.

O livro é de moral prática, diz Cecília, e, assim, a aprendizagem se dá pelo exemplo. O herói é o exemplo vivo do pequeno leitor. Por isso, a biografia de grandes homens pode ser uma contribuição de grande valor para a formação das crianças, “*Porque aí não se trata simplesmente de figuras criadas pela imaginação dos autores; são pessoas que realmente existiram e com os mais árduos elementos construíram um destino que causa admiração e inspira respeito.*”<sup>401</sup>. O bom exemplo nesta etapa da vida são primordiais, já que a natureza e a intensidade das emoções vividas através das leituras na infância podem repercutir na vida do pequeno leitor de maneira definitiva.

O diagnóstico que Cecília faz de sua época é desanimador: os bons são considerados fracos; os maus caminham triunfantes, “*sem anjo, fada ou justiça que lhes intercepte o caminho*”<sup>402</sup>; a virtude parece ridícula e o instinto de gozo se confunde com direito e liberdade. Em tempos tão difíceis, que tipo de herói estaria seria representado nas histórias infantis, se o herói reflete a moral de sua época? Eis sua conclusão:

*“O herói saiu das páginas dos livros e campeia aos nossos olhos, opulento e vaidoso: é do tipo que os jornais aplaudem, que em lugar de coragem tem*

---

<sup>399</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. p. 129.

<sup>400</sup> Idem.

<sup>401</sup> Ibidem. p. 130.

<sup>402</sup> Ibidem. p. 139.

*atreimento; em lugar de inteligência, esperteza; em lugar de sabedoria, habilidade...  
Eis como o herói se tornou bandido. Bandido feliz, de pistolas invencíveis.*”<sup>403</sup>

É para a mudança deste triste quadro que Cecília Meireles pretende contribuir, seja refletindo sobre os problemas da literatura infantil, seja produzindo livros que fujam desta moral deturpada da modernidade. A literatura, como a educação, tem potencial transformador e, por isso, é categórica ao afirmar que “*só as boas, as grandes, as eternas leituras poderão atenuar ou corrigir o perigo a que se expõe a criança na desordem de um mundo completamente abalado, e em que os homens vacilam até nas noções a seu próprio respeito*”<sup>404</sup>.

O aprimoramento do livro para crianças e adolescentes tal como descrito no livro *Problemas da Literatura Infantil* não é por si só suficiente. A campanha de promoção do bom gosto pela leitura e da divulgação de bons livros aparece intimamente ligada a uma política de criação e ampliação da rede de bibliotecas, promovendo o acesso ao livro e a outras atividades extra-escolares. Dessa forma, Cecília Meireles valoriza a biblioteca como o espaço ideal para o contato com a literatura, pois proporciona um ambiente adequado para a leitura seguida e silenciosa, onde a criança pode experimentar as obras literárias em sua plenitude. Exatamente por isso este espaço assumiu uma posição crucial no projeto dos escolanovistas no início da década de 1930, onde, além de literatura, encontra-se também material para pesquisa. Tal ponto fica claro na fala de Armanda Álvaro Alberto<sup>405</sup>, ao comentar sobre a gestão de Anísio Teixeira no Departamento de Educação do Distrito Federal (1931-1935):

*“Ao mesmo tempo em que nos empenhávamos pela melhoria do livro, conteúdo e apresentação, pela educação do gosto dos que adquirem livros, pela divulgação de bons livros, é óbvio que não deixaríamos de fazer a campanha correlata pela instalação de bibliotecas infantis. Sim, essa campanha durou tanto quanto as outras. Coube a Anísio Teixeira, na qualidade de Secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal, atender-*

---

<sup>403</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. p. 140.

<sup>404</sup> *Ibidem*. p. 32.

<sup>405</sup> Armanda Álvaro Alberto (1892-1974) foi uma educadora e militante feminista nascida no Rio de Janeiro. Signatária do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932), teve grande influência da obra de Maria Montessori. Durante a década de 1930, foi presidente da Associação Brasileira de Educação (ABE), integrante da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e da Liga Anticlerical do Rio de Janeiro. Ao lado de Eugênia Álvaro Moreyra, fundou a União Feminina do Brasil (UFB), da qual foi a primeira presidente. Para maiores informações, ver MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. “Decifrando o Recado do Nome: uma Escola em Busca de sua Identidade Pedagógica”. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.74, n. 178, set./dez. 1993. pp.619-638. Disponível em <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/332/336>

*nos, inaugurando a primeira Biblioteca Pública Infantil do país, a do Pavilhão Mourisco, cuja direção confiou a Cecília Meireles, bem como a organização de um plano para a instalação de bibliotecas escolares, tendo podido inaugurar umas poucas.*<sup>406</sup>

Mais uma faceta de Cecília Meireles se revela: foi diretora da primeira biblioteca infantil do país, inaugurada em 1934 no Distrito Federal. Seu envolvimento com a educação e com a literatura infantil a fizeram apostar na realização de um projeto pioneiro e audacioso, cuja renovou as esperanças da educadora após o período de certo questionamento que se seguiu a sua saída da *Página de Educação* (1930-1933)<sup>407</sup>. O Relatório do Inquérito de Literaturas Infantis de 1931, além de ter avaliado as preferências dos leitores infantis a partir de um mercado editorial que a eles se impunha e as condições das bibliotecas municipais, serviu de base para a constituição do acervo da biblioteca. Nas palavras de Jussara dos Santos Pimenta,

*“Cecília foi a única responsável pela realização material do inquérito, desde a apresentação dos questionários às crianças até a apuração, passando pelo próprio trabalho datilográfico. Para proceder à interpretação dos quase 1500 questionários preenchidos, cada pergunta e as respostas obtidas foram isoladas e posteriormente analisadas em capítulos organizados para esse objetivo. Essa investigação permitiu a Cecília conhecer as prioridades literárias da futura clientela e foi um dos parâmetros que contribuiu para a seleção e constituição do acervo da biblioteca infantil.”*<sup>408</sup>

A ótica folclorista de Cecília previa que o narrador tradicional desapareceria com os constantes avanços tecnológicos e a bibliotecas cumpririam a importante função de suprir a falta das amas e avós contadoras de histórias. Elas deveriam ser compostas, a seus olhos, por todos os livros clássicos, e dos que se vão incorporando a essa coleção. Além disso, deveriam existir profissionais responsáveis por anotar as preferências das crianças sobre essas leituras, para informação dos que se dedicam ao estudo do assunto. A biblioteca seria, então, mais que um lugar de promoção da leitura, mais também um lugar de estudo e experimentação, visando sempre aprimorar suas atividades e os futuros livros que viriam a compor o acervo.

---

<sup>406</sup> PIMENTA, Jussara. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal* (1934). Op. cit. pp. 27-28.

<sup>407</sup> Este tema já foi discutido no segundo capítulo da dissertação.

<sup>408</sup> PIMENTA, Jussara. “Leitura e encantamento: a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco”. Op. cit. p. 109. Jussara dos Santos Pimenta dedicou-se ao estudo da atuação de Cecília Meireles como diretora da biblioteca infantil em sua dissertação de mestrado: PIMENTA, Jussara dos Santos. *“Fora do outono nem certo nem as aspirações amadurecem”*. *Cecília Meireles e a criação da Biblioteca Infantil no Pavilhão Mourisco* (1934-1937). Dissertação de Mestrado. PUC-Rio/Departamento de Educação, 2001.

Além dos clássicos, já apresentados no panorama da literatura infantil definido por ela e aqui apresentado, o dicionário e a enciclopédia também devem possuir um destaque na biblioteca infantil. Apesar de aparentarem severidade, podem ser os mais instrutivos e poéticos livros se forem tratados com a ternura que merecem. As enciclopédias trazem a “*experiência por este vasto mundo humano...Da ciência às artes, às indústrias, às técnicas, que surpreendentes viagens, num simples volver de páginas...*”<sup>409</sup>. O dicionário, por sua vez, traz a experiência com a linguagem, explicando a origem e o significado das palavras, suas formas de emprego, contribuindo para corrigir as “*misérias da linguagem*”<sup>410</sup>.

A proposta final de *Problemas da Literatura Infantil* é universalizar a literatura infantil para a formação do humanismo, a partir da organização de grandes ontologias, colocando as mais belas histórias do mundo ao alcance de todas as crianças; e da publicação de biografias de grandes vultos contemporâneos, fornecendo exemplos de conduta numa realidade próxima a das crianças leitoras. As biografias de grandes homens e mulheres do passado continuam a ter seu valor, pois os bons exemplos perpetuam-se no tempo.

Seguindo esta lógica, as atividades desenvolvidas no Pavilhão Mourisco do qual Cecília foi diretora entre 1934 e 1937 extrapolavam as de uma biblioteca, agregando outras atividades como cinema, música, cartografia e jogos. Dessa maneira, transformou-se num Centro de Cultura infantil, onde se fazia a preservação e o estudo da cultura brasileira<sup>411</sup>. Mais do que promover a literatura infantil, nossa personagem concebia a biblioteca como um local onde a criança poderia ter contato com a sua cultura e sua tradição, formando sua consciência nacional, ao mesmo tempo em que adentraria no universo de outras culturas registradas nos livros estrangeiros, desenvolvendo sua consciência universal. Não é à toa que encontramos sua confissão a respeito do tema no prefácio que escreveu em 1951 na primeira edição de *Problemas da Literatura Infantil*:

“Se em tal assunto pudesse a autora exprimir alguma aspiração, talvez fosse a da organização mundial de uma Biblioteca Infantil, que aparelhasse a infância de todos os países para uma unificação de cultura, nas bases do que se poderia muito marginalmente chamar um ‘humanismo infantil’. Na esperança de que, se todas as crianças se entendessem, talvez os homens não se

---

<sup>409</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Op.cit. p. 154.

<sup>410</sup> Idem.

<sup>411</sup> PIMENTA, Jussara. “Leitura e encantamento: a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco”. Op. cit. p. 106.

*hostilizassem. Isto, porém, não passa de uma aspiração, nestas páginas. Fora do outono certo, nem as aspirações amadurecem.*”<sup>412</sup>

Vê-se nestas palavras a forte presença da concepção compartilhada pelos integrantes do Movimento Folclórico do universalismo e do humanismo que só o folclore poderia proporcionar, sendo fundamental na formação dos homens novos. A biblioteca infantil, assim como a escola e os museus, seria um local privilegiado para o contato com a cultura nacional e estrangeira, cumprindo a importante função de promover a fraternidade universal a despeito de qualquer peculiaridade. Nas palavras da própria Cecília, a biblioteca de base universal garante *“uma unidade de leituras, desde a infância, promovendo uma unidade de cultura, tendo por base as experiências do folclore nacional e mundial”*<sup>413</sup>.

O folclore, portanto, está intimamente ligado à literatura infantil nos moldes propostos por Meireles. Vejamos, agora, como se concretiza este projeto de educação pelo folclore através dos livros que nossa poetisa dedicou à criança.

### **3.1.2 – O folclore vira poesia**

No segundo capítulo, vimos que Cecília Meireles decidiu dedicar-se ao estudo do folclore infantil por haver percebido que este se encontrava em extinção, já que em sua experiência como professora e folclorista, notou que

*“Parlendas, provérbios, adivinhas, tem sido um pouco abandonados, na redação escrita, ligadas a jogos, brinquedos e outras práticas. Os provérbios tendem a desaparecer: é muito raro encontrá-los na conversação diária, a não ser entre as pessoas bastante idosas. As adivinhas também vão escasseando, substituídas por outros entretenimentos.”*<sup>414</sup>.

Depois de ter realizado sua série de estudos publicadas na coluna *Professores e estudantes*, dedicou-se à incorporação deste material em seus livros infantis *Giroflê*, *Giroflá* (1956) e *Ou isto ou aquilo* (1964), na peça folclórica *A Nau Catarineta*, além de ter refletido sobre o tema em *Problemas da Literatura Infantil* (1951). A manutenção destas expressões folclóricas selecionadas era de suma importância social aos olhos de Cecília, já que estas possuem todas as qualidades para a formação humana.

---

<sup>412</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Op.cit. p. 16.

<sup>413</sup> Idem. p. 98.

<sup>414</sup> Ibidem. p. 87.

*“O folclore faz parte da cultura geral. Não se pode admitir, mesmo no homem comum, o desconhecimento do folclore. É uma espécie de humanismo pré-escolar... Uma criatura que não sabe canções de roda, adivinhações, brinquedos, histórias, parlendas, não teve infância, está mutilada, não pode ser feliz, não pode educar seus filhos, não entende nada de si nem de seus conterrâneos, nem do homem, em lugar nenhum do mundo...”<sup>415</sup>*

O folclore infantil, na concepção de Cecília, é constituído pelas diferentes cantigas, histórias e contos tradicionais que compõem os repertórios nacionais. É a partir da incorporação deste material na literatura infantil que ela se assemelhava a Perrault, que

*“(...) esperava que as mães transmitissem a seus filhos essa herança do passado, cujo valor educativo encareceria. E foi feliz. Tanto que seus contos em verso 'Grisélidis', 'Pele de burro' e 'Os pedidos ridículos' como os seus contos em prosa - 'A bela adormecida', 'Chapeuzinho Vermelho', 'Barba azul', 'O gato de botas', 'As fadas', 'A gata borralheira', 'Riquete de crista' e 'O pequeno polegar' são populares não só na França, mas no mundo inteiro, e de tal modo absorvidos na tradição comum que poucas pessoas, ao contá-los, sabem que foram recolhidos por Charles Perrault.”<sup>416</sup>*

O livro, desta forma, transmite os ensinamentos necessários à formação da criança, que antes eram transmitidos pela via oral. As bibliotecas, por sua vez, “antes de serem estas infinitas estantes, com as vozes presas dentro dos livros, foram vivas e humanas, rumorosas, com gestos, canções, danças entremeadas às narrativas”<sup>417</sup>.

Vemos, aqui, a junção do olhar de folclorista ao olhar de educadora: em tempos de modernização e risco de desaparecimento das tradições, a literatura infantil cumpre o importante papel de substituir o aprendizado oral, cumprindo as mesmas funções. Sendo assim, vê a literatura infantil não como um passatempo, e sim como uma nutrição. O leitor absorve, através da leitura, os ensinamentos antes transmitidos pela tradição oral. É através desta concepção de literatura infantil que Cecília Meireles encoraja – e realiza – a incorporação dos elementos folclóricos na produção literária para crianças. O registro literário é uma forma de manter viva a tradição e garantir sua continuidade.

Ela afirma que insiste nesta permanência do elemento tradicional na literatura infantil porque, através dele, há um caminho de comunicação humana que atravessa o tempo e a distância, permitindo uma identidade de formação, seja nacional ou universal.

---

<sup>415</sup> *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, v. 4, nº 8/10, janeiro/dezembro de 1964. p. 213.

<sup>416</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Op.cit. pp. 72-73.

<sup>417</sup> Idem. p. 49.

A sociabilidade é então construída através da comunhão de histórias, ensinamentos, estilos de pensar e viver, que tornam a convivência harmoniosa. Sendo assim, conclui:

*“Qualquer história infantil tradicional é, como invenção, superior às que se escrevem especialmente para crianças. E, destas, as melhores são sempre as que direta ou indiretamente se baseiam nas tradicionais, sejam as de caráter etiológico, maravilhoso ou de aventuras. Dir-se-ia que a literatura tradicional esgotou todos os recursos da experiência humana, explorando-lhe os mais secretos rumos. O que resta é percorrer esses caminhos já indicados, de acordo, naturalmente, com os temas contemporâneos.”*<sup>418</sup>

Os livros mais enriquecedores para a infância, aos olhos de Cecília, são os que incorporam estes elementos tradicionais da cultura popular, já que *“tudo se comprime nesses livros, aproximando tempos e países, permitindo o convívio unânime dos povos, em poucos volumes...”*<sup>419</sup>.

Cecília se mostra grande admiradora do trabalho da escritora sueca Selma Lagerlöf (1858-1940), premiada com o prêmio Nobel de Literatura. Sua base de escrita são aspectos do folclore escandinavo, reconhecendo o valor dos elementos tradicionais e populares. O escritor italiano Carlo Collodi (1826-1890) também foi bem sucedido nesta incorporação do folclore, principalmente na criação de um personagem que seria mundialmente conhecido:

*“Pinóquio leva-nos outra vez para o terreno do maravilhoso com a história simbólica do boneco que só se humaniza quando adquire as virtudes necessárias para isso. O principal interesse da narrativa são os próprios defeitos da personagem central; esse títere malcriado, desobediente, teimoso, que tudo aprende à sua custa, à força de quebrar a cabeça nos próprios erros. Mas ainda aí perdura a recordação folclórica, fábulas que servem como de marcos à sua evolução. O inesquecível exemplo tradicional!”*<sup>420</sup>

Pinóquio, ao longo da narrativa, muda sua maneira agir através dos ensinamentos das fábulas que lhe são contadas pelo Grilo Falante. Seu maior desejo – se tornar humano – só se realiza quando ele consegue mudar seu caráter, transformação que só acontece quando o boneco de madeira consegue incorporar os exemplos dos contos tradicionais. Poderíamos dizer que, aos olhos de Cecília, todas as crianças do mundo seriam como Pinóquio e precisam deste contato com a literatura tradicional para serem educadas e formadas para viver em sociedade.

---

<sup>418</sup> Nota “À margem da literatura infantil” escrita por Cecília Meireles em 18 de janeiro de 1945. O local de publicação não foi indicado. Apud: CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. Op. cit. p. 92-93.

<sup>419</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Op.cit. p. 50.

<sup>420</sup> Idem. p. 155.

Está nítido, então, que um bom livro infantil deve conter a sabedoria popular – o que ela seleciona desta sabedoria, não podemos esquecer – registrada em forma narrativa. Mas, isto não é o suficiente para a Cecília Meireles, que além de folclorista, era uma exímia poetisa. Neste caso, outra condição fundamental para que um livro atinja a perfeição é ser, antes de mais nada, uma obra literária. E nesta categoria, nossa personagem inclui apenas as obras artísticas, que contenham poesia, que se distingam por sua forma e conteúdo. E, mais uma vez Selma Lagerlöf aparece como um extraordinário exemplo a ser seguido no território da literatura infantil, por ser alguém que “*conhece cada palmo de sua terra e da alma de sua gente. Alguém que leu Fritiof, que ouviu histórias populares, que vive no mundo das lendas... E alguém que sabe usar as palavras com maestria, pela vasta experiência de uma longa carreira literária*”<sup>421</sup>.

Cecília considera que os poetas são os melhores escritores para crianças e jovens, porque são as “*criaturas mais agradáveis e preciosas da vida*”<sup>422</sup>. Só os poetas conseguem traduzir a beleza em palavras, produzindo

“(...) livros cuja leitura encantasse, livros que não afastassem a criança da sua maravilhosa psicologia, mas que, ao contrário, fizessem com que as crianças se sentissem verdadeiramente crianças. Livros em que as crianças se sentissem respeitadas nos seus direitos inalienáveis, isto é, em que não fossem caluniadas com a crença de que se podem interessar pelas coisas banais e pueris, ou ainda que só se pode reservar para elas o que é pueril e banal.”<sup>423</sup>

Aliando linguagem poética e elementos da literatura tradicional, *Giroflê, Giroflá*, publicado em 1956, é uma reunião de sete contos que remetem às memórias da infância de Cecília Meireles<sup>424</sup>. O título é mesmo de uma cantiga de roda abordada pela folclorista em seu estudo do folclore infantil publicado na coluna *Professores e estudantes* (1941-1943)<sup>425</sup>. Na crônica publicada em 26 de março de 1942, Cecília

---

<sup>421</sup> Ibidem. p. 122.

<sup>422</sup> MEIRELES, Cecília. “Os poetas e a infância”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 7 de julho de 1931.

<sup>423</sup> MEIRELES, Cecília. “Livros para crianças”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 de abril de 1932.

<sup>424</sup> Não foi possível o contato com a 1ª edição do livro, nem encontrei na bibliografia maiores referências a esta publicação de 1956. Trabalho aqui com a 3ª edição do livro, publicada em 2003.

<sup>425</sup> Esta é a cantiga tal qual descrita no início do livro: Vamos passear no jardim das flores,/Giroflê, Giroflá,/ Vamos passear no jardim das flores,/Para não te encontrar./O que foste fazer lá,/Giroflê, Giroflá?/ O que foste fazer lá,/Para não te encontrar?/Fui colher as violetas,/ Giroflê, Giroflá,/Fui colher as violetas,/Para não te encontrar./Pra que são as violetas,/ Giroflê, Giroflá,/ Pra que são as violetas?/Para não te encontrar./São pra pôr no meu chapéu,/Giroflê, Giroflá,/ São pra pôr no meu chapéu,/Para não te encontrar./Se encontrares com o rei,/Giroflê, Giroflá,/Se encontrares com o rei,/Para não te encontrar./Farei minha reverência,/Giroflê, Giroflá,/Farei a minha reverência,/Para não te encontrar.../Se encontrares o Diabo,/Giroflê, Giroflá/ Se encontrares o Diabo,/Para não te encontrar./O Diabo tem dois chifres,/Giroflê, Giroflá,/O Diabo tem dois chifres,/Para te encontrar. (Corre o Diabo atrás das crianças).

afirma que esta é uma das mais conhecidas cantigas do folclore francês e que, no caso brasileiro, conhece apenas a versão carioca da cantiga, a qual conheceu, provavelmente, durante a infância<sup>426</sup>.

O livro é destinado ao público jovem, aspecto que fica muito claro à medida que se avança na leitura. A linguagem é rica, melódica, altamente poética, de grande criatividade, e demonstra toda a sensibilidade da educadora como poetisa. Cecília Meireles parece ter se apoiado no Inquérito de Literaturas Infantis realizado anos antes para definir a faixa etária para qual o livro seria destinado: “*Como o inquérito realizado sobre leitura infantil demonstrou um interesse maior em crianças de 12 a 14 anos*”<sup>427</sup>, a autora resolveu priorizar este público na escrita dos contos reunidos na obra.

Todos os textos possuem alto valor literário, característica considerada por ela como indispensável na escrita de livros infanto-juvenis. A infância é recordada com saudosismo, e este tempo passado e longínquo é denominado no livro como o “Tempo do Giroflê”. Este é justamente o título do conto de abertura, que descreve o cotidiano de um lugarejo simples, com ares de interior, sem os problemas da modernidade das grandes cidades.

A forma como infância e o “Tempo do Giroflê” são descritos no conto sugere um tempo que ficou para trás, mas que Cecília insiste em recuperar, a semelhança do que faz com as cantigas, parlendas e brinquedos infantis do folclore que estudou e publicou na série “Infância e Folclore”. O tempo parece ser eterno, há uma sensação de imobilidade, de forma que tudo se repete. É justamente isto que o folclore representa para a poetisa: a permanência do passado no presente, a continuidade de uma herança cultural comum que devemos preservar.

Os contos parecem remeter à infância da própria autora, pois ela se refere aos adultos e idosos na terceira pessoa e às crianças na primeira pessoa: “*Os velhos, porém, disseram-nos ...*”<sup>428</sup>. Na crônica *Paraíso*, a meninice é retratada como um tempo encantado, “*onde se concentravam as mais belas árvores e onde cantavam os mais belos pássaros*”<sup>429</sup>. Crescer significa sair do jardim das Quatro Estações para o mundo dos Facínoras, “*onde tudo era violência e brutalidade*”<sup>430</sup>. A descrição deste mundo

---

<sup>426</sup> MEIRELES, Cecília. “Infância e folclore : ‘Giroflê, Giroflá’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 26 de março de 1942.

<sup>427</sup> Trecho da carta enviada à Fernando de Azevedo em novembro de 1932, transcrita em LAMEGO, Valéria. Op. cit. pp. 227-229.

<sup>428</sup> MEIRELES, Cecília. *Giroflê, Giroflá*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Moderna, 2003. p. 22.

<sup>429</sup> Idem.

<sup>430</sup> Ibidem.

adulto condiz com o diagnóstico que Cecília Meireles fazia da primeira metade do século XX, um tempo de guerra e morte, “*um sem fim de facas, machados, sangue escorrendo, ruído, devastação – às vezes, também, algumas emboscadas no silêncio e traições cautelosamente urdidas*”<sup>431</sup>. Fica claro que a intenção dela era recuperar, através da obra, o “Tempo do Giroflê”; o livro, para ela, tinha este potencial transformador e “o folclore” seria um instrumento de retorno ao passado.

O conto mais interessante da obra é, sem dúvida, o que recebeu o título de “Julieta”. Através dele, Cecília narra a história de uma menina negra que acreditava em todo tipo de superstições de origem popular. Julieta acreditava no Saci-Pererê e contava sua história ao grupo de amigas com muito realismo, afirmando que ele era “*muito perigoso, porque tem um cachimbo aceso! É todo preto, e leva aquela brasa na boca!*”<sup>432</sup>. Ela conhecia coisas que as outras crianças não conheciam: uma fruta chamada pitanga, passarinho Bico-de-lacre, cambarrixa, pintassilgo, araponga, sabia tocar música usando somente um pedaço de papel de seda e um pente fino. Sabia de doces, “*de cocada preta e cor-de-rosa, de bala de ovo, de baba-de-moça*”<sup>433</sup>; sabia costurar, fazer crochê e tricô, conhecia os tecidos, as linhas, a lã e as variadíssimas agulhas. Desde cedo Julieta trabalhava entregando as costuras da tia e fazendo enxovais para recém-nascidos. Tudo era feito com muito capricho, inclusive os embrulhos nos quais colocava os casaquinhos, touquinhas e sapatinhos para entregar às freguesas. Enquanto isto, as outras crianças continuavam a brincar de roda embaixo das árvores.

Julieta também acreditava em mulas-sem-cabeça e afirmava existir porões cheios de almas do outro mundo, que rezavam ladainhas e arrastavam correntes, “*tudo por causa de uma Sinhá Velha que andou toda a vida de chicote na mão*”<sup>434</sup>. A menina havia, inclusive, falado com um “clove”. Como nenhuma outra criança sabia o que era isto, Julieta pôs-se a explicar que clove era uma espécie de palhaço, mas que não era um palhaço. “*Era muito diferente. Diferente na roupa, diferente na cartolinha... E a cara! Os ‘cloves’ eram horríveis!*”<sup>435</sup>. Qualquer um ficaria com medo, mas ela não. Cecília Meireles acrescenta um parêntese: “*(Ela queria dizer ‘clown’, mas tinha aprendido assim. E as meninas gostavam muito das palavras ditas por Julieta.)*”<sup>436</sup>.

---

<sup>431</sup> Ibidem.

<sup>432</sup> Ibidem. p. 25.

<sup>433</sup> Ibidem. p. 26-7.

<sup>434</sup> Ibidem. p. 28.

<sup>435</sup> Ibidem. p. 27.

<sup>436</sup> Ibidem. p. 28.

Um dia, fez Primeira Comunhão e ficou linda em seu vestido de “nanzuque”. Passou a “*contar histórias de santos, milagres, castigos do céu*”<sup>437</sup>. Adorava os grandes vitrais da igreja, descrevia as roupas do sacerdote e conhecia as flores depositadas no altar. Sabia que quando alguém morre, sua alma iria para o céu, para o inferno ou para o purgatório. E mais: dizia que quando relampejava, “*o Céu se abria um pouquinho para mostrar o Inferno todo em fogo*”<sup>438</sup>.

Depois de toda esta descrição, fica claro que Julieta representa a cultura popular no conto. Cecília Meireles assim a resume:

*“Julieta era uma pretinha muito engraçada. Pulava num pé só, acreditava em Saci-Pererê, já tinha comido pitanga e conhecia o passarinho bico de lacre. Usava colarzinho de coral, sabia muitas histórias de assombração, tocava qualquer música com um pedaço de papel seda em um pente fino.”*<sup>439</sup>

A ela, a poetisa contrapõe Paulina, uma menina intransigente e mentirosa, que se sentia a necessidade de superar Julieta. Ao contrário de Julieta, ela não é descrita com adjetivos carinhosos e bonitos; tinha os dentes acavalados e um jeito de revirar os olhos e franzir os lábios que denunciavam suas mentiras. Enquanto Julieta tocava músicas em instrumentos improvisados, Paulina fazia aulas de piano e sabia o que significava um sustenido. É evidente o contraponto que Paulina representa à Julieta: enquanto aquela era uma típica menina branca de classe média, esta representava a vida simples e a sabedoria popular. E são os costumes populares que são valorizados através da caracterização que Cecília faz de Julieta, levando o leitor a se identificar com ela, não com a menina chata e mentirosa que era Paulina.

Em 1964, Cecília Meireles publicou *Ou isto ou aquilo* pela Editora Giroflê, com ilustrações de Maria Bonomi<sup>440</sup>. O livro foi publicado em formato retangular, 31,5 cm x 12 cm, com capa dura em duas cores, vermelha e amarela. A ilustração da capa mostra um barqueiro navegando num rio, com os traços ondulados indicando movimento.

---

<sup>437</sup> Ibidem. p. 30

<sup>438</sup> Ibidem.

<sup>439</sup> Ibidem. p. 26.

<sup>440</sup> Maria Bonomi (1935 - ), artista plástica ítalo-brasileira, é um dos mais expressivos nomes da gravura brasileira, campo no qual adquiriu reconhecimento internacional. Entre outros, recebeu em 1965 o Prêmio de Melhor Gravador da VIII Bienal de São Paulo; em 1968, o Prêmio de Gravura na V Bienal de Paris; e o Prêmio de Gravura da VIII Exposição Internacional Ljubljana, modalidade xilogravuras; em 1971, Prêmio de Aquisição na IX Bienal de mesmo nome, culminando em 1983 com o Prêmio Internacional de Gravura, modalidade litografia. Para mais informações, ver <http://www.memorial.org.br/acervo/obras-de-arte/futura-memoria/biografia-maria-bonomi/>

Aparece também um galho de árvore com um fruto grande preso a ele<sup>441</sup>. De acordo com Norma Ferreira, a alternância de cores indica o jogo sutil de “ou isto ou aquilo”<sup>442</sup>.

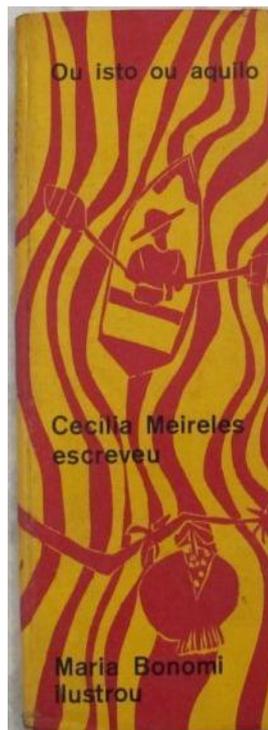


Imagem 8: Capa da 1ª edição de *Ou isto ou aquilo* (1964).

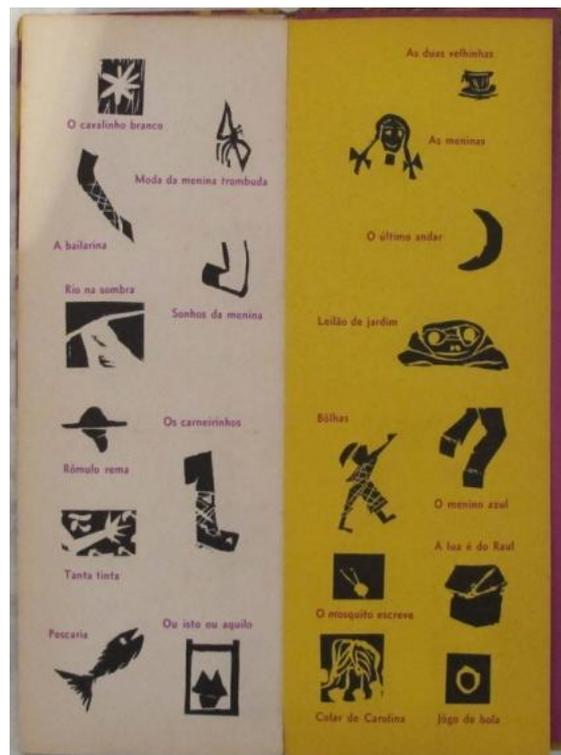


Imagem 9: Interior do livro, página do sumário. Não há indicação de páginas, os títulos dos poemas são acompanhados de pequenas ilustrações, sugerindo que não há uma ordem na leitura.

<sup>441</sup> A ilustração da capa é a mesma que acompanha o poema “Rômulo rema”, onde a imagem muda para as cores azul e preto. Através da leitura descobrimos que o fruto representado é uma romã: “*Rômulo rema no rio. A romã dorme no ramo, a romã rubra. (É o céu.)*”.

<sup>442</sup> FERREIRA, Norma S. de Almeida. “Um estudo das edições de *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles”. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 2 (59), maio/ago. 2009. p. 190.

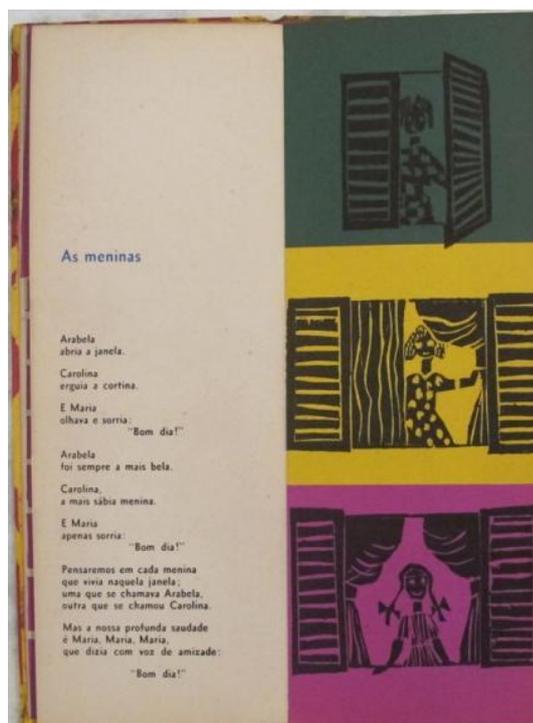


Imagem 10: Poema “Meninas” e sua ilustração.

O escritor Carlos Drummond de Andrade dedicou uma crônica ao livro no jornal *Correio da Manhã* em 10 de julho de 1964, contestando o público a que a obra se destina: “crianças, apenas? Tenho para mim que adultos se encantaram com este livro novo que não é para eles”<sup>443</sup>. A admiração deste escritor por Cecília Meireles já ficou clara no primeiro capítulo, quando vimos o texto em sua homenagem que publicou logo após seu falecimento. Completou sua análise da obra mais recente da poetisa carioca dizendo: “sorte dos garotos que toparem com essa caixa de surpresas. (...) Não sei se passo o livrinho ao pessoal miúdo da minha roda ou se fico com ele para mim”<sup>444</sup>.

*Ou isto ou aquilo* (1964) difere de *Giroflê*, *Giroflá* pela sua forma, já que Cecília Meireles decidiu inovar escrevendo um livro em versos. Em crônica publicada em 1942<sup>445</sup>, ela chama atenção para o fato de que as crianças costumavam achar a forma versificada mais difícil de entender, e que um livro não precisava ser escrito neste feitio para ser poético. Porém, este é o caso dos versos tal qual apreciados pelos adultos; no caso da criança, os versos valem como elemento rítmico e são usados nas canções de roda e em certos brinquedos de caráter social, tal qual apresentados em seu estudo publicado na série “Infância e folclore”, que vimos no capítulo anterior.

<sup>443</sup> ANDRADE, C. D. Imagens de flautinha. Ou isto ou aquilo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 jul. 1964. Apud: FERREIRA, Norma S. de Almeida. Op. cit. p. 190.

<sup>444</sup> Idem.

<sup>445</sup> MEIRELES, Cecília. “Ainda a literatura infantil”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 15 de janeiro de 1942.

Tendo isso em mente, a folclorista escreveu um brilhante livro de poesias recheadas de musicalidade, que se lidas em voz alta, tem-se a impressão de estar cantando. Sua seleção do material folclórico foi incorporada nesta obra em sua forma e conteúdo, de forma que os textos populares foram feitos em versos para ser entoados ou cantados, o que facilita a memorização. A influência e incorporação dos elementos da literatura popular se observam nos ritmos bem marcados dos poemas, que se devem “à insistência na rima, aliteraões, assonâncias e metros variados (alternância de grupos métricos num mesmo poema)”<sup>446</sup>.

O contato com o livro deixa clara a presença de cantigas populares, principalmente as parlendas com obstáculos ou “trava-línguas”. Numa das crônicas publicadas na coluna *Professores e estudantes*, em 1942, Cecília estudou este tipo de material do folclore infantil:

*“Isto de ‘parlendas com obstáculos’ ocorre-me como denominação provisória para essas arengas que, pela repetição constante de palavras de articulação difícil, ou pela simples insistência da mesma consoante, se tornam quase impossível de recitar com rapidez.*

*Em alguns casos, trata-se apenas de um discurso atrapalhado, que o recitador inábil tem de interromper a cada passo: e essas teem um visível caráter pedagógico, devendo ter aparecido como ginástica de linguagem, perpetuada depois de um brinquedo tradicional.*

*(...)*

*As crianças brasileiras possuem também o seu repertório dessas parlendas.*

*Para a letra p, usam dizer: ‘O peito de Pedro é preto’.*

*Para o r, dizem: ‘O rato roeu a roupa do rei de Roma’, ou ‘O rato roeu a ricas rendas da rainha de Roma’, ou ainda: ‘O rato roeu a rolha do garrafão do rei da Rússia’.*

*Passando ao t: ‘O tigre comeu o trigo’, ou simplesmente: ‘Um tigre, dois tigres, três tigres’.*<sup>447</sup>

Este recurso de repetição de consoantes é utilizado em diversos dos poemas, como, por exemplo, em “Colar de Carolina”:

*“Com seu colar de coral,  
Carolina  
corre por entre as colunas  
da colina*

*O colar de Carolina  
colore o colo de cal,  
torna corada a menina.*

*E o sol, vendo aquela cor*

---

<sup>446</sup> CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. Op. cit. p. 94.

<sup>447</sup> MEIRELES, Cecília. “Infância e folclore: ‘Parlendas com obstáculos’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 27 de maio de 1942.

*Do colar de Carolina,  
põe coroas de coral  
nas colunas da colina.*<sup>448</sup>

“O chão e o pão” traz um trava-língua mais difícil de ser pronunciado com rapidez:

*“O chão.  
O grão.  
O grão no chão.*

*O pão.  
O pão e a mão.  
A mão no pão.*

*O pão na mão.  
O pão no chão?  
Não.*<sup>449</sup>

Como as parlendas tradicionais, estas poesias tem uma função pedagógica, consistindo em exercícios fonéticos que possibilitam uma boa dicção. Aliados a esta “*ginástica de linguagem*”<sup>450</sup> estão ensinamentos de boas-maneiras que vão influenciando a criança leitora, como em “Moda da menina trombuda”:

*“É a moda  
da menina muda  
da menina trombuda  
que muda de modos  
e dá medo*

*(A menina mimada!)*

*É a moda  
da menina muda  
que muda  
de modos  
e já não é trombuda*

*(A menina amada!)*<sup>451</sup>

A menina trombuda muda seu comportamento e passa de mimada a amada, encorajando mudanças de comportamento no pequeno leitor que recita o poema como quem canta uma canção. O ensinamento é bastante sutil, diferente do poema “Uma palmada bem dada”, que pode ser considerado politicamente incorreto na atual pedagogia:

---

<sup>448</sup> MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Global, 2012. p. 7.

<sup>449</sup> Idem. p. 49.

<sup>450</sup> MEIRELES, Cecília. “Infância e folclore: ‘Parlendas com obstáculos’”. Op. cit.

<sup>451</sup> MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Global, 2012. p. 9.

*“É a menina manhosa  
que não gosta da rosa,  
  
que não quer a borboleta  
porque é amarela e preta,  
  
que não quer maçã nem pêra  
porque tem gosto de cera,  
  
que não toma leite  
porque lhe parece azeite,  
  
que mingau não toma  
porque é mesmo goma,  
  
que não almoça nem janta  
porque cansa a garganta,  
  
que tem medo do gato  
e também do rato,  
  
e também do cão  
e também do ladrão,  
  
que não calça meia  
porque dentro tem areia,  
  
que não toma banho frio  
porque sente arrepio,  
  
que não toma banho quente  
porque calor sente,  
  
que a unha não corta  
porque fica sempre torta,  
  
que não escova os dentes  
porque ficam dormentes  
  
que não quer dormir cedo  
porque sente imenso medo,  
  
que também tarde não dorme  
porque sente um medo enorme,  
  
que não quer festa nem beijo,  
nem doce nem queijo...  
Ó menina levada,  
quer uma palmada?  
  
Uma palmada bem dada  
para quem não quer nada!”<sup>452</sup>*

---

<sup>452</sup> Idem. p. 36.

Também aparecem no livro referências às cantigas de ninar, também chamadas de acalantos, que Cecília afirma serem originárias da adequação de textos religiosos à realidade diária. A folclorista chama atenção para a presença recorrente de anjos nessas composições:

*“Outro tipo de cantiga de ninar é aquele em que os anjos vêm ajudar a criança a adormecer, ou com ela se entreteem, ou a protegem durante o sono. Evidentemente, são como muitas das anteriores, fragmentos destacados de cânticos de Natal, utilizados pelas mães para embalar os filhos. Os exemplos são numerosíssimos no folclore português e espanhol. No Brasil ou não terão sido recolhidos ou estarão desaparecendo.”<sup>453</sup>*

Os anjos aparecem em alguns dos poemas de *Ou isto ou aquilo* e também nos contos de *Giroflê, Giroflá*.

O grande ideal perseguido por Cecília Meireles através de seu projeto de educação pelo folclore, principalmente através da literatura infantil, é o de formação de um humanismo universal, que promova o entendimento entre os homens. O folclore é responsável por traduzir esta linguagem universal, ao mesmo tempo em que suas particularidades formam o sentimento de nacionalidade, que está sempre vinculado ao sentimento universal. Nas palavras da própria poetisa,

*“Em todas as grandes vidas, esse elemento tradicional aparece como raiz profunda, que penetra igualmente o solo da pátria e o solo do mundo; que vem da infância de cada um e da infância de todos, e concorre para essa fusão do individual no coletivo, do coletivo no individual, essa identificação do homem com a humanidade”<sup>454</sup>.*

Em sua busca pela realização desta difícil tarefa, se sentiu identificada com um grupo de intelectuais que compartilhavam sua crença no folclore como uma forma de promoção do tão sonhado entendimento entre os povos. Como esta era uma obra grande demais para realizar sozinha, Cecília vinculou-se a este grupo, no qual se destacou por seus estudos do folclore infantil e pela promoção das relações entre o folclore e a educação.

### **3.2 – O Movimento Folclórico brasileiro (1947-1964): projeto e ação**

#### **3.2.1 – A inserção de Cecília Meireles no Movimento Folclórico brasileiro**

---

<sup>453</sup> MEIRELES, Cecília. “Infância e folclore: ‘Cantigas de ninar’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 5 de fevereiro de 1943.

<sup>454</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Op.cit. pp. 81-82.

A bibliografia sobre Cecília Meireles, além de indicar sua atuação no jornal *A Manhã* examinada no capítulo anterior, também aponta para sua vinculação ao Movimento Folclórico brasileiro. Porém, o caráter desta vinculação e a importância que ela possuía no interior do grupo de folcloristas participantes do mesmo movimento ainda necessitam um exame mais aprofundado. Para tanto, optei por trabalhar com a Revista Brasileira de Folclore (RBF)<sup>455</sup> – publicada entre 1961 e 1976 – para investigar a inserção de nossa folclorista no grupo. A escolha se deve ao fato desta ser uma publicação criada no próprio bojo do movimento, mais precisamente na gestão de Édison Carneiro<sup>456</sup> na Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB)<sup>457</sup>, órgão governamental instituído para lidar com a proteção do folclore em âmbito nacional<sup>458</sup>.

A Revista Brasileira de Folclore era um periódico especializado que circulava em todo o país, contendo artigos, bibliografias, resenhas, bem como informações sobre cursos, exposições e festivais da área de folclore e cultura popular. Era um importante veículo de afirmação dos folcloristas enquanto grupo, bem como de divulgação dos estudos do folclore como um campo científico<sup>459</sup>. Sendo a RBF uma publicação coletiva, que expressa as ideias do conjunto de folcloristas vinculados ao Movimento Folclórico, apresenta-se como uma fonte privilegiada para que possamos identificar a natureza do envolvimento de Cecília Meireles com o grupo, bem como para identificar a rede de sociabilidade que ela desenvolveu em seu interior.

O exame da documentação revelou que todo o investimento que Meireles fez no estudo do folclore brasileiro, sobretudo a partir da década de 1940, lhe garantiu uma

---

<sup>455</sup> Todas as edições da Revista Brasileira de Folclore, entre 1961 e 1976, encontram-se digitalizadas e disponibilizadas para consulta no site do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

[http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID\\_Secao=63](http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=63)

<sup>456</sup> Édison de Souza Carneiro (1912-1972) nasceu na cidade de Salvador, Bahia, e foi um escritor e grande estudioso da cultura popular brasileira. Foi um dos responsáveis pela estruturação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, grande conquista do Movimento Folclórico. Para mais informações, ver [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=759&Itemid=184](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=759&Itemid=184)

<sup>457</sup> A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro foi instituída pelo presidente Juscelino Kubitschek através do decreto 43178 de 05/02/1958, publicado pelo Diário Oficial da União no dia 07/08/1958. SOARES, Ana L. “Revista Brasileira de Folclore: intelectuais, folclore e políticas culturais (1961-1976)”. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25, 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. Disponível em <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0616.pdf>.

<sup>458</sup> Como veremos, a criação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro foi uma das vitórias do Movimento Folclórico, que, dentre outras reivindicações, defendia a criação de instituições governamentais com o objetivo de proteger o folclore.

<sup>459</sup> Veremos que este status científico do folclore é problemático, já que ficou fora do arranjo das Ciências Sociais nas universidades na década de 1960.

posição de destaque entre os intelectuais integrantes do Movimento Folclórico brasileiro. Na revista de maio/agosto de 1965, foi celebrada a instituição de 22 de agosto como o Dia do Folclore no Brasil, pelo decreto nº 56747 assinado pelo presidente Castelo Branco no dia 17 de agosto de 1965. Em comemoração a mais uma conquista do movimento, o periódico relembra os grandes estudiosos do folclore que deram suas contribuições para o crescimento do ramo, e o nome de nossa personagem aparece ao lado de outros tantos folcloristas ilustres:

*“Graças ao trabalho dos pioneiros<sup>460</sup>, à dedicação de sucessivas gerações que foram ampliando e aperfeiçoando os estudos folclóricos no Brasil, fomos possível chegar, podemos dizer triunfalmente, ao Dia do Folclore, de 1965, não sem recordar os nomes de João Ribeiro, Manoel Querino, Silva Campos, Basílio de Magalhães, Lindolfo Gomes, Mário de Andrade, Luciano Gallet, Gustavo Barroso, João Dornas Filho, Simão Lopes Neto, Joaquim Ribeiro, Cecília Meireles, Rodrigues de Carvalho, Amadeu Amaral, Leonardo Mota, Cornélio Pires, Afonso Cláudio, Americano do Brasil, Afonso Arinos, Manoel Ambrósio, Alexina de Magalhães Pinto, Alberto de Faria e tantos e tantos mais que se dedicaram com inteligência e amor ao estudo da cultura da nossa gente do povo, indicando os fundamentos mais legítimos da nacionalidade.”<sup>461</sup>*

A mesma revista noticiou, ainda, que a Comissão Espírito-Santense de Folclore, sob a direção de Guilherme Santos Neves<sup>462</sup>, havia publicado um jornal em memória de “dois ilustres folcloristas, falecidos ambos em 1964: Joaquim Ribeiro e Cecília Meireles”<sup>463</sup>.

A série de crônicas intituladas “Infância e folclore” – explorada no capítulo anterior – foi recorrentemente citada na Revista Brasileira de Folclore como uma importante contribuição da folclorista ao estudo e divulgação do folclore. Meu levantamento da revista permite afirmar que os pesquisadores que escreveram artigos para o periódico sobre o mesmo tema trabalhado por Cecília em suas crônicas a utilizam como referência em seus estudos. Um exemplo disto é o texto de Guilherme Santos Neves, “Presença do romanceiro peninsular na tradição oral do Brasil”, publicado no volume nº 9 da revista, em 1969. As crônicas do jornal *A Manhã* sobre folclore infantil

---

<sup>460</sup> Couto de Magalhães, Celso de Magalhães, Sant’Ana Nery, Pereira da Costa, Sílvio Romero e Mello Morais Filho são apresentados como os pioneiros no texto.

<sup>461</sup> *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, v. 5, nº 12, maio/agosto de 1965. p. 182.

<sup>462</sup> Guilherme Santos Neves (1906-1976) foi escritor e folclorista, membro do Instituto Geográfico do Espírito Santo e da Associação Espírito-Santense de Folclore. Além disso, foi diretor da revista *Folclore*, que fundou em julho de 1948, e da publicação *Cadernos de Etnografia e Folclore*. Participou ativamente dos eventos regionais e nacionais organizados no âmbito do Movimento Folclórico, sendo um importante estudioso do folclore capixaba. Podemos destacar a obra *Cancioneiro capixaba* (1949), na qual Neves recolheu mais de mil trovas populares.

<sup>463</sup> *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, v. 5, nº 12, maio/agosto de 1965. p. 215.

são referenciadas por Neves como bibliografia de apoio nas notas de sua pesquisa, bem como o nome de Cecília Meireles aparece algumas vezes ao longo do texto<sup>464</sup>.

Mas não foi apenas por este trabalho na imprensa carioca que ficou reconhecida no campo de estudos dos costumes populares. Renato Almeida, o grande articulador do Movimento Folclórico, era um declarado admirador do trabalho de nossa folclorista e a citou em diversos de seus artigos, sobretudo fazendo referência ao texto “Artes Populares”<sup>465</sup> e a seus esforços na promoção da aliança entre o folclore e a educação<sup>466</sup>. E, de acordo com o que Almeida propõe no artigo, Cecília Meireles teria realizado um importante trabalho na coluna *Professores e estudantes*:

“(…) antes mesmo que se adotem oficialmente quaisquer providências (...), poderão as nossas professoras primárias ministrar nos recreios, nas canções, nos brinquedos, nas histórias, nos trabalhos manuais, nas festas escolares, elementos folclóricos, de sorte a despertar na juventude, desde os bancos primários, o amor às artes populares. Creio que assim serviríamos bem ao Brasil, afluindo os mistérios das lendas e das tradições de sua gente.”<sup>467</sup>

Além destes importantes estudos, Cecília Meireles também se dedicou à incorporação dos elementos folclóricos na literatura – *Giroflê Giroflá* (1956) e *Ou isto ou aquilo* (1964) – e no teatro infantil, tendo escrito, *A Nau Catarineta* e *O Menino Atrasado*. Estas peças foram musicadas por Luís Cosme<sup>468</sup>, outro folclorista amplamente reconhecido no campo, principalmente por sua dedicação à música folclórica brasileira.

---

<sup>464</sup> NEVES, Guilherme dos Santos. “Presença do romanceiro peninsular na tradição oral do Brasil”. In: *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, v. 9, nº 25, setembro /dezembro de 1969. pp. 44-62. Identifiquei outras duas citações de Cecília Meireles e sua série “Infância e folclore” em textos de Guilherme dos Santos Neves, “Variações sobre o tangolomango” e “O Sereno na Poesia Popular”, respectivamente encontrados em: *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, v. 14, nº 41, maio /agosto de 1976; e *A Gazeta*. Vitória/ES, outubro de 1980.

<sup>465</sup> MEIRELES, Cecília. “Artes Populares”. In: *As artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Larragoiti, 1952. Este artigo foi citado por Renato Almeida em, pelo menos, duas ocasiões: ALMEIDA, Renato. “Artes Plásticas Folclóricas”. In: *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, v. 10, nº 27, maio /agosto de 1970. pp. 99-105; e ALMEIDA, Renato. “As Artes Folclóricas”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 14 de maio de 1960.

<sup>466</sup> Este tópico foi abordado no artigo “Os professores e o folk-lore”, resultado de uma aula ministrada por Renato Almeida no Curso de Férias da Associação Brasileira de Educação. O artigo foi publicado em *O Jornal*, no dia 22 de fevereiro de 1948.

<sup>467</sup> ALMEIDA, Renato. “Os professores e o folk-lore”. *O Jornal*, no dia 22 de fevereiro de 1948.

<sup>468</sup> Luís Cosme (1908-1965), nasceu em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Atuou como compositor, e folclorista, trabalhando por muito tempo como programador da Rádio Ministério da Educação e Saúde. Atuou, também, no Instituto Nacional do Livro, mais precisamente na Biblioteca Educativa Castro Alves. É mais um exemplo de intelectual que alia folclore e educação em sua trajetória. *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, v. 5, nº 12, maio/agosto de 1965. p. 170.

Cecília envolveu-se também na organização de importantes eventos do Movimento Folclórico: I Semana Nacional do Folclore (1948), na qual proferiu uma palestra intitulada “Folclore e Educação”; foi Relatora na III Semana de Folclore (1950)<sup>469</sup> e Secretária-Geral do I Congresso Brasileiro de Folclore (1951)<sup>470</sup>. Participou, ainda, do Congresso Internacional de Folclore (1954) realizado em São Paulo, no qual inaugurou a Exposição Interamericana de Artes e Técnicas Populares com *um “admirável discurso sobre o conceito da arte de folk”*<sup>471</sup>. Sua autoridade nestes assuntos era tamanha que chegou até mesmo a integrar a comissão julgadora do Prêmio Sílvio Romero de 1960, criado para estimular e premiar a produção de trabalhos inéditos sobre o folclore brasileiro<sup>472</sup>.

Depois desta breve apresentação, é possível entender todas as homenagens *post-mortem* que Cecília Meireles recebeu na Revista Brasileira de Folclore e em outros veículos de imprensa. A edição de 1964 – ano de seu falecimento – publicou um artigo de sua autoria, intitulado “Uma Antepassada da Donzela Guerreira”, e dedicou um artigo em sua homenagem, comentando sua importância no campo de estudos do folclore:

*“O ano de 1964 foi triste para o folclore brasileiro e internacional. Vários folcloristas, e amigos do folclore, pereceram, abrindo lacunas irreparáveis no panorama folclórico. Uma das perdas mais sentidas foi, sem dúvida, a de Cecília Meireles, uma das mais altas vozes de nossa poesia e grande amiga do folclore, folclorista ela própria, grande colecionadora de arte popular, interessada nas atividades que desenvolveu e nos trabalhos que publicou na aplicação do folclore à educação.(...)”*<sup>473</sup>

O artigo é finalizado com as palavras que Renato Almeida proferiu no túmulo da folclorista no momento de seu enterro:

*“Cecília,  
nós, da Comissão Nacional de Folclore, recebemos sua luz e tudo se iluminou.  
A sua ardente sensibilidade não podia deixar de penetrar nas fontes nativas da poesia e da arte popular, que interpretou em admiráveis ensaios, revelando nas suas essências e formas a alma numerosa da nossa gente.*

---

<sup>469</sup> Concedeu entrevistas aos jornais *O Globo*, *Folha Carioca*, *O Mundo* para falar das preparações do evento e sobre o folclore de maneira geral.

<sup>470</sup> “Cecília Meireles”. In: *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, v. 4, nº 8/10, janeiro/dezembro de 1964. p. 213.

<sup>471</sup> Idem.

<sup>472</sup> *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, setembro /dezembro de 1961. p. 99.

<sup>473</sup> “Cecília Meireles”. In: *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, v. 4, nº 8/10, janeiro/dezembro de 1964. p. 213.

*E ainda ressoam, no seu Romancero da Inconfidência, vozes longínquas dos velhos romances tradicionais, que fulgem ao poder de seu estro. A luz que recebemos de você não se apaga nunca. É calor e força para nos animar e conduzir pelos caminhos do saber infundável e da emoção espontânea do nosso povo, que você tanto amou e sentiu tão maravilhosamente. Nós sabemos que você está entrando na imortalidade. Nem por isso, Cecília, é menos angustiada a saudade que mal lhe sei dizer, neste momento triste da despedida final.*<sup>474</sup>

Com estas belas palavras, proferidas por um intelectual tão distinto quanto Renato Almeida, não restam dúvidas do quanto a poetisa era estimada por suas contribuições ao estudo, divulgação e proteção do folclore brasileiro. Como a própria Revista Brasileira do Folclore ressalta, ela se destacou como folclorista pelos “*trabalhos que publicou na aplicação do folclore à educação*”<sup>475</sup>, o que demonstra que este era um tópico importante do Movimento Folclórico e não uma preocupação singular de nossa folclorista. Vale agora dedicarmo-nos a esta discussão.

### **3.2.2 – O estatuto do folclore enquanto disciplina científica e suas relações com a educação**

Baseando-se na periodização elaborada por Luís Rodolfo Vilhena<sup>476</sup>, a criação da Comissão Nacional do Folclore (CNFL) em 1947 marcou o início da mobilização de uma ampla gama de estudiosos em torno da temática, visando, principalmente, agir “*em prol da salvaguarda, estudo e pesquisa do folclore nacional*”<sup>477</sup>. Logo, Cecília Meireles se destacou como folclorista num momento em que a mobilização em torno do folclore e da cultura popular crescia e se tornava cada vez mais oficial e institucionalizada. Porém, o interesse pelos estudos do folclore e das tradições populares no Brasil não nasceu junto com a CNFL; este interesse vem, pelo menos, desde os estudos de Silvio Romero no final do século XIX. Dessa forma, o folclore já era, há tempos, um tema em discussão quando iniciou-se o processo de institucionalização das ciências sociais nas escolas de ensino superior<sup>478</sup>. Como mostram Luís Rodolfo Vilhena e Maria Laura Cavalcanti, o estatuto do folclore como disciplina, entretanto, é problemático, não fazendo parte dos currículos dos cursos superiores na área das ciências humanas e

---

<sup>474</sup> Idem. pp. 215-216.

<sup>475</sup> Ibidem.

<sup>476</sup> VILHENA, Luis Rodolfo. Op.cit. p. 24.

<sup>477</sup> CAVALCANTI, M.L.V. de C. & VILHENA, L. R. da P. “Traçando Fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 3, n. 5, 1990, p. 76.

<sup>478</sup> CAVALCANTI, M.L.V. de C. & VILHENA, L. R. da P. Op. cit. p. 75-6.

sociais, ainda que apareça nos dos cursos de Educação Física, Turismo e Artes, figurando também como fonte de estudos e referências nas escolas primárias. Tal fato se deve fundamentalmente à marginalização do folclore quando da legitimação da Antropologia e da Sociologia como disciplinas científicas nos anos 1950 e 1960, sendo Florestan Fernandes<sup>479</sup> um dos expoentes dessas discussões<sup>480</sup>.

Entre os anos de 1945 e 1964, os folcloristas tentaram fazer com que os estudos do folclore se transformassem numa disciplina independente no interior das ciências sociais, reivindicando uma posição no ensino universitário, “*através da criação de uma cátedra específica nas faculdades de filosofia*”<sup>481</sup>; bem como criar uma entidade governamental que se preocupasse com a preservação e estimulasse a pesquisa no campo. Sabe-se que a inserção desse campo de estudos nas universidades não aconteceu, tendo então ficado fora do novo arranjo institucional das ciências sociais<sup>482</sup>. Dessa forma, “*os estudos de folclore não possuem uma formação universitária específica, sendo sempre uma cadeira ou tema abrangido no interior de formações dedicadas a cada uma das ciências sociais*”<sup>483</sup>.

Isto se deve ao fato de que, no âmbito das discussões travadas entre os intelectuais vinculados à Comissão Nacional do Folclore (CNFL) e os sociólogos paulistas, foi o projeto destes que conseguiu se impor, principalmente apoiados nas ideias defendidas por Florestan Fernandes. Antes dos anos 1950, os estudos de folclore, antropologia e sociologia caminhavam num terreno muito próximo, onde não havia uma discussão formalizada sobre as atribuições de cada uma das disciplinas. Este debate iniciou-se, justamente, após a criação da CNFL em 1947, que tentava empreender uma organização dos estudos do folclore, cuja necessidade já havia sido apontada por estudiosos do tema como Amadeu Amaral<sup>484</sup> e Mário de Andrade.

---

<sup>479</sup> Florestan Fernandes (1920-1995), sociólogo, formado no curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. Tornou-se mestre, em 1949, na Escola de Sociologia e Política da mesma universidade.

“*Transformou-se no principal artífice da moderna sociologia brasileira*”, bem como ficou reconhecido pelas propostas de atuação dos cientistas sociais na esfera pública. ARRUDA, Maria A. do Nascimento. “Florestan Fernandes. Vocação científica e compromisso de vida”. In: BOTELHO, André & SCHWARCZ, Lilia M. (orgs.). Op. cit. p. 313.

<sup>480</sup> CAVALCANTI, M.L.V. de C. & VILHENA, L. R. da P. Op. cit. p. 80-2.

<sup>481</sup> VILHENA, Luis Rodolfo. Op.cit. p. 24.

<sup>482</sup> Idem.

<sup>483</sup> Ibidem. p. 42.

<sup>484</sup> Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteadado (1875-1929) foi um importante intelectual brasileiro, nascido na cidade de Capivari, no estado de São Paulo. Como poeta, escreveu *Urzes* (1899), *N voa* (1902), *Espumas* (1917) e *Lâmpada Antiga* (1924), que lhe conferiram destaque suficiente para ocupar a cadeira de Olavo Bilac na Academia Brasileira de Letras. Como folclorista, destaca-se pela obra *Tradi es populares*, publicada em 1948.

Como demonstra Vilhena, antes da mobilização em torno da Comissão Nacional do Folclore, a maioria dos integrantes do movimento folclórico não se denominava pelo termo “folclorista”; “o objetivo da instituição era justamente o de criar essa ‘especialidade’”<sup>485</sup>. O autor ressalta que, pelo fato desse campo de estudos ter sido excluído do processo de institucionalização das ciências sociais, essa denominação não é vista como uma identidade profissional, e sim como um estereótipo vinculado ao que se considerou a partir de então um intelectual não acadêmico<sup>486</sup>.

Criar a identidade profissional de folclorista a partir da definição do folclore como um campo de estudos não era o único propósito da CNFL. Os investimentos também previam a proteção do folclore brasileiro, na medida em que se fazia necessário “promover uma ação político-ideológica de construção de um ‘ser nacional’”<sup>487</sup>. Renato Almeida chegou a declarar que era preciso, para além da ciência, despertar o interesse pelo tradicional, que estava se perdendo. Logo, os folcloristas concentravam seus esforços na salvaguarda das tradições populares, preservando-as das modificações embutidas no processo de modernização. Este é apenas um dos aspectos pelos quais este intelectual se diferencia cada vez mais dos sociólogos e antropólogos, que não compartilhavam desta visão centrada na proteção dos elementos da cultura popular.

A principal discordância entre eles, sem dúvida, diz respeito ao estatuto do folclore enquanto disciplina científica independente. Os folcloristas reivindicavam um lugar próprio, que não fosse subordinado à Antropologia ou à Sociologia. Em sua forma de tratar o material folclórico, ressaltam a coleta documentária como a etapa mais importante e urgente do trabalho, na qual o pesquisador não deve interferir com interpretações e preocupações teóricas sob a pena de comprometer a pureza do material. A coleção forneceria, então, o material que seria utilizado tanto no estudo quanto na salvaguarda das tradições populares, e era na pureza da coleta que se definia a cientificidade da disciplina<sup>488</sup>. Resguardar o folclore figurava como um dos três pontos principais do programa do Movimento Folclórico, evidentes num discurso proferido por Renato Almeida ao afirmar que os problemas fundamentais a serem enfrentados seriam: “a pesquisa, para o levantamento do material, permitindo seu estudo; a proteção do folclore, evitando a sua regressão; e o aproveitamento do folclore na educação”<sup>489</sup>.

---

<sup>485</sup> VILHENA, Luis Rodolfo. Op.cit. p. 34.

<sup>486</sup> Idem.

<sup>487</sup> CAVALCANTI, M.L.V. de C. & VILHENA, L. R. da P. Op. cit. p. 76.

<sup>488</sup> Idem. p. 79.

<sup>489</sup> VILHENA, Luis Rodolfo. Op.cit. p.174.

Florestan Fernandes, ao contrário dos folcloristas, não considerava o método acima descrito como científico, se comparado aos moldes em que a sociologia estava se apoiando em sua definição enquanto ciência social. Ele considerava o folclore mais um método de pesquisa que uma ciência, mesmo assim bastante limitado pelo “*ponto de vista exclusivamente genético e procurando estabelecer generalizações apenas através de classificações*”<sup>490</sup>, deixando de lado as causas dos dados investigados. Quando abordamos as crônicas de Cecília Meireles sobre o folclore infantil no capítulo anterior, tivemos um contato direto com este tipo de metodologia classificatória e generalizante, muito embora nossa folclorista se diferencie um pouco de seus colegas por realizar algumas vezes análises estéticas do material recolhido. Mas, ainda assim, se caracteriza folclorista em sua busca pela origem das tradições e sua preservação, como também por sua falta de interesse pelos sujeitos e pelos sentidos sociais do material folclórico.

O trabalho do folclorista poderia ser resumindo, então, em “*coletar, classificar, comparar e estudar as origens de suas coleções*”<sup>491</sup>. Florestan Fernandes classifica estas atividades como de natureza não científicas, semelhante à tarefa dos especialistas em artes, literatura e filosofia. Para o sociólogo, nem o método de trabalho e nem a justificativa de que o folclore possui um objeto de estudo particular são suficientes para justificar a criação de uma cátedra especial para esta área de conhecimento. Isso porque o objeto de estudo dos folcloristas é também objeto de outras ciências sociais, e o que muda é o *modus operandi*, ou seja, a forma trabalhar com o mesmo material.

De acordo com Maria Laura Cavalcanti e Luís Rodolfo Vilhena, Fernandes define as diferentes abordagens como complementares: ao folclorista caberia uma análise estética e humanística, enquanto os estudiosos das ciências sociais constituídas<sup>492</sup> realizariam as análises propriamente científicas. Os autores defendem que Florestan Fernandes não era hostil ao trabalho folclorístico e que

*“(...) o ‘folclorista colecionador’, estigmatizado por seus colegas, teria uma grande contribuição a dar, na medida em que assimilasse as técnicas científicas modernas, sem pretender caracterizar-se propriamente como cientista. Esta é a base da ‘colaboração interdisciplinar’ que Fernandes propõe aos estudiosos do folclore.”*<sup>493</sup>

---

<sup>490</sup> CAVALCANTI, M.L.V. de C. & VILHENA, L. R. da P. Op. cit. p. 85.

<sup>491</sup> Idem.

<sup>492</sup> Sociologia, etnologia e psicologia.

<sup>493</sup> CAVALCANTI, M.L.V. de C. & VILHENA, L. R. da P. Op. cit. p. 86.

É possível que não haja um sentimento de hostilidade, mas o fato é que há uma clara intenção de Florestan Fernandes de conferir ao folclore um lugar subordinado, de status inferior ao das ciências sociais. O folclorista realizaria um serviço que o cientista social considera desqualificado, de coleta e reunião de dados, cumprindo uma etapa anterior ao trabalho do verdadeiro cientista qualificado para interpretar e teorizar sobre o material recolhido. O folclorista, aliás, deve se conscientizar de sua função subalterna, sem pretender tornar seu trabalho uma ciência. O debate foi acalorado durante a década de 1950, já que a Comissão Nacional do Folclore não aceitava a condição subordinada que os cientistas sociais desejavam impor aos folcloristas, e pretendiam criar uma área de estudos independente, com espaço garantido nas universidades.

Porém, acontece que o folclore não conseguiu se impor para alcançar o tão pretendido reconhecimento como disciplina científica, tendo sido, portanto, marginalizado do novo arranjo firmado na reforma do ensino universitário, no final da década de 1960. Ainda assim, *“sua prática foi institucionalizada em institutos, museus, órgãos do governo estadual e federal”*<sup>494</sup>, conseguindo sobreviver até mesmo à falta de continuidade da política cultural no Brasil. Luís Rodolfo Vilhena chama atenção para este ponto ao evidenciar que o folclore conseguiu tornar-se um ponto importante *“da agenda de política cultural do país nas esferas federal, estadual e mesmo municipal”*<sup>495</sup>.

Desta forma, podemos afirmar que o Movimento Folclórico foi bem sucedido na realização de outra de suas prioridades de ação: a criação de instituições. Justamente por isso Luís Rodolfo Vilhena escolheu como marcos definidores de seu recorte a criação da Comissão Nacional do Folclore (1947) e o enfraquecimento da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (1964), por conta do afastamento de Édison Carneiro da direção, após o golpe militar. Vale aqui citar o próprio autor:

*“O movimento folclórico (...) sempre desejou uma inserção própria na Universidade e nunca conseguiu. Por outro lado, não há dúvida de que a criação de uma agência estatal dedicada ao folclore foi sua prioridade. (...) Se os marcos da institucionalização são tomados aqui para delimitar o período de tempo que minha pesquisa cobre é porque, para esses intelectuais, como para vários dos seus interlocutores, ela se apresentou como um problema essencial”*<sup>496</sup>

---

<sup>494</sup> VILHENA, Luis Rodolfo. Op.cit. p. 40.

<sup>495</sup> Idem. p. 42.

<sup>496</sup> Ibidem. p.76.

A criação da CNFL foi de suma importância porque representou a superação do caráter local das iniciativas anteriores, com a construção de uma rede entre a maioria dos estados brasileiros, tendo o Rio de Janeiro como o centro. Isso se deve, em grande parte, à capacidade articuladora de Renato Almeida, que, além de possuir uma obra respeitada e boas relações no campo, possuía uma posição favorável no Ministério das Relações Exteriores por conta do cargo de chefe do Serviço de Informação<sup>497</sup>. “*Tendo encontrado dessa forma uma abrangência verdadeiramente nacional, a CNFL se dispôs então a realizar os congressos folclóricos acalentados por Mário de Andrade no final de sua vida*”<sup>498</sup>. Esses eventos possibilitavam o encontro de folcloristas de todo o país para que pudessem debater seu programa comum. Como exemplo, podemos citar a aprovação da *Carta do Folclore Brasileiro* no I Congresso Brasileiro de Folclore.

Vale salientar que, na opinião de Vilhena, a maior conquista do campo foi a criação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Ele aponta que “*a percepção da necessidade da criação de um órgão de apoio ao folclore diretamente ligado à administração federal já estava presente desde os primeiros momentos do movimento folclórico*”<sup>499</sup>. Desde a Sociedade Demológica de Amadeu Amaral, a aproximação com o Estado foi se transformando numa intenção clara dos folcloristas, tendo o próprio Renato Almeida ressaltado em sua fala na II Semana Nacional de Folclore que proteger o folclore “*não é tarefa de estudiosos nem de alguns homens de boa vontade, é obra do Estado*”<sup>500</sup>.

A análise da atuação social da Cecília Meireles enquanto educadora e folclorista revela, como tento mostrar nesta pesquisa, uma profunda relação entre o folclore e a educação. Quando consideramos os objetivos da CNFL, vemos que esta relação é valorizada pela entidade, na medida em que a inclusão das manifestações folclóricas no processo educativo formal

*“(...) constitui a iniciativa que permitirá que elas continuem cumprindo sua ‘função social’ na moderna sociedade brasileira. A escola poderia dessa forma substituir os meios tradicionais de transmissão informal da tradição folclórica, alterados particularmente pela acelerada urbanização social”*<sup>501</sup>

---

<sup>497</sup> Ibidem. p.94.

<sup>498</sup> Ibidem. p.99.

<sup>499</sup> Ibidem. p.103.

<sup>500</sup> Ibidem. p. 103.

<sup>501</sup> Ibidem. p. 192.

Nestor Canclini aponta para um ponto a ser considerado nesse sentido, a partir da análise da Carta do Folclore Americano, “*elaborada por um conjunto representativo de especialistas e aprovada pela OEA em 1970*”<sup>502</sup>. A carta contém em si propostas políticas para a conservação, resgate e ao estudo das tradições, concentrando-se tais propostas “*nos museus e nas escolas, nos festivais e concursos, na legislação e proteção*”<sup>503</sup>. Encontramos aqui uma clara evidência da relação estabelecida entre a educação – por meio da atuação nas escolas e museus – e a proteção, resgate e estudo do folclore.

A introdução do folclore na educação é outra proposta da CNFL à qual Florestan Fernandes se opôs. O sociólogo paulista defendia que o folclore já se encontrava desintegrado e que, por isso, não ocuparia uma posição importante na construção do Brasil moderno, que seria desenvolvido em moldes científicos. Desta forma, a disciplina que deveria ser incluída no ensino secundário seria a sociologia, que cumpriria, então, papel semelhante ao do folclore segundo as propostas dos folcloristas. Este, por sua vez, deveria ser excluído da escola porque, dadas as transformações sociais cada vez mais contundentes, a cultura folclórica já se encontrava anacrônica. Nas palavras do próprio sociólogo

*“(...) a magia de origem folclórica continua a existir e a ser praticada, crenças religiosas e mágico-religiosas, que apelam para valores exóticos, encontram campo propício para desenvolvimento graças às inseguranças subjetivas, desencadeadas pelas incertezas morais e fricções sociais do mundo urbano. Mas, no fundo, a civilização que se vincula a este mundo é, por necessidades internas, a civilização por excelência da tecnologia racional, da ciência e do pensamento racional.”*<sup>504</sup>

Mesmo que a educação não tenha sido a principal frente de atuação na qual o movimento concentrou suas forças, o conceito de folclore e cultura popular que até hoje vigora nas escolas básicas foi forjado e adotado durante o Movimento Folclórico. Isto quer dizer que, ainda que não tenha recebido especial atenção, a educação foi um tópico importante na ação dos intelectuais desta organização, já que o folclore passou a vigorar como componente importante dos currículos escolares e assim permanece até os dias atuais.

---

<sup>502</sup> CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. Op. cit. p. 213.

<sup>503</sup> Idem. p. 214.

<sup>504</sup> CAVALCANTI, M.L.V. de C. & VILHENA, L. R. da P. Op. cit. p. 88.

Sem dúvida, a oportunidade que o Movimento Folclórico oferecia de realizar um investimento na introdução das manifestações folclóricas no processo educativo – seja através da escola ou da literatura –, pode ter sido o que motivou Cecília Meireles a vincular-se a este grupo de intelectuais. Em uma entrevista para o jornal *O Globo*, em 1950, a folclorista deixou bem claro que *“um meio certo de coordenar e perpetuar esses elementos próprios do nosso povo é a sua difusão nas escolas”*<sup>505</sup>, já que a tendência da vida moderna tende ao desaparecimento de elementos de grande interesse para o estudo e realização das propriedades educativas do folclore. *“São os contos populares, as canções de roda, que vão despertando no futuro homem do Brasil o interesse pelas coisas de sua terra”*<sup>506</sup>, e a inclusão destes elementos no ambiente escolar foi um projeto vitorioso do Movimento Folclórico, para o qual Cecília Meireles contribuiu enormemente.

A relação entre folclore e educação foi um dos temas de discussão na I Semana Nacional de Folclore, tendo Cecília Meireles ficado responsável pela apresentação intitulada “Folclore e Educação”. Em sua fala, Cecília defende que os estudos folclóricos devem ser introduzidos nas escolas, orientando toda ação pedagógica e recreativa realizada:

*“Nas escolas primárias e instituições pré-escolares, o Folclore não pode ser encarado especulativamente, mas vivido, cada dia, na sua realidade, justamente para assegurar a sua permanência e prosseguir na sua evolução. (...) O Folclore deve constituir a atmosfera da criança não só nos seus momentos de recreio (cantigas, danças, adivinhas, parlendas, jogos, contos, brinquedos), como na inspiração de trabalhos manuais (rendas, bordados, trançados, modelagens, etc)”*<sup>507</sup>.

Cecília ressalta, além disso, o importante papel dos museus na adaptação do folclore aos programas de ensino, principalmente nas áreas urbanas por conta do afastamento dos lugares que abrigam a cultura folclórica mais autêntica. Vilhena dá uma importante contribuição nesse sentido ao afirmar que

*“para Meireles, um dos motivos para que se busque essa estratégia na veiculação do folclore no ambiente escolar seria não apenas ‘assegurar sua permanência’, mas também garantir que ele prossiga na sua ‘evolução’. O museu, possibilitando o contato com os elementos folclóricos (mesmo que mediados pela orientação do professor), marcado pela materialidade dos*

---

<sup>505</sup> “Fonte inspiradora da poesia popular” (Entrevista com Cecília Meireles). *O Globo*. Rio de Janeiro, 21 de julho de 1950.

<sup>506</sup> Idem.

<sup>507</sup> VILHENA, Luis Rodolfo. Op.cit. p.193.

*objetos, permitiria uma situação de mínima interferência externa a essa 'vivência' do folclore”<sup>508</sup>*

O conceito de folclore e cultura popular que hoje a Comissão Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) adota muito difere daquele utilizado pelos folcloristas dos anos 1950 e 1960, mas não é esta atual concepção baseada na antropologia cultural que vigora nas instituições escolares. As escolas, principalmente na educação infantil, continuam a reproduzir o conceito de folclore forjado no âmbito do Movimento Folclórico brasileiro – o folclore como conjunto de lendas, cantigas, contos, manifestações festivas, comidas típicas e artesanato –, mostrando que este teve importância crucial no processo de inclusão e desenvolvimento do estudo e vivência do folclore nas instituições escolares.

Em entrevista ao jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, no dia 27 de agosto de 1950, Cecília Meireles indicou as razões pelas quais resolveu iniciar o estudo do folclore infantil, conforme vimos no capítulo anterior: a folclorista começou a perceber que as crianças começaram a não mais cantar as cantigas de roda e percebeu que isto se dava porque não havia mais quem as ensinasse. Os livros para crianças, a seu ver, ignoravam o folclore e, além disso, as exigências da vida moderna impunham aos pais uma rotina árdua na qual não tinham tempo nem para cantar “*as doces cantigas de ninar*”. Tendo observado isto, Cecília passou a dedicar-se ao “*ressurgimento do folclore infantil*” de duas maneiras: inserindo-o na escola, onde havia a hora do conto, festas e ensinamento dos traços tipicamente brasileiros; e inserindo-o nos lares “*através de uma bem orientada literatura para a infância*”. Concluiu sua entrevista dizendo: “*Os contos que nos ensinaram na infância tem um fundo imortal e trazem um conteúdo moralizante. Não podemos deixar que morram. Devemos preservar o que ainda existe, ou pelo menos recolher esses ricos mananciais folclóricos*”<sup>509</sup>.

### **3.3 – A conciliação entre nacionalismo e universalismo na perspectiva ceciliana**

*“A valorização do nosso folclore trará como consequência uma maior unidade ao nosso nacionalismo, pois só através do estudo das nossas danças, nossas comidas, nossas lendas próprias, poderemos ter um verdadeiro retrato do nosso povo, e mais tarde, comparando-o com o de outros povos, chegaremos a estabelecer o que eles tem de comum, colaborando assim,*

---

<sup>508</sup> Idem. p. 194.

<sup>509</sup> “Vigorofo ressurgimento do folclore infantil” (Entrevista com Cecília Meireles). *Correio do Povo*. Porto Alegre, 27 de agosto de 1950.

A institucionalização do folclore como disciplina acadêmica e a proteção dos costumes populares não foram as únicas motivações para a criação da Comissão Nacional do Folclore. A criação da CNFL e do próprio Movimento Folclórico, de acordo com Joana Cavalcanti de Abreu, estão ligados aos esforços da recém criada Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO - 1946), no sentido de favorecer a compreensão entre os povos e culturas no contexto do pós-guerra. O folclore era visto como uma maneira de reconhecer e valorizar as variações culturais existentes de forma positiva, atuando como um importante instrumento para impedir que os horrores de uma guerra fundamentada na intolerância se repetissem<sup>511</sup>. A Comissão Nacional do Folclore era uma das várias comissões integrantes do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), ligado ao Ministério das Relações Exteriores e dirigido por Renato Almeida.

A visão de que o folclore poderia promover a fraternidade universal, como vimos, foi uma das razões pelas quais Cecília Meireles se dedicou a esses estudos e se vinculou ao Movimento Folclórico. Desde o início dos anos 1930, quando dirigia a *Página de Educação*, ela se preocupava com a promoção do entendimento entre os povos. Naquela época, ela acreditava que a educação seria a responsável por promover esta compreensão universal. A partir da década 1940, ela passou a ver no folclore um potencial aliado da educação nesta empreitada. Isso não quer dizer, entretanto, que antes dos anos quarenta ela não pensava na importância do folclore nem na importância da inserção de seus elementos no processo educativo. O que se observa, principalmente em sua coluna *Professores e Estudantes* (1941-1943), é que neste momento Cecília passou a dedicar-se ao estudo do folclore de forma mais sistemática.

Esta dedicação ao estudo do folclore e sua vinculação à educação coincidem com um contexto de guerra, em que o mundo revivia os horrores que a folclorista tanto gostaria que não se repetissem. O folclore se apresentava para ela como uma forma de buscar o entendimento entre os povos. Tal fato fica claro em sua fala na III Semana de Folclore, em 1950:

---

<sup>510</sup> Palavras de Cecília Meireles em entrevista para o jornal *O Globo* em 21 de julho de 1950.

<sup>511</sup> ABREU, Joana C. “Entre os símbolos e a vida: poesia, educação e folclore”. In: NEVES, Margarida de Souza & LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina V. (org.). *Cecília Meireles: a Poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2001. p. 213.

*“Eu vim como uma pessoa que cansada de buscar caminhos para que os homens se entendam, em outros setores de atividades intelectuais, procura no folclore, talvez, um caminho mais ameno, talvez um caminho mais possível, procurando que os homens encontrem no folclore a solução para muitos de seus problemas, pela compreensão das suas origens, da sua identidade, daquilo que neles é transitório e também daquilo que neles é permanente”*<sup>512</sup>.

O folclore era concebido por Cecília como o conhecimento do povo em suas manifestações de vida. O povo, *“aquele que vive na pura autenticidade de sua condição de habitante da terra”*<sup>513</sup>, é protagonista em seus escritos sobre o tema. Luís Rodolfo Vilhena mostra em sua pesquisa como os intelectuais vinculados ao Movimento Folclórico atuavam no sentido da valorização da cultura popular, vista por eles não só como um objeto de pesquisa, mas principalmente como definidora da identidade nacional<sup>514</sup>. Nas reflexões de Cecília, a cultura popular aparece diretamente ligada à identidade nacional, mas não fica restrita às fronteiras de um país, justamente por ser uma intelectual universalista. *“Entender a complexidade humana; aproximar os homens através do conhecimento do mundo ‘mágico’ comum a todos e particularmente evidente nas manifestações populares, tal é para Cecília a tarefa do folclore”*<sup>515</sup>. Desta forma, ele é responsável por difundir o “humanismo popular”, na expressão da própria Cecília.

Grande parte da bibliografia consultada defende a ideia de que, por ser tributária do universalismo, Cecília Meireles não se preocupou em abordar temáticas nacionais em sua obra. Meu contato com as fontes até aqui trabalhadas sugerem outra linha interpretativa.

O livro *Semear horizontes: uma história da formação dos leitores na Argentina e no Brasil – 1915-1954*, da pesquisadora Gabriella Pellegrino Soares, trata da produção e afirmação da literatura nacional para o público infantil enquanto campo, bem como do investimento feito por intelectuais argentinos e brasileiros na promoção da leitura infantil. Ainda que mencione alguns autores como Érico Veríssimo, Graciliano Ramos e a própria Cecília Meireles, elege como grandes ícones da literatura infantil brasileira Monteiro Lobato – para ela o grande destaque da produção brasileira para crianças – e Tales de Andrade. Por sua vez, Cecília se destaca na parte da obra que Soares dedica aos agentes que prestaram o papel de mediadores culturais em relação à literatura infantil, com o objetivo de *“analisar, a partir do que escreveram e realizaram, suas*

---

<sup>512</sup> ALMEIDA, Renato. “Cecília Meireles, uma companheira”. In: Revista *Folclore*. Vitória, Espírito Santo: jan.-dez. 1964. XV, Nos. 78-80, p. 7.

<sup>513</sup> ABREU, Joana C. “Entre os símbolos e a vida: poesia, educação e folclore”. Op. cit. 218.

<sup>514</sup> VILHENA, Luis Rodolfo. Op.cit. p. 21.

<sup>515</sup> ABREU, Joana C. “Entre os símbolos e a vida: poesia, educação e folclore”. Op. cit. p. 219.

*concepções sobre o papel da literatura na formação das crianças, bem como seus julgamentos sobre as obras que valiam destinar a esse público*”<sup>516</sup>. A pesquisadora opta, então, por estabelecer uma comparação entre as atuações de Cecília Meireles no Brasil e de Gabriela Mistral na Argentina, considerando, sobretudo, o envolvimento destas educadoras com bibliotecas infantis.

Sobre a produção literária de Cecília Meireles, Soares afirma que, ao contrário de Gabriela Mistral, ela não se empenhou na valorização de autores ou temáticas nacionais. Afirma que *“apesar de ter sido uma estudiosa das tradições afro-brasileiras e do folclore nacional, não reservou a contos dessa origem um lugar de destaque no repertório de leituras infantis*”<sup>517</sup>. Na verdade, concordando com Leila V. B. Gouvêa, autora considera que

*“(...) ‘não há como negar que, em sua maior parte, a lírica cecilianiana passou ao largo daquela redescoberta do Brasil e mesmo da representação da modernidade histórica e urbana que tanto empolgaram nossos modernistas’. O Romanceiro da Inconfidência, claro, publicado em 1953, foi um magistral contrapeso a essa tendência. A poetisa integrou o grupo produtor da revista Festa, fundada no Rio de Janeiro em 1927, ela própria expressão, de acordo em Angela de Castro Gomes, uma das vertentes do modernismo brasileiro*”<sup>518</sup>

Em primeiro lugar, as fontes que utilizo nesta pesquisa não mostram Cecília Meireles como uma grande estudiosa das tradições afro-brasileiras. Mesmo tendo feito os desenhos publicados com o título *Batuque, samba e macumba*, ela não se configura como uma pesquisadora especializada destas questões. Em segundo lugar, questiono a afirmação de que nossa educadora não teria reservado lugar de destaque ao folclore nacional. Como já vimos, Cecília reserva à literatura um importante papel no processo educativo. O livro de literatura infantil cumpre a importante tarefa de substituir o aprendizado pela transmissão oral, transmitindo a tradição literária, base cultural dos diferentes povos. Dessa forma, o livro não é um brinquedo ou um passatempo; a literatura infantil tem uma função de nutrição, de enriquecimento. Suas propostas e atuação na Biblioteca Infantil revelam a importância que o folclore adquire na educação das crianças no projeto ceciliano, principalmente introduzido através da literatura.

---

<sup>516</sup> SOARES, Gabriella Pellegrino. *Semear Horizontes: Uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil -1915-1954*. Op. cit. p. 233-234.

<sup>517</sup> Ibidem. p. 265.

<sup>518</sup> Ibidem.

Através da literatura infantil, a criança absorve o tempo da tradição e o tempo da cultura, condição fundamental, aos olhos de Cecília, para a formação do homem de compreensão universal.

*“A Literatura Tradicional apresenta esta particularidade: sendo diversa em cada país, é a mesma no mundo todo. É que a mesma experiência humana sofre transformações regionais, sem por isso deixar de ser igual nos seus impulsos e idêntica em seus resultados. Se cada um conhecer bem a herança tradicional do seu povo, é certo que se admirará com a semelhança que encontra, confrontando-a com a dos outros povos.”*<sup>519</sup>

O folclore, aqui representado por aspectos da literatura tradicional, é o humanismo básico, uma linguagem comum aos diferentes povos e um elo entre os séculos.

Temas em voga como nacionalismo, identidade nacional e amor à pátria não passaram despercebidos aos olhos universalistas de Cecília Meireles. Examinando crônicas como “O amor à terra”, publicada em 27 de agosto de 1941, podemos perceber que as perspectivas nacionalista e universalista não são opostas na visão ceciliana, e sim complementares.

*“Para a grandeza do Brasil, é essencial o amor à terra. E não sei de país que possua tantos encantos naturais, para serem fruídos não apenas pelos turistas, como agora intensivamente se procura fazer, mas pelos naturais, a quem as frivolidades do urbanismo entontecem e extraviam. As revistas de propaganda turística, e as demais publicações feitas com a mesma finalidade, devem ser largamente distribuídas pelas escolas e pelos lares, de modo a promover um conhecimento amplo das belas coisas que possuímos, e que quase sempre se encontram fora da órbita das cidades.”*<sup>520</sup>

Fica nítido que Cecília reconhece que o sentimento de afeição para com a pátria é um elemento necessário a qualquer país que pretenda crescer e evoluir nos mais variados aspectos. As revistas turísticas, como a *Travel in Brazil* na qual trabalhou, costumam fazer propaganda das maravilhas que o país contém para atrair visitantes de todo o mundo. A autora alerta que é necessário que os próprios brasileiros conheçam as belezas de sua terra, já que estas se encontram nas áreas mais afastadas dos centros urbanos.

Desde os tempos de sua atuação identificada com o projeto dos Pioneiros da Educação Nova e também na revista *Festa*, nos anos 1920 e 1930, Cecília possuía essa perspectiva universalista, que acreditava ser capaz de promover a fraternidade universal. Sua concepção diferia da de Fernando de Azevedo que pensava a cultura como

---

<sup>519</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Op.cit. pp. 78-79.

<sup>520</sup> MEIRELES, Cecília. “O amor à terra”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 27 de agosto de 1941.

sinônimo de erudição, ilustração e, neste caso, parte integrada do processo civilizador. Sendo assim, o grau de civilização de uma sociedade pode ser medido pelo estágio de desenvolvimento cultural alcançado, que para Azevedo se relaciona à capacidade do povo de exercer o autocontrole sobre suas emoções. A educação é vista por ele, então, como veículo da cultura e da civilização, instrumento da Ciência. Seria através do binômio educação/ciência que chegaríamos ao consenso para a construção da identidade nacional<sup>521</sup>.

No caso de Cecília Meireles, a identidade nacional e o sentimento de fraternidade universal se construiriam – e esta é a tese principal deste trabalho – a partir do binômio educação/folclore. Não é a ciência o elo unificador; e a cultura não é determinada pelo grau de civilização. Mesmo assim, Luciana Corrêa afirma que essas duas perspectivas não são opostas, mas complementares. Segundo ela, os intelectuais preocupados com a questão nacional pretendem estabelecer diferenças entre os traços culturais dos povos, enquanto os que se aproximam do viés universalista concentram-se em ressaltar as semelhanças. *“Para os primeiros prevalecem os ideais nacionais, os ideais dos cidadãos, enquanto para os segundos destacam-se os ideais da humanidade”*<sup>522</sup>.

Angela de Castro Gomes, numa passagem também citada pela própria Gabriela Soares, traz uma importante contribuição para pensarmos os diferentes nacionalismos modernistas:

*“O projeto estético-político de Festa conforma-se nesse contexto, articulando dimensões experimentadas em empreendimentos anteriores em novo formato. Trata-se de ser moderno e nacionalista, mas de forma distinta de outros nacionalismos modernistas e, em especial, dos paulistas. Estes, sobretudo na versão da antropofagia, são considerados muito radicais e tão-somente destruidores. São pouco sérios e por demais materialistas, derivando dos naturalistas e realistas do século XIX. Por contraste, o grupo Festa assume o espiritualismo e o universalismo na arte, não renegando o epíteto de novos simbolistas e procurando capitalizar a tradição que vinha do romantismo. Nacionalistas – leitores admiradores de Alberto Torres e Euclides da Cunha – e universalistas; subjetivistas que, sob sugestão de Proust, trabalhavam o objetivismo; modernos e tradicionalistas; enfim, ‘modernistas espiritualistas’, como se designavam para marcar seu espaço.”*<sup>523</sup>

---

<sup>521</sup> XAVIER, Libânia Nacif. “Retrato de corpo inteiro do Brasil: a cultura brasileira por Fernando de Azevedo. In: *Revista da Faculdade de Educação, USP*, São Paulo. v. 24, n. 1 jan./jun. 1998. p. 76.

<sup>522</sup> CORRÊA, Luciana B. V. “Criança, ciência e arte”. Op.cit. p. 126.

<sup>523</sup> GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999. p. 60.

Vale lembrar que Cecília fez parte do grupo integrante da revista *Festa* e se encaixa muito bem neste “modernismo espiritualista”, mesmo que não sentisse totalmente parte deste grupo por não concordar com seu caráter essencialmente católico. Não é que ela não tenha reservado espaço para temas nacionais em sua produção literária; a chave da questão está na forma como ela trabalha com essas temáticas. Sua intenção de promover o entendimento entre os povos a faz trilhar o caminho do universalismo, utilizando-se do folclore para estabelecer semelhanças entre as diferentes culturas.

Mesmo que ela tenha se concentrado em ressaltar os aspectos universais do folclore e, assim, as semelhanças entre os povos, a questão da cultura e identidade brasileira também foi um tópico de suas discussões, como vimos ao longo do trabalho. Ao escrever sobre a arte popular e estudar aspectos do folclore infantil, por exemplo, Cecília buscou uma síntese que identificasse toda a coletividade brasileira, minimizando as particularidades e ressaltando os aspectos comuns. Sua diferença para outros escritores, como Viriato Correia, por exemplo, é que sua literatura infantil não se enquadra na linha cívico-patriótica. Seus livros são essencialmente literários; porém, isso não quer dizer que ela não tenha se utilizado de temáticas nacionais ou não tenha se preocupado com elas. Mostramos no trabalho que estes elementos nacionais foram muito bem estudados e selecionados para compor seus livros infantis.

Procuramos demonstrar o espaço que a Cecília Meireles folclorista reservou ao folclore na educação das crianças, seja na escola, seja nos livros que dedicou a este público. Quando examinamos seus estudos na série “Infância e folclore” da coluna *Professores e estudantes* (1941-1943), percebemos sua preocupação com a preservação das cantigas populares, pois estas eram fundamentais para a formação de um sentimento de nacionalidade e, ao mesmo tempo, fraternidade nas crianças. Na literatura infantil, os contos de origem tradicional são os mais valorizados e sua incorporação aos livros é intensamente encorajada por Cecília, na medida em que ela considerava que estes continham todos os ensinamentos indispensáveis ao desenvolvimento infantil.

Ao considerar o livro infantil escrito por Cecília, *Rute e Alberto resolveram ser turistas*, Regina Zilberman endossa a interpretação que aqui se propõe<sup>524</sup>. O livro foi publicado em 1938 pela Edições Globo. Nesta obra, Cecília aborda o conteúdo do programa de Ciências Sociais da 3ª série elementar através da “viagem” empreendida

---

<sup>524</sup> Zilberman, Regina. “Em busca da criança leitora”. In: NEVES, Margarida de Souza & LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina V. (org.). *Cecília Meireles: a Poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2001. pp. 175-188.

pelos protagonistas pelo Rio de Janeiro quando de sua mudança do subúrbio para o litoral durante as férias de verão.

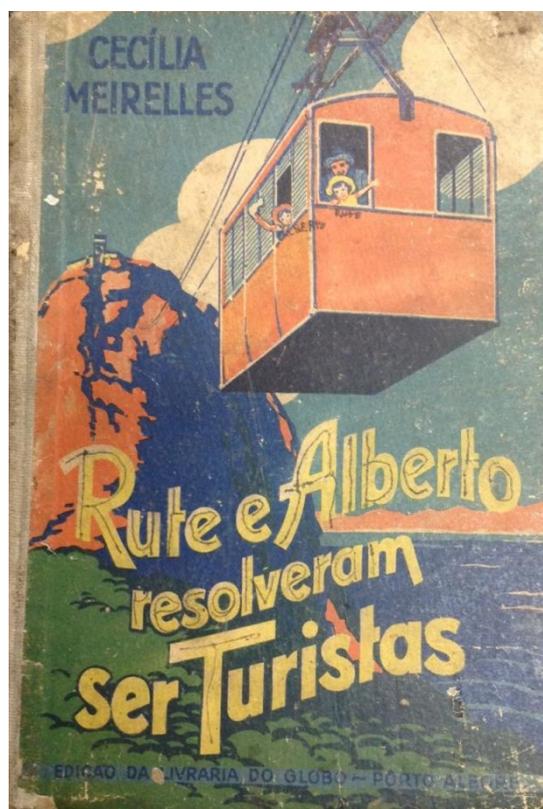


Imagem 11: Capa da primeira edição do livro *Rute e Alberto resolveram ser turistas* (1938)

Identificamos um diálogo claro desta obra com outras já consagradas na literatura infantil, como o livro *Através do Brasil*, de Olavo Bilac e Manoel Bomfim, e até mesmo com os livros de Monteiro Lobato. A opção de Cecília para empreender sua literatura de viagem é pela cidade, diferente do que fazem Bilac e Bomfim optando pelo Brasil rural. Como mostra Zilberman, “(...) *Cecília demonstra sua predileção pela moderna vida urbana, com seus confortos, limpeza e rapidez*”<sup>525</sup>. Na medida em que opta pela cidade, também está se opondo ao procedimento de Lobato de “*identificar o Brasil a um sítio, de que o Pica Pau Amarelo é síntese e símbolo*”<sup>526</sup>. Considerando essas informações, percebemos que o *Romanceiro da Inconfidência* não se encontra isolado na abordagem de temáticas nacionais, como sugere Gabriela Soares. *Giroflê, Giroflá* (1956) e *Ou isto ou aquilo* (1964) trazem aspectos do folclore infantil em forma de poesia, e ainda que a forma não seja cívico-patriótica, Cecília acreditava que através

---

<sup>525</sup> Idem. p. 186.

<sup>526</sup> Ibidem. p. 187.

dos contos e cantigas tradicionais seriam criados os sentimentos de identidade, sem que para isso fosse preciso fazer propaganda nacionalista.

Embora o *Rute e Alberto resolveram ser turistas* tenha um caráter mais didático que literário<sup>527</sup>, já que foi escrito para o 3º ano elementar com a matéria do programa de Ciências Sociais, identifico que ele traz muitas das características que Cecília pontuou no *Problemas da Literatura Infantil*. O conteúdo do programa escolar é transmitido através da história de dois irmãos – Rute e Alberto – que saem de seu casarão na Tijuca para passar as férias em Copacabana com seus pais e a criada negra Georgina. O livro é dividido em três partes: “As crianças do apartamento 63”, “Rute e Alberto resolveram ser turistas” e “Os passeios de Tio Mário”.

A primeira delas trata da ida da família Silveira para Copacabana. As crianças pegam um ônibus com seu pai e aprendem sobre os locais que passam durante o trajeto. Após a chegada em Copacabana, Rute e Alberto aprendem uma série de outras coisas com seu pai: a importância de uma alimentação saudável e rica em vitaminas, a comer nas horas certas, a lavar e cozer bem os alimentos, a lavar as mãos antes de comer e escovar os dentes após as refeições, os pontos cardeais, os movimentos do planeta Terra, as estações do ano, a importância de se manter a casa limpa e livre de insetos, entre tantos outros temas. Como saíram da Tijuca para passar as férias num local de praia, as crianças aproveitam o mar e ainda aprendem sobre a importância do banho de sol, dos benefícios do banho de mar e dos exercícios ao ar livre.

---

<sup>527</sup> Mesmo com intenções didáticas, o livro não deixa de conter poesia, principalmente nas descrições dos ambientes, dos lugares que as crianças visitam, das paisagens, etc. Segue as orientações defendidas pela própria Cecília Meireles de que o livro didático contenha textos literários, para que a criança tenha desde cedo contato com a poesia.

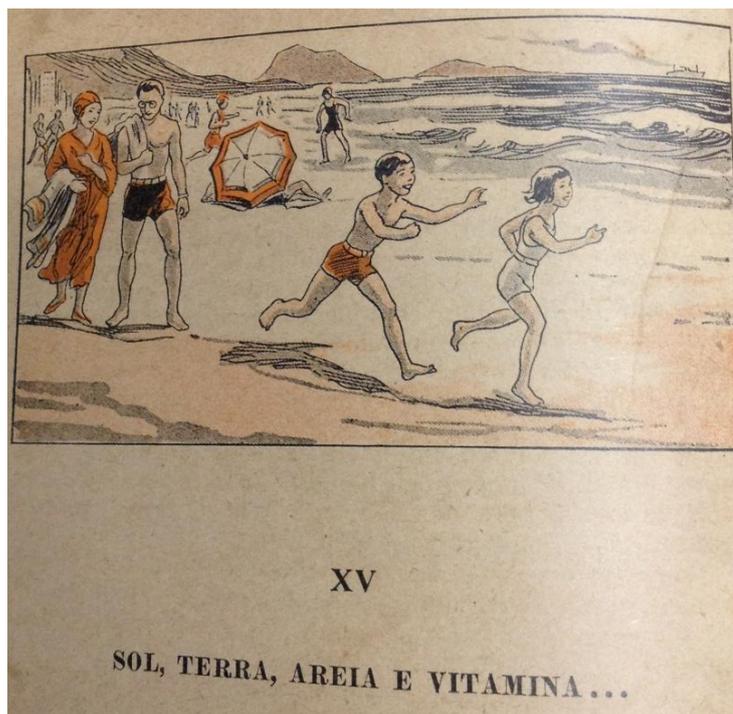


Imagem 12: Ilustração que abre o capítulo XV do livro.



Imagem 13: Ilustração que abre o capítulo XI do livro.

Na segunda parte do livro, Rute e Alberto resolvem ser turistas. Querem passear pelo Rio de Janeiro conhecendo tudo quanto fosse possível. Este desejo somente se realiza na terceira parte, após a chegada de seu Tio Mário de São Paulo, pois é ele que os serve de cicerone. Durante os passeios por lugares como o Pão de Açúcar e o Jardim

Botânico, as crianças vão aprendendo sobre a história do Rio de Janeiro e do Brasil, desde o descobrimento.

Principalmente no que diz respeito às personagens infantis, Cecília segue à risca suas próprias recomendações e cria crianças bem diferentes dos livros de Monteiro Lobato. Rute e Alberto são crianças dóceis, amorosas, respeitosas e, principalmente, atentas a todas as orientações dos adultos.

Ainda que seja necessário ensinar os conteúdos do programa de Ciências Sociais através dos conhecimentos transmitidos a Rute e a Alberto por seu pai e por seu tio, o folclore e a cultura popular estão presentes no universo das crianças através da criada Georgina. Ela tem um jeito próprio e diferente dos outros dois personagens de explicar os fenômenos às crianças. Enquanto Dr. Silveira explica a elas os movimentos de translação e rotação da Terra e a forma como isso faz com que haja o dia e a noite e as estações do ano, Georgina diz que no verão o sol é esperto e no inverno o sol é preguiçoso. Ela acredita em lendas e as conta às crianças, além de ter medo do mar e de qualquer invenção moderna de transporte como o navio e o avião.

A visão que Cecília tem do turismo apresenta profunda ligação com sua perspectiva universalista. No livro, Rute e Alberto são turistas em sua própria cidade. Isso significa visitar os lugares que já tinham ido com outros olhos, com um olhar de aprendizado e admiração. Ainda que não saiam do seu próprio país, as crianças tem consciência da função que o turismo tem na promoção do entendimento entre os povos. Isso fica explícito em uma das falas de Alberto:

*“– Papai disse que os turistas são pessoas que andam pelo mundo visitando lugares bonitos, vendo montanhas, praias, museus – uma porção de coisas, que não me lembro bem. Disse que os países que tem assim lugares e edifícios muito bonitos são visitados por estrangeiros, que querem conhecer essas coisas e que isso é ótimo porque as pessoas de um país ficam conhecendo as de outros países, e gostando umas das outras. Papai disse que seria muito bom se todos no mundo se gostassem. Que talvez não houvesse mais guerras.”<sup>528</sup>*

A forma como Rute e Alberto se comprometem a ser turistas no livro, levando a sério esta tarefa ao mesmo tempo tão prazerosa e agradável, incita aos leitores a terem vontade de se comprometer da mesma forma que eles fizeram. A intenção da autora é de que todas as crianças resolvam ser turistas – e amigos.

---

<sup>528</sup> MEIRELES, Cecília. *Rute e Alberto resolveram ser turistas*. Porto Alegre: Edições Globo, 1938. p. 108.

## *Considerações finais*

Depois de dois anos de dedicação, questionamentos, idas e vindas, mudanças de enfoque, trabalho com fontes, bibliografia e, finalmente, a escrita das ideias, chegamos ao momento do término. Houve um momento em que parecia que final não chegaria, dada a dificuldade de selecionar a enorme quantidade de fontes que foram se revelando durante a pesquisa e manter o foco no recorte definido. Foi difícil deixar de lado a análise de algumas das fontes coletadas, mas foi necessário escolhe-las e hierarquizá-las de acordo com o objetivo do trabalho, para não cair na fábula do historiador que naufraga num mar de documentos, a qual se referiu Ângela de Castro Gomes<sup>529</sup>.

O objetivo do trabalho foi pensar nas relações que Cecília Meireles estabeleceu entre o folclore e a educação, já que um primeiro contato com as fontes revelou uma convergência de seus olhares de educadora e folclorista. Esta convergência se traduz na elaboração e prática de um projeto político bastante claro de educação da infância através de uma seleção específica de elementos do folclore brasileiro e também estrangeiro.

Para chegarmos a estas conclusões, foi preciso explorar a constituição de Cecília Meireles como intelectual, mapeando sua formação escolar e profissional, bem como suas redes de sociabilidade e de referências intelectuais. Percebemos, no primeiro capítulo, a forma como os professores da Escola Normal a influenciaram, de forma que muitos deles também trabalharam com os temas da educação e do folclore ao longo de sua trajetória – Alexina de Magalhães Pinto, Manoel Bomfim, Olavo Bilac e João Ribeiro, apenas para citar alguns exemplos.

Isto posto, analisamos no segundo capítulo a atuação de Cecília Meireles frente à *Página de Educação* (1930-1933) no *Diário de Notícias*, momento importante de sua formação e afirmação como educadora militante pelos ideais da Escola Nova. Cecília travou batalhas políticas importantes através de suas crônicas no jornal carioca, principalmente relacionadas à educação da infância, à continuidade da Reforma do Ensino feita na gestão de Fernando de Azevedo como Diretor-Geral de Instrução do Distrito Federal (1928) e à oposição ao decreto do ensino religioso facultativo nas escolas de 1930, formulado pelo ministro da Educação e Saúde Francisco Campos.

---

<sup>529</sup> GOMES, Ângela de Castro. “Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados”. Op. cit.

Um dos propósitos desta incursão foi contribuir com um novo olhar para as relações entre Cecília Meireles e o movimento político de outubro de 1930 e com o governo que se estabeleceu em sequência. Como vimos, sua relação com a administração de Getúlio Vargas foi marcada por ambiguidades durante todo o período de circulação de sua página diária, ora decepcionando-se com as decisões, ora entusiasmando-se. Entretanto, as críticas ao Governo Provisório não demonstram uma descrença nos ideais da Revolução<sup>530</sup>, avaliada por Cecília como uma “obra redentora” que, em termos educacionais, representava uma ampliação da reforma Fernando de Azevedo. A Revolução, a despeito de qualquer ato do governo, permanecia como um ideal a ser buscado, a um projeto de futuro que dependia da vontade dos homens para ser concretizado.

Depois de se afastar (ou ser afastada, não sabemos) do debate político através da imprensa e de ter visto seu projeto pioneiro de construção de uma biblioteca infantil ser finalizado num ato arbitrário do governo, em 1937, Cecília Meireles passou a trabalhar para o jornal governista *A Manhã*, em 1941. Na análise desta questão, afastamos os modelos interpretativos do intelectual cooptado ou de uma resistência “velada” aos ditames do Estado Novo. Assim, procuramos contribuir para o estudo das relações entre intelectuais e Estado, fugindo das máximas simplistas e procurando entender a complexidade inerente a este tipo de relacionamento marcado por ambiguidades, conflitos e negociações.

A educadora optou por juntar suas forças ao regime estadonovista, talvez por ter percebido que havia espaço no campo das políticas públicas culturais e educacionais para discutir questões com as quais sempre se preocupou. Através de seu estudo publicado na série “Infância e Folclore” da coluna *Professores e estudantes* (1941-1943), Cecília procurava ressaltar uma unidade nacional, na qual as particularidades regionais mostradas através das comparações de diferentes versões de cantigas populares são consideradas insignificantes se confrontadas com as numerosas semelhanças que possuem. Desta forma, buscava criar uma síntese da cultura brasileira, sem perder de vista as semelhanças conservadas também com outros povos. Sua intenção era mostrar como o folclore era diverso em cada país e, ao mesmo tempo, igual no mundo todo – por mais paradoxal que esta afirmação possa parecer.

---

<sup>530</sup> Forma como Cecília Meireles se referia ao movimento político que inaugurou a chamada Era Vargas (1930-1945).

Cecília colabora com o projeto de definição de uma identidade brasileira do Estado Novo, dando seu toque universalista e pedagógico à questão. Os intelectuais se destacam como atores sociais especializados na construção e divulgação da política cultural do Estado Novo, havendo também espaço para negociação e construção de projetos próprios. No caso de Cecília Meireles, identificamos a articulação de um projeto bem definido de educação da infância (e do povo) pelo folclore, no qual as manifestações populares são pensadas a partir de suas funções pedagógicas. Mais do que pensá-las como constituidoras de uma identidade nacional, ela condiciona seus usos à educação, seja através da escola ou dos livros de literatura infantil.

O folclore é visto pela poetisa como o resumo vivo da alma coletiva, que possibilita a vivência do passado no presente e cria a ligação de um grupo social com sua herança cultural. São os elementos comuns do costume que caracterizam e dão personalidade a um país, através da criação de um sentimento de identificação entre os homens.

Os intelectuais são figuras de fundamental importância no processo de “invenção das tradições”, tal como postulado por Eric Hobsbawn<sup>531</sup>. Embora de maneiras diferenciadas, eles se apropriam de símbolos, linguagens e objetos encontrados no passado de uma sociedade, com o objetivo de conferir-lhe identidade e coesão. No caso de Cecília Meireles, vimos a forma como ela recorre ao folclore e seleciona elementos específicos para criar uma continuidade entre o passado e o presente, continuidade esta vista como problemática nos tempos modernos. Cecília e outros folcloristas assumiram a missão de salvar o passado do esquecimento, garantindo sua permanência no presente e no futuro.

Uma das tarefas de seu estudo do folclore infantil era o fazer ressurgir, impedindo seu desaparecimento. Porém, o que deve ser preservado é selecionado para servir adequadamente a seu projeto educacional, no qual são suprimidos conteúdos considerados inapropriados e que possuíssem “malícia adulta”. O material folclórico incorporado em seus livros infantis e nas escolas é descontextualizado e inserido no contexto pedagógico de forma a servir a suas ideias sobre educação e sobre a própria infância.

Esta aplicação prática de seu plano educacional foi examinada no terceiro capítulo. Assim como outros escritores de literatura adulta, Cecília Meireles se

---

<sup>531</sup> HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

comprometeu com a produção de livros para crianças, transmitindo através deles as preocupações político-culturais que permeavam o conjunto de sua atuação pública. A formação do leitor era uma de suas preocupações centrais, questão que se solucionava através de seu projeto de educar através de uma literatura moralizante e poética inspirada em elementos selecionados do folclore. Podemos dizer que ela se define como uma espécie de “antítese” de Monteiro Lobato, já que considerava as crianças de seus livros muito “mal-criadas” e se constituíam num exemplo deseducativo. Daí seu investimento na discussão da figura do herói e do bom exemplo, que marcaria e repercutiria na vida do pequeno leitor de maneira definitiva.

Mostramos que sua principal proposta apresentada no livro *Problemas da Literatura Infantil* (1951) era universalizar a literatura infantil para a formação do humanismo. A biblioteca é considerada um espaço estratégico, pois além de promover o gosto pela boa leitura, proporciona o contato com a cultura e a tradição, desenvolvendo a consciência nacional e universal. Em outras palavras, uma unidade de leituras possibilitaria a identificação das crianças de todo o mundo, e o folclore aparece como uma linguagem que traduz as diferenças e cria uma comunhão de histórias, ensinamentos, estilos de pensar e viver. No caso de Cecília, as cantigas populares foram os elementos escolhidos para promover esta identificação, corroborando com o que disse Renato Almeida: “*diz-me o que cantas e eu te direi quem és*”<sup>532</sup>.

*Giroflê, Giroflá* (1956) e *Ou isto ou aquilo* (1964) foram instrumentos que puseram em prática o projeto ceciliano de educação pelo folclore, que pretendia promover a formação de um humanismo universal. O folclore – ou os elementos selecionados por ela neste campo – é responsável por traduzir as diferenças nacionais numa linguagem universal e, paralelamente, desenvolver um sentimento de pertencimento à pátria através das particularidades. Vale aqui repetir uma citação que traduz de forma precisa esta dimensão nacional/universal do folclore aos olhos de Cecília:

*“Em todas as grandes vidas, esse elemento tradicional aparece como raiz profunda, que penetra igualmente o solo da pátria e o solo do mundo; que vem da infância de cada um e da infância de todos, e concorre para essa fusão do individual no coletivo, do coletivo no individual, essa identificação do homem com a humanidade”*<sup>533</sup>.

---

<sup>532</sup> Frase de Renato Almeida retirada da Revista Movimento Brasileiro de 1928. Apud: ABREU, Martha. “Histórias da ‘Música Popular Brasileira’, uma análise da produção sobre o período colonial”. Disponível em <http://www.historia.uff.br/nupehc/files/martha.pdf>

<sup>533</sup> MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Op.cit. pp. 81-82.

A escola também é colocada em posição de substituta dos meios tradicionais de transmissão dos conhecimentos. A inclusão das cantigas de roda e dos contos populares no ambiente foi um projeto vitorioso do Movimento Folclórico brasileiro, para o qual Cecília Meireles contribuiu enormemente. Na escola, há a hora do conto, das festas e ensinamento dos traços considerados como tipicamente brasileiros. A escola, desta forma, unifica a coletividade da nação e põe em prática o projeto que denominamos de educação pelo folclore. Além disso, colabora para sua manutenção no presente e preservação, impedindo que desapareça.

Através do exame das fontes da *Página*, percebemos que desde o início dos anos 1930 Cecília já defendia a necessidade de se investir numa formação humanística da infância, voltada para a fraternidade universal. A escola teria, ao mesmo tempo, papel crucial na formação da pátria e na promoção do entendimento e identificação dos homens de todas as nacionalidades. Depois de viver os horrores de uma guerra mundial, a poetisa afirmava que os educadores deveriam assumir um compromisso com a paz. Por isso é que ela militou contra o decreto do ensino religioso nas escolas, pois ele colocava em ameaça este compromisso da escola moderna com a fraternidade e feria seu princípio de laicidade.

Ainda que o folclore não tenha conseguido distinguir-se como disciplina científica independente no arranjo universitário das Ciências Sociais definido nos anos 1960, o Movimento Folclórico brasileiro conseguiu realizar um de seus projetos fundamentais: “o aproveitamento do folclore na educação”<sup>534</sup>, seja na literatura infantil ou nas instituições de ensino formal. Seria desta forma que se ativaria na consciência da juventude o sentido de continuidade nacional e fraternidade universal, ao mesmo tempo.

\*\*\*

Este trabalho de mestrado não encerra as discussões dos temas aqui trabalhados. Há muitos aspectos da trajetória de Cecília Meireles que ainda precisam ser mais bem explorados, mesmo os que parecem esgotados. Como o foco do trabalho era pensar as relações estabelecidas por ela entre os campos da educação e do folclore, não pudemos aprofundar uma análise da inserção de Cecília Meireles no Movimento Folclórico

---

<sup>534</sup> VILHENA, Luis Rodolfo. Op.cit. p. 213.

brasileiro (1947-1964), bem como de seus trabalhos sobre arte popular e folclore não infantil<sup>535</sup>. Por conta do tempo restrito de pesquisa, também não conseguimos incluir o exame de suas peças folclóricas – *O menino atrasado: auto de Natal* e *A Nau Catarineta* –, as quais merecem ainda uma atenção especial para pensarmos as questões da educação pelo folclore, que, quando encenado, potencializa a identificação sentimental.

No campo da literatura infantil, os livros escritos antes da década de 1940 precisam ser analisados e comparados com os que escreveu posteriormente, pois possuem diferenças fundamentais que um exame apenas superficial me permitiu constatar: *Criança, meu amor* (1924), *A festa das letras* (1937) e *Rute e Alberto resolveram ser turistas* (1938) se enquadram mais no tipo de leitura paradidática, pois possuem claras intenções pedagógicas e didáticas, ainda que possuam características literárias decorrentes do talento de Cecília Meireles como poetisa; *Giroflê, Giroflá* (1956) e *Ou isto ou aquilo* (1964), por sua vez, são obras primordialmente literárias, ainda que não estejam livres de ensinamentos morais e exemplos de bom comportamento para as crianças leitoras. Este ponto merece uma análise mais aprofundada, assim como a inserção de Cecília no campo, pensando sua relação com outros autores de literatura infantil, comparando suas diferentes visões, projetos, propostas, soluções.

Outro caminho interessante é a pesquisa nas escolas primárias e no material didático empregado por elas, tentando perceber a maneira como o folclore é trabalhado nestas instituições nos dias atuais. Pelo pouco que pude apurar durante a realização deste trabalho, imagino que seja de forma bem semelhante a que Cecília Meireles idealizou no âmbito do Movimento Folclórico, mas somente uma pesquisa de fôlego pode confirmar esta inferência.

Vale, inclusive, acompanhar os desdobramentos dos conflitos judiciais entre os herdeiros de Cecília Meireles, que já dura mais de dez anos. No ano passado, houve um acordo entre as partes e alguns títulos de sua obra já conhecida foram republicados pela Editora Global<sup>536</sup>. Porém, a poetisa possui um enorme acervo na casa que morou entre 1944 e 1964, no bairro do Cosme Velho (RJ), repleto de obras inéditas, dentre elas peças com elementos folclóricos que ainda não foram editadas, como “Histórias de Pai

---

<sup>535</sup> Me refiro aqui ao livro *As artes plásticas no Brasil* (1952) e aos artigos “Panorama folclórico de Açores, especialmente da ilha de São Miguel” (1955) e “Notas de folclore gaúcho-açoriano” (1968).

<sup>536</sup> Sobre isto, ver <http://www.globaleditora.com.br/autores/busca-de-autores/?AutorID=1007>

João”, e alguns livros infantis. Além disso, há uma grande quantidade de cartas trocadas com diversas personalidades nacionais e estrangeiras, como Carlos Drummond de Andrade e Henriqueta Lisboa. Nós, pesquisadores e/ou admiradores de Cecília, aguardamos esperançosos a disponibilização de seu acervo, que nos abriria numerosas possibilidades de análise.

Mais do que responder a perguntas, esperamos que este trabalho suscite novos questionamentos e novos olhares, sobre temas já trabalhados ou sobre caminhos que ainda estão por ser trilhados. Há de se ter, porém, consciência da dificuldade de se trabalhar com uma intelectual tão singular, que não se encaixa em nenhum modelo de análise ou escola literária. Enquadrá-la significaria aprisioná-la, contrariando seus próprios conselhos aos jovens poetas: *“Nunca se filiem a nenhuma escola. Por que uma escola é sempre uma prisão”*<sup>537</sup>. Cecília Meireles era única e se particularizou em todas as suas formas de atuação social e política, principalmente na poesia. Tomo a liberdade de terminar usando suas palavras: *“Andar, andar, que um poeta não necessita de casa. (...) Porque o poeta, indiferente, anda por andar – somente. Não necessita de nada”*<sup>538</sup>.

---

<sup>537</sup> “Cecília Meireles aos jovens: ‘Nunca se filiem a nenhuma escola literária: escola é uma prisão’”. Op. cit.

<sup>538</sup> MEIRELES, Cecília. “Canção de alta noite”. In: \_\_\_\_\_. *Cecília Meireles: poesia e antologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1982.

## *Fontes e bibliografia*

### **Fontes impressas**

#### **Livros**

MEIRELES, Cecília & CASTRO, Josué de. *A festa das letras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MEIRELES, Cecília. *Cecília e Mário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

\_\_\_\_\_. *Criança meu amor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1944.

\_\_\_\_\_. *Giroflê, Giroflá*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Global, 2012.

\_\_\_\_\_. *Problemas da Literatura Infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. *Rute e Alberto resolveram ser turistas*. Porto Alegre: Edições Globo, 1938.

#### **Crônicas**

MEIRELES, Cecília. “Coisas que se devem combater”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 de junho de 1930.

\_\_\_\_\_. “Ser professor”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1930.

\_\_\_\_\_. “O professor moderno e a educação”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1930.

\_\_\_\_\_. “Literatura infantil”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 28 de junho de 1930.

\_\_\_\_\_. “Solenidades cívicas”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1930.

\_\_\_\_\_. “As comemorações de domingo em homenagem ao ‘Marechal de Ferro’”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 1 de julho de 1930.

\_\_\_\_\_. “O ensino de música nas escolas”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 de julho de 1930.

\_\_\_\_\_. “Teoria e prática”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 de julho de 1930.

\_\_\_\_\_. “As projeções fixas na escola”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 de julho de 1930.

\_\_\_\_\_. “Inauguração da Escola Uruguai”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 16 de julho de 1930.

\_\_\_\_\_. “A Escola Paulista”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 de julho de 1930.

\_\_\_\_\_. “Um episódio inesquecível”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1930.

\_\_\_\_\_. “Dramatizações...”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 de julho de 1930.

\_\_\_\_\_. “Educação Nacional”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1930.

\_\_\_\_\_. “Sacrifícios do educador”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1930.

\_\_\_\_\_. “Jornalismo e educação”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1930.

\_\_\_\_\_. “Intercâmbio escolar”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1930.

\_\_\_\_\_. “O que leem os adolescentes”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1930.

\_\_\_\_\_. “Concursos de beleza”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1930.

\_\_\_\_\_. “Formação do professor”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1930.

\_\_\_\_\_. “Educação moral e cívica”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1930.

\_\_\_\_\_. “Os patronos das escolas”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1930.

\_\_\_\_\_. “A futura Escola Normal”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1930.

\_\_\_\_\_. “A responsabilidade da imprensa”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1930.

\_\_\_\_\_. “A vida que não está sendo vivida”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1930.

\_\_\_\_\_. “Livros para crianças”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1930.

\_\_\_\_\_. “Educação artística e nacionalizadora”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1930.

\_\_\_\_\_. “Sinal dos tempos”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1930.

\_\_\_\_\_. “A responsabilidade da Revolução”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1930.

\_\_\_\_\_. “Espírito de justiça”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1930.

\_\_\_\_\_. “A formação dos professores”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1931.

\_\_\_\_\_. “Três pessoas apavoradas e um apelo”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 4 de março de 1931.

\_\_\_\_\_. “Constâncio C. Vigil”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de abril de 1931.

\_\_\_\_\_. “Tiradentes”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de abril de 1931.

\_\_\_\_\_. “Pedagogia de ministro”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de abril de 1931.

\_\_\_\_\_. “Como se originam as guerras religiosas”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 de maio de 1931.

\_\_\_\_\_. “As crianças e a religião”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 de maio de 1931.

\_\_\_\_\_. “Perguntas para o ar”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 de maio de 1931.

\_\_\_\_\_. “O ensino religioso nas escolas”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 de maio de 1931.

\_\_\_\_\_. “Elas...”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 de junho de 1931.

\_\_\_\_\_. “O convite para a vida”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 de junho de 1931.

\_\_\_\_\_. “Pela criança!”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de junho de 1931.

\_\_\_\_\_. “Os poetas e a infância”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 7 de julho de 1931.

\_\_\_\_\_. “Um problema insolúvel”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1931.

\_\_\_\_\_. “Literatura Infantil”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1931.

\_\_\_\_\_. “Tempos novos”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1931.

\_\_\_\_\_. “A crise educacional”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1931.

- \_\_\_\_\_. “Um momento único”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1931.
- \_\_\_\_\_. “Educar!”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1931.
- \_\_\_\_\_. “Livros para crianças”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1931.
- \_\_\_\_\_. “Inspeção médica e educação sanitária”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1931.
- \_\_\_\_\_. “Uma iniciativa útil”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1931.
- \_\_\_\_\_. “Fraternidade”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1932.
- \_\_\_\_\_. “A função educativa da imprensa”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 de março de 1932.
- \_\_\_\_\_. “Livros para crianças”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 de abril de 1932.
- \_\_\_\_\_. “Revolução e educação”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 de junho de 1932.
- \_\_\_\_\_. “Aniversário”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 de junho de 1932.
- \_\_\_\_\_. “Brasil...”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 27 de julho de 1932.
- \_\_\_\_\_. “Folclore e educação”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1932.
- \_\_\_\_\_. “A paz pela educação”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1932.
- \_\_\_\_\_. “Os educadores e a paz”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1932.
- \_\_\_\_\_. “Livros infantis”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1932.
- \_\_\_\_\_. “Despedida”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1933.
- \_\_\_\_\_. “Professores e estudantes”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 9 de agosto de 1941.
- \_\_\_\_\_. “Democracia, liberdade e cooperação”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 10 de agosto de 1941.
- \_\_\_\_\_. “Lin Yutang e o turismo”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 15 de agosto de 1941.
- \_\_\_\_\_. “O amor à terra”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 27 de agosto de 1941.
- \_\_\_\_\_. “Walt Disney no Brasil”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 29 de agosto de 1941.
- \_\_\_\_\_. “Cinema e educação”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 9 de setembro de 1941.
- \_\_\_\_\_. “Educação e turismo”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 25 de setembro de 1941.

- \_\_\_\_\_. “Intercâmbio, folclore, turismo, etc.”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 1º de outubro de 1941.
- \_\_\_\_\_. “Atividades culturais”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 4 de outubro de 1941.
- \_\_\_\_\_. “Educação dos artistas”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 8 de outubro de 1941.
- \_\_\_\_\_. “Embaixada de crianças”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 21 de outubro de 1941.
- \_\_\_\_\_. “Uma biblioteca infantil”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 6 de dezembro de 1941.
- \_\_\_\_\_. “Fábulas”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 13 de janeiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Biografias”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 14 de janeiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Ainda a literatura infantil”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 15 de janeiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Ruralização”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 17 de janeiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Samba e educação”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 18 de janeiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Mais poesia”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 20 de janeiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Infância e folclore”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 31 de janeiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Infância e folclore”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 1 de fevereiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Infância e folclore”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 3 de fevereiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Infância e folclore” - Rio de Janeiro, *A Manhã*, 4 de fevereiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Infância e folclore: A ‘Ciranda’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 5 de fevereiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Infância e folclore: A ‘Ciranda’” - Rio de Janeiro, *A Manhã*, 6 de fevereiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Caranguejo não é peixe’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 7 de fevereiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Assim como as flores nascem’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 8 de fevereiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘A viuvinha’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 10 de fevereiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Esta moda das tais anquinhas’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 11 de fevereiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘O cravo e a rosa’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 7 de fevereiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Sapo jururu’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 15 de fevereiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Vamos maninha, vamos...’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 19 de fevereiro de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Teresinha de Jesus’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 20 de fevereiro de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Mais uma boneca’ e ‘Mariquinhas’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 20 de fevereiro de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Carneirinho, carneirão’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 22 de fevereiro de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Sambalelê’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 27 de fevereiro de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Quando eu era pequenino’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 1 de março de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Um, dois, três’ e ‘Três vezes sete’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 3 de março de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Anda à roda, candieiro’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 4 de março de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘O limão’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 7 de março de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Lá no alto daquela montanha’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 8 de março de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Fui no Tororó’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 11 de março de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Giroflê, Giroflá’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 26 de março de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: Parlendas de tirar à sorte...”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 8 de maio de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: Parlendas de chuva e sol”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 23 de maio de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Parlendas com obstáculos’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 27 de maio de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: o jogo da Cebra-cega”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 5 de junho de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Serra, serra, serrador’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 16 de junho de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Serra, serra, serrador’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 21 de junho de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Serenos da madrugada’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 5 de julho de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Eu passei na ponte...’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 7 de julho de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘O anel que tu me deste...’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 2 de agosto de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Olelê pumba voou’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 30 de setembro de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Estes mocinhos de agora’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 23 de dezembro de 1942.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Cantigas de ninar’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 19 de janeiro de 1943.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘Cantigas de ninar’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 5 de fevereiro de 1943.

\_\_\_\_\_. “Infância e folclore: ‘A propósito de A moura’”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 25 de maio de 1943.

\_\_\_\_\_. “Folclore de Lavras”. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 3 de março de 1943.

### **Artigos em periódicos**

“Fonte inspiradora da poesia popular” (Entrevista com Cecília Meireles). *O Globo*. Rio de Janeiro, 21 de julho de 1950.

*Folha Carioca*. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1950.

“Vigoroso ressurgimento do folclore infantil” (Entrevista com Cecília Meireles). *Correio do Povo*. Porto Alegre, 27 de agosto de 1950.

“Cecília Meireles aos jovens: ‘Nunca se filiem a nenhuma escola literária: escola é uma prisão’” (Entrevista com Cecília Meireles). *A Gazeta*. São Paulo, 1 de novembro de 1958.

“Poetisa Cecília faz coleção de bonecas”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1958.

“Faleceu a poetisa Cecília Meireles”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1964.

“O destino de Cecília”. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 6 de abril de 2008.

### **Periódicos consultados**

*O Mundo*. Sem indicação de local, 22 de julho de 1950.

*Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, setembro /dezembro de 1961.

*Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, v. 4, nº 8/10, janeiro/dezembro de 1964.

*Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, v. 5, nº 12, maio/agosto de 1965.

*Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, v. 9, nº 25, setembro /dezembro de 1969.

*Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, v. 10, nº 27, maio /agosto de 1970.

*Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, v. 14, nº 41, maio /agosto de 1976.

## Referências bibliográficas

### Teses e dissertações

CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. *Infância e folclore: as crônicas de Cecília Meireles sob o Estado Novo*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2004.

CORRÊA, Luciana B. Vial. *Infância, escola e literatura infantil em Cecília Meireles*. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio/Departamento de Educação, maio de 2001.

FERREIRA, Rosângela Veiga Júlio. *No veio da esperança a essência etérea da criança diversa na escola: o jogo inquieto do discurso jornalístico de Cecília Meireles*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Educação, Universidade de Juiz de Fora, 2007.

FRAGA, André Barbosa. *Os heróis da pátria: política cultural e história do Brasil no governo Vargas*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, 2012.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Lições de casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2001.

PIMENTA, Jussara Santos. *“Fora do outono nem certo nem as aspirações amadurecem”*. *Cecília Meireles e a criação da Biblioteca Infantil no Pavilhão Mourisco (1934-1937)*. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio/Departamento de Educação, 2001.

\_\_\_\_\_. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008.

STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky. *Sob o signo da reconstrução – os ideais da escola nova divulgados pelas crônicas de educação de Cecília Meireles*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2003.

## Livros e artigos

ABREU, Alzira Alves de. “A Aliança Liberal” (Verbetes). In: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

ABREU, Martha. “Histórias da ‘Música Popular Brasileira’, uma análise da produção sobre o período colonial”. Disponível em <http://www.historia.uff.br/nupehc/files/martha.pdf>

ABREU, Martha & DANTAS, Carolina V. “Música popular, folclore e nação no Brasil, 1890-1920”. In: CARVALHO, José Murilo de (org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ALMEIDA, Renato. “Cecília Meireles, uma companheira”. In: Revista *Folclore*. Vitória, Espírito Santo: jan.-dez. 1964. XV, Nos. 78-80.

\_\_\_\_\_. “As Artes Folclóricas”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 14 de maio de 1960.

\_\_\_\_\_. “Os professores e o folk-lore”. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1948.

ARANHA, Maria Lúcia de Almeida. “A escola nova”. In: *Filosofia da educação*. São Paulo: Moderna, 1996. pp. 167-180.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. “Cuva de Verão. ‘Antagonismos em equilíbrio’ em Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre”. In: BOTELHO, André & SCHWARCZ, Lília M. (orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. pp. 198-211.

ARRUDA, Maria A. do Nascimento. “Florestan Fernandes. Vocação científica e compromisso de vida”. In: BOTELHO, André & SCHWARCZ, Lília M. (orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. pp. 310-323.

AZEVEDO, Fernando de. *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e dos Educadores (1959)*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

BILAC, Olavo & BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil*. [Organização de Marisa Lajolo] São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOMENY, Helena. *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/ManifestoPioneiros>.

\_\_\_\_\_. “Novos talentos, vícios antigos: os renovadores e a política educacional”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993.

\_\_\_\_\_. “Três decretos e um ministério: a propósito da educação brasileira no Estado Novo”. In: PANDOLFI, Dulce. (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1999.

\_\_\_\_\_. “Reformas Educacionais na Primeira República” (Verbetes). In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Primeira República*. (No Prelo)

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

- CASCUDO, L. da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- CAVALCANTI, M.L.V. de C. & VILHENA, L. R. da P. “Traçando Fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 3, n. 5, 1990, p. 75-6.
- COUTINHO, Eduardo G. “Tradição e tradicionalismo”. In: *Velhas histórias, memórias futuras: o sentido da tradição na obra de Paulinho da Viola*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- DIMAS, Antonio. “O turbulento e fecundo Sílvio Romero”. In: BOTELHO, André & SCHWARCZ, Lilia M. (orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. pp. 74-89.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. “Manhã, A (1941)” (Verbetes). In: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Diário de Notícias” (Verbetes). *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.
- FERREIRA, Norma S. de Almeida. “Um estudo das edições de *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles”. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 2 (59), maio/ago. 2009.
- GOMES, Ângela de Castro. “História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões”. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B. e GOUVÊA, Maria de Fátima da S. (org.). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2005.
- \_\_\_\_\_. “Cultura Política e Cultura histórica no Estado Novo”. In: ABREU, M., SOIHET, R. e GONTIJO, R. (org.). *Cultura Política e Leituras do Passado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Faperj, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- \_\_\_\_\_. “As aventuras de Tibicuera: literatura infantil, História do Brasil e política cultural na Era Vargas”. In: *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009. pp. 121-154.
- \_\_\_\_\_. “República, educação e história pátria no Brasil e em Portugal”. In: *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009. pp. 85-120.
- \_\_\_\_\_. “Oliveira Vianna: um *statemaker* na alameda São Boaventura”. In: BOTELHO, André & SCHWARCZ, Lilia M. (orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. pp. 144-159.
- \_\_\_\_\_. “Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 11, n.21, 1998, p.129-150.
- HAMELINE, Daniel. *Édouard Claparède*. (Organização e tradução: Elaine Terezinha Dal Mas Dias e Izabel Petraglia). Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).
- HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

- LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira. Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos & abusos da História Oral*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- LÔBO, Yolanda L. “Memória e Educação: O Espírito Victorioso, de Cecília Meireles”. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.77, n.187, pp.525-545, set./dez. 1996.
- \_\_\_\_\_. *Cecília Meireles*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).
- LUCA, Tania Regina de. “A produção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em acervos norte-americanos: um estudo de caso”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 31, nº 61, 2011. pp. 271-296.
- MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. 5 vols. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. (Apresentação e planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho).
- \_\_\_\_\_. *Poesia completa: Cecília Meireles*. Volume 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. (Organização e apresentação: Antônio Carlos Secchin; Estudo introdutório: Miguel Sanches Neto; Biografia: Eliane Zagury; Bibliografia crítica e comentada: Ana Maria Domingues de Oliveira).
- \_\_\_\_\_. *Cecília Meireles: poesia e antologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1982.
- \_\_\_\_\_. “Artes Populares”. In: *As artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Larragoiti, 1952.
- MICELI, Sergio. “Mário de Andrade: a invenção do moderno intelectual brasileiro”. In: BOTELHO, André & SCHWARCZ, Lilia M. (orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. pp. 160-173.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. “Decifrando o Recado do Nome: uma Escola em Busca de sua Identidade Pedagógica”. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.74, n. 178, set./dez. 1993. pp.619-638. Disponível em <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/332/336>
- MIORIM, Maria A. “A Biblioteca Pedagógica Brasileira da Companhia Editora Nacional e o ensino de matemática: livros, autores e estratégias editoriais”. *Horizontes*, v. 24, n. 1, p. 9-21, jan./jun. 2006.
- NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1974.
- NAPOLITANO, Marcos. *História e Música: História cultural da musica popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- NAPOLITANO, Marcos & WASSERMAN, Maria Clara. “Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.20, nº 39, 2000. pp. 167-189.
- NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

- NUNES, Clarice. “O Estado Novo e o debate educacional nos anos trinta”. In: FREITAS, Marcos C. de. (org.). *Memória intelectual da educação brasileira*. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco/EDUSF, 1999.
- OLIVEIRA, Márcia R. “Batuque, samba e macumba nas palavras e pincéis de Cecília Meireles”. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [online], Debates, 2006. URL: <http://nuevomundo.revues.org/index1555.html>. p. 2.
- PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. “E as palavras têm segredos...Literatura, utopia e linguagem na escrita de Ana Maria Machado”. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (org). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d’Água, 2006.
- PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).
- ROCHA, Marlos Bessa M. “Os pioneiros da educação e a nova matriz de modernidade”. In:\_\_\_\_\_. *Matrizes da modernidade republicana. Cultura política e pensamento educacional no Brasil*. Brasília: Editora Plano; Campinas: Autores Associados, 2004.
- ROCHA, M. B. M. & FERREIRA, Rosângela Veiga Júlio. “A obra educacional de Cecília Meireles: Um compromisso com a infância”. *Acta Scientiarum Education*, v. 32, p. 93-103, 2011.
- RÖHRS, Hermann. *Maria Montessori*. (Organização e tradução: Danilo Di Manno de Almeida e Maria Leila Alves). Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).
- SAMPAIO, Cláudia Dias. “Cecília e Mário: correspondências”. *Revista Garrafa*. Rio de Janeiro, n° 17, maio-agosto de 2008. Disponível em [http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa17/claudiasampaio\\_ceciliaemario.pdf](http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa17/claudiasampaio_ceciliaemario.pdf)
- SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena; COSTA, Vanda Maria Ribeiro (orgs.). *Tempos de Capanema*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas e Editora Paz e Terra, 2000.
- SCLIAR, Moacyr. *Memórias de um aprendiz de escritor*. Rio de Janeiro: Agir, 1984.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: Rémond, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: EdUFRJ/ Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- SOARES, Ana L. “Revista Brasileira de Folclore: intelectuais, folclore e políticas culturais (1961-1976)”. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25, 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009.
- SOARES, Gabriella Pellegrino. *Semear Horizontes: Uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil -1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- SOARES, Lélia Gontijo. “Introdução”. In: MEIRELES, Cecília. *Batuque, samba e macumba: estudos de gesto e ritmo 1926-1934*. Rio de Janeiro: Funarte/INF, 1983.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TEIXEIRA, Anísio & WESTBROOK, Robert B. *John Dewey*. (Organização e tradução: José Eustáquio Romão e Verone Lane Rodrigues). Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VIEIRA, Sofia Lerche. *Frota Pessoa*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

VILHENA, Luis Rodolfo. *Projeto e missão: o Movimento Folclórico brasileiro 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getúlio Vargas, 1997.

XAVIER, Libânia Nacif. “Retrato de corpo inteiro do Brasil: a cultura brasileira por Fernando de Azevedo. In: *Revista da Faculdade de Educação, USP, São Paulo*. v. 24, n. 1 jan./jun. 1998. pp. 70-86.

XAVIER, Maria do Carmo (org.). *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

## Sites

<http://www.academia.org.br/abl/media/REVISTA%20BRASILEIRA%2060-GUARDADOS.pdf> pp. 303-307. Acesso em 14 de fevereiro de 2013.

<http://www.releituras.com> Acesso em 14 de fevereiro de 2013.

[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/carlos\\_drummond\\_de\\_andrade](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/carlos_drummond_de_andrade) Acesso em 14 de fevereiro de 2013.

<http://www.academia.org.br> Acesso em 14 de fevereiro de 2013.

<http://www.dicionariompb.com.br> Acesso em 14 de fevereiro de 2013.

<http://valedosousa.blogs.sapo.pt/202805.html> Acesso em 14 de fevereiro de 2013.

[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/biografias/francisco\\_campos](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/biografias/francisco_campos) Acesso em 16 de fevereiro de 2013.

[http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-83091994000100024&lng=pt&nrm=iso](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83091994000100024&lng=pt&nrm=iso) Acesso em 16 de fevereiro de 2013.

[http://www.apcl.com.br/NOTICIAS/coluna\\_carlosgoes.htm](http://www.apcl.com.br/NOTICIAS/coluna_carlosgoes.htm) Acesso em 17 de fevereiro de 2013.

<http://www.abmusica.org.br/html/fundador/fundador05.html> Acesso em 17 de fevereiro de 2013.

<http://www.viniciusdemoraes.com.br/site/> Acesso em 18 de fevereiro de 2013.

<http://www.memorial.org.br/acervo/obras-de-arte/futura-memoria/biografia-maria-bonomi/> Acesso em 18 de março de 2013.

[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=759&Itemid=184](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=759&Itemid=184) Acesso em 18 de março de 2013.

<http://www.globoeditora.com.br/autores/busca-de-autores/?AutorID=1007> Acesso em 19 de março de 2013.